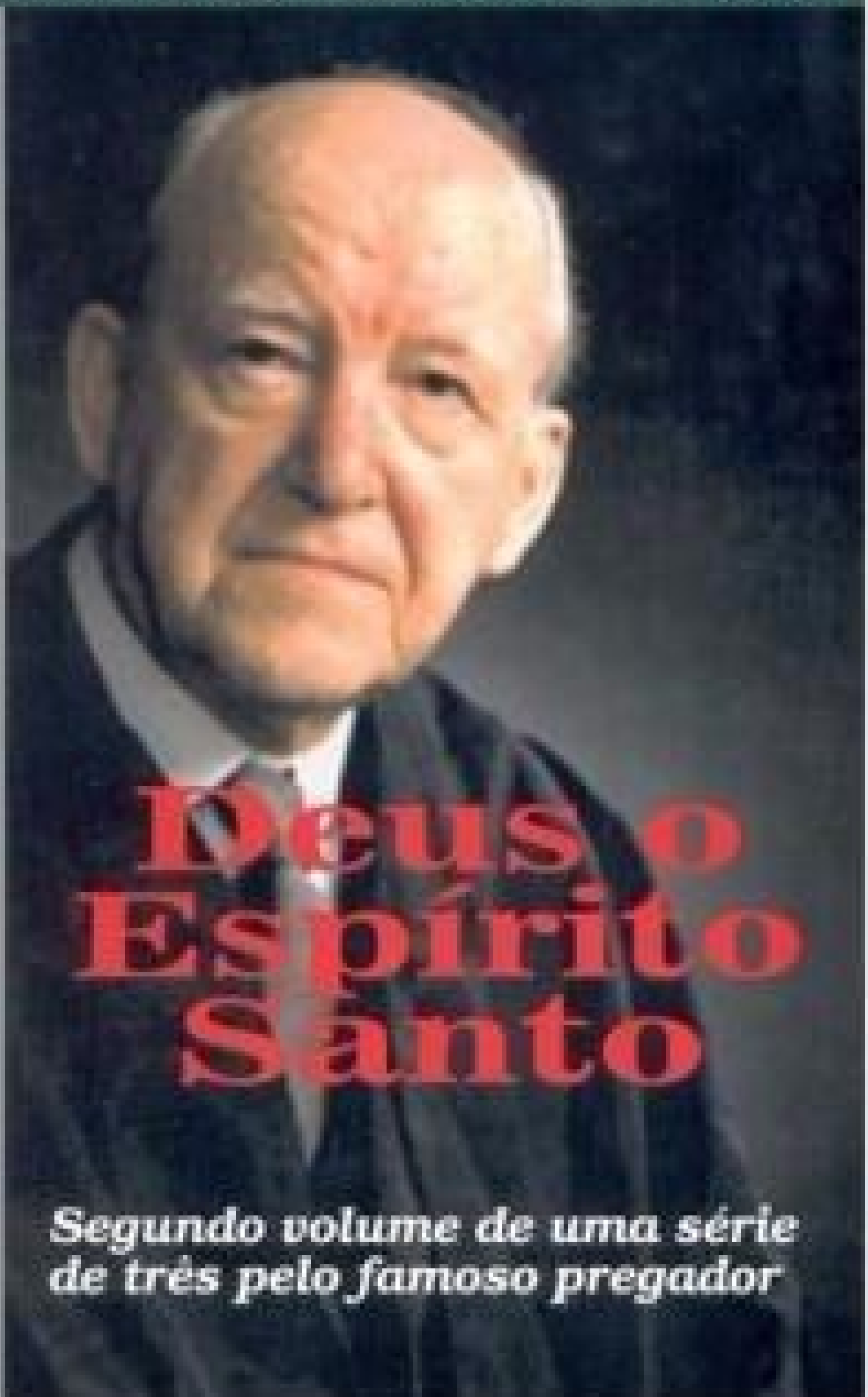
Dr. Martyn Lloyd-Jones

GRANDES DOUTRINAS BÍBLICAS



Deus o Espírito Santo

Segundo volume de uma série de três pelo famoso pregador

PES

GRANDES DOUTRINAS BÍBLICAS
Volume 2

Deus o Espírito Santo

D. Martyn Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
God the Holy Spirit

Editora:
Hodder and Stoughton Ltd., Londres

Primeira edição em inglês:
1997

Copyright:
Lady E. Catherwood
Ann Desmond

O direito de Dr. Martyn Lloyd-Jones de ser identificado como o autor desta obra tem sido asseverado de acordo com o ato de Copyright, Design e Patents 1988

Tradução do inglês:
Valter Graciano Martins

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Sergio Luiz Menga

Primeira edição em português:
1998

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

Prefácio 7
Introdução 9
1. A Pessoa do Espírito Santo 11
2. A Deidade do Espírito Santo 23
3. Criação e Graça Comum 34
4. A Significação do Pentecoste 43
5. A Obra do Espírito Santo em Geral 57
6. A Obra do Espírito Santo em Redenção 71
7. A Vocação Eficaz 84
8. Regeneração – Uma Nova Disposição 97
9. O Novo Nascimento 110
10. Um Filho de Deus, em Cristo 124
11. União com Cristo 138
12. Conversão 153
13. Arrependimento 167
14. Fé Salvadora 181
15. Certeza de Fé 197
16. Justificação pela Fé 216
17. Adoção 230
18. Santificação – Diferentes Pontos de Vista 244
19. Santificação – Obra do Espírito Santo e Nossa 257
20. O Poderoso Processo do Espírito Santo 270
21. Santificação em Romanos, capítulos 6 - 8 285
22. Batismo e Enchimento 301
23. Reflexões Adicionais sobre o Batismo do Espírito 314
24. A Selagem e o Penhor 329
25. Os Dons do Espírito Santo 341

PREFÁCIO

Nas noites de sexta-feira, após a guerra, o Dr. Lloyd-Jones passou a manter reuniões de debates numa das salas da Capela de Westminster, em Londres. Os temas desses debates versavam sobre questões práticas da vida cristã, e as reuniões eram freqüentadas por um grande número de pessoas. As questões que surgiram demandavam um sólido conhecimento de todo tipo de ensino bíblico. Às vezes surgiam também problemas doutrinários, com os quais "o Doutor" tinha que tratar, geralmente em sua conclusão, no encerramento do debate. Em parte era resultado disso, e em parte porque o número foi se tornando muito grande para a sala comportar, e talvez também porque as pessoas que lhe pediam informação sobre as doutrinas bíblicas eram tantas, que ele começou a sentir a necessidade de mudar a "reunião noturna de sexta-feita" para a própria Capela, e ministrar ali uma série de preleções sobre esses grandes temas. Ele fez isso de 1952 a 1955, e então deu início à sua magistral série sobre a Epístola aos Romanos, à qual deu seguimento até sua aposentadoria em 1968. As preleções doutrinárias eram muitíssimo apreciadas pelas grandes congregações que as ouviam; e, ao longo dos anos, muitos têm dado testemunho da maneira como, por meio delas, sua vida cristã se fortaleceu.

Mais tarde, o próprio Doutor se sentiu mais satisfeito em pregar sobre doutrinas como parte da exposição regular, como certa vez afirmou: "Se as pessoas desejam conhecer uma doutrina em particular, poderão encontrá-la nos manuais de doutrina." Mas a grande força de seus estudos doutrinários consiste em que eles não são áridos compêndios de preleções. Ele era acima de tudo um pregador, e isso se salienta em todas as suas preleções. Ele era também pastor, e desejava que homens e mulheres compartilhassem de seu senso de admiração e de sua gratidão a Deus pelos fatos poderosos do evangelho. Daí sua linguagem clara

e destituída daquela complexa fraseologia acadêmica. À semelhança de Tyndale, ele queria que a verdade se revestisse de palavras "compreensíveis ao povo". Outro desejo seu era que o ensino não ficasse só na cabeça, por isso há em cada preleção uma aplicação para que se assegurasse que o coração e a vontade também fossem tocados. A glória de Deus era a sua principal motivação na ministração destas preleções.

Os que conhecem a pregação e os livros do Dr. Lloyd-Jones, ao lerem as preleções, haverão de se lembrar que seus pontos de vista sobre alguns temas se desenvolveram ao longo dos anos, e que suas ênfases provavelmente nem sempre eram as mesmas. Todavia esta constitui parte da riqueza do seu ministério, como o foi do ministério de muitos dos grandes pregadores do passado. Não obstante, no tocante às verdades essenciais e fundamentais da Palavra de Deus, não há qualquer mudança em sua proclamação, e nenhum som incerto tem-se emitido.

Temos encontrado certa dificuldade na preparação destas preleções para a publicação. Elas foram há muito tempo pronunciadas e gravadas em fitas, de modo que em certos lugares houve dificuldade em decifrarem-se as palavras, e algumas fitas se perderam. Além disso, só pouquíssimo das preleções foi taquigrafado, e assim, num ou dois casos, não temos nem fita nem manuscrito. Afortunadamente, contudo, o Doutor guardou suas anotações pessoais de todas as preleções, e assim as temos usado, embora, naturalmente, significa que esses capítulos não se acham tão completos quanto os demais.

As fitas do Doutor são distribuídas pelo Martyn Lloyd-Jones Recordings Trust, e de todas as suas fitas o maior número de pedidos consiste nestas preleções doutrinárias. A carência de conhecimento das verdades vitais da fé cristã é maior agora do que antes – com certeza ainda maior agora do que na década de 1950! Portanto a nossa oração é para que Deus use e abençoe estas preleções novamente, para o nosso fortalecimento e para a glória dEle.

Os Editores

INTRODUÇÃO

Começamos nossas preleções afirmando que nos encontramos, como homens e mulheres, num mundo confuso e difícil, conscientizados da existência de principados e potestades, os quais não podemos entender e os quais não podemos explicar. O espírito do homem, pois, busca algo que não pode encontrar, e tendo mostrado que nenhum saber ou cultura humana poderia jamais resolver esse problema, chegamos à conclusão de que não há esperança para homens e mulheres, exceto se submeterem à revelação que a Deus aprouve dar de Si mesmo. Ele deu essa revelação mediante a natureza. Ele a deu através da história. Ele a deu ao enviar Seu Filho unigênito a este mundo, e de uma forma muitíssimo especial, Ele a deu no livro que denominamos a *Bíblia*, e através dele. Estamos, portanto, empregando algum tempo em examinar nossa fonte autorizada. Não possuímos nenhuma autoridade à parte deste livro; e, assim, ou o tomamos como ele é, ou, do contrário, devemos necessariamente estar numa condição em que podemos dizer que somos superiores a ele, e que podemos esmiuçar e escolher, selecionar e rejeitar. Há uma só atitude, lógica e razoável. Ou aceitamos a Bíblia como a Palavra de Deus e como a revelação de Deus, e nos submetemos a ela, quer a entendamos quer não; do contrário, reitero, declaramos que o nosso entendimento é a suprema autoridade.

E assim, aproximando-nos da Bíblia desse modo, como crianças, confessando nossa ignorância e nossa incapacidade, atentamos para sua mensagem, pois ela começa com uma mensagem sobre a Pessoa de Deus. Portanto, empregamos nosso tempo, no início, com a doutrina a respeito de Deus – Seu caráter, Sua natureza, Seus atributos, e então Suas obras na Criação, especialmente na criação do homem. Além disso, consideramos o ser de Deus – as três Pessoas na Deidade, o Pai e o Filho e o Espírito Santo. E então, tendo considerado essas poderosas

doutrinas com temor e tremor, chegamos ao ensino bíblico sobre o homem, porque, em certo sentido, esse é o nosso ponto de partida do prisma da experiência. Por que o homem é como é? Por que o mundo é como é? Ora, a Bíblia tem sua resposta. Tudo se deve ao que ela chama *pecado*. E assim, tendo olhado ao homem como fora criado por Deus, vimos o pecado penetrando através da sugestão do diabo, e essa foi a doutrina da Queda com todas as suas conseqüências no próprio Adão e em toda a sua posteridade. Consideramos o ensino bíblico com respeito a tudo isso. E o sumariamos dizendo que ao avaliar homens e mulheres, podemos empregar a analogia formulada por um velho puritano. Às vezes vocês olham para uma antiga ruína, em certo país, seja de um velho castelo ou de um muro, e percebem ali escrito um anúncio que diz: "Fulano, certa vez, viveu aqui". E o velho puritano afirmou que essa espécie de anúncio pode ser aplicado aos seres humanos: "Deus, certa vez, habitou aqui".

A seguir, porém, vem a gloriosa doutrina sobre a salvação. Por isso, prosseguimos para considerar a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. O ensino da Bíblia com respeito à Sua Pessoa declara que há duas naturezas em uma só pessoa. Não reivindicamos entender tudo isso, mas dissemos que este é um ensino bíblico vital e essencial.

E assim, tendo examinado Sua Pessoa e as várias heresias que têm surgido em torno dela, até mesmo nos tempos do Novo Testamento, e as quais ainda estão em vigor com respeito à Sua Pessoa, prosseguimos focalizando Sua obra. E isso nos pôs face a face com a grande e central doutrina da expiação na forma como nos é apresentada nas Escrituras. E aí vimos que Ele fez uma provisão perfeita. Ele Se fez o nosso substituto. Nossos pecados foram punidos em Seu corpo, e dessa forma Ele reconciliou homens e mulheres com Deus.

1

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Em nossa consideração destas doutrinas bíblicas, nosso método tem sido o de seguir a ordem e o plano da salvação; daí chegarmos agora, através de uma seqüência lógica, à grande doutrina do Espírito Santo. Ora, não posso pôr-me a falar desta doutrina sem fazer uma pausa por um momento para expressar novamente minha admiração e espanto diante do plano da salvação. Creio que as pessoas que não se interessam pelo plano da salvação, como tal, estão se privando de uma grande bênção. Quando vocês experimentam recuar e visualizar este plano como um todo, imediatamente se sentem dominados por sua glória, sua grandeza, sua perfeição em todas as partes; cada doutrina conduz à próxima, até que cheguemos a um todo perfeito.

É uma coisa muitíssimo saudável na vida cristã recuarmo--nos periodicamente e contemplarmos este grande plano. Essa é a razão por que creio ser importante observar o dia de Natal, a "sexta-feira da paixão" e o "dia da Páscoa", bem como pregar mensagens nessas ocasiões. São ocasiões oportunas para conscientizarmo-nos de todo o plano da salvação. Visualizemo--lo como um todo, e visualizemos suas partes separadamente; mas sempre lembremos que as partes devem ser conservadas em sua relação com o todo.

É muitíssimo importante, pois, que estudemos a Bíblia nessa forma particular. Sempre lhes recomendaria que leiam a Bíblia capítulo após capítulo, e avancem firmemente através deles, o que é também proveitoso. Mas, além disso, sugiro que é de vital importância extrair as grandes doutrinas que são ali ensinadas e visualizá-las pelo prisma do plano ou esquema da salvação. A Igreja tem feito isso desde seus primórdios, e é uma tragédia que

não se faça assim com mais freqüência neste tempo atual, porque, se vocês se sentem satisfeitos em apenas ler as Escrituras do princípio ao fim, corre-se o risco de perder de vista a floresta por causa das árvores. Ao ler do princípio ao fim, é possível ficar imerso em tantos detalhes, procurando a tradução correta, etc., que a tendência é de deixar escapar as grandes e notáveis doutrinas. Portanto, a razão para escolher uma série como esta é para que nos lembremos de que o propósito da Bíblia é informar-nos sobre o plano de Deus para a salvação deste mundo.

Outra coisa que devo enfatizar: não conheço nada que seja uma prova tão maravilhosa da divina e singular inspiração das Escrituras como o estudo da doutrina cristã, porque descobrimos, ao fazer isso, que este livro é um só, que ele só tem uma mensagem embora escrito em tempos diferentes, por homens diferentes e em circunstâncias diferentes. Existe uma grande unidade na mensagem, um único tema que a percorre do princípio ao fim. Desde o momento em que o gênero humano caiu, Deus começou a pôr em operação o plano de salvação em atividade, e podemos seguir os passos e os estágios do início ao término da Bíblia. E ao começarmos agora a considerar a doutrina do Espírito Santo, somos lembrados de que aqui também está uma doutrina que encontramos tanto no Velho Testamento quanto no Novo. Deparamo-nos com uma referência ao Espírito Santo logo no segundo versículo da Bíblia, e o ensino está em toda parte até chegar ao fim. Essa estupenda unidade, reitero, é prova da singular, divina inspiração e infalibilidade das Escrituras.

Assim, pois, descobrimos que, neste grande plano, o Espírito Santo é o aplicador da salvação. É obra Sua trazer a nós, bem como fazer real em nós, de uma maneira experimental, essa grande salvação que estivemos considerando juntos, e para a realização da qual o Filho de Deus veio ao mundo a fim de efetuar. Na Deidade, o Espírito Santo é o executivo, o executor. Terei que voltar a esse ponto novamente quando tratarmos particular e especificamente de Sua obra, mas isso é Sua grande função no plano.

Ora, é um fato notável e espantoso que esta doutrina do

Espírito Santo, Sua pessoa e Sua obra, tenha sido tão freqüentemente negligenciada na Igreja – no entanto é um fato real da história. É plenamente evidente que os primeiros cristãos criam na doutrina e a tomavam como algo inquestionável. Então avançamos para os primeiros séculos da era cristã e encontramos bem pouca referência, comparativamente falando, a esta doutrina. Isso não causa surpresa, e de fato era mais ou menos inevitável, porquanto a Igreja, naqueles primeiros séculos, estava constantemente engajada em defender a doutrina concernente ao Filho. O Filho de Deus havia Se encarnado: Ele estivera aqui neste mundo. Jesus era proclamado como sendo o Cristo, e naturalmente o inimigo se punha a atacar constantemente a Sua *Pessoa*. Esse era o nó górdio do evangelho como um todo; e se ele pudesse ser desacreditado, todo o esquema entraria em colapso. Por isso o ataque se desferia contra a Pessoa do Filho, e a Igreja tinha que entregar-se à defesa dessa doutrina a fim de vê-la estabelecida.

Tragicamente, o resultado foi que a doutrina do Espírito Santo ficou comparativamente negligenciada, até ao tempo da Reforma Protestante. Ora, é nosso costume dizer que a Reforma Protestante é primariamente a época na história da Igreja em que a grande doutrina da justificação somente pela fé foi redescoberta na Bíblia, e isso é perfeitamente correto. Mas não devemos jamais esquecer de que é igualmente verdade que a doutrina do Espírito Santo foi também redescoberta de uma forma marcante, e o grande Dr. B. B. Warfield está seguramente certo quando diz que João Calvino foi o grande teólogo do Espírito Santo. O Espírito Santo ficou ignorado na totalidade do sistema romanista; o sacerdócio, os sacerdotes, a Igreja, Maria e os santos foram colocados na posição do Espírito Santo.

E assim a Reforma Protestante redescobriu esta poderosa doutrina; e nós, britânicos, em parte levamos o crédito desse fato. A doutrina do Espírito Santo foi, além de qualquer dúvida, elaborada de forma a mais completa por um ministro puritano que viveu neste país no século dezessete. Ainda não existe uma obra sobre a doutrina do Espírito Santo que exceda os dois

volumes escritos pelo poderoso Dr. John Owen, que pregou em Londres e foi também, concomitantemente, durante o período de Cromwell, o vice-chanceler da Universidade de Oxford. E não foi só John Owen. Thomas Goodwin e outros puritanos também elaboraram a doutrina do Espírito Santo. Nunca mais foi feito assim de forma tão completa desde então, e certamente que nunca fora feito antes.

Ora, em termos gerais, a posição hoje é que a doutrina sobre o Espírito Santo é negligenciada, ou ela tende a ser enfatizada e exagerada de uma forma falsa. E não tenho nenhuma dúvida de que a segunda questão é em parte a causa da primeira. A doutrina sobre o Espírito Santo é negligenciada porque as pessoas se sentem tão temerosas do espúrio, do falso e dos exageros que a evitam totalmente. Não há dúvida de que essa é a razão por que muitas pessoas também negligenciam a doutrina sobre a profecia, a doutrina a respeito das últimas coisas e a da segunda vinda de Cristo. Dizem elas: "No momento em que você começa com uma dessas doutrinas, está se metendo nessas extravagâncias e nessas disputas". Então abandonam tudo, e a doutrina é inteiramente negligenciada.

Assim é também com a doutrina acerca do Espírito Santo. Em razão de certos exageros, de excessos e de manifestações esdrúxulas, bem como o cruzar da linha limítrofe do espiritual para o científico, o político e o meramente emocional, muitas pessoas se enchem de medo da doutrina sobre o Espírito Santo, medo de que sejam demasiadamente subjetivas. Por isso, a negligenciam totalmente. Eu diria também que outros têm negligenciado a doutrina devido sustentarem falsas idéias com respeito ao ensino real concernente à Pessoa do Espírito Santo.

À luz disso, portanto, é obviamente essencial que consideremos esta grande doutrina com muito cuidado. Se não tivermos outra razão para procedermos assim, esta é mais que suficiente – que ela faz parte da grande doutrina da bendita e santíssima Trindade. Ponhamos o assunto mais claramente assim: todos vocês concordariam que negligenciar ou ignorar a doutrina sobre o Pai seria algo terrível. Todos concordaríamos

que é igualmente algo terrível negligenciar a doutrina e a verdade concernente ao bendito Filho eterno. Porventura não deveríamos sempre compreender que é igualmente pecaminoso ignorar ou negligenciar a doutrina a respeito do bendito Espírito Santo? Se a doutrina sobre a Trindade é verdadeira – e certamente é verdadeira! – então nos tornaremos ainda mais culpados se em nosso pensamento e em nossa doutrina não prestarmos semelhante devoção e atenção ao Espírito Santo àquela que prestamos ao Filho e ao Pai. Portanto, se nos sentimos ou não inclinados a fazê-lo, cumpre-nos, como pessoas bíblicas que crêem ser as Escrituras a Palavra de Deus divinamente inspirada, conhecer o que as Escrituras ensinam acerca do Espírito. E, além do mais, visto que é o ensino das Escrituras que o Espírito Santo é Aquele que aplica a salvação, é da máxima importância prática que conheçamos a verdade concernente a Ele. Estou plenamente disposto a concordar com aqueles que afirmam que a pobre vida espiritual da Igreja, tanto hoje como em qualquer outro tempo, é grandemente devido ao fato de que tantos fracassam em compreender a verdade concernente à Pessoa e obra do Espírito Santo.

Há mais uma coisa referente a este tópico. Porventura já notaram – aqueles de vocês que se interessam em hinos e em hinologia – que na maioria dos hinários nenhuma seção é tão fraca como aquela devotada ao Espírito Santo? Nessa seção os hinos são geralmente fracos, sentimentais e subjetivos. Por essa razão, tenho sempre me encontrado em grandes dificuldades aos domingos em que lembramos o Pentecoste. Somos carentes de grandes hinos doutrinários concernente ao Espírito Santo e Sua obra. De fato, há aqueles que diriam (e sinto-me disposto a concordar com eles) que, em muitos hinários, a vasta maioria dos hinos na seção do Espírito Santo – esses hinos em que se Lhe suplica que entre na Igreja e venha sobre nós, e a fazer isso e aquilo – é completamente antibíblica. Essa é outra forma de mostrar-lhes novamente que esta grande doutrina tem sido negligenciada, que as pessoas têm revelado medo dela, e que há confusão em torno dela.

O melhor modo de aproximar-se da doutrina sobre o Espírito Santo é o de começar observando os nomes ou os títulos descritivos que são atribuídos a essa bendita Pessoa. Em primeiro lugar, há muitos nomes que O relacionam com o Pai. Seja me permitido enumerar alguns deles: o *Espírito de Deus* (Gên. 1:2); o *Espírito do Senhor* (Luc. 4:18); o *Espírito de nosso Deus* (1Cor. 6:11). Ainda outro nome é: o *Espírito do Senhor Deus*, que se encontra em Isaías 61:1. Em Mateus 10:20, nosso Senhor fala do *Espírito de vosso Pai*, enquanto Paulo se refere ao *Espírito do Deus vivente* (2 Cor. 3:3). Em Gênesis 6:3, Deus diz: *Meu Espírito*, e o salmista pergunta: "Para onde fugirei do *teu* Espírito?" (Sal. 139:7). Em Números 11:29, Ele é referido como *Seu Espírito* – o Espírito de Deus; e Paulo, em Romanos 8:11, usa a frase "*o Espírito daquele* (Deus o Pai) *que ressuscitou a Jesus dentre os mortos*". Todos esses são títulos descritivos referindo-se ao Espírito Santo em termos de Sua relação com o Pai.

No segundo grupo estão os títulos que relacionam o Espírito Santo com o Filho. O primeiro: "Mas, se alguém não tem *o Espírito de Cristo*, esse tal não é dele" (Rom. 8:9), que é uma frase muitíssimo importante. O termo "Espírito", aqui, refere-se ao Espírito Santo. Em Filipenses 1:19, Paulo fala do *Espírito de Jesus Cristo*; e em Gálatas 4:6, ele diz: "Deus enviou *o Espírito de seu Filho*." Finalmente, Ele é referido como *o Espírito do Senhor* (Atos 5:9).

Por fim, o terceiro grupo compreende os títulos diretos ou pessoais. E o primeiro e mais notável aqui é, naturalmente, o nome *Espírito Santo* ou "*Fôlego*" *Santo*. Algumas pessoas se sentem confusas diante desses dois termos; eles, porém, significam exatamente a mesma coisa. A língua inglesa é uma língua híbrida, a qual tomou por empréstimo termos de outras línguas; "Ghost" é um termo do antigo anglo-saxônico, enquanto que "Spirit" é derivado do latim, *spiritus*.

Um segundo título neste grupo é *o Espírito de santidade*. Lê-se em Romanos 1:4: "e que com poder foi declarado Filho de Deus segundo *o espírito de santidade*, pela ressurreição dentre os

mortos." Um título adicional é *O Santo*: "Ora, vós tendes a unção da parte *do Santo*" (1 João 2:20). Em Hebreus 9:14, Ele é referido como *o Espírito eterno*, e Paulo diz em Romanos 8.2: "Porque a lei do *Espírito da vida*, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte." Em João 14:17, Ele é chamado *o Espírito da verdade*, e nos capítulos 14, 15 e 16 do Evangelho de João, Ele é referido como *o Consolador*.

Esses, pois, são os nomes principais, ou os títulos descritivos, que Lhe são aplicados. Teriam vocês, porém, alguma vez pensado em perguntar por que Ele é chamado *o Espírito Santo*? Ora, se vocês formulam essa pergunta às pessoas, creio que descobrirão que a resposta delas será: "Ele é descrito dessa forma em razão de ser santo." Mas essa não pode ser a verdadeira explicação, visto que o propósito de um nome é diferenciar alguém dos demais, no entanto Deus o Pai é santo e Deus o Filho é igualmente santo.

Por que, pois, é Ele chamado santo? Seguramente, a explicação consiste em que é Sua obra especial produzir santidade e ordem em tudo o que Ele faz na aplicação da obra salvadora de Cristo. Seu objetivo é produzir santidade, e Ele faz isso na natureza e na Criação, tanto quanto nos seres humanos. Sua obra máxima, porém, é fazer de nós um povo santo, fazer-nos santos como filhos de Deus. É também provável que Ele seja descrito como o Espírito Santo com o fim de ser diferenciado dos demais espíritos – os espíritos malignos. Eis a razão por que se nos exorta que examinemos os espíritos e os provemos, e verifiquemos se porventura são ou não de Deus (1 João 4:1).

A seguir, a próxima grande questão é sobre a personalidade ou Pessoa do Espírito. Ora, isso é vital, pois é essencial que eu o ponha na seguinte forma. A Pessoa do Espírito Santo não somente é ignorada por aqueles a quem descrevemos como liberais ou modernistas em sua teologia (isso é sempre verdade a seu respeito), mas nós mesmos com freqüência somos culpados de precisamente a mesma coisa. Tenho ouvido muitas pessoas ortodoxas fazendo referência ao Espírito Santo e Sua obra como

"ele" e "sua" * influência, e assim por diante, como se o Espírito Santo não passasse de uma influência ou uma força. E os hinos, também, freqüentemente cometem o mesmo erro. Há grande confusão sobre o Espírito Santo, e estou convicto de que existe certo sentido em que muitos de nós acham um pouco mais difícil imaginar a terceira pessoa no seio da bendita santíssima Trindade do que imaginar o Pai ou o Filho. Ora, por que isso é assim? Por que essa tendência de ideá-lO como uma força, ou uma influência, ou uma emanação?

Há diversas respostas a essa pergunta. Elas não são boas respostas, mas é preciso considerá-las. A primeira é que Sua obra parece ser impessoal, porquanto ela é uma espécie de obra mística e secreta. Ele produz graças e frutos; Ele nos concede dons e nos comunica diversos poderes. E em razão disso, nossa tendência é pensar dEle como se fosse alguma influência. Creio que essa é uma grande parte da explicação.

Além do mais, porém, o próprio nome e título tendem a produzir essa idéia. O que significa *Espírito*? Significa fôlego, vento ou força – é a mesma palavra – e em razão disso tendemos, creio eu, quase que inevitável e muito naturalmente, a menos que nos precavamos, a pensar nEle justamente como uma influência, em vez de uma pessoa.

A seguir, uma terceira razão jaz no fato de que os próprios símbolos que são usados ao falar dEle e ao descrevê-lO tendem a encorajar-nos nessa direção. Ele desceu sobre nosso Senhor, quando João O batizou no Jordão, na semelhança de uma pomba (Mat. 3:16). E, além do mais, os símbolos usados para O descreverem e as Suas obras são óleo, água e fogo. Particularmente, existe aquela frase na profecia de Joel, a qual foi citada por Pedro em Jerusalém, no dia de Pentecoste, sobre o Espírito sendo derramado (Atos 2:17). Isso nos leva a pensar em líquido, algo como água, algo que pode ser manuseado – por certo, não uma pessoa. E assim, a menos que sejamos muito prudentes

---

* "Ele" e "ela" correspondem ao pronome no inglês "it", o qual está no gênero neutro, sempre se referindo àquilo que é inanimado. (Nota do revisor)

e nos lembremos de que estamos tratando somente com símbolos, a linguagem simbólica das Escrituras tende a levar-nos a pensar dEle de forma impessoal.

Outra razão por que com freqüência nos vemos em dificuldade acerca da personalidade do Espírito Santo é que às vezes, nas saudações preliminares nas várias Epístolas do Novo Testamento, a referência é feita ao Pai e ao Filho, e o Espírito Santo não é mencionado. Nosso Senhor, na grande oração sacerdotal, afirma: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste" capítulo (João 17:3). Ele não faz qualquer referência específica ao Espírito Santo. E então João diz a mesma coisa em sua Primeira Epístola: "e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (1 João 1:3). Nesse ponto, Ele não faz menção específica do Espírito.

Da mesma forma, a palavra *Espírito*, na língua grega, é um termo neutro, e, portanto, inclinamo-nos a pensar dEle e de Sua obra nesse sentido neutro e impessoal. E, por essa razão, A *King James Version* (Versão Rei Tiago), sinto dizê-lo, indubitavelmente caiu na armadilha, nesse ponto. Em Romanos 8:16, lemos essa grande afirmação: "O Espírito, *ele mesmo*, testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus". Que vocês observem bem o termo "ele mesmo", não "Ele mesmo". Novamente, no mesmo capítulo, lemos: "Semelhantemente, o Espírito também nos socorre em nossas fraquezas, pois não sabemos orar como devemos; mas o Espírito, *ele mesmo*, faz intercessão por nós" (Rom. 8:26). Nesse ponto, a *Revised Version* (Versão Revisada) é totalmente superior, visto que em ambos os exemplos ela apresenta a tradução correta: "Ele mesmo", ainda quando no grego o pronome, tanto quanto o substantivo, é neutro.

E assim temos, ao meu ver, essas razões principais por que certas pessoas têm encontrado dificuldade para compreender que o Espírito Santo é uma pessoa. Algumas pessoas têm argumentado – muitos teólogos fazem o mesmo – que as Escrituras mesmas falam do "Espírito de Cristo". O Espírito Santo, dizem, não é uma pessoa distinta; Ele é o Espírito de Cristo, o Espírito do

Filho, ou do Pai, e dessa forma negam Sua personalidade.

O que fazer, pois, para dar resposta a tudo isso? Qual é a resposta bíblica para essas razões que, com freqüência, se suscitam? Muito bem, antes de tudo, o *pronome pessoal* é usado para se referir a Ele. Tomem João 16:7,8 e 13-15, onde o pronome masculino "Ele" é usado doze vezes com referência ao Espírito Santo. Ora, isso é algo muitíssimo notável. Jesus diz: "Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade...". (v. 13) – e assim por diante. E isso, naturalmente, é de particular importância, quando lembramos que o próprio substantivo é neutro, de modo que o pronome vinculado a ele deve ser igualmente neutro. Ora, esse nem sempre é o caso, todavia é na vasta maioria das instâncias. É muitíssimo interessante e revela quão importante é compreender que a inspiração das Escrituras até mesmo abrange palavras como pronomes! Portanto, eis aí o primeiro argumento, e aqueles que não crêem na Pessoa do Espírito terão que explicar por que quase todas as Escrituras usam (para Ele) o pronome masculino.

A segunda resposta dirigida àqueles que questionam a personalidade do Espírito é que o Espírito Santo é identificado com o Pai e com o Filho de uma forma tal que indica *personalidade*.

Há aqui dois grandes argumentos: o primeiro baseia-se na *fórmula batismal*: "batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mat. 28:19). Aqui Ele é associado com o Pai e com o Filho de uma forma que necessariamente O caracteriza como personalidade. E observem, incidentalmente, que essa fórmula batismal não diz: "batizando-os nos *nomes*", e, sim, "no *nome*". Ela usa a unidade das três Pessoas – os Três em Um – um só nome, um só Deus, mas ainda Pai, Filho e Espírito Santo. E assim, se vocês não crêem na Pessoa e personalidade do Espírito Santo, e pensam que Ele é apenas um poder ou um fôlego, então vocês teriam que dizer: "Batizando-os no nome do Pai, e do Filho, e do fôlego" ou de "o poder". E isso é absolutamente impossível. O segundo argumento está baseado na bênção apostólica que se encontra em 2 Coríntios 13:13: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito

Santo..." – obviamente, o Espírito Santo é uma pessoa em sintonia com a Pessoa do Pai e do Filho.

A terceira resposta é que, de uma forma muitíssimo interessante, podemos provar a personalidade do Espírito, demonstrando que Ele está *identificado conosco*, com cristãos, de uma maneira tal que indica ser Ele uma pessoa. Lemos em Atos 15:28: "Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além dessas coisas necessárias". Esse foi o consenso obtido pelos membros da Igreja Primitiva; e como eram pessoas, então Ele deve ser uma pessoa. Não é possível que vocês digam: "Pareceu bem a um poder e a nós", visto que o poder deve estar operando em nós. Aqui, porém, é alguém fora de nós – "pareceu bem a *ele* e a *nós*".

A quarta resposta é que, nas Escrituras, Lhe são atribuído *qualidades pessoais*. Diz-se dEle, por exemplo, que possui *conhecimento*. Paulo argumenta: "Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus" (1 Cor. 2:11).

Mas – e isso é muitíssimo importante – Ele também possui *vontade*, uma vontade soberana. Leiam criteriosamente 1 Coríntios, capítulo 12, onde Paulo está escrevendo acerca dos dons espirituais e a diversidade dos dons. Ele nos diz o seguinte: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer" (v. 11). Ora, essa é uma afirmação muitíssimo importante à luz de todos os interesses na cura espiritual. Há pessoas que dizem: "Por que não existe esse dom na Igreja, e por que muitos cristãos não o possuem?" A isso a resposta simples é que esse não é um dom que alguém deva *reivindicar*. O Espírito é quem concede e quem administra esses dons, segundo Sua própria vontade. Ele é um Senhor soberano e decide a quem e quando e onde e como e quanto dará Seus dons particulares.

Então, o próximo ponto é que, evidentemente, Ele possui *mente*. Lemos em Romanos 8:27: "E aquele que perscruta os corações sabe qual a intenção do Espírito" – isso está conectado

com a oração. Ele é também alguém que *ama*, porquanto lemos que "o fruto do Espírito é o amor" (Gál. 5:22); e é função Sua derramar abundantemente o amor de Deus em nossos corações (Rom. 5:5). E, igualmente, sabemos que Ele é passível de *tristeza*, porquanto em Efésios 4:30 somos advertidos a não "entristecer" o Espírito Santo. A doutrina do Espírito Santo, e especialmente este aspecto da doutrina que enfatiza Sua personalidade, é de suprema importância. O máximo da doutrina sobre o Espírito Santo, do ponto de vista prático, experimental, é que meu corpo é o templo do Espírito Santo; de modo que, o que quer que eu faça, aonde quer que eu vá, o Espírito Santo está em mim. Não conheço nada que promova tanto a santificação e a santidade como a conscientização desse fato. Bastaria que compreendêssemos, sempre, que em tudo quanto realizamos com nosso corpo, o Espírito Santo está envolvido! Lembrem-se também de que Paulo ensina isso no contexto de uma advertência contra a fornicação. Ele escreve: "Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós...?" (1 Cor. 6:19). Eis a razão por que a fornicação deve ser inconcebível num cristão. Deus está em nós, através do Espírito Santo: não uma influência, não um poder, e sim, uma *pessoa*, a quem podemos entristecer.

E assim vamos caminhando através de todos esses detalhes, não partindo de um interesse acadêmico, não porque eu, porventura, possua um tipo de mente teológica. Não! Estou preocupado com essas coisas, pois sou um homem que tenta viver a vida cristã, e como sou um vocacionado de Deus para ser pastor de almas, sinto a responsabilidade pelas almas e pela conduta e comportamento de outros. Que Deus não permita a ninguém considerar este assunto como remoto e teórico. É doutrina prática e vital. Onde quer que estejam, aonde quer que vão, se vocês são cristãos, o Espírito Santo está em vocês; e se vocês desejam desfrutar as bênçãos da salvação, vocês o alcançarão sabendo que seu corpo é Seu templo.

2

A DEIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Estamos analisando as razões por que devemos considerar o Espírito Santo uma pessoa; e até aqui temos visto, em primeiro lugar, que os pronomes pessoais são usados em referência a Ele; e, em segundo lugar, Ele Se identifica com o Pai e com o Filho de uma forma tal que indica personalidade. Em terceiro lugar, Ele é também associado aos cristãos de uma forma que indica personalidade; e, em quarto lugar, certas qualidades pessoais Lhe são atribuídas nas Escrituras, qualidades tais como conhecimento, vontade e soberania, mente, amor e tristeza.

Nossa quinta razão para insistir na pessoa e qualidades do Espírito é que atribuem-se-Lhe ações, as quais só podem ser realizadas por uma pessoa. Por exemplo, em 1 Coríntios 2:10 somos informados que "o Espírito *perscruta* todas as coisas, mesmo as profundezas de Deus". Ele *perscruta* – isso é ação de uma pessoa. Também somos informados que Ele *fala*. Em Apocalipse 2:7, lemos: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas". Ele também *faz intercessão* por nós. Diz Paulo em Romanos 8:26: "porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis".

A seguir, Ele também *dá testemunho*. Nosso Senhor disse: "Ele testificará de mim" (João 15:26). Ele dá testemunho acerca do Senhor: somente uma pessoa pode fazer isso. Ainda mais, somos informados, novamente por nosso Senhor: "Ele vos guiará a toda verdade" (João 16:13). Aliás, mesmo no Velho Testamento somos informados que Ele ensina e instrui na verdade: "Também lhes deste o teu bom Espírito para os ensinar" (Neem. 9:20) – Espírito grafado com "E" maiúsculo.

Outra ação pessoal dEle se encontra em Atos 16:6,7, onde se

nos relata: "Atravessaram a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia; e tendo chegado diante da Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lhos permitiu". Mais uma vez, eis aí uma afirmação muitíssimo significativa e relevante. Todos os companheiros de Paulo queriam partir e pregar na Ásia, mas o Espírito os proibiu. Em seguida, quiseram ir para Bitínia, e novamente Ele não lhes permitiu. Isso é uma ação definida pelo próprio Espírito Santo, e ela é prova positiva de que Ele é uma pessoa.

O sexto argumento refere-se ao Seu ofício, Sua tarefa designada – o próprio ofício para o qual Ele foi designado é de caráter pessoal. Ele é descrito como *o Consolador*, "outro Consolador", diz nosso Senhor em João 14:16; e consolador é alguém que se põe ao nosso lado e nos auxilia. A mesma palavra é às vezes traduzida *advogado*. Dessa forma nosso Senhor estava realmente dizendo: "Como tenho estado convosco durante estes três anos, como vos tenho ensinado e guiado e vos tenho enviado em vossas missões, não vos deixarei sem conforto. Enviar-vos-ei outro Consolador. Não deveis ser aflitos; não sereis deixados como se fôsseis órfãos". O Espírito Santo é aquele que assume o lugar de nosso Senhor. Ele está dentro de nós para guiar-nos; e essa é a razão por que nosso Senhor ainda foi capaz de dizer: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei" (João 16:7). Obviamente, esse é um ofício pessoal.

Então, nossa sétima e última prova da personalidade do Espírito Santo é que Ele, segundo o ensino das Escrituras, é suscetível a tratamento pessoal. Noutras palavras, somos informados que podemos fazer certas coisas ao Espírito, levando-O a reagir como só é possível a uma pessoa reagir. Primeiramente, somos informados que se pode *mentir* ao Espírito Santo. À luz do terrível caso de Ananias e Safira, em Atos, capítulo 5, notem o que Pedro disse: "Ananias, por que Satanás encheu teu coração para mentires ao Espírito Santo, e para reteres parte do valor da terra?" (v. 3). Ananias e Safira haviam declarado que

haviam dado tudo, mas Pedro os acusou por terem mentido ao Espírito Santo. Portanto, não uma influência – não algum poder indistinto – mas claramente uma pessoa.

A seguir somos informados que podemos *blasfemar* contra o Espírito Santo. Nosso Senhor diz: "Portanto vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoarão aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada... nem neste mundo, nem no vindouro" (Mat. 12:31,32).

Em terceiro lugar, descobrimos que Ele pode ser *insultado*. Hebreus 10:29 refere "àquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do pacto, com que foi santificado, *e ultrajar o Espírito da graça*".

E, finalmente, como já vimos, Ele pode ser *entristecido*. Em Efésios 4:30, Paulo nos exorta: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção".

Portanto, como já vimos, o Espírito Santo é uma pessoa. Sim, contudo não devemos demonstrar somente Sua personalidade, mas também Sua *deidade*. Naturalmente que esta é ainda uma parte vital da doutrina sobre a Trindade, e, é claro, não podemos enfatizar esse fato com demasiada freqüência, pois de muitas maneiras essa é a primeira e a grande doutrina da fé cristã. E é somente os cristãos que crêem nesta doutrina; todas as demais religiões, bem como todos os erros e heresias, fracassam neste ponto. A Trindade é a chave que desvenda toda a verdade. Por isso devemos olhar para as evidências.

A primeira evidência é que as próprias Escrituras especificamente asseveram a *deidade* do Espírito. Chamo novamente sua atenção para aquele terrível incidente com Ananias e Safira. Depois de perguntar: "Ananias, por que Satanás encheu teu coração para mentires ao Espírito Santo, e para reteres parte do valor da terra?", Pedro prosseguiu: "... não mentiste aos homens, e sim, a Deus" (Atos 5:3,4). De fato disse Pedro: "Terrível coisa tu fizeste, pois estiveste mentindo não somente aos homens; pensaste que mentias somente a nós, apóstolos e demais cristãos; mas não, estiveste mentindo a *Deus*". E precisamente antes ele dissera que Ananias havia mentido ao

Espírito Santo. Essa é uma clara e específica afirmação de que o Espírito Santo é Deus – Deus, o Espírito Santo.

Prosseguindo descobrimos também, como já demonstramos, que *o nome do Espírito se encontra vinculado ao nome de Deus*, e isso não só estabelece Sua personalidade, mas também Sua deidade. Isso se vê na fórmula batismal, na bênção apostólica e, naturalmente, também em 1 Coríntios, capítulo 12, onde Paulo escreve: "Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos" (vv. 4,6). Em determinado ponto somos informados que é o Espírito quem faz isso, e no momento seguinte somos informados que é Deus – o mesmo Deus que opera tudo em todos, e Ele é o Espírito. Portanto, o Espírito é Deus – Sua deidade está provada.

Então, em terceiro lugar descobrimos que certos *atributos específicos Lhe são atribuídos* – e isso é muitíssimo importante. Somos informados que Ele é *eterno*; e para ser eterno é preciso ser Deus, pois somente Deus é eterno. Em Hebreus 9:14, Ele é referido como o "Espírito eterno". Somos informados que Ele é *onipresente*; Ele está presente em toda parte. Isso também só pode ser verdade em relação a Deus. O salmista, no Salmo 139:7, clama: "Para onde me irei do teu Espírito? ou para onde fugirei da tua presença?" Ele é também *onipotente*; não há limite em Seu poder, e isso é igualmente um atributo próprio da Deidade. Quando o arcanjo visitou Maria e lhe disse que conceberia "aquele que será chamado Santo", o Filho de Deus, ele lhe disse: "Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra" (Luc. 1:35). Nosso Senhor foi "concebido do Espírito Santo". Ele era o poder, esse poder onipotente, o poder do Altíssimo que a cobriu com Sua sombra, e o Senhor nasceu de Maria.

Da mesma forma, somos informados que Ele é *onisciente*; Ele conhece todas as coisas. Mais uma vez temos um exemplo disso em 1 Coríntios 2:10: "O Espírito perscruta todas as coisas". E não é só isso. Somos informados: "Assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu senão o Espírito de Deus" (v.

11). Ninguém entende a ninguém, senão o espírito do homem que nele está. Da mesma forma, ninguém entende as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. O Espírito, porém, entende, e por isso seu conhecimento é igual ao conhecimento de Deus. Ou então tomem aquelas afirmações de nosso Senhor acerca do Consolador: "Ele vos ensinará todas as coisas" (João 14:26) – Ele conhece todas as coisas e, portanto, as pode ensinar. E, além do mais, diz nosso Senhor: "Ele vos guiará a toda a verdade" (João 15:13). Não há limite para Sua capacidade de ensinar-nos, já que Ele conhece toda a verdade.

E assim o quarto exemplo de evidência é que Ele realiza *obras divinas*. Certas coisas são feitas pelo Espírito, as quais nos informam as Escrituras que só podem ser feitas por Deus. Antes de tudo, a Criação. Lemos em Gênesis 1:2: "o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas". Ele estava presente no início de tudo. Jó também diz: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-poderoso me deu vida" (Jó 33:4). Essa obra criadora do Espírito Santo é também uma prova de Sua deidade. E assim, naturalmente, é preciso lembrar que Sua operação especial é aquela a que descrevemos como regeneração. O terceiro capítulo do Evangelho de João estabelece isso de uma vez e para sempre: "Necessário vos é nascer de novo" (v. 7). Sim, e: "se alguém não nascer da água e *do Espírito*, não pode entrar no reino de Deus" (v. 5). Essa é a ação do Espírito: Ele produz o novo nascimento. A Criação original; a nova criação: ambas são obra especial do Espírito. "O Espírito é o que vivifica" (João 6:63), diz outra vez nosso Senhor.

Ademais, somos também informados muito claramente que a *inspiração* é obra do Espírito. "Nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação", diz Pedro; "... homens santos de Deus falaram quando foram movidos" – arrastados, impelidos; não importa que tradução empreguem – "pelo Espírito Santo" (2 Ped. 1:20,21). Todas as Escrituras foram escritas dessa forma: o Espírito Santo inspirou e controlou os escritores de uma maneira infalível. E assim temos nossa doutrina da infalibilidade das Escrituras, e ela nos fornece uma prova positiva de que Ele é

Deus. Somente Deus é quem pode transmitir a verdade e inspirar homens em seu registro da verdade.

E, por fim, a obra da *ressurreição* Lhe é também atribuída. Muito freqüentemente pessoas se surpreendem com esse fato. Mas ele pode ser encontrado com toda clareza em Romanos 8:11: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita". E em Romanos 1:4 há uma indicação do mesmo ensino, onde Paulo afirma que Cristo foi "declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos".

E assim chegamos ao seguinte: o Espírito Santo é uma pessoa, e Ele é uma pessoa divina. Obviamente, pois, a próxima coisa a ser considerada deverá ser: qual é a Sua relação com as outras pessoas da Deidade? No primeiro volume, consideramos Deus o Pai e Deus o Filho, e agora, neste ponto, nos vemos face a face com esta grande afirmação de que o Espírito Santo é também uma destas pessoas benditas. Já consideramos também a doutrina da Trindade, e agora devo voltar a ela com mais detalhes. Isto, porém, é o que temos a dizer: as Escrituras nos dizem duas grandes coisas, e a primeira é que há um só Deus. Devemos asseverar isso sempre. Mas as Escrituras igualmente ensinam que há três pessoas nessa Deidade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus o Pai é perfeitamente Deus. Deus o Filho é perfeitamente Deus. Deus o Espírito Santo é perfeitamente Deus. Não se deve tentar entender isso; ninguém o pode; tal fato aturde nosso entendimento. Devemos simplesmente aproximar-nos das Escrituras e curvar-nos diante delas, aceitando sua autoridade; mas não podemos entender isso (esse mistério). Não devemos ser iludidos pelas várias ilustrações e analogias que as pessoas usam. Nenhuma delas é adequada; nenhuma delas é completa. A essência da sabedoria nesta questão é justamente confessar as claras afirmações, e dizer que há um só Deus, mas que há três pessoas nesta bendita Deidade; e as três pessoas são co-iguais e co-eternas.

Mas tentemos penetrar, se pudermos, até onde as Escrituras nos levarem nesta questão da relação das três pessoas. Ora, notemos de imediato que há uma diferença no que se nos relata acerca do Filho e do Espírito. Somos informados que o Filho é "gerado" (João 3:16,18) do Pai, mas nunca lemos isso no tocante ao Espírito Santo. O termo, no caso do Espírito Santo, é que Ele "procede do Pai". Em João 15:26 (e este é um importante versículo) somos informados: "Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que do Pai procede, esse dará testemunho de mim". Ora, essa é obviamente uma diferença muitíssimo vital e uma que deve prender nossa atenção.

Aqueles de vocês que se interessam por teologia saberão que os grandes teólogos, ao longo dos séculos, têm tentado apreender a diferença entre *geração* e *processão*. Eu não me aventurarei a considerá-la; quanto a mim, isso jamais deveria ser pretendido – está inteiramente além de nós. A verdade é tão imensurável e é tão transcendente, que a mente humana simplesmente não pode alcançá-la; devemos, porém, reconhecer os termos – gerar, geração, processão. "O Espírito da verdade, que procede do Pai", diz nosso Senhor, "testificará de mim."

A seguir devo lembrá-los de mais um ponto: em João 15:26, nosso Senhor diz que "o Espírito procede *do Pai*", mas não diz que o Espírito procede dEle também. E no entanto o que é crido e ensinado por todo o cristianismo ocidental – e quando digo, cristianismo ocidental, quero dizer tanto a igreja catolica romana como as igrejas protestantes – é que o Espírito Santo procede não só do Pai, mas também do Filho. Ora, esse é um ponto muitíssimo interessante na história da Igreja. A primeira grande cisão na Igreja Cristã – digo, a primeira grande cisão, porque houve cisões menores antes disso, e se vocês ouvirem alguém afirmar que as cisões só se originaram com a Reforma Protestante, diga-lhe que vá e leia a história da Igreja. Houve cisões, houve cismas, nos primórdias da Igreja Cristã, no entanto a primeira maior cisão ocorreu no século onze, sobre esta mesma questão.

Houve na Igreja grande discussão se seria ou não ensinado que o Espírito procede somente do Pai, ou do Pai e do Filho. Todo o cristianismo ocidental ensinou que devemos dizer que Ele procede do Pai e do Filho. A parte oriental da Igreja, porém, discordou, e assim houve cisão no que se chama Igreja Oriental e Igreja Ocidental.

Ora, é muito importante que saibamos disso. Vocês lêem nos noticiários referências à Igreja Grega Ortodoxa e Igreja Russa Ortodoxa; elas representam a Igreja Oriental que se recusou a dizer "e do Filho". Todos esses debates ocorreram cerca de 589 AD, um pouco antes do final do sexto século; e, de fato, continua sendo um dos pontos cardeais de diferença entre a Igreja Grega Ortodoxa e a igreja católica romana. Ambas as igrejas crêem na "Virgem Maria" da mesma forma, bem como na assim chamada "Assunção de Maria". A Igreja Ortodoxa, naturalmente, não crê na infalibilidade do papa; essa questão do Espírito Santo, no entanto, foi que causou a separação.

Por que nós, da Igreja Ocidental, afirmamos que Ele procede do Filho, tanto quanto do Pai? Por que a Igreja Protestante, neste ponto, concorda com a igreja católica romana? Bem, aqui está a evidência: todos os argumentos que temos aduzido em favor de Sua deidade nos obrigam a dizer tal coisa, diante do fato de que Ele é chamado o "Espírito de Cristo" e o "Espírito do Filho". Aliás, nesse mesmo versículo (João 15:26), nosso Senhor afirma que Ele será aquele que enviará o Espírito. Ele Se associa com o Pai, e nos diz que Ele mesmo operará através do Espírito, exatamente como Seu Pai o faz. Além do mais, as Escrituras revelam que, onde quer que o Espírito esteja, o Pai e o Filho também ali estão. Em João, capítulo 14, nosso Senhor afirma que Ele "enviará o Consolador", e, como resultado disso, o Pai e Ele habitarão dentro de nós. Os três estão sempre operando juntos.

Aliás, é muito interessante observar que, à parte dessa única declaração de João 15:26, as Escrituras sempre aplicam exatamente os mesmos termos à relação entre o Filho e o Espírito, assim como fazem à relação entre o Pai e o Espírito. Essa é a razão por que João 15:26 é tão importante do prisma da

doutrina. Tenho atraído sua atenção para esse fato, porque a mim me parece que, seja o que for que tenha causado um incidente tão dramático na história da Igreja, é algo com o qual devemos estar bem familiarizados.

Entretanto, deixem-me avançar para algo que é de uma importância ainda maior. As Escrituras ensinam que o Espírito é subordinado ao Pai e ao Filho. Vocês se lembram de que, quando estivemos estudando a doutrina do Filho, vimos que o Filho Se subordinou ao Pai. Diz Ele: "As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz suas obras" (João 14:10). As obras que Ele realizava não eram propriamente Suas. O Pai Lhe deu as obras; o Pai Lhe disse o que fazer. Ora, aqui somos ensinados que o Espírito Se subordinou tanto ao Pai quanto ao Filho. Isso é o que está subentendido em João 16:13. Nosso Senhor diz: "Ele não falará de Si mesmo", o que significa que Ele não fala de Si mesmo, assim como sucede em relação ao Filho, Lhe é dado o que falar. E, na verdade, Sua obra, nos é dito, é glorificar a Cristo (João 16:14). O Espírito não glorifica a Si mesmo; Ele glorifica o Filho.

Não seria isso extraordinário? Eis aqui a subordinação. Eis aqui a distribuição da obra. O Filho diz que veio para glorificar o Pai; e a obra do Espírito é glorificar o Filho. Cada um reflete a glória do outro. É assim que investigamos o mistério dessa espantosa doutrina da Trindade bendita: "Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará" (João 16:14). Ao meu ver, esta é uma das coisas mais espantosas e extraordinárias acerca da doutrina bíblica sobre o Espírito Santo. Ele parece esquivar-Se e ocultar-Se. Ele está sempre, por assim dizer, focalizando o Filho, e essa é a razão por que creio, e creio profundamente, que o melhor de todos os testes, se temos ou não recebido o Espírito, é indagando a nós mesmos o que pensamos do Filho e o que sabemos sobre o Filho. Seria o Filho real para nós? Essa é a obra do Espírito. Ele é glorificado indiretamente; Ele está sempre apontando para o Filho.

Desse modo vocês podem ver quão facilmente nos

desviamos e nos tornamos hereges, caso nos concentremos excessivamente, e de uma forma antibíblica, sobre o Espírito isoladamente. Devemos ter consciência de que Ele habita em nós, sim, mas Sua obra de habitar em nós visa a glorificar o Filho e trazer-nos àquele bendito conhecimento do Filho e de Seu miraculoso amor por nós. É Ele que nos revigora com poder no homem interior (Ef. 3:16), a fim de que conheçamos esse amor, esse amor de Cristo.

Portanto, permitam-me concluir, expondo a matéria da seguinte forma para vocês: as Escrituras nos ensinam que nessa distribuição de trabalho entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nessa subordinação em função de nossa redenção, o Pai é toda a plenitude da Deidade invisível, sem forma, "a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver" (1 Tim. 6:16); esse é o Pai. O Filho é toda a plenitude da Deidade visivelmente manifestada, "porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Col. 2:9); esse é o Filho. E que tremenda declaração é essa! E o Espírito é toda a plenitude da Deidade agindo imediatamente nas criaturas. Vocês percebem a diferença? A plenitude da Deidade – invisível; a plenitude da Deidade – visível; a plenitude da Deidade – agindo imediata e diretamente em nós. E assim podemos afirmar que o Espírito, pelo uso de Seu poder, faz manifesto o Pai e a imagem do Filho.

Aí está toda a essência dessa gloriosa doutrina. "(Deus) a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver" (1 Tim. 6:16). Bem, haveria alguma esperança para mim? Sim, no Filho. Ele Se tornou visível, e através do Espírito o Filho Se faz real para mim. E assim vou ao Pai com confiança e com segurança. Deus o Filho é o Deus revelado – Deus é conhecido. Deus o Espírito é aquela divina Pessoa que exerce Sua energia imediatamente em nós. Ou poderão pensar no Espírito como Deus, o doador de vida, o Senhor.

Portanto, quando encaramos a época do Advento* e do Natal, e meditamos sobre o nascimento de nosso Senhor e o grande

* Esta palestra foi proferida em 11 de dezembro de 1953.

evangelho que surge desse tremendo e crucial evento da história, sabemos que ele não significará nada para nós, e nem mesmo poderá significar nada para nós, à parte desta doutrina do bendito Espírito Santo. Diz Paulo: "...a qual nenhum dos príncipes deste mundo compreendeu; porque, se a tivessem compreendido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (1 Cor. 2:8). E, no entanto, a coisa abismante de que vocês e eu sabemos é que Deus – o Filho eterno – "se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14). Sabemos que essa é a verdade. Sabemos que Deus veio, que a plenitude da Deidade estava em Cristo, que Ele morreu por nossos pecados, os cancelou e levou sobre Si o castigo devido a eles, e que nEle somos justos diante de Deus e vestidos com Sua justiça. Como sei disso? Eu o sei porque o Espírito Santo, a terceira Pessoa da santíssima Trindade, habita em mim, me ilumina, me comunica entendimento, consagração e unção.

Não meditemos no que Ele faz; compreendamos quem Ele é. Que ato de humilhação, de rebaixamento ocorreu quando o Filho nasceu como um bebê em Belém! Mas é igualmente um ato de humilhação para essa terceira Pessoa da bendita Trindade vir e habitar em vocês e em mim. "Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo?" (1 Cor. 6:19). Ele entrou em nós, e nós podemos entristecê-lO. Ponham isso ao lado da encarnação e lembrem-se da humilhação que ocorre para que vocês e eu pudéssemos ser resgatados, pudéssemos ser redimidos, pudéssemos ressuscitar e pudéssemos tornar-nos filhos de Deus. Bendito seja Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo! Amém.

3

CRIAÇÃO E GRAÇA COMUM

Chegamos agora à *obra* do Espírito Santo, ainda que em certo sentido já tocamos de leve nela, ao tratarmos de Sua Pessoa. A principal dificuldade aqui é quanto à classificação ou arranjo – não há duas classificações concordes entre si. A melhor, ainda que não perfeita, ao meu ver, é aquela que divide Sua obra entre *Sua obra em geral à parte da aplicação da redenção* e, então, *Sua obra específica na aplicação da redenção.*

Não obstante, mesmo antes de chegarmos a tratar dessa parte, devemos considerar algo que às vezes põe as pessoas em perplexidade, e a qual podemos descrever como o *aspecto dispensacional* do ensino concernente ao Espírito Santo. O Pentecoste aparenta ser claramente um ponto decisivo, mas em que aspecto? Ora, aqui há dois perigos – o de fazer exagerado caso desse e o de fazer pouco caso dele.

Quais, então, são os fatos? Em primeiro lugar, há a profecia do Velho Testamento acerca do Pentecoste, que se encontra em Joel 2:28 e seguintes, que é citada por Pedro em Atos, capítulo 2. Mas há também outras profecias, como, por exemplo, Ezequiel 32:26,27.

Em segundo lugar, no Novo Testamento encontramos João Batista falando da vinda do Espírito Santo, em Lucas 3:16,17; e em João 7:39 lemos: "Pois o Espírito Santo ainda não fora dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado"; e há muitas declarações em João capítulos 14 a 16. Então nosso Senhor, em Lucas 24:49, ao dirigir a palavra a Seus discípulos, diz: "E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder". E no mesmo sentido lemos em Atos 1:4 que Ele "ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes". Finalmente, em Atos

1:8 Ele diz: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo...".

A seguir, em terceiro lugar, há os fatos do próprio dia de Pentecoste, sobre os quais lemos em Atos, capítulo 2.

Ora, todas essas declarações parecem conter a implicação que o Espírito Santo não havia ainda vindo, que o Espírito Santo viria, que o Espírito Santo estava para vir e que o grande dia enfim chegou quando Ele veio. As declarações se fizeram mais e mais urgentes. O tempo parecia estar mais e mais curto, até que, finalmente, Pedro se levantou e disse: "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel...". (v. 16). Ora, eis aqui o problema. Eis aqui a dificuldade que tem preocupado a mente de pessoas na Igreja desde o dia de Pentecoste até agora. Eis aqui todas essas declarações que parecem dizer que o Espírito Santo não havia ainda vindo, e no entanto, em contrapartida, há muitas declarações que nos descrevem a poderosa atividade do Espírito Santo antes do dia de Pentecoste. Por isso, examinemos também essas.

Entretanto, antes de começarmos, deixem-me inserir uma palavra sobre método. E se nada mais fizermos nestas preleções, talvez possamos ser de alguma utilidade indicando o método de abordagem, a forma de atacar um problema. Quando tiverem um grande problema como este, a única coisa a fazer, antes de tudo, é sempre coletar seus fatos. Antes que comecem a conjecturar, antes que comecem a levantar hipóteses e suposições, enfeixem seus detalhes, reúnam seus fatos. Fizemos isso referente a um lado; vimos todas essas afirmações *apontando para o futuro*; por isso vamos agora apresentar os fatos referentes ao outro lado. Vamos lembrar-nos do que nos dizem as Escrituras acerca da atividade do Espírito Santo *antes* do dia de Pentecoste.

Antes de tudo, nosso ponto de partida é a própria *criação do mundo*. O segundo versículo da Bíblia, Gênesis 1:2, diz o seguinte: "E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas". Ele era operante na criação do mundo. Deus o Pai fez todas as coisas, através do Filho, pela instrumentalidade do Espírito Santo. A Trindade bendita, como temos recordado com freqüência, é

operante em toda a obra, sempre, mas a atividade é distribuída. E, naturalmente, vocês recordarão que o Espírito Santo está envolvido muito especialmente em relação com a criação do homem.

Em segundo lugar está a obra do Espírito Santo em *sustentar*, em *preservar a criação*. Ora, há muitas declarações sobre esse tema; citaremos apenas duas. Em Isaías 40:7, lemos: "Seca-se a erva, e murcha a flor, soprando nelas o hálito (espírito) do Senhor". Ainda mais surpreendente, porém, no Salmo 104 vocês encontrarão aquela magnificente descrição da criação, a qual, possivelmente, seja totalmente inexcedível em qualquer outra parte da Bíblia. O salmista faz questão de dizer que, se o Senhor Se detiver, ou detiver o poder do Seu Espírito na criação, tudo começará a desintegrar e a desvanecer, a perecer e a morrer. Ele faz voltar novamente Seu Espírito, e tudo revive. É o Espírito Santo quem sustenta a criação. Ora, vocês encontrarão nas Escrituras declarações que dizem que o Filho faz isso; e a resposta, naturalmente, é que o Filho o faz através do Espírito Santo. Portanto, o Espírito Santo tem estado ativo desde o princípio na sustentação e na preservação do universo.

E agora, em terceiro lugar, apresento uma questão muitíssimo importante, a qual é muito freqüentemente esquecida. É o Espírito Santo quem Se responsabiliza pelo que se denomina *graça comum*. Permitam-me que lhes apresente algumas definições do que isso significa. Graça comum é o termo aplicado àquelas bênçãos gerais que Deus comunica a todos os homens e mulheres, indiscriminadamente, como Lhe apraz, não só a Seu próprio povo, mas a todos os homens e mulheres, segundo o Seu beneplácito. Ou, de outra forma, graça comum significa aquelas operações gerais do Espírito Santo nas quais, sem renovar o coração, Ele exerce influência moral por meio da qual o pecado é restringido, a ordem é preservada na vida social e a justiça civil é promovida. Essa é a definição geral. O Espírito Santo tem estado operante neste mundo desde o princípio, e Ele tem exercido Sua influência e suas ações sobre os homens e mulheres que não são salvos e que têm ido para a perdição.

Enquanto estiveram nesta vida e neste mundo, desfrutaram dessas operações gerais e não-salvíficas do Espírito Santo. Isso é o que entendemos por graça comum.

Ora, como o Espírito Santo faz isso? Bem, para essa pergunta há várias respostas. Vocês recordarão que fomos informados no prólogo do Evangelho de João sobre "*a verdadeira Luz, que ilumina a todo homem*" (João 1:9). Não importa como vocês traduzam este versículo – "a verdadeira Luz, que ilumina a todo homem, que entra no mundo", diz a *Authorised Version*; "a Luz que ilumina a todo homem estava entrando no mundo", diz outra. Não nos preocupamos com isso. Estamos interessados na frase "a luz que ilumina a todo homem". E tal luz existe. É uma espécie de luz natural, entendimento natural, como a chamamos. É a luz que jaz na *consciência*, e essa luz da consciência existe em cada pessoa nascida neste mundo. Pois bem, essa é uma das operações do Espírito Santo a que chamamos graça comum. Ela é uma luz que emana de Cristo, visto que Ele é a Cabeça da raça humana, mas é o Espírito Santo que coloca essa luz em cada um que nasce.

Portanto, essa mesma luz geral também se manifesta nos *governos* e nas *leis*, bem como nas várias "autoridades superiores", segundo Paulo as chama em Romanos 13:1. Vejam vocês, não foi o homem que decidiu estabelecer governos e estados; "as autoridades que existem foram ordenadas por Deus", diz Paulo. Deus estabeleceu os limites das nações. Ele decidiu que houvesse administradores, governos e magistrados, e que não trouxessem "debalde a espada" (Rom. 13:4). Isso é obra de Deus, e Ele tem feito tudo isso e o conserva em andamento por meio de Seu Espírito Santo.

Acredito que vocês verão imediatamente, sem minha própria ênfase, que muitos cristãos se encontram em grave erro em relação a este assunto. Aparentam defender a idéia de que Deus não tem nada a ver com o mundo incrédulo. Mas isso é antibíblico. Mesmo aqueles que não são salvos estão sob a influência do Espírito Santo. Essa influência não é de caráter salvífico nem uma influência redentiva, e sim, é uma parte do propósito divino.

Outra forma na qual a graça comum se manifesta é a que podemos denominar de *opinião pública*. Existe algo tal como uma opinião geral e pública, um consenso geral de opinião sobre temas morais. As pessoas que não são cristãs crêem terminantemente que certas coisas são erradas e devem ser proibidas, e que outras coisas são certas e devem ser recomendadas. Existe na humanidade um senso do certo e do errado. Ora, isso outra coisa não é senão a manifestação da graça comum. Se o Espírito Santo não estivesse em ação nos homens e nas mulheres nessa forma geral, os seres humanos, em conseqüência da Queda e do pecado, há muito teriam perecido em total esquecimento.

A seguir vem o que geralmente é descrito como *cultura*. Com isso quero dizer as artes e a ciência, aquele interesse pelas coisas da mente, a literatura, a arquitetura, a escultura, a pintura e a música. Certamente, não pode haver qualquer dúvida de que o cultivo das artes é saudável. Não possui caráter redentivo, mas torna as pessoas melhores, e em praticá-las elas vivem melhor. Ora, de onde vêm todas essas coisas? Como vocês explicariam pessoas como Shakespeare ou Miguelângelo? A resposta das Escrituras é que todas essas pessoas tinham seus dons e eram capazes de exercê-los como resultado da operação da graça comum, esta influência geral do Espírito Santo.

E assim vocês percebem uma vez mais que não é só os pecadores e aqueles que não crêem em Deus que negam a graça comum, mas muitas vezes até mesmo nós, cristãos, fazemos o mesmo. Há os que se inclinam a gloriar-se em Shakespeare, como se ele mesmo fosse o autor de suas faculdades, mas não era. Ele possuía somente aquilo que havia recebido. Todos esses dons que homens e mulheres possuem vêm de Deus. E essa é a razão por que cristãos genuínos, ao voltarem seus olhos, não só para a criação, como também para a cultura, descobrem uma razão para glorificarem e para louvarem a Deus.

É claro que o que está errado com a cultura não é a coisa em si; ao contrário, está no fato de que essas pessoas prestam seu culto, seu louvor e sua adoração a esses homens e mulheres que têm produzido as obras, e não a Deus que os capacitou a produzi-

-las. Se vocês, porém, visualizarem essas coisas pelo prisma da graça comum, verão que todas elas trazem glória de Deus, visto que é através do Espírito que Ele dispensa à humanidade esses dons gerais. Seremos lembrados mais adiante de como nosso Senhor mesmo nos diz que Deus envia Sua chuva sobre os maus e os bons, e faz o sol brilhar sobre justos e injustos – o que é a mesma coisa. O Deus que envia chuva e sol e propicia colheitas tanto ao agricultor ímpio quanto ao agricultor cristão, dispensa dons artísticos e científicos, exatamente da mesma forma, indiscriminadamente, aos maus e aos bons, aos salvos e aos não-salvos. Essa é uma obra do Espírito Santo.

Ainda outra forma em que a graça comum se manifesta é a seguinte: "Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal" (Isaías 45 v. 7). O que isso significa? Não que Deus seja o criador do pecado, nem que Ele é o autor do mal – como tal – senão que Ele é o autor das conseqüências negativas que seguem certas ações. Ele controla tudo. Nesse sentido, Ele faz a paz e cria o mal. Noutras palavras, é o Espírito Santo que faz com que certas ações conduzam a certas conseqüências dolorosas e ruins. Essas, pois, são algumas das formas pelas quais a graça comum se manifesta.

Mas focalizemos agora os efeitos de tudo isso. O primeiro é que *a execução da sentença de juízo sobre os homens e as mulheres em pecado foi adiada*. Vocês não têm às vezes feito a si mesmos a pergunta: por que Deus não castigou o pecado imediatamente, levando o mundo ao fim no Jardim do Éden? A resposta é que Deus decidiu, em Seu eterno e inescrutável beneplácito, a não agir assim.

Eis aqui, porém, uma pergunta adicional: como é possível que o mundo continue existindo em pecado? A resposta está no fato de que ele é mantido em existência mediante essa energia que o Espírito põe nele. É o Espírito que conserva o mundo em atividade. A vida humana é prolongada tanto de forma geral como de forma particular. Diz Paulo em Romanos 2:4: "a benignidade de Deus te conduz ao arrependimento". Pedro diz o mesmo em sua Segunda Epístola: "O Senhor... é longânimo

para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se" (2 Ped. 3:9). Deus é paciente e longânimo; para Ele mil anos são como um dia, e um dia é como mil anos. Ele conserva o mundo em atividade pela ação do Espírito Santo, em vez de pronunciar o juízo final.

O segundo efeito da graça comum é que *o Espírito Santo age nos homens e nas mulheres*. Tomem aquela declaração de Gênesis 6:3: "O meu Espírito não agirá para sempre no homem". O sentido dessas palavras não se exaure nela mas significa, pelo menos, que viria um tempo em que, em vez de conservar vivos os homens e as mulheres, a despeito de seu pecado, Deus cessaria de agir e o dilúvio viria e todos eles seriam destruídos. O *agir*, noutras palavras, tem dois sentidos. Significa "conservar em existência, conservar em atividade", e também significa que Deus estava ali, de certo modo, pleiteando através do Espírito, tentando levar os homens e as mulheres a verem a enormidade de seus pecados e de seus atos antes que fosse tarde demais. Vocês encontram a mesma idéia no sermão de Estêvão registrado no sétimo capítulo de Atos. Diz ele: "Vós sempre resistis o Espírito Santo" (Atos 7:51). O Espírito Santo está ali, com essa obra geral de convicção, porém as pessoas a resistem em vez de cederem a ela.

Semelhantemente, em Romanos, capítulo 1, vemos a mesma coisa. Paulo, ali, ensina que "Deus os entregou a uma mentalidade reprovável" (Rom. 1:28). Leiam novamente na segunda metade desse capítulo a terrível descrição da iniqüidade moral, as horríveis e torpes perversões do mundo daquele tempo em que Paulo escrevia. Por que era assim? Eis a resposta de Paulo: "Deus os entregou a paixões infames" (v. 26). Ora, até certo ponto, Ele não fez isso. Até certo ponto, Deus, por meio do Espírito Santo, refreou os homens e as mulheres dessas vis paixões, e essa é a razão por que o mundo nem sempre é tão ruim quanto poderia ser. Deus, através do Espírito Santo, restringe as mais torpes manifestações do pecado, contudo há épocas em que Ele entrega o povo a elas. Pergunto: estaríamos, porventura, vivendo tal época? Comparem o século vinte com o dezenove. É óbvio que

o nível moral, hoje, é muitíssimo inferior. Isso não significa que na era vitoriana todo mundo era cristão; significa, sim, que mesmo aqueles que não eram cristãos eram homens e mulheres melhores, falando em termos gerais, do que as pessoas da atualidade. Por quê? Era por causa da influência geral do Espírito Santo. Observem, porém, que hoje, novamente, é como se Deus estivesse entregando a humanidade "a vis paixões", conforme Paulo sublinha em Romanos, capítulo 1.

Portanto, deduzo que um dos resultados da operação do Espírito Santo, na graça comum, é que Deus *restringe* os homens e as mulheres. Especificamente, Ele restringe o pecado. Eis a razão por que Deus designou governos, autoridades, magistrados e potestades: para que o pecado não aja sem fronteiras. Ainda que saiba que há certas pessoas no mundo que jamais serão salvas, Ele não lhes permite que vivam a seu bel-prazer e dêem ao pecado a sua mais plena expressão; Ele o restringe nelas.

Noutras palavras, há no mundo um senso geral de moralidade e retidão e ainda de religião, à parte de um conhecimento salvífico do Senhor Jesus Cristo. Todos nós conhecemos muitas pessoas que são religiosas, mas que não são cristãs. Há muitas pessoas que diriam que são crentes em Deus e que se preocupam em praticar a religião, e algumas delas fazem grandes sacrifícios por sua religião. Não acreditam que elas sejam tão pecaminosas que nada senão a morte de Cristo pode salvá-las. Não são cristãs em nosso sentido do termo, todavia vocês têm que admitir que são religiosas. Que é que torna uma pessoa religiosa? Nada, senão a operação da graça comum. É um dos modos de Deus restringir o pecado, de mantê-lo dentro de certos limites. Portanto, todo senso de moralidade, de retidão e de religião, a crença em bondade, beleza e verdade, tal como existem nos filósofos gregos – é tudo resultado da operação do Espírito Santo. Paulo o expõe claramente em Romanos 2:14: "Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmos são lei...". Aí está a base e a autoridade para se dizer tudo isso.

E então, finalmente, sob a graça comum, temos, como já

mencionei, aquelas bênçãos comuns que Deus concede – o sol e a chuva. Nosso Senhor falou sobre isso no Sermão do Monte – Mateus 5:44,45. Paulo fala sobre exatamente a mesma coisa, em Listra, onde curou um homem que era aleijado, e a seguir fez esta notável declaração:

> *"Varões, por que fazeis estas coisas? Nós também somos homens, de natureza semelhante à vossa, e vos anunciamos o evangelho para que destas práticas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto há neles; o qual nos tempos passados permitiu que todas as nações andassem nos seus próprios caminhos. Contudo não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos chuvas do céu e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimento, e de alegria os vossos corações"* (Atos 14:15-17).

E, finalmente, temos esta declaração do apóstolo Paulo em 1 Timóteo 4:10, onde fala de Cristo como "o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem". Essa frase, "Salvador de todos os homens", não significa salvação no sentido de ser a alma salva, mas que Ele é o sustentador, o único que é complacente e bondoso para com os homens e mulheres.

Permitam-me, pois, lembrar-lhes do que estivemos fazendo. Estamos encarando este grande problema no tocante ao que ocorreu exatamente no dia de Pentecoste. É um ponto decisivo. Vocês lêem a Bíblia e acreditam, à primeira vista, que tudo confirma que o Espírito Santo ainda não tinha vindo, e que Ele ainda viria. Mas vocês voltam atrás novamente e descobrem que o Espírito Santo sempre esteve ativo e que já havia estado operando no mundo. Assim, pois, havendo focalizado as duas parcelas de evidências, tentaremos dar o que consideramos a explicação bíblica do que ocorreu exatamente naquela importante e vital ocasião registrada para nós em Atos, capítulo 2.

4

A SIGNIFICAÇÃO DO PENTECOSTE

Estamos ainda avaliando, vocês se lembram, a aparente incongruência na Bíblia sobre a vinda do Espírito Santo, e estamos focalizando agora a evidência bíblica para o fato de que Ele esteve em atividade no mundo antes do dia de Pentecoste. Já vimos três aspectos de Sua operação: que Ele esteve operante na criação, que Ele sustenta o universo e que é dEle a obra da graça comum.

Permitam-me que lhes apresente mais evidências. A quarta é esta: há claro ensino escriturístico quanto ao fato de que o Espírito Santo tem concedido dons especiais a certos homens. Tomem, por exemplo, Sansão. Ele era um homem de força, vigor e poder físicos incomuns. Somos informados que essa força foi dada a Sansão pelo Espírito Santo (Juízes 13:25), e foi por isso que ele não compreendeu que o Senhor, ou o Espírito, o havia deixado depois que seus cabelos foram cortados, que ele fora finalmente capturado e subjugado pelos seus inimigos, os filisteus (Juízes 16:20). Também houve um incidente muito interessante na vida de Moisés, quando se queixou que a obra era excessivamente grande para ele, e em Números 11:17 somos informados que Deus lhe disse: "Então descerei e ali falarei contigo, e tirarei do espírito que está sobre ti e o porei sobre eles", isto é, os setenta anciãos que iriam compartilhar da obra com Moisés. Ora, isso é muitíssimo notável. Foi o Espírito que capacitara Moisés para fazer a obra, e algo daquele Espírito era agora tomado e posto sobre os setenta anciãos, a fim de que pudessem assistir Moisés na execução daquela obra.

Em seguida houve um homem chamado Bezaleel que possuía certas habilidades em relação à construção e mobilamento do tabernáculo. Vocês podem ler a respeito dele em Êxodo 31:2-5.

Foi o Espírito Santo que lhe deu a habilidade para fazer aquela obra. E a mesma coisa, naturalmente, é procedente no tocante a Josué. A estratégia e habilidade militares de Josué foram o resultado da operação do Espírito Santo nele. Eu simplesmente tomo esses exemplos ao acaso para ilustrar a tese de que, remotamente, lá na antiga dispensação, o Espírito Santo veio sobre esses homens e lhes conferiu esses poderes particulares.

Em quinto lugar, pois, temos que tratar de toda a questão do dom de profecia; é o ensino das Escrituras por toda parte que a profecia se faz possível pela atividade do Espírito Santo. O primeiro exemplo desse fato é o caso de dois homens chamados Eldade e Medade. Esses dois homens começaram a profetizar, levando alguns do povo a sentir ciúmes pela reputação de Moisés, e isso levou Moisés a fazer uma das maiores afirmações que jamais fizera. Ele reconheceu que Eldade e Medade eram capazes de profetizar porque Deus havia posto neles o Seu Espírito, e disse a seus auxiliares: "Não se enciumem por causa de mim". "Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles!" (Num. 11:29).

O mesmo é verdade, naturalmente, mesmo de um profeta mercenário como Balaão. Balaão foi capaz de dizer, e tinha que dizer, o que disse porque o Espírito de Deus estava nele (Números, capítulos 22–24). Além do mais, lemos sobre Saul – o primeiro rei de Israel – que o Espírito veio sobre ele e o povo perguntou: "Está também Saul entre os profetas?" (1 Sam. 10:12). Isso foi porque Saul, sob a influência e o poder do Espírito Santo, estivera profetizando. E isso é obviamente verdade no tocante a todos os profetas cujas obras estão registradas no cânon do Velho Testamento. Aliás, quando estivemos tratando da doutrina sobre as Escrituras, fomos mais longe. Dissemos, então, que todos os escritores das Escrituras, tanto do Velho Testamento quanto do Novo, estavam sob a influência e o poder do Espírito Santo. Esses "santos homens de Deus" – isso se refere especialmente aos profetas – "falaram movidos pelo Espírito Santo" (2 Ped. 1:21); mas "Toda escritura é dada por inspiração de Deus" (2 Tim. 3:16) – *toda escritura*. Portanto, é bom incluir isso sob esse

tópico particular de profecia, e isso é, certamente, outro argumento muitíssimo poderoso para mostrar que muito antes do dia de Pentecoste o Espírito Santo viera sobre esses homens e os capacitara a agir como agiram.

Para o sexto exemplo evidencial, porém, lhes faço referência a algo que parece levar-nos ainda mais longe. No Salmo 51:11, diz Davi: "não retires de mim o teu santo Espírito". Ora, aqui estava um homem sob a velha dispensação, um homem anterior ao Pentecoste, e orou para que Deus não retirasse dele o Seu Espírito. E o que era verdade no tocante a Davi, era, com toda razão, igualmente verdade no tocante a todos os crentes do Velho Testamento, tais como Abraão, Isaque e Jacó. Todos esses santos do tempo do Velho Testamento eram crentes e cidadãos do reino de Deus, e obviamente vocês não podem ser ambas essas coisas sem o Espírito Santo. Mas a tremenda declaração de Davi focaliza a atenção sobre esta questão: "Não retires de mim o teu santo Espírito".

Agora, porém, chegando ao Novo Testamento – estou levando isso, como vocês podem ver, numa ordem cronológica – nos aproximamos de João Batista. E a declaração que o anjo fez a Zacarias, pai de João Batista, é como segue: "e será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe" (Luc. 1:15). É verdade que essa afirmação é muitíssimo importante, mas há ainda uma outra que diz: "Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele" (Mat. 11:11). Todavia somos informados de que João seria cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe.

Em seguida é dito sobre Isabel, mãe de João: "Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, saltou a criancinha no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo" (Luc. 1:41). Ora, tudo isso se deu antes do Pentecoste, lembrem-se; por isso devemos testar alguma teoria que porventura tenhamos acerca da vinda do Espírito no Pentecoste, mediante uma afirmação como essa. E nos é dito a mesma coisa sobre Zacarias em Lucas 1:67: "Zacarias, seu pai, ficou cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo..."; e então

segue-se o relato do que ele disse. Além do mais, temos uma declaração similar sobre Simeão, o ancião que segurou o infante Senhor Jesus em seus braços. Lemos em Lucas 2:25: "e o Espírito Santo estava sobre ele"; e no versículo 26, nos é dito: "E lhe fora revelado pelo Espírito Santo...". Em seguida, lê-se no versículo 27: "Assim pelo Espírito foi ao templo".

E quando lerem nos Evangelhos sobre os discípulos enviados pelo Senhor com o fim de pregar e de expulsar demônios, vocês compreenderão que eles foram capacitados a fazer tudo quanto fizeram, através do Espírito Santo. Sua habilidade para pregar e o poder para exorcizar demônios lhes foram dados pelo Senhor através do Espírito Santo. Portanto, tudo o que fizeram foi por, em e através de o poder do Espírito.

Há, porém, uma declaração final em João 20:22, a qual é importantíssima na nossa consideração desta doutrina do Pentecoste. Após Sua ressurreição, nosso Senhor apareceu aos discípulos no cenáculo. As portas estavam todas fechadas, mas de repente Ele apareceu entre eles, e eventualmente somos informados disto: "E havendo dito isto, assoprou sobre eles, e disse-lhes: recebei o Espírito Santo".

Aí, pois, está a evidência. Ora, a evidência anterior estava toda ela voltada para o fato de que o dia de Pentecoste ainda não chegara, que "o Espírito Santo ainda não fora dado; porque Jesus ainda não fora glorificado" (João 7:39). Nosso Senhor também disse: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois se eu não for, o Consolador não virá a vós" (João 16:7), e Ele lhes deu esta prescrição: "E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Luc. 24:49). Em Atos, capítulo 1, Lucas escreve: "(Ele) ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes" (v. 4). Portanto, esse é o problema que parece confrontar-nos – afirmações que implicam que o Espírito Santo não havia vindo, e afirmações que ensinam claramente que Ele estava ativo e operante, e que coisas poderosas estavam ocorrendo nEle e através dEle.

O que fazer, pois, para conciliar essas coisas? Obviamente, não pode haver contradição, e assim deve haver alguma forma de entender esses dois grupos de afirmações. Tentemos chegar à solução, colocando o problema como segue. Há certas coisas que são sobejamente simples e claras. A primeira: a vinda de nosso Senhor e Salvador ao mundo fez uma vital diferença em toda esta questão da obra e da operação do Espírito Santo. Aliás, devemos ir mais longe e dizer que Sua morte, especialmente Sua ressurreição e Sua ascensão, fez uma diferença ainda mais vital. No instante em que vocês se voltam para o Novo Testamento, no momento em que a vinda do Senhor começa a ser discutida, parece surgir algo novo, algo especial e adicional. Como já dissemos, Ele mesmo diz com freqüência: "Sim, mas há algo mais a ser feito", e surge a profecia de João: "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mat. 3:11).

A segunda coisa que notamos é que no capítulo 2 da profecia de Joel, a qual foi citada por Pedro em seu sermão no dia de Pentecoste, a ênfase é posta sobre a palavra *derramar*: "E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne" (Atos 2:17). Esse fato, notem, é sem dúvida importante. A ênfase está na extensão: a doação do Espírito Santo será de caráter mais geral. Há também uma ênfase sobre o fato de que deverá ser sobre todos os tipos e espécies: "...vossos filhos e vossas filhas...vossos jovens... vossos anciãos... e sobre meus servos e sobre minhas servas, (sobre todos esses) derramarei do meu Espírito naqueles dias; e eles profetizarão" (Atos 2:17,18). Ora, a doação do Espírito, no Velho Testamento, é algo incomum, e aqueles sobre quem o Espírito vinha eram casos excepcionais. Mas a ênfase, aqui, está sobre as generalidades; sobre toda a idéia de derramar, de amplitude, de liberalidade, e de plenitude do dom. Não apenas isso, há também uma ênfase sobre um fato a mais, ou seja, o dom não mais estaria confinado aos judeus. De fato, vocês encontrarão isso na profecia de Joel, no final desse capítulo. E, naturalmente, vocês o encontrarão mais elaborado, ainda mais completo, no livro de Atos. O dom do Espírito não mais seria confinado aos judeus,

senão que é para todas as nações. Há essa amplitude e essa liberalidade – Ele derramará Seu Espírito sobre todas as pessoas. Devemos notar a existência de um todo-inclusivo.

E assim observamos essas porções de evidências que são perfeitamente claras. Mas ainda há uma outra à qual devo referir, e que é uma palavra falada por nosso próprio Senhor Jesus Cristo.Vocês a encontrarão em João 14:17. Referindo-Se ao Espírito Santo, Ele diz: "mas vós o conheceis, porque ele habita convosco, e estará em vós". Ora, há aí uma distinção feita por nosso Senhor que obviamente deve ser de vital importância. "Ele habita convosco", diz Ele, e havia prova disso, naturalmente, nas obras que os discípulos foram capazes de realizar. Mas Ele diz: "Ele habita convosco, e *estará em vós*". Ele pronuncia essa profecia com respeito ao que sucederia após o dia de Pentecoste.

A fim de fazer nossa evidência ainda mais completa, e para que possamos chegar agora a uma síntese pressuposta desses dois grupos de declarações, devo chamar sua atenção para três incidentes. Um se deu na casa de Cornélio (Atos, capítulo 10), outro em Samaria (Atos, capítulo 8) e o terceiro em Éfeso (Atos, capítulo 19). Tomarei os capítulos 8 e 19 juntos; porei o capítulo 10 em sua própria categoria. Em primeiro lugar, porém, gostaria de considerar os três juntos, visto que há um fator que é comum a todos eles, o qual é o elemento de unidade que se enfatiza em todos os três, exatamente da mesma maneira como se enfatiza nos eventos do dia de Pentecoste, registrados em Atos, capítulo 2.

Unidade é o grande elemento em Atos, capítulo 2. Não é verdade? Foram essas diferentes pessoas à festa de Pentecoste, em Jerusalém. Eram partos, medos, elamitas, e os habitantes da Mesopotâmia, e da Judéia, e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene, e estrangeiros de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes (vv. 9-11). Havia todas essas diferentes nacionalidades, essas diferentes línguas e linguagens, mas todos disseram: "ouvimo-los em nossas línguas, falar das grandezas de Deus".

Obviamente, esse fato salienta aquela espantosa harmonia, aquela extraordinária unidade. E, naturalmente, a mesma unidade foi exibida nos próprios apóstolos. Houve uma aproximação, uma atração. E vocês encontram a mesma unidade em Samaria, entre os gentios na casa de Cornélio e entre os crentes que viviam em Éfeso.

Ora, é seguramente aí que encontramos a chave para a solução deste problema. Quando o Espírito Santo desceu no dia de Pentecoste, quando o Senhor Jesus Cristo batizou com o Espírito Santo, segundo disse que faria, o que estava ocorrendo era a formação da Igreja como o corpo de Cristo. Antes disso, porém existiram crentes. Obviamente os apóstolos eram crentes antes do dia de Pentecoste; vocês não devem considerá-los incrédulos antes disso. Sabemos perfeitamente bem que, embora fossem imperfeitos e impuros em muitos aspectos, não obstante criam em nosso Senhor, e quando Ele lhes apareceu, vocês se lembram, no dia em que Ele ressuscitou dos mortos, Ele soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo". Portanto, se vocês não crêem que eles eram crentes antes disso, eles certamente eram naquela data. Isso, porém, foi antes do dia de Pentecoste.

Então, o que foi que aconteceu no dia de Pentecoste? Bem, suponho que os crentes foram caldeados juntos como membros do único corpo de Cristo. Antes disso eles eram crentes isolados, assim como os crentes do tempo do Velho Testamento eram crentes e eram cidadãos do reino – Abraão, Isaque, Jacó, Davi e os patriarcas, e assim por diante –mas não eram membros do corpo de Cristo. No dia de Pentecoste, o evento principal foi que todos esses se tornaram um só. Isso é algo passível de compreensão, se percebermos que só poderia acontecer depois da ascensão de nosso Senhor. Durante o tempo em que Ele estava aqui, na carne, e ensinando seus seguidores, a Igreja, como Seu corpo, não havia ainda sido formada. No livro de Atos, lemos uma declaração de que Ele "comprou (a Igreja) com seu próprio sangue" (Atos 20:28). Não é verdade? Daí, a Igreja, nesse sentido, não poderia ter existido antes que nosso Senhor houvera completado a obra, quando Ele subiu para a presença do Pai;

mas no momento em que fez isso, Ele completou a obra que se fazia necessária para a aquisição da Igreja. Ele Se fez a cabeça da Igreja; e, como cabeça da Igreja, o Espírito Santo Lhe foi dado para que Ele pudesse dá-lO à Igreja, que é Seu corpo.

Portanto, o ponto que estou enfatizando é que tudo isso não poderia ter ocorrido antes da ascensão, mas que vocês esperariam que ocorresse depois dela. E isso é precisamente o que aconteceu – dez dias depois da ascensão, nosso Senhor, agora a cabeça do corpo que é a Igreja, enviou Seu Espírito para o corpo e sobre ele, para enchê-lo. Foi o dom que Ele deu, a promessa do Pai foi enviada pelo Filho que completara a obra que era indispensável para que ela (a promessa) pudesse ser cumprida. E, assim, no dia de Pentecoste a Igreja foi estabelecida como uma só unidade, como o corpo de Cristo.

Ora, permitam-me apresentar-lhes um versículo que explicará tudo isso: "Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito" (1 Cor. 12:13). Ora, aí está: *"em um só Espírito"* – o Espírito Santo – todos somos "batizados em um só corpo". E foi no dia de Pentecoste que todos esses crentes foram batizados em um só corpo, todos os apóstolos juntamente com as outras três mil pessoas das diferentes partes do mundo, que creram em sua pregação. Mais tarde, na casa de Cornélio, e bem assim em Samaria e em Éfeso, todas as pessoas, judeus e gentios, foram batizadas num só corpo. A Igreja é uma só, e há somente uma Igreja, essa Igreja invisível, o corpo místico de Cristo – aí é onde a divisão entre Igreja visível e invisível se torna importante – mas o que estou enfatizando aqui é que há uma unidade na Igreja, e que essa unidade se concretizou quando todas as pessoas foram batizadas no único corpo no dia de Pentecoste.

Permitam-me expô-lo em linguagem diferente. Vocês podem dizer que o dia de Pentecoste foi o dia da pública inauguração da Igreja como o corpo de Cristo. Houve algo novo ali que jamais se dera antes. Há certo sentido em que vocês podem falar da Igreja no Velho Testamento, sim, mas não é a mesma coisa que

a Igreja se tornou subseqüentemente ao dia de Pentecoste. A unidade foi estabelecida. Em seguida vocês descobrem a importância do que ocorreu na casa de Cornélio, e quão importante era isso. Pedro, naturalmente, como judeu, obviamente teria encontrado muita dificuldade para crer que os gentios poderiam realmente fazer parte dessa unidade. Essa foi a razão por que a visão lhe foi comunicada enquanto estava no teto da casa. Enquanto orava, ele viu um grande lençol descendo contendo animais e pássaros limpos e imundos, e ouviu a voz de Deus dizendo-lhe para matar e comer. Disse Deus: "Não chames tu comum ao que Deus purificou" (Atos 10:15). Mas, não está aí, porventura, uma sugestão adicional de que mesmo essa visão não foi suficiente? Certamente que foi suficiente para levar Pedro à casa de Cornélio e pregar como fez. Mas vocês notarão que, mesmo enquanto Pedro estava ainda pregando, o Espírito Santo desceu sobre Cornélio e sua família. E Pedro e os judeus, especialmente, ficaram atônitos com isso. Não o podiam entender completamente, mas tiveram que encarar os fatos à medida que ouviam essas outras pessoas falando em línguas e magnificando a Deus. "Os crentes que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que também sobre os gentios se derramasse o dom do Espírito Santo" (Atos 10:45).

Não só isso, mas o próximo capítulo nos relata que, quando tudo isso foi anunciado em Jerusalém, os crentes ali se sentiram um tanto perturbados com o fato, por isso é que, quando Pedro subiu, ele foi interrogado. "E quando Pedro subiu a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão" – "os que eram da circuncisão", lembrem-se, significa os judeus cristãos – "dizendo: entraste em casa de homens incircuncisos e comeste com eles. Pedro, porém, começou a fazer-lhes uma exposição por ordem..." (Atos 11:2-4). O que Pedro enfatizou, porém, foi que, enquanto falava, o Espírito Santo desceu sobre eles:

"Logo que eu comecei a falar, desceu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós no princípio. Lembrei-me

então da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade, batizou em água; mas vós sereis batizados no Espírito Santo. Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que dera também a nós, ao crermos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu, para que pudesse resistir a Deus? Ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida" (Atos 11:15-18).

Vejam vocês agora o que estava acontecendo. Deus estava declarando que eles deviam ser batizados nesse mesmo corpo, que a Igreja consistiria de judeus e gentios. Esse é o grande tema de Paulo anunciado aos efésios. Não é? O mistério que estivera oculto desde as gerações antigas era que os gentios seriam feitos co-herdeiros, que eles seriam introduzidos no reino, que seriam caldeados, batizados no corpo, e que, portanto, como um só corpo, estariam ali para que Ele agisse através deles neste mundo temporal.

Mas, para que eu complete minha evidência, permitam-me apresentar-lhes mais uma citação escriturística muitíssimo importante, e desta vez ela se encontra em Hebreus 11:39,40. Vocês se lembram da grande lista e galeria dos heróis da fé do Velho Testamento que figuram nesse capítulo? Então, eis o que o escritor diz: "Todos estes, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não alcançaram a promessa; visto que Deus provera alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados". Oh, sim, diz ele, com efeito, eles eram crentes, mas não lhes fora dado tudo; eles foram detidos, por assim dizer, até que tal fato ocorresse, para que eles e nós, juntos, fôssemos aperfeiçoados. Eram crentes, mas não haviam sido batizados no corpo de Cristo. A Igreja não havia ainda vindo à existência, nesse sentido, porque Cristo não havia ainda subido, não havia ainda concluído a obra, não havia ainda voltado para o Pai. Eles, porém, eram crentes, estavam sendo reservados, estavam sendo retidos, estavam sendo guardados, a fim de que, quando nosso Senhor subisse, então

fossem caldeados, batizados no corpo; e a Igreja é uma só e tem permanecido uma só desde então. Ora, esse, sugiro-lhes, é o real significado e importância do que ocorreu no dia de Pentecoste, e o que ocorreu na casa de Cornélio lhe é comparável. Segundo Pedro argumenta nesse capítulo onze de Atos, é realmente a mesma coisa. E deveras vocês descobrirão que ele teve que realçar o mesmo argumento no capítulo 15, no grande concílio da Igreja em Jerusalém.

Então, finalmente, o que dizer dos eventos registrados em Atos, capítulos 8 e 19? Vocês percebem que eu os isolei de Atos, capítulo 10, e foi pela seguinte razão: na casa de Cornélio, assim que Pedro começou a pregar, o Espírito Santo foi derramado. Mas tal não foi o que ocorreu em Samaria e em Éfeso. Em Samaria, Filipe desceu e pregou e evangelizou, e um bom número de pessoas creu e foi batizado no nome do Senhor Jesus Cristo. Pedro e João, porém, haviam descido e orado por eles e impuseram suas mãos sobre eles antes que recebessem o dom do Espírito Santo. Quando Paulo visitou Éfeso, ele fez ao povo a pergunta que se lê na *Authorised Version*: "Tendes recebido o Espírito Santo desde que crestes?" Na *Revised Version*, porém, se lê: "recebestes o Espírito Santo quando crestes?" Na verdade não há qualquer diferença; elas dizem a mesma coisa. E esses homens disseram: "Não, nem sequer ouvimos que haja Espírito Santo" (Atos 19:2). Noutras palavras, haviam recebido somente o batismo de João. E aí Paulo lhes pregou e os batizou no nome de Cristo. Ele impôs suas mãos sobre eles e receberam o dom do Espírito Santo.

Ora, vejam vocês que devemos pôr esses eventos numa categoria diferente, visto que o Espírito Santo foi recebido por essas pessoas de uma forma diferente. Formula-se com freqüência a seguinte pergunta: "Por que foi assim em Samaria e Éfeso? Qual é a diferença entre esses dois grupos e Cornélio e sua casa?" Bem, suponho que foi a seguinte: Cornélio e sua casa eram gentios; não eram realmente prosélitos, mas eram tementes a Deus e O estavam buscando. As pessoas de Atos, capítulo 8, eram samaritanas. Vocês encontrarão a história da fundação do estado

samaritano no Velho Testamento. Em certo sentido, não eram nem judeus nem gentios. Possuíam os cinco livros de Moisés, mas nenhum dos restantes do Velho Testamento. Eles, porém, se consideravam, vejam vocês, como sendo iguais aos judeus. A mulher de Samaria disse a nosso Senhor: "Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar" (João 4:20). Houve intensa animosidade entre os judeus e os samaritanos por essa causa. Os samaritanos sentiam que eram possuidores de uma religião perfeita; os judeus, porém, sabiam que ela era imperfeita. Ora, parece-me que essa é a chave para entender-se o que sucedeu.

O Espírito Santo não desceu sobre os samaritanos quando Filipe pregou; mensageiros, emissários, tinham de ser enviados por parte da igreja – o quartel-general em Jerusalém – a fim de comunicar-lhes o dom do Espírito Santo. Por quê? Bem, com certeza para estabelecer o fato de que os samaritanos deviam reconhecer seu vínculo com a igreja em Jerusalém. A igreja em Jerusalém era a seqüência e conseqüência lógicas da fé do Velho Testamento, em sua inteireza, em sua plenitude. Os samaritanos tinham que reconhecer que sua religião era incompleta, e que a Igreja Cristã tinha se originado, por assim dizer, da Igreja Judaica, a Igreja do Velho Testamento. Eles tinham que compreender que há uma continuidade no método divino de salvação, que temos de aceitar todo o ensino do Velho Testamento, caso queiramos ser verdadeiramente cristãos. Não podemos de repente entrar no Novo Testamento, por assim dizer; não podemos entrar no reino por alguma outro caminho. Não, *este* é o caminho de Deus. E assim os samaritanos tinham que se submeter a todo esse ensino e à igreja em Jerusalém, que era a primeira de todas as igrejas judaicas – ao judeu primeiro, e então aos gentios. Eles tinham que reconhecer e se submeter a tudo isso, e então lhes fora dado o dom do Espírito.

Da mesma forma, as pessoas em Éfeso, em Atos, capítulo 19, possuíam uma religião que era correta até certo ponto. Eram discípulos de João e haviam sido batizados no nome de João, mas não haviam sido esclarecidos acerca do evangelho. Por isso,

em seu caso, também, isso tinha que ser esclarecido, tinha que ser posto em linha reta. No caso dos gentios, como Cornélio, não havia erro a corrigir – não possuíam nada – de modo que, enquanto Pedro pregava, o Espírito Santo desceu sobre eles. Nesses outros casos, porém, existia uma religião incompleta, um entendimento imperfeito. Isso tinha que ser corrigido antes que o dom do Espírito Santo pudesse ser comunicado, e essa é uma distinção muitíssimo importante. No caso de Cornélio e sua casa, Deus estava simplesmente fazendo essa grande demonstração do fato de que os gentios tinham que adentrar o corpo e ser batizados nele. Nos demais casos, o que era necessário é que eles cressem na verdade de forma clara e se livrassem de certas idéias prejudiciais e falsas.

Sumariemo-lo dizendo que o grande propósito do Pentecoste era oferecer a prova final do fato de que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Isso é declarado. A segunda coisa é a grande inauguração da Igreja como Seu corpo; e a terceira é uma prova do fato de que essas várias pessoas que são acrescidas à Igreja são membros do corpo. Além disso, há várias outras coisas que terão de vir mais adiante, mas a principal é esta: no Velho Testamento, somos informados que o Espírito Santo estava com os homens, ou que Ele veio sobre eles. Ele operou neles de fora, por assim dizer, e o que Davi diz, vocês se lembram, foi: "Não retires de mim o teu Santo Espírito" (Sal. 51:11), como se o Espírito Santo estivesse *com* ele – essa é a terminologia do Velho Testamento. A terminologia do Novo Testamento é *em, dentro*; Ele opera de dentro, e Ele habita. No Velho Testamento, Ele vem sobre os homens e os deixa. Ele vem, no Novo Testamento, porque somos membros do corpo de Cristo, e porque o Espírito está nEle em Sua plenitude, e vem dEle através de todo o corpo. Posto que somos membros do corpo, o Espírito habita em nós – perfeitamente; e essa, parece-me, é a essência do ensino com respeito a esta questão.

Às vezes tem surgido confusão porque, em adição a tudo isso, no dia de Pentecoste os discípulos, no cenáculo, estavam ao mesmo tempo cheios do Espírito, e, como resultado do

encher-se com o Espírito, foram capazes de testemunhar; mas, notem vocês, isso foi repetido várias vezes. Espero voltar ao ensino concernente ao enchimento com o Espírito Santo num ponto mais adiante – obviamente depois de estudarmos a justificação e a santificação. Apenas faço menção dele neste ponto. Às vezes surge confusão por causa do termo *encher*. Foram enchidos com o Espírito, mas foram repetidamente enchidos com o Espírito, e, por causa disso, foram capacitados para testemunhar com ousadia.

No dia de Pentecoste, porém, o ruído de impetuoso vento e línguas como de fogo distribuídas enfatizaram especialmente, não o *enchimento* com o Espírito, e, sim, o *batizar* na unidade do corpo, a inauguração da Igreja – essa é a razão por que vocês têm o fenômeno especial. As línguas de fogo distribuídas jamais se repetiram outra vez. As paredes tremeram em outra ocasião, mas esse som particular, esse ruído, a composição do fenômeno especial, coloca uma singularidade sobre o evento do dia de Pentecoste, o qual jamais se repetiu. Jamais houve necessidade de repetir-se, visto que foi algo que se deu uma vez por todas. O enchimento com o Espírito é algo que pode ser, e às vezes é, repetido, mas que não é a coisa vital ocorrida no Pentecoste. Como já dissemos, o que aconteceu ali foi algo que só poderia acontecer quando nosso Senhor consumasse a obra para Seu povo e ressuscitasse e se tornasse a Cabeça da Igreja. A Igreja tornou-se Seu corpo, e o Espírito foi dado para encher o corpo – isso é o que se enfatiza no Pentecoste. E assim, tendo tratado dessas questões, estaremos agora em posição de avançar e analisar detalhadamente a obra do Espírito Santo quando Ele vem tratar e aplicar a obra da redenção completada por nosso Senhor e Salvador.

5

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO EM GERAL

Tendo examinado a obra do Espírito Santo em geral, e tendo considerado o que aconteceu no dia de Pentecoste, é importante e interessante que nós, antes de prosseguirmos para focalizar a grande obra do Espírito Santo na aplicação da redenção, também consideremos abreviadamente Sua obra em relação com o nosso próprio Senhor Jesus Cristo.

Primeiramente, com respeito ao Seu nascimento, lemos como o anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: "José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela se gerou é do Espírito Santo" (Mat. 1:20). Lucas, então, em seu Evangelho nos relata que, quando se dirigiu à Maria, o anjo Gabriel lhe falou: "Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; por isso o que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus" (Luc. 1:35).

Então, em segundo lugar, quando Pedro pregou para a casa de Cornélio, ele contou ao povo acerca do ministério de nosso Senhor que "... começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou, concernente a Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder; o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (Atos 10:37,38); e, em João 3:34, somos informados que "Deus não lhe dá o Espírito por medida". Sabemos também que depois "o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba" (Luc. 3:22), em seu batismo, "Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mat. 4:1).

E mais que isso, em terceiro lugar, Ele foi crucificado no poder do Espírito. Diz o escritor da Epístola aos Hebreus: "quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a

si mesmo imaculado a Deus" (Heb. 9:14); e então Ele ressuscitou pelo poder do Espírito, segundo Paulo nos informa em Romanos 1:4.

Finalmente, somos informados que Ele deu mandamentos aos apóstolos "através do Espírito Santo" (Atos 1:2).

E agora, prossigamos em direção ao que, acima de tudo, é a principal obra e função do Espírito Santo – Sua obra em conexão com a aplicação da redenção realizada e consumada pelo Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Notem a importância de proceder de maneira lógica com essas doutrinas. Obviamente, tivemos que verificar em primeiro lugar a Pessoa e obra de nosso Senhor; vimos ali o que Ele fez. Toda a questão agora é *como* essa obra se aplica a homens e mulheres como nós.

Nessa série de discursos, nos reportamos com freqüência àquela grande reunião que foi celebrada na eternidade, quando Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo se reuniram em concílio, e a obra da salvação foi distribuída entre eles. O Filho Se dispôs a tomar para Si a natureza humana, a fim de prestar perfeita obediência à lei e a morrer pela culpa e castigo dos pecados de homens e mulheres. E o Espírito Santo Se dispôs a tomar sobre Si a obra de aplicação dessa redenção. Essa é Sua obra especial, e agora devemos prestar-lhe atenção.

Aqui novamente é mister dividir o tema em dois tópicos principais: a obra do Espírito Santo em geral e a Sua obra em particular. Há uma obra do Espírito Santo em conexão com a aplicação da redenção a todos os povos, e Ele tem uma obra especial na aplicação da redenção somente àqueles que são redimidos experiencialmente. Não estou tratando ainda dessa última, e sim da obra do Espírito Santo em conexão com a obra redentora de Cristo antes e à parte dessa última.

Em primeiro lugar, eu diria que Sua própria vinda e presença na Igreja e no mundo é, por si mesma, uma parte dessa obra; e nessa conexão desejo chamar-lhes a atenção para João 16:8-11. Disse nosso Senhor: "E quando ele vier (referindo-se ao Espírito), convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou

para meu Pai, e não me vereis mais; e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado".

Esses versículos são muitíssimo importantes, e é vital que os interpretemos corretamente, visto que, com freqüência, são erroneamente interpretados. E assim, muitas vezes são interpretados como se fossem uma descrição da obra que o Espírito Santo faz nas almas dos indivíduos a fim de conduzi-los à salvação. Talvez tenham alguma referência indireta a isso, mas pretendo tentar demonstrar-lhes que essa não é sua referência principal, não é isso o que estão realmente descrevendo. Notem vocês que a *Authorised Version* contém a seguinte redação: "Quando ele vier, *reprovará* o mundo..."; na *Revised Version* há uma tradução melhor: "Quando ele vier, *declarará* o mundo *culpado* do pecado e da justiça e do juízo", e essa é correta. Não é *convencerá*, como está traduzido na *Revised Standard Version*, mas *sentenciará*, *culpará*, *condenará*, e não preciso enfatizar a diferença entre sentenciar e convencer. É possível condenar uma pessoa sem convencê-la. Convencer significa que conseguimos persuadir aquela pessoa. Noutras palavras, a *Revised Standard Version* apoia a falsa interpretação que declara que esses versículos estão descrevendo o modo pelo qual o Espírito Santo traz uma alma à salvação. Ora, é claro que há certo sentido que toda alma conduzida à salvação veio dessa maneira, porém esse não é o significado dessa afirmação.

Deixem-me tentar substanciar esse ponto. Defendo a tese de que João 16:8-11 é uma afirmação geral com respeito à vinda do Espírito Santo e com respeito ao resultado de Sua vinda. Notem vocês que nosso Senhor Se mostra muito precavido em dizer que, quando o Espírito Santo viesse, não condenaria indivíduos, nem crentes, mas o *mundo*. Ora, o mundo inclui todas as pessoas, as que se tornam crentes e as que não se tornam crentes; mas nosso Senhor Se revela criterioso em dizer que a obra de culpar é algo que o Espírito Santo faz ao mundo. E creio que isso sucede porque os expositores se esqueceram disso com tanta freqüência que, lamentavelmente, se desviaram em suas exposições.

Outro ponto a se observar é o seguinte: gostaria de saber se vocês já se sentiram perplexos quanto ao que esses versículos significam. Por exemplo, nosso Senhor diz que o Espírito Santo culpará o mundo do pecado, e a seguir o explica – "do pecado, porque não crêem em mim". Ele não diz que o Espírito Santo culpará o mundo do pecado, ensinando-o toda a verdade acerca do pecado. Não! Ele especifica uma só coisa em particular – "porque não crêem em mim". Esse fato é igualmente muito importante. A lei que Deus promulgou através de Moisés declara culpado (em virtude) do pecado, nesse sentido geral, e não havia necessidade de que o Espírito Santo viesse para fazer isso. Mas o Espírito Santo realiza essa obra especial. E, da mesma forma, quando nosso Senhor explica "justiça" e "juízo", Ele Se firma a algo muito particular. Noutras palavras, o ensino de nosso Senhor aqui é com respeito ao efeito que a vinda atual do Espírito tem sobre o mundo, e diz que a própria presença do Espírito Santo na Igreja culpa-a do pecado, da justiça e do juízo.

Pois bem, em Atos 5:29-32 há uma declaração paralela. Pedro e os demais apóstolos são conduzidos perante a Corte, ou seja, o Sinédro, onde Pedro apresenta sua defesa, e diz o que lemos abaixo:

> *"Respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: importa antes obedecer a Deus que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro; sim, Deus, com sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão de pecados. E nós somos testemunhas dessas coisas, e bem assim o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem."*

"Nós", diz Pedro, "somos testemunhas dessas coisas, e também o Espírito Santo é uma testemunha dessas coisas que vos estamos relatando." A vinda do Espírito Santo ao mundo testifica acerca de certas coisas e, ao dar esse testemunho, Ele culpa o mundo do pecado, da justiça e do juízo.

Como Ele faz isso? Bem, sigamos a própria explicação do nosso Senhor. É preciso observar, porém, de passagem um ponto

geral, visto que ele faz parte vital de toda a doutrina da obra do Espírito Santo, que é como segue: em todos os três casos, o Espírito Santo está apontando para o Senhor. Ele não Se detém no pecado. Ele não ensina acerca de Si mesmo, nem chama a atenção para Si mesmo, nem glorifica a Si mesmo. Ele está o tempo todo chamando a atenção para o Senhor, e essa é a característica de toda a obra do Espírito Santo. Sua função e ocupação exclusivas, como nosso Senhor ensina aqui de forma tão nítida, é glorificar o Senhor Jesus Cristo. A totalidade de nossa redenção emana de Cristo, cada bênção, cada experiência – *tudo*! João já havia dito isso no início de seu Evangelho. Em João 1:16, ele diz: "Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça". O Espírito Santo não nos pode dar absolutamente nada, a não ser o que vem de Cristo. Ele não nos dá nada de Si mesmo, mas passa para nós, intermedia para nós, reproduz em nós, origina em nós aquela plenitude que se encontra em Cristo e Sua redenção. Portanto, notem que, quando nosso Senhor interpreta essas três coisas, Seu procedimento é inteiramente em termos do que o Espírito Santo fará em relação a Ele.

A primeira coisa é que Ele culpará o mundo "...do pecado, porque não crêem em mim". Já realcei que Ele não diz que apenas culpará o mundo do pecado em geral. Ele não diz que o Espírito revelará a torpeza do pecado, ou a malignidade, ou a impiedade, ou a depravação do pecado; Ele não mostrará como o pecado é ilegal ou "erra o alvo", ou qualquer uma dessas outras coisas. Nosso Senhor não as menciona em absoluto. É uma só coisa, e essa única coisa é "porque não crêem em mim". Ora, o que Ele quer dizer com isso? Bem, há seguramente uma só explicação plausível, e indubitavelmente é que a própria vinda do Espírito Santo para a Igreja no dia de Pentecoste, em Jerusalém, com os sinais que se seguiram, e a forma como Ele usou os apóstolos, tudo isso, por si só, condenou o mundo por seu próprio erro, quando ele negou a Jesus de Nazaré e vociferou: "Fora com Ele! crucifica-O!" A vinda do Espírito Santo é prova positiva e conclusiva que Jesus de Nazaré é o

Filho de Deus, o Salvador do mundo.

Como o Espírito Santo faz isso? Bem, enquanto esteve aqui neste mundo, nosso Senhor disse que enviaria "a promessa do Pai". Isso era algo pelo qual os judeus haviam esperado desde séculos. Eles possuíam essas profecias de Joel e de outros, e sabiam que o Messias era Aquele que enviaria essa promessa. Então Jesus de Nazaré surgiu diante deles; Ele reivindicou ser o Messias; contestaram Sua reivindicação e a negaram. Não quiseram crer nEle, e por fim O rejeitaram e O crucificaram. Eis aqui, porém, o Espírito Santo enviado sobre a Igreja, de conformidade com a profecia! Qual, pois, é o efeito disso? Prova que Ele é o Messias, e, portanto, o mundo que O rejeitou é culpado de seu pecado – o pecado do fracasso em reconhecê-lO, o pecado de rejeitá-lO e de crucificá-lO. Eis por que Ele diz que o Espírito Santo em particular culpa o mundo do pecado "porque não crêem em mim".

Espero que eu esteja esclarecendo bem o seguinte fato: foi a própria vinda do Espírito Santo que fez isso; não foi o resultado de uma obra que Ele faz nos recônditos da alma. Tratarei disso mais adiante, quando chegarmos à questão de como a redenção é aplicada aos que são redimidos. Agora, porém, estamos tratando do modo como o Espírito Santo culpa o mundo de pecado. Quando Ele desceu sobre a Igreja, quando houve o som de um vento impetuoso e surgiram línguas distribuídas, como de fogo, as quais vieram sobre esses discípulos e eles falaram em outras línguas, apenas isso culpou o mundo de pecado, o pecado de incredulidade. Eis por que coloquei isso sob o tópico de "geral".

Aproximemo-nos, porém, da segunda acusação – "...da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais". Vocês já se sentiram perturbados ao tentarem explicar isso? É muito interessante ler os comentaristas e os diversos sermões sobre este tema, porque, ignorando que nosso Senhor está falando acerca do mundo, se inclinam a interpretá-lo mal. Alguns afirmam que pelo termo "justiça" Jesus queria dizer que Deus estava mostrando Sua justiça e Se justificando. Afirmam que a acusação contra Deus era que Este que reivindicava ser Seu Filho

havia sido esquecido por Ele. Deus permitira que Ele fosse crucificado, e, portanto, Deus não fora justo. Muito bem, declaram esses comentaristas, ao enviar o Espírito Santo, Deus estabeleceu Sua própria justiça. Ele ressuscitou a Cristo dentre os mortos, e depois de Cristo subir ao céu, Deus enviou o Espírito Santo, estabelecendo dessa forma o fato de que Deus, afinal, não tinha sido injusto, e tinha cuidado de Seu Filho através de tudo o que aconteceu.

Outros afirmam que o que está implícito pelo termo "justiça" aqui é o estabelecimento da justiça de Cristo o Filho. Quando Ele foi crucificado em fraqueza, os homens disseram que Ele não era o Filho de Deus, e que Ele não era justo; o que Ele reivindicara não era verdadeiro, e, visto que era uma mentira, portanto Ele não era uma pessoa justa. O envio do Espírito Santo, portanto, diz-se provar que Ele era o que dissera ser, e por isso esse fato estabelece Sua justiça. Esse ponto, porém, já foi tratado sob a categoria anterior, e se porventura ele tem esse sentido, seria uma espécie de tautologia, uma mera repetição de algo que já ficou estabelecido. Portanto, a expressão não significa nenhuma dessas coisas.

Nosso Senhor coloca isso de uma maneira muito interessante. Diz Ele: "...da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais". Portanto, como resolver o problema? Bem, o fato de que nosso Senhor ressuscitou dentre os mortos é prova positiva de que Ele fora aceito pelo Pai. O Pai não só O aceitou, mas aceitou também Sua obra perfeita. O apóstolo Paulo, creio eu, nos forneceu a chave para a elucidação desse problema. Em Romanos 4:25, diz ele: "o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou para a nossa justificação". É na ressurreição que vemos Cristo como nossa justificação. Está no fato de que Deus O ressuscitou dentre os mortos, com Sua perfeita e imaculada vida de obediência, com Sua obediência passiva em Sua morte na cruz, quando Ele carregou a culpa e o castigo de todos os pecados dos homens e das mulheres. Deus está declarando: "Estou satisfeito, a lei está satisfeita. Não há ninguém que possa apresentar alguma acusação".

A prova final, porém, de que Deus aceitou a Cristo como nossa justificação é o envio do Espírito Santo. Eis por que é tão importante que tenhamos sempre em mente o fato de que o que aconteceu no dia de Pentecoste em Jerusalém deve ser sempre incluído na grande série de eventos, dos eventos históricos, que estabelece a salvação. Essa é a última e conclusiva prova de que Cristo é o Filho de Deus e o Salvador do mundo, pois, como já vimos, foi somente Àquele que estabeleceu Sua justiça que Deus concedeu o dom de Seu Espírito para o Seu povo, que é o Seu corpo, a Igreja.

E, portanto, a própria vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste fez o pronunciamento de que só há uma maneira de justiça, e é aquela que está em Cristo Jesus. Vocês não podem estabelecer uma justiça propriamente sua, por meio da lei; vocês não a podem estabelecer por meio de seus próprios esforços ou empenhos morais. Ele é a nossa justiça; Ele é a nossa paz; Ele é a forma da justiça de Deus; e a justiça que Deus nos concede é a justiça de Seu próprio Filho. O Espírito Santo proclama isso. Quando Deus enviou o Espírito Santo, Ele estava convencendo o mundo de justiça; Ele estava dizendo-lhe, proclamando-lhe, que em Cristo, e tão-somente nEle, podemos tornar-nos justos. Eis o grande tema do livro de Atos e de todas as Epístolas do Novo Testamento, a saber, em "Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus... justiça" (1 Cor. 1:30). E nada proclama isso tão poderosamente quanto a descida do Espírito Santo enviado por Cristo sobre a Igreja no dia de Pentecoste.

E, em seguida, a terceira afirmação acaba sendo exatamente a mesma coisa – "...do juízo, porque o príncipe deste mundo é julgado". Aqui, novamente, há muita confusão no tocante ao por que nosso Senhor o coloca nessa forma. Diz Ele que a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste culpa o mundo do juízo, porque o príncipe deste mundo é, ou tem sido, julgado como conseqüência de Sua obra. Ora, o que significa isso? Bem, aqui novamente eu o coloco assim: a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste foi a prova final da derrota de satanás e do juízo que é pronunciado sobre ele. Considero isso como sendo uma

doutrina muito importante neste ponto. Falando sobre Sua morte, um pouco antes disso, nosso Senhor disse: "Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo" (João 12:31). Ele estava referindo ao que estava para fazer em Sua morte: "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. Isto dizia, significando de que modo havia de morrer" (vv. 32,33).

A seguir, há aquela declaração do apóstolo Paulo em Colossenses 2:15, onde ele diz que, ao morrer na cruz, nosso Senhor estava expondo os principados a uma ignomínia pública, "triunfando sobre eles nela". A afirmação em João 12:31, portanto, significa que nosso Senhor, em Sua morte na cruz, estava julgando e derrotando a satanás. Era uma profecia de que o príncipe deste mundo estava para ser expulso por esse evento. Paulo diz que isso aconteceu. E presumo que nosso Senhor diz a mesma coisa aqui em João, capítulo 16. A morte de nosso Senhor na cruz, Sua ressurreição e ascensão, e Seu envio do Espírito Santo, foram a proclamação da derrota de satanás. Satanás está agora expulso, segundo nosso Senhor profetizara e predissera que seria. E, naturalmente, foi a vinda do Espírito Santo que finalmente proclamou esse fato. Foi a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecoste que provou, como venho reiterando, que nosso Senhor é deveras o Filho de Deus, que Sua obra foi aceita e que Ele, assim, realizou o grande feito redentivo que salvaria homens e mulheres do domínio de satanás. Isso equivale, portanto, a uma condenação ou juízo, especialmente porque o príncipe deste mundo, satanás, está julgado.

Pergunto-me se vocês têm sempre compreendido a significação dessa declaração. Acaso vocês percebem que ela significa que satanás já está julgado? Ele foi julgado pela obra consumada na cruz; seu julgamento foi proclamado pelo envio do Espírito Santo. E esse é um fato. A última comissão de nosso Senhor a Seus seguidores foi: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mat. 28:18,19). Ele *possui* esse poder. O apóstolo Paulo o coloca

assim: "Pois é necessário que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de seus pés" (1 Cor.15:25). O dia de Pentecoste, a descida do Espírito Santo, portanto, foi uma grande proclamação com este objetivo – que o mundo jamais seria o mesmo em decorrência do que nosso Senhor fez na cruz.

Ora, antes da vinda de nosso Senhor, satanás conservou todas as nações, com exceção dos judeus, em cativeiro. Eram todas pagãs. Criam em seus muitos deuses, e o conhecimento do Deus vivo e verdadeiro era restrito a uma só nação, Israel, os judeus. Mas, como resultado da obra de nosso Senhor na cruz, e do envio do Espírito Santo no dia de Pentecoste, isso não é mais o caso; satanás, nesse sentido, não anda mais enganando as nações desde então. Cristo tem sido proclamado, e há crentes nEle em todas as nações debaixo dos céus. Disse Ele: "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim" (João 12:32) – como aqueles que vieram a André e a outros. Por isso, nesse sentido, satanás não mais está controlando o mundo. Cristo o está controlando; Ele está reinando. Ele está sentado à destra do poder de Deus. Todo o poder Lhe foi dado no céu e na terra, e Ele está continuando a discipular todas as nações, pela instrumentalidade do Espírito Santo, através de Seus obreiros, através de Seus seguidores. E assim, a própria descida do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, segundo nosso Senhor prediz aqui, culpou o mundo do juízo.

Receio que não compreendamos isso. Confesso que eu mesmo não o compreendia como devia. Vejo-o mais claramente desta maneira: o que estava acontecendo quando o Espírito Santo desceu? Ora, entre outras coisas, Sua descida foi uma proclamação ao mundo de que o tempo de satanás no mundo chegara ao fim; foi interrompido. Ele foi expulso, como nosso Senhor profetizara que o seria. Não significa que ele não é mais capaz de exercer certos poderes, mas todos eles se encontram dentro de certos limites; ele não os está exercendo como fazia outrora. Os reinos deste mundo, em certo sentido, já se tornaram os reinos de nosso Deus e de Seu Cristo.

E tudo isso é proclamado pela descida do Espírito Santo.

"Quando ele vier, culpará o mundo... do juízo, porque o príncipe deste mundo está julgado." E ele tem sido julgado. O que o Espírito Santo proclama, além disso, é que todos os que pertencem a satanás serão igualmente julgados e condenados com ele e lançados no lago de fogo. Aqui, pois, está uma grande obra que é realizada pelo Espírito Santo, imediatamente, por Sua mera presença na Igreja, em conexão com a obra da redenção completada por nosso Senhor.

A fim de podermos ficar livres para continuarmos a analisar a obra nos redimidos, ainda há uma coisa que quero mencionar neste ponto, a saber, Ele também faz certa obra preparatória em tudo e em todos – tanto nos redimidos como nos não-redimidos. Às vezes isso tem sido chamado a vocação "externa" do evangelho. Significa que, desde a vinda do Espírito Santo, uma vocação geral do evangelho tem sido feita a todas as pessoas. Deixem-me enfatizar isto: ela é feita tanto aos que permanecem incrédulos quanto aos que se tornam crentes.

É provável que o modo mais simples de colocar isso seja formulando uma pergunta. Se lhes fosse pedido que definissem a diferença entre calvinista e hipercalvinista, como vocês o fariam? É uma pergunta digna de ser feita por esta razão: conheço um grande número de pessoas que, quando usam o termo "hipercalvinista", geralmente querem dizer calvinista. Noutras palavras, elas não sabem o que é um hipercalvinista. Um hipercalvinista é alguém que afirma que a oferta de salvação é feita somente aos redimidos, e que nenhum pregador do evangelho deveria pregar Cristo e oferecer a salvação a todos. Um hipercalvinista considera alguém que oferece, ou que proclama, a salvação a todos como uma pessoa perigosa. Valho o que valer, há uma sociedade em Londres, no momento, que me tem descrito como um arminiano perigoso, visto que prego a Cristo e ofereço a salvação a todos!

Tenho chamado sua atenção para o hipercalvinismo a fim de que possamos compreender que a Bíblia ensina que Cristo deve ser proclamado a *todos*. Deixem-me apresentar-lhes minha base para afirmar isso. Tomem a grande comissão à qual já me

referi: "Ide", diz nosso Senhor, "e pregai o evangelho a todas as nações". Tomem também a declaração do apóstolo Paulo em Atos 17:30: Deus "manda agora que *todos* os homens em todo lugar se arrependam". É um mandamento universal. E tomem a declaração feita por Paulo acerca de si mesmo e seu ministério, aos anciãos de Éfeso, na qual ele diz que deviam ter na memória que ele testificou tanto aos judeus quanto aos gentios – ou seja, a todo mundo – "o arrependimento para com Deus e fé para com nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos 20:21). O evangelho é uma proclamação universal.

Eis aqui outra maneira de provar isso: nosso Senhor mesmo, em Sua parábola acerca da festa de núpcias, nos relata que algumas pessoas foram convidadas, e que não atenderam (Mat. 22:2-4). Ele reconhece que o evangelho será pregado a alguns que o rejeitarão. Isso prova que ele deve ser apresentado a todos. E vocês encontrarão o mesmo ensino em Lucas, capítulo 14, na parábola paralela, acerca de outra festa de núpcias. Aliás, as Escrituras nos relatam de forma muito específica que certas pessoas rejeitam e rejeitarão o evangelho. Paulo, em Antioquia da Pisídia, afirmou que esteve pregando o evangelho aos judeus, mas eles o rejeitaram. Por isso, ele estava para se retirar deles, e doravante iria para os gentios (Atos 13:46).

Essa proclamação do evangelho deve ser feita através da Palavra de Deus. Há uma grande declaração acerca disso em 1 Pedro 1:12:

> *"Aos quais (os profetas) foi revelado que não para si mesmos, mas para vós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho; para as quais coisas os anjos desejam atentar."*

O Espírito Santo sempre opera através da Palavra de Deus. Ora, muitas pessoas acreditam que Ele opera diretamente. Isso foi o que levou os quacres (Quakers) a desviar-se do principal partido dos puritanos. Diziam que a Palavra não era necessária,

que o Espírito Santo falava diretamente a cada pessoa, de alguma maneira mística e secreta, por alguma "iluminação interior". Absolutamente, não! O Espírito Santo sempre usa a Palavra: "Mas a palavra do Senhor permanece para sempre", diz Pedro (1 Ped. 1:25). "Tendo renascido, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus, a qual vive e permanece", diz novamente Pedro (1 Ped. 1:23).

A fim de realizar Sua obra, o Espírito usa a Palavra de Deus. E o que Ele faz? Deixem-me apresentar-lhes os tópicos: em primeiro lugar, Ele revela, através da Palavra, o grande amor de Deus aos pecadores em geral: "Deus... pelo seu muito amor com que nos amou...". (Ef. 2:4), e assim por diante. Em segundo lugar, Ele apresenta e oferece a salvação em Cristo; através do Seu povo Ele declara os fatos acerca de Cristo. Eis a incumbência dos pregadores do evangelho. É declarar o registro da vida, da morte, da ressurreição e das aparições de nosso Senhor. O que é pregação? É a proclamação desses fatos acerca de Cristo. Não só isso. É uma explanação desses fatos, o significado desses fatos, como esses fatos constituem a salvação e são a causa, os meios, da salvação. E, assim, na pregação da Palavra no poder do Espírito Santo, esses fatos e sua interpretação são apresentados.

Em seguida, como já os lembrei, o Espírito Santo nos chama ao arrependimento. Ele chama a todos ao arrependimento, a todos os homens e mulheres, em toda parte, por causa desses fatos, por causa "daquele varão a quem ele designou", por meio de Quem o mundo inteiro está para ser julgado com justiça (Atos 17:31).

E, finalmente, o Espírito Santo nos chama para a fé em Cristo. Considerem novamente aquelas palavras de Paulo, em sua mensagem de despedida à igreja de Éfeso. O que ele testificou? O que ele pregou? Foi "arrependimento para com Deus e fé para com nosso Senhor Jesus Cristo" (Atos 20:21). Ele chamava homens e mulheres à fé em Cristo, a fim de que pudessem obter o perdão dos pecados e herdar a vida eterna. Foi assim que nosso Senhor comissionou a Paulo no caminho de

Damasco. Ele disse que estava para enviá-lo ao povo e aos gentios, "...para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz, e do poder de satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados e herança entre os santificados pela fé em mim" (Atos 26:18).

Essa, pois, é a obra do Espírito Santo em geral, em conexão com a obra redentiva de nosso Senhor. E havendo tratado disso, estamos agora numa posição de continuar considerando detalhadamente o que é que o Espírito Santo faz àqueles que se tornam crentes, e somente a eles, a fim de aplicar a obra da redenção.

6

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA REDENÇÃO

Não consigo imaginar um texto melhor para se ter em mente, ao chegarmos à análise do tema que nos ocupará agora, do que os versículos 6 e 7 de 1 Coríntios, capítulo 2, onde o apóstolo Paulo diz: "Na verdade, entre os perfeitos falamos sabedoria, não, porém, a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, que estão sendo reduzidos a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, que esteve oculta, a qual Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória". Ora, eu estou agindo sobre o pressuposto de que somos pessoas a quem o apóstolo descreve nessa linguagem, pois com certeza estamos para examinar a sabedoria de Deus. O apóstolo afirmou que não poderia pregar dessa maneira em Corinto, quando estava com eles em razão de ainda serem "bebês" e "carnais" (1 Cor. 3:1), mas, diz ele: "Falamos sabedoria entre aqueles que são perfeitos". Não era a espécie de sabedoria em que os gregos viviam interessados; era a sabedoria de Deus em mistério. Agora vamos tentar examinar essa grande "sabedoria oculta" de Deus, na qual descobrimos coisas relevantes à nossa salvação e ao nosso destino eterno.

Ora, estamos considerando a obra do Espírito Santo, e temos examinado a própria obra geral do Espírito; e, em seguida, na preleção anterior, consideramos juntos as declarações de nosso Senhor acerca de Sua obra, as quais encontramos registradas em João, capítulo 16, onde lemos: "Quando ele (o Espírito Santo) vier, convencerá (culpará) o mundo do pecado, da justiça e do juízo". E explicamos essas declarações como significando que essa não é uma descrição primariamente da obra que Ele realiza dentro da alma, e sim, a obra que o Espírito Santo realiza através de Sua própria presença no mundo. Ao adentrar minha sala após

deixar este púlpito, na última sexta-feira, algo me ocorreu que aparentemente não havia visto antes, mas que agora comunico a vocês como uma palavra adicional para sua consideração. Disse Jesus: "...do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me verão mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo está julgado". Ora, vimos essas três coisas apontar para o Senhor Jesus Cristo, mas tal não me ocorreu, até ao momento em que caminhava para minha sala, ou seja, o que nosso Senhor estava realmente dizendo era que o Espírito Santo, em Sua vinda, seria a prova e demonstração finais de que Ele, Cristo, é deveras Aquele que vem de Deus para nos ensinar, o próprio Filho de Deus que é o Profeta, o Mestre e o Revelador de Deus. Sim, e também o Sacerdote, Aquele que trata com a justiça, Aquele que nos oferece justiça da única forma possível, fazendo expiação pelo pecado. E, finalmente, o Rei que governa sobre todos, que já derrotou a satanás, o deus deste mundo, o príncipe da potestade do ar, e Aquele que se encontra sentado e governando, e que governará, à destra de Deus; todo o poder Lhe é dado. E, assim, a presença do Espírito Santo é a demonstração final do fato de que o Senhor Jesus Cristo é Profeta, Sacerdote e Rei.

Vimos também que o Espírito Santo Se preocupa em transmitir o chamamento geral do evangelho, e enfatizamos que esse chamamento é direcionado a todos, tanto aos que permanecem incrédulos como aos que se tornam crentes. O Espírito Santo providencia para que essa mensagem seja entregue e que essa proclamação seja feita, esse chamamento geral e externo.

Imediatamente, porém de forma natural, enfrentamos um problema. Essa vocação, essa oferta do evangelho, é feita a todos, mas compreendemos que ela causa certa divisão. Percebemos isso no segundo capítulo de Atos: alguns creram e alguns, não. Aliás, nosso Senhor havia profetizado que esse seria o caso, quando disse: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mat. 22:14). A congregação se assenta na igreja e ouve o evangelho: alguns são salvos por ele, alguns não o são.

Ora, esse é um fato que se encontra registrado nas Escrituras, o qual nosso Senhor predisse e o qual tem sido abundantemente demonstrado na história da Igreja Cristã desde o princípio até hoje. Filhos dos mesmos pais são educados no mesmo lar, nas mesmas circunstâncias, assistem o mesmo lugar de culto, todavia um é salvo e outro não.

E assim surge imediatamente a pergunta: por que essa diferença? E, ao tratarmos da obra do Espírito Santo, necessariamente temos de encarar esse problema. É um dos mais misteriosos problemas relacionado com a vida cristã, com a fé cristã, mas isso não é razão para se evitá-lo. É um problema real, porém que é um fato, e é nosso dever examiná-lo – desde que o façamos, claro, criteriosamente; desde que o façamos com sabedoria; e desde que o façamos com anseio de conhecer a verdade, e não com o fim de confirmar nossos próprios preconceitos. Muitas respostas têm sido apresentadas a essa pergunta, muitas soluções têm sido apresentadas para se explicar o perplexivo fato de que, embora a mesma vocação geral seja feita a todos, existe, não obstante, essa divisão na resposta (ao chamado do evangelho).

Ora, a mim me parece ser-nos de muita valia examinar algumas das respostas teóricas que se têm dado a essa pergunta. Há uma resposta à qual geralmente se dá o nome de resposta *pelagiana*. Aconteceu ser Pelágio um homem educado na Bretanha. Não digo isso porque seja eu admirador dele, mas como um fato! Ele foi o homem com quem Agostinho tratou com extremo vigor. A única razão que me leva a ser pessoalmente agradecido a Pelágio está no fato de que ele levou Agostinho a escrever muito com o fim de combater seu ensino errôneo!

O ensino de Pelágio consistia em que não existe tal coisa como pecado original. O ponto de vista pelagiano sustenta que os homens e as mulheres nascem e vivem numa espécie de estado neutro, que cada pessoa possui perfeito livre-arbítrio e é capaz de escolher o bem ou o mal, que pode crer na Palavra de Deus ou rejeitá-la. O Espírito Santo não faz absolutamente nada no íntimo da pessoa. A única obra do Espírito Santo, segundo esse conceito,

é que Ele produziu as Escrituras usando os homens; mas, ao fazer isso, Ele nada mais faz: daí, qualquer um que lê as Escrituras pode decidir em concordar com elas ou em rejeitá-las. Esse é o conceito de Pelágio, e ele têm muitos seguidores mesmo em nosso tempo, tanto na Igreja – infelizmente! – quanto fora dela.

Então surgiram outros que às vezes eram chamados *semipelagianos*, visto não serem tão extremados quanto Pelágio. Eles afirmavam que o Espírito Santo auxilia os homens e as mulheres, mas o amor se origina nas próprias pessoas. As pessoas desejam conhecer a Deus, querem conhecer a verdade e, em razão disso, o Espírito Santo vem a elas e as ajuda. Nesse conceito, Pelágio foi longe demais. Os homens e as mulheres não podem fazer tudo por si mesmos, eles realmente necessitam de assistência; e se revelarem esse desejo, então o Espírito Santo os assistirá. Isso é denominado de semipelagianismo, e vocês percebem a razão para que se lhe dê essa designação – esse conceito ensina uma espécie de graça cooperante. Tudo o que o Espírito Santo faz é cooperar conosco, e graciosamente nos auxilia a chegarmos a um conhecimento da verdade e da salvação.

Então, em seguida – estou alinhando as teorias na ordem em que aparecem na história, com leve variação, possivelmente, neste ponto – vem o que é geralmente conhecido como *arminianismo*. Ele originou-se com um homem chamado Armínio, um holandês que viveu no início do século dezessete. Armínio ensinou, como fez um de seus grandes seguidores, João Wesley, que os seres humanos são totalmente depravados, e são, portanto, completamente sem esperança quando entregues a si mesmos. Mas o que os arminianos continuam a ensinar é que o Espírito Santo dá suficiente medida de graça a todos quantos nascem nesta vida para aceitarem o evangelho e crerem nele. Portanto, evidentemente, o que as pessoas têm a fazer é cooperar com isso.

Alguém poderá dizer: "Ora, pois, se ele é dado a todos, por que é que só alguns crêem e outros não?"

E vem a resposta: "Ah, a explicação é que a capacidade para se crer é dada pelo Espírito Santo a todos, mas somente alguns

decidem usá-la, enquanto que os outros, não".

Esse é o ensino arminiano, e novamente vocês podem ver que há uma espécie de cooperação, mas exposta de uma forma um pouco diferente. O semipelagiano diz que é o homem quem primeiro deseja, e o Espírito Santo vem e o ajuda. Mas este conceito arminiano diz que o homem não deseja nada, que ele está morto em delitos e pecados, totalmente depravado, todavia a graça de Deus vem, no Espírito, e dá a todos a capacidade de desejar, de crer e de aceitar. Tudo, no entanto, depende dos homens e das mulheres cooperarem ou não com o Espírito. Se o fizerem, serão salvos; se não o fizerem, estarão perdidos. E esse é virtualmente o conceito que foi ensinado por João Wesley e por todos quantos o têm seguido desde então.

Ora, o ponto de vista *luterano* é diferente, e o situo aqui porque, ainda que tenha vindo antes do ensino arminiano, ele se aproxima mais estreitamente do que é comumente denominado o ponto de vista *reformado*. O ponto de vista luterano é igualmente que os homens e as mulheres são totalmente depravados, que estão mortos em delitos e pecados, que em e de si mesmos não podem fazer absolutamente nada, mas que a graça é novamente operante em todos os homens e mulheres nos primeiros estágios da regeneração. Por que, pois, alguns são salvos e alguns são perdidos? Bem, dizem os luteranos, é por esta razão: que os homens e as mulheres possuem a capacidade de resistir a operação da graça de Deus. Se a resistirem, permanecerão incrédulos e serão condenados. Se não a resistirem, serão salvos por ela. Vocês percebem a diferença entre esse (conceito) e o arminianismo? O arminianismo afirma que as pessoas devem cooperar. O luteranismo não afirma isso; ele diz que as pessoas são incapazes de cooperar positivamente, mas que são capazes de resistir negativamente. Esse é o ensino luterano histórico com respeito a essa questão, e é o que é ensinado pelos luteranos em todas as partes do mundo, até ao ponto em que são deveras luteranos ortodoxos.

Aí temos, portanto, quatro pontos de vista que têm sido formulados na história. O quinto e último é aquele que foi

denominado o ponto de vista *reformado*, que é o ponto de vista do que é ensinado nos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra. Sejamos criteriosos em fazer tal observação. Ele é ensinado simples e explicitamente nos Trinta e Nove Artigos, na *Confissão de Fé de Westminster* e nas grandes Confissões Reformadas históricas das igrejas continentais, tais como a Confissão Heidelberg, a Holandesa ou Belga e outras declarações clássicas da doutrina reformada. Aqui, também, o ensino é que os homens e as mulheres são totalmente depravados, completamente debilitados e incapazes. Como é possível, pois, que um seja salvo e o outro não? A resposta é que isso se deve à obra especial do Espírito Santo no salvar. Este ponto de vista afirma que o Espírito Santo de Deus realiza uma obra naqueles que são salvos, a qual Ele não realiza naqueles que não são salvos. Este ponto de vista fala da *graça preveniente*: graça que se antecipa e realiza sua obra nos homens e nas mulheres, capacitando-os a crerem. Noutras palavras, equivale, em última análise, à doutrina da absoluta necessidade de regeneração antes que qualquer outra coisa possa acontecer.

Aí estão, pois, algumas das tentativas clássicas feitas para solucionar este problema com o qual estamos todos familiarizados. "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos." O único comentário que faço é que a teoria que esposamos, e a favor da qual estamos dispostos a discutir, será determinada por nossa visão do que sucedeu à humanidade na Queda e pela nossa visão da condição de homens e mulheres no pecado como resultado da Queda. Ora, quando tratamos dessas doutrinas,* necessariamente me rendi ao ponto de vista reformado.

Devo acrescentar que aqui, talvez mais do que em qualquer outro lugar na análise das doutrinas, é vital que todos nós compreendamos que há certo limite em nosso entendimento, e que devemos aproximar-nos das Escrituras com mentes abertas e que não sejamos orientados demasiadamente por nossas próprias idéias e por nossa própria filosofia. É preciso que nos

* Vejam Volume 1, Deus o Pai, Deus o Filho, capítulos 16–18.

aproximemos da Palavra de Deus e formulemos certas perguntas: por que creio assim? Acaso os homens teriam inventado tal doutrina? Ela é ou não ensinada nas Escrituras? Afortunadamente, não somos salvos por nossa compreensão destas coisas. Dou graças a Deus por isso, porque estou plenamente convicto de que haverá pelagianos no céu, e estou plenamente convicto de que lá estarão também arminianos e luteranos. Pela graça de Deus, homens e mulheres, que podem ser confusos em seu pensamento e em sua compreensão do mecanismo da salvação, ainda podem ser salvos. Que coisa portentosa é esse fato! Se fôssemos salvos por nosso entendimento, algumas pessoas teriam vantagem sobre outras, uma vez que possuem intelecto mais privilegiado e maior capacidade. Não somos salvos por isso.

"Muito bem", dirá alguém, "se não somos salvos por nossa compreensão desses assuntos, por que então nos preocuparmos com eles?"

Ah, creio que essa é uma pergunta insensata! "Preocupamo--nos", sim, para usar o termo do inquiridor, porque as Escrituras têm muito a dizer acerca do tema. Não só isso – todos os filhos de Deus devem estar desejosos de compreender tanto quanto possível. Irei ainda mais longe. Se eu fosse apresentar minha própria experiência, eu o faria da seguinte maneira: não conheço nada que seja mais energizante para a fé, nada que edifique mais minha segurança, nada que me transmita mais certeza da bem--aventurada esperança para o que estou destinado, do que compreender a doutrina cristã, do que compreender o método, sim, o mecanismo da salvação. Eis por que eu, pessoalmente, me "preocupo" com ela. Não é um interesse intelectual, ainda que ela seja fascinantemente interessante do prisma do intelecto, mas confesso francamente que estou preocupado, primariamente, por uma razão mais prática: ela é por demais consoladora, por demais fortalecedora, por demais edificante.

Noutras palavras, vocês descobrirão, como já indiquei muitas vezes antes, que aqueles que "são levados ao redor por todo vento de doutrina" (Ef. 4:14) são pessoas extremamente

indolentes em estudar doutrina. Costumam dizer: "Não estou interessado em doutrina!" – e essa é precisamente a razão por que crêem numa doutrina errada. Não têm nenhum método de discriminar; não têm nenhum critério pelo qual possam avaliar os ensinamentos. Dizem elas: "A única coisa que me importa é que estou salvo!" – e em seguida vocês as encontrarão correndo após as últimas seitas ou heresias. E assim consideramos estas coisas, ainda que não sejam essenciais à salvação, visto que, no viver real e nos detalhes práticos da vida cristã são realmente de muito grande importância.

Havendo dito isso, pois, deixem-me anunciar que minha conclusão, portanto, neste ponto, é que o Espírito Santo realiza uma obra especial naqueles que serão salvos, a qual Ele não faz naqueles que permanecerão perdidos.

Em seguida, trago a lume outra questão, a qual, em certo sentido, é ainda mais desconcertante e perplexiva. Essa foi a razão por que lhes disse no princípio que pude citar-lhes as palavras de Paulo: "Na verdade, entre os perfeitos falamos sabedoria"; esse é a minha avaliação de sua posição, de sua capacidade e de seu desejo de conhecer a verdade. Não sei se vocês o compreendem, mas estou lhes fazendo um grande elogio! A próxima pergunta, portanto, que examinaremos, é esta: se existe uma obra especial que é realizada nas almas daqueles que estão para ser salvos, em que ordem o Espírito Santo faz isso?

Vocês já pensaram nisso? Ora, as grandes autoridades, os grandes doutores da Igreja, os grandes teólogos dos séculos, aqueles santos varões de Deus, têm escrito volumes sobre isto, e têm discorrido sobre o que denominaram de *ordo salutis* – a *ordem da salvação*. Mais uma vez confesso francamente que descubro nela um tema muitíssimo fascinante, e que gastei considerável parte de meu tempo na preparação desta preleção, no exame desta grande questão. Encontro dificuldade para entender pessoas que se valem de palavras cruzadas e coisas afins para descobrirem uma fascinante matéria de combinação! Pensem nisso: quais são os passos e os estágios? Qual é o procedimento do Espírito para realizar essa obra? E as respostas

apresentadas têm sido quase intermináveis.

Ora, as Escrituras mesmas não nos apresentam nenhuma ordem precisa. De certa forma, a passagem mais aproximada é Romanos 8:28-30, onde lemos: "E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" – notem bem! "Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou" – Paulo dará prosseguimento à ordem agora –"a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou."

Essa é a ordem. Não é? Predestinou, chamou, justificou e também glorificou. Sim, é uma ordem, porém infelizmente não é uma lista completa. O apóstolo não estava interessado, aí, em nos fornecer uma lista completa; ele tinha em mira um propósito especial. Ele estava interessado na glorificação e queria garantir essa lista, por isso apenas introduziu os passos essenciais. Observem que ele não fez nenhuma menção da santificação.

Essa é uma das passagens; há ainda outra, e os luteranos gostam muito de usá-la. Em Atos, capítulo 26, vocês encontrarão uma ordem pressuposta na comissão apresentada pelo Senhor Jesus Cristo ao apóstolo Paulo na estrada de Damasco: "Livrando-te deste povo e dos gentios, aos quais te envio" – para quê? – "para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de satanás a Deus, para que recebam remissão de pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim" (Atos 26:17,18). Uma vez mais, porém, essa não é obviamente uma lista completa, uma lista perfeita. Não trata dela suficientemente in extenso. Há uma ordem pressuposta, mas não se desenvolve o bastante.

Ora, como já os lembrei, é quase impossível encontrar duas pessoas que concordem sobre esta questão da ordem da salvação. O que é muitíssimo interessante é que até mesmo as pessoas que pertencem às cinco diferentes escolas que já mencionei não concordam entre si. Vocês poderão consultar as autoridades

reformadas, e descobrirão que raramente duas delas porão todos esses itens precisamente na mesma ordem. E assim também aqui, não podemos chegar a uma precisão. Por que não? Qual a dificuldade? Bem, naturalmente que a dificuldade está no fato de que a ordem depende inteiramente de como vocês se aproximam da questão.

Pois bem, há, em qualquer caso, duas formas principais pelas quais vocês podem aproximar-se dela. Vocês podem imaginar essa ordem de salvação na mente de Deus: Deus, em Sua santidade, olhando para os homens e as mulheres no pecado, em decorrência da Queda, e elaborando o plano de salvação. Deve ter havido uma ordem. Podem ponderar isso, se quiserem, como uma espécie de ordem lógica na mente do Eterno. Então outro recurso óbvio, e é quase exatamente o oposto, é imaginar essas coisas de uma maneira temporal, da forma em que elas sucedem no tempo e na experiência.

Ou, vocês podem imaginar essa ordem de uma forma puramente objetiva. Em vez de imaginar o que lhes está sucedendo experiencialmente, poderão dizer: "Ora, quais são as coisas que precisam acontecer a homens e mulheres antes que venham a ser salvos, e em que ordem provavelmente sucederiam?" Eis aqui um ponto de vista objetivo. E em seguida vocês poderão lançar mão do ponto de vista subjetivo, e dizer: "Tudo o que sei é que na prática essa é a maneira na qual isso acontece". Ora, nosso ponto de vista dessa matéria dependerá uma vez mais de nosso ponto de vista da Queda e da condição dos homens e das mulheres no pecado, em decorrência da Queda. E sugeriria que seria um interessante exercício para vocês elaborarem sua ordem de salvação de acordo com essa doutrina. Seria muito interessante descobrir o resultado.

Digo uma vez mais que isso não é algo que seja essencial à salvação. Nenhum de nós será salvo porque dispôs essas coisas na ordem certa, na seqüência correta. Uma vez mais, porém, ainda que não seja ela essencial à salvação, é deveras algo de imenso proveito e valor, e um maravilhoso exercício espiritual.

Portanto, deixem-me agora sugerir-lhes algumas ordens

possíveis. Não me prenderei necessariamente a qualquer delas, mas se as examinarem do prisma lógico e objetivo, vocês poderão muito bem considerá-las desta maneira: poderão dizer que a coisa principal e fundamental é a união com Cristo, e assim a tomam como ponto de partida. Então, em decorrência disso, põem a justificação na seqüência; e então, em decorrência disso, prosseguem com a regeneração. Dessa provém a fé, e dessa, a adoção. Em seguida podem colocar a conversão, a qual inclui arrependimento, um abandono do pecado e o crer; em seguida vem a santificação, e em seguida a perseverança.

Se, por outro lado, vocês se sentem mais dispostos a enfatizar o elemento subjetivo e ainda tentar conservar alguma ordem teológica, então poderão colocá-la assim: podem começar com o que é chamado "vocação eficaz", aquilo que faz a oferta (o chamado) eficaz nos homens e nas mulheres. Eis o primeiro elemento. Em seguida vocês podem continuar com a regeneração, e então a fé, seguida pela justificação; então vem a união com Cristo, o arrependimento e a conversão; em seguida vem a adoção, a santificação e, finalmente, a perseverança.

Mas se vocês estão dispostos a considerá-la de uma maneira puramente subjetiva e experiencial, então poderão muito bem colocá-la assim: convicção, conversão, fé, justificação, regeneração, adoção, santificação, união com Cristo e perseverança. Entretanto, embora eu tenha sugerido que essas seriam as três principais classificações, é possível variar as posições dos itens individuais quase infindavelmente. E reitero que esse exercício é de grande valor espiritual.

Deixem-me terminar, porém, dizendo o seguinte: o risco de se fazer tudo isso é torná-lo por demais cronológico. Há o perigo de introduzir o elemento *tempo* com uma proeminência demasiadamente grande e afirmar que cada um desses elementos deve seguir o outro numa seqüência temporal por demais rígida, mecânica. Ora, esse é de fato o perigo, algo que sempre conduz ao erro, visto que, em última análise, a ação de Deus está fora do tempo, e aí é onde nossas dificuldades começam. Nossa tendência é imaginar tudo da maneira como se nos ocorre, como o

experimentamos dentro do tempo. O fato, porém, de que experimentamos as coisas dentro do tempo, numa dada ordem, não significa necessariamente que essa é a ordem na qual elas acontecem.

Permitam-me que lhes apresente uma ilustração. A primeira evidência que temos do fato de que uma criança nasceu é que ela pode chorar ou gritar, mas não dizemos que, por causa disso, o grito vem primeiro. Absolutamente, não. Nascer é essencial antes que a criança possa gritar. Noutras palavras, inclinamo-nos a prestar atenção à *evidência* de vida, e dizer que isso vem antes da vida, mas obviamente não é assim. Há bem pouca dúvida em minha mente de que algumas dessas coisas nos acontecem exatamente ao mesmo tempo, e que, portanto, do prisma do tempo, vocês não devem dizer que um antecede o outro. E, no entanto, obviamente não podem falar sobre essas coisas sem imprimir-lhes certa ordem.

Tenho estado fazendo nestas preleções uma série de confissões; permitam-me que eu faça ainda outra! Fiquei um pouco preocupado se devia dizer ou não tudo o que disse nesta noite. Pus à prova essa idéia com minha esposa, e ela me disse: "Você é quem sabe; se fizer isso, vai causar confusão. É difícil. É um mistério". Confesso que era tarde da noite quando admitiu estar ela própria confusa com o assunto!

Eis minha resposta: concordo que é difícil, mas, vejam vocês, a única alternativa era que, em vez de levá-los através de tudo o que estivemos considerando, começaria prelecionando sobre a obra do Espírito Santo nos salvos, e começaria dizendo que antes de tudo consideraríamos isso, e então continuaríamos com aquilo, e assim por diante, sem apresentar-lhes minhas razões.

Mas então imaginei que alguém poderia dizer: "Sem dúvida que o primeiro elemento é a convicção; e seguramente você não pode colocar a regeneração antes da fé!" E tal pessoa teria ficado perplexa e perguntaria: "Ora, por que ele começou com isso? Por que ele pôs isso em segundo lugar e aquilo em terceiro?"

E assim conduzi vocês através desta ponderação, desta breve consideração da ordem da salvação, com o fim de apresentar-

-lhes alguma justificativa pelo que estou fazendo. Parece-me ser algo muitíssimo errôneo que alguém simplesmente se levantasse num púlpito, e dirigisse a palavra aos outros sem se explicar, o quanto possível, o que está fazendo e por que o está fazendo. Noutras palavras, não sou papa. Não creio em papas, e não creio nas afirmações *ex cathedra*. É dever de qualquer pessoa que tente explicar verdades bíblicas justificar o que está afirmando, e essa é a razão por que digo que é importante que examinemos essa questão da ordem. E à medida que continuamos agora a avaliar os vários detalhes na ordem, creio que vocês compreenderão que não estiveram desperdiçando o seu tempo, mas que estamos baseando a ordem em nossa compreensão do que sucedeu quando o homem caiu, o resultado do pecado original, o estado do homem numa condição de caído e perdido. Não podemos alegar que uma ordem seja necessariamente mais perfeita do que outra; apesar de tudo, porém, creio ser nosso dever e obrigação ver que nossa ordem de examinar estas coisas, enquanto as consideramos, seja conforme o ensino das Escrituras.

7

A VOCAÇÃO EFICAZ

Ao prosseguirmos agora à análise detalhada do que precisamente o Espírito Santo faz por nós na aplicação da redenção, devo lembrá-los de que não estou insistindo em que a ordem que seguirei é necessariamente a única correta e, é claro, nem necessariamente a ordem cronológica.

"Então, como você chegou à sua ordem?" alguém perguntaria. Minha resposta é que tento principalmente conceber esta obra sendo efetuada dentro de nós do prisma de Deus na eternidade olhando para homens e mulheres no pecado. Essa é a forma que me atrai mais que todas; é a forma que acho a mais útil. Isso não detrai em nada da experiência ou do prisma experiencial. Alguns enfatizariam isso e teriam sua ordem segundo a experiência, mas acontece que sou uma dessas pessoas que não se contentam com a mera experiência. Quero saber algo sobre essa experiência; quero saber o que estou experimentando, e saber por que estou experimentando e como isso aconteceu. A criança é quem se sente contente com o mero desfrute da experiência. Se vamos crescer na graça e avançar e exercitar nossos sentidos, como o autor da Epístola aos Hebreus o coloca (Heb. 5:14), então devemos necessariamente formular certas perguntas e desejar fervorosamente saber como as coisas que nos têm sucedido realmente vieram a suceder.

Minha abordagem, portanto, é esta: existe a verdade do evangelho, e já vimos que ela faz parte da obra do Espírito Santo assegurar que essa verdade seja proclamada a todos, sem acepção. É a isso que chamamos *vocação geral* – uma espécie de oferta universal do evangelho. Então vimos que, ainda que o chamado externo ou geral venha a todos, tanto aos que permanecerão não salvos quanto aos que serão salvos, obviamente surge alguma nova distinção, visto que alguns são salvos por ele. Assim, a

pergunta que devemos agora considerar é: o que é que estabelece a diferença entre os dois grupos?

E a maneira de responder a essa pergunta, parece-me, é dizer que o chamado do evangelho, que tem sido dirigido a todos, é *eficaz* só em alguns. Ora, há uma porção das Escrituras que constitui uma perfeita ilustração desse fato. Os seguidores de Cristo que eram descritos até como "discípulos", se dividiam em dois grupos. Um grupo decidiu que jamais O ouviriam novamente. Eles O deixaram e se foram para casa. E quando Ele Se voltou para os outros, e perguntou: "Quereis ir embora também?", Pedro respondeu: "Senhor, para quem iremos? Tu tens a palavra de vida eterna" (João 6:67,68). Um grupo não creu e se foi para casa; o outro, que ouvira exatamente as mesmas coisas, permaneceu com Ele; queria ouvir mais, e se regozijou em Sua palavra. O que faz a diferença? É que a palavra foi eficaz no caso dos salvos de uma maneira que não foi eficaz no caso dos não-salvos que a rejeitaram.

Aqui temos, pois, algo completamente óbvio. Podemos dizer que além do chamado externo há o chamado eficaz, e que o que faz uma pessoa salva e genuinamente cristã é que a vocação do evangelho lhe veio com eficácia. Permitam-me que lhes apresente algumas passagens bíblicas que estabeleçam esse fato. A primeira, Romanos 8:28,39, é a grande confirmação desta verdade. "Sabemos", diz Paulo, "que todas as coisas operam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus...", não para todos, mas "*para aqueles que amam a Deus*". Quem são eles? "Aqueles que são chamados segundo o seu propósito", e Paulo prossegue: "Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". Os salvos são descritos como aqueles que são *chamados*. E eles têm sido chamados de uma maneira que os outros não o foram. Essa é, portanto, uma afirmação bíblica desse chamado eficaz.

Ainda outra passagem pode ser encontrada em 1 Coríntios

1:2. Ela é uma declaração que vocês encontrarão em outros lugares, ou seja, "à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos...". Não é simplesmente que são chamados santos, mas são *chamados para serem* santos. E então, nesse mesmo capítulo, o apóstolo o repete. Diz ele: "nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos" – notem bem –"mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (1 Cor. 1:23,24). Ora, há pessoas para quem a pregação de Cristo não passa de loucura; são os não-salvos. Os salvos, contudo, ele novamente os descreve como aqueles que são *chamados*.

Permitam-me apresentar-lhes outro exemplo. Tomem aquela grande declaração feita pelo apóstolo Pedro: "Mas vós" – sua referência é aos cristãos autênticos – "sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Ped. 2:9,10). Deus os chamara, e porque eles são os salvos, Ele os chamou eficazmente. O chamado do evangelho tem alcançado muitos outros, esses, porém, não são as pessoas de quem Pedro está falando. Ele está falando das pessoas que correspondem ao Israel segundo a carne, no Velho Testamento. Ele lhes aplica a mesma terminologia que era aplicada aos filhos de Israel, assim como os Dez Mandamentos e a lei moral lhes foram entregues. Pedro usa as mesmas palavras – eles são os chamados, o "Israel de Deus", chamados para expressar Seus louvores. Ora, é óbvio, pois, que nessas pessoas o chamado foi eficaz; esse é o ensino dessas Escrituras.

Há, porém, outro argumento que declara isso perfeitamente. Qual é o significado do termo *igreja*? Somos membros da Igreja Cristã. No entanto, o que ela é – o que ela significa? Qual é a conotação do termo? Bem, a palavra *igreja* traduz a palavra grega, *ecclesia*; e a *ecclesia* significa "os chamados para fora". Uma igreja é um ajuntamento de pessoas que foram extraídas, chamadas para fora, separadas em decorrência desse chamado. Como Pedro o coloca: "que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa

luz". Aí está o significado desse termo *igreja*. E conseqüentemente essa mesma palavra é em si mesma e por si mesma suficiente para estabelecer a declaração de que obviamente existe uma tal coisa como vocação eficaz, porquanto a mesma mensagem tem chegado a outros, mas eles não têm sido chamados do mundo para a Igreja.

Qual, pois, é a diferença entre o chamado externo e este chamado que se tem tornado eficaz? E a resposta seria que este é um chamado interno, um chamado espiritual. Não é simplesmente algo que vem de fora para uma pessoa – naturalmente, vem de fora, entretanto, além desse chamado externo que vem a todos, há um chamado interno que vem àqueles que são destinados a ser cristãos, e esse é um chamado eficaz. O contraste, portanto, é entre externo e interno ou espiritual.

Agora quero ir ainda mais longe e mais uma vez apresentar-lhes provas bíblicas do fato de que existe um tal chamado interno e espiritual. Temos olhado a ele apenas de forma geral nas Escrituras que lhes tenho apresentado até aqui. Elas são simplesmente designações, descrições. Por isso desejo apresentar-lhes textos bíblicos que especificamente declaram que isso é algo que ocorre no íntimo; e antes de tudo vamos para o sexto capítulo do Evangelho de João. Incidentalmente, esta doutrina particular é ensinada muito mais claramente – se podemos usar tal comparação – por João do que pelo apóstolo Paulo. Certas pessoas às vezes tendem a pensar que esta é uma doutrina contemplada só na mente de Paulo, mas ela é muito mais evidente no Evangelho de João, e particularmente neste grande capítulo 6.

Aqui, no versículo 45, está uma afirmação dela: "Está escrito nos profetas: e serão todos ensinados por Deus". É isso aí; Deus deu ao profeta esta informação e ele a registrou. Haverá certas pessoas que serão ensinadas por Deus, não ensinadas somente por homens, mas também ensinadas por Deus, ensinadas pelo Espírito Santo. Alguma obra interna está para acontecer. "Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu

vem a mim" (v. 45). Notem que as pessoas que vêm a Cristo são aquelas que têm sido ensinadas por Deus, aquelas que aprenderam do Pai através do Espírito, e somente essas. Ora, eis aí uma afirmação crucial. Todavia, nosso Senhor a repete mais adiante nos versículos 63-65. Seus ouvintes se escandalizaram em Suas palavras, e Ele lhes disse: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida. Mas", diz ele, "há alguns de vós que não crêem". E João adiciona: "Pois Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que o havia de entregar". Eles responderam ao chamado externo, e acreditaram que eram cristãos. Aqui se faz evidente que não o eram; nunca haviam sido ensinados por Deus. Apegaram-se à forma externa, à palavra externa, e não haviam recebido o Espírito. João continua: "Por isso vos disse que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido". E o Pai não concedera a essas pessoas (o chamado interno), por isso retrocederam e foram para casa. Mas Ele o concedera aos outros, por isso ficaram e se alegraram nele. Eis aí a prova de que existe este chamado espiritual, este chamado interno. E é isso que faz o chamado ser eficaz.

Ou tomem outra declaração. É aquela de Efésios 1:17. Paulo ora pelos efésios: "para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele". Noutras palavras, não podemos ter conhecimento dEle, a menos que Ele nos dê o Espírito de sabedoria e de revelação – ambas são absolutamente essenciais. E essa foi a razão por que Paulo orou para que pudessem ter o Espírito, foi para que pudessem desenvolver-se de forma crescente neste conhecimento de Deus. Sem essa obra do Espírito não podemos alcançar tal conhecimento. Mais uma vez, em Efésios 2:8, lemos: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus". E então, naturalmente, temos Filipenses 2:12,13, onde Paulo diz a mesma coisa: "efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar...". Deus efetua uma obra interna, e é em decorrência disso que somos capacitados "a

querer e a efetuar segundo o seu beneplácito".

Em 1 Tessalonicenses 1:5, Paulo faz uma declaração muitíssimo importante em conexão com esse fato: "porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção". Ora, se vocês lerem essa Epístola, especialmente os primeiros dois capítulos, descobrirão que o apóstolo continua reiterando essa declaração de diferentes formas. Afirma que receberam a palavra que chegou a eles, "não como palavras de homens, mas (segundo ela é na verdade) como palavra de Deus" (1 Tess. 2:13). O que ele tinha em mente, porém, quando diz: "porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras"? Ele veio em palavras, é claro, o apóstolo estava *falando*, mas não foi isso que converteu aqueles tessalonicenses idólatras em santos. O que foi, então? Foi que ele lhes chegou "em poder e no Espírito Santo e em plena convicção". É essa obra interna que converte as pessoas de pecadoras em santas; essa é a pregação em demonstração do Espírito e de poder.

E, aliás, o apóstolo faz uma afirmação muitíssimo similar em 2 Timóteo 2:25. Aí ele está ensinando ao jovem Timóteo como lidar com certas pessoas que se lhe opunham. Diz ele: "corrigindo com mansidão os que resistem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade". Timóteo, diz Paulo, eu quero que você instrua essas pessoas que se lhe opõem, e meu motivo para fazer isso é este: não é para lhe sugerir que você, com seus argumentos ou lógica, possa convencê-los. Se Deus não fizer neles essa obra, jamais reconhecerão a verdade; mas se Deus operar, então a reconhecerão. Aliás, há uma declaração, a qual podemos encontrar mais de uma vez nos Evangelhos, e a qual já citamos, que realmente diz tudo numa só frase: "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mat. 22:14). Tomem a mesma, especialmente em seu contexto da festa de núpcias. "Muitos são chamados" – esse é o chamado externo –"mas poucos escolhidos" – esse é o chamado eficaz.

E assim, pois, o próximo passo que vamos dar é este: já

vimos que as Escrituras ensinam que os salvos são os eficazmente chamados, e que são eficazmente chamados em virtude da obra que prossegue no interior deles. "Mas", alguém poderia perguntar, "por que tudo isso?" E a resposta é que isso é absolutamente essencial. Sem essa obra no íntimo, ninguém jamais se tornaria cristão; ela é uma necessidade absoluta. Permitam-me apresentar-lhes uma prova disso. "Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito" (Rom. 8:5). Ora, a *Revised Standard Version* o coloca assim: "Os que são segundo a carne se interessam pelas coisas da carne; e os que são segundo o Espírito, ou no Espírito, se interessam pelas coisas do Espírito". O homem natural ou a mulher, porém – os que são "segundo a carne" – não se interessam absolutamente pelas coisas do Espírito. Elas são para eles insípidas, entediantes e desinteressantes. Eles as consideram como uma perda de tempo e as odeiam. Mas os que são segundo o Espírito se interessam pelas coisas do Espírito: "Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto" – e esse é o argumento final – "a inclinação da carne é inimizade contra Deus" (vv. 6,7).

Ora, esse é um argumento muitíssimo forte, porém é verdadeiro. Os homens e as mulheres, como eles são por natureza em decorrência da Queda, vivem em inimizade contra Deus. "A inclinação da carne... não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser; e os que estão na carne não podem agradar a Deus" (vv. 7,8). Ao meu ver, essa é uma declaração final. Os homens e as mulheres, por natureza, são opostos a Deus; odeiam a Deus e não têm nenhum interesse nEle, nem estão interessados nas coisas de Deus. Dessa declaração do apóstolo deduzo que a obra interna do Espírito é uma necessidade absoluta antes que alguém possivelmente creia no evangelho de Deus e o aceite e se regozije nele.

Entretanto, prossigamos e examinemos outros argumentos semelhantes. Tomem a famosa declaração em 1 Coríntios 2:14: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas

se discernem espiritualmente". Essa é uma declaração categórica, mas não se transforme repentinamente em filósofo dizendo: "Bem, se isso é verdade, então não entendo isso nem aquilo". Não, encaremos as declarações das Escrituras. Estamos tratando com coisas além de nossa compreensão. Estamos tratando com os propósitos inescrutáveis de Deus, e se vamos ser bastante tolos em estabelecer nossos entendimentos e nossa filosofia contra essas declarações categóricas, então merecemos permanecer nas trevas. Não devemos aproximar-nos das Escrituras com um conceito tal de nós mesmos que imaginemos poder entender tudo – não podemos! "Grande é o mistério da piedade" (1 Tim. 3:16), e especialmente nesta matéria. No entanto, aqui está a declaração de que o homem ou a mulher natural não somente não a recebe, mas *não pode* recebê-la, visto que estas coisas são entendidas, julgadas e discernidas espiritualmente.

Em seguida temos a declaração em 2 Coríntios 4:3,4: "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto", diz Paulo, e é evidente que o evangelho está encoberto para certas pessoas; elas o ouvem como todos os demais, mas não percebem nada nele, não o querem, blasfemam dele, tratam-no com escárnio. "Se o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto." E quem são eles? São aqueles "nos quais o deus deste século" – o diabo – "cegou os entendimentos dos incrédulos", a menos que creiam neste glorioso evangelho. Poderia haver algo mais claro? Não podem crer porque satanás cegou suas mentes, "para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus".

E então, finalmente, encontramos a declaração em Efésios 2:1: "Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" – mortos! Vocês não têm como encontrar algo mais forte que isso; essa é sua posição espiritualmente. Todas estas são declarações que provam a absoluta necessidade desta obra interna do Espírito antes que o chamado – o chamado geral e externo do evangelho – seja possivelmente eficaz.

E assim, pois, qual é este chamado interno e eficaz sobre o

qual estamos falando? Bem, o máximo que podemos dizer sobre ele – e isso deve necessariamente ser verdadeiro à luz dessas Escrituras – é que ele é aquele exercício do poder do Espírito Santo na alma. É uma operação direta do Espírito Santo em nosso interior. Ela é imediata, é espiritual, é sobrenatural e miraculosa. E sua função é fazer possível um novo modo de atividade espiritual dentro de nós. Sem esta operação, somos incapazes de qualquer verdadeira atividade espiritual; em decorrência, porém, dessa operação do Espírito Santo sobre nós, somos feitos capazes, pela primeira vez, de atividade espiritual, e é assim que esse chamado se torna eficaz, isso é o que nos capacita a recebê-lo.

Isso tudo é muitíssimo importante, e quero frisar a imediação, a ação direta. Vejam vocês, o que sucede quando o chamado atinge os homens e as mulheres eficazmente, não é simplesmente que a influência moral da verdade é exercida neles. Alguns têm chegado a pensar assim; têm afirmado que o evangelho é pregado e que a verdade exerce uma espécie de efeito moral geral sobre as pessoas. Por exemplo, a fim de lançar mão de um tema humano, um capacitado orador, um homem que espera persuadir homens e mulheres a votarem numa eleição para dado partido, pode expor o caso tão bem que é possível exercer influência moral sobre seus ouvintes. Mas não é esse o nosso caso. É uma operação do Espírito sobre os homens e as mulheres mesmos, nas profundezas. Não é o simples caso de o Espírito Santo iluminar nossas faculdades e poderes naturais. É mais do que isso. É o Espírito agindo na alma, no interior, e produzindo dentro de nós um novo princípio de ação espiritual.

Ora, tem que ser isso; e não pode ser menos que isso. Porquanto essas coisas, diz Paulo, são todas espirituais. E essa é a razão por que o homem natural não as entende; e essa é a razão por que, como os tenho lembrado com freqüência, jamais devemos deixar-nos surpreender ou, na mais leve extensão, desapontar ou confundir, quando alguém nos apresenta o argumento de que "o cristianismo não pode ser certo, visto que

ele se defronta com um ou outro grande homem, e o mesmo não crê nele". Quão freqüentemente vocês ouvem esse argumento! Alguém diz: "Sabe, eu não posso crer nisso, porque, se o cristianismo fosse verdadeiro, não seria possível que todos esses filósofos e cientistas, e bem assim todos esses grandes estadistas e outros mais não cressem nele".

À luz dessas coisas, isso é muito natural, e podemos entendê-lo perfeitamente bem. O maior intelecto natural não pode receber isso; ele não passa de "um homem natural". E uma mentalidade espiritual é necessária para receber a maravilhosa verdade sobre as duas naturezas numa única Pessoa; a magnífica doutrina sobre a Trindade; toda a doutrina da encarnação e da expiação, e assim por diante. Isso é verdade espiritual, e para a pessoa natural ela é completa loucura, é tolice, no dizer de Paulo. Por isso, quando o Espírito Santo nos capacita a crer nela, esse fato deve ser algo além da intensificação de nossas faculdades naturais. Não é simplesmente que Ele traz a verdade de Sua grande persuasão moral para nós. Não, e não. Carecemos de alguma nova faculdade, de algum novo princípio, e isso é a própria obra que Ele faz. Ele implanta em nosso interior este novo princípio espiritual, este princípio de vitalidade e atividade espirituais, e é em decorrência disso que o chamado geral do evangelho nos vem de uma maneira eficaz.

Por isso, deixem-me apresentar-lhes novamente algumas provas bíblicas dessa obra do Espírito, pois eu as tenho. Vocês encontrarão uma ilustração prática em Atos 16:14. Paulo, aqui, está pregando na cidade de Filipos. É uma passagem muito crucial para nós, visto que foi a primeira visita do apóstolo à Europa, e foi a primeira vez que o evangelho cristão foi ali pregado. E não se deve esquecer que o primeiro convertido que o evangelho cristão granjeou na Europa foi uma mulher chamada Lídia. Ela foi a primeira pessoa na história da Europa a quem o chamado do evangelho alcançou. Como aconteceu? Assim somos informados: "E certa mulher chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que temia a Deus, nos escutava" – como muitos outros. O apóstolo sentou-se e pregou a Palavra.

Houve um chamado externo; ele lhes relatou o evangelho, os fatos acerca do Senhor Jesus Cristo e o significado dos fatos. Ele disse tudo isso, e somos informados que entre esses ouvintes estava uma mulher chamada Lídia, e que ela ouvia essas coisas, como muitos têm ouvido o evangelho pregado numa igreja ou numa capela, porém que foram para casa numa condição incrédula, e têm morrido como incrédulos. O que foi, pois, que fez a diferença no caso de Lídia? Notem! "... e o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia."

Aí está perfeitamente. A Palavra é pregada, sim, mas os ouvintes não lhe prestam atenção. Olham uns para os outros enquanto ela está sendo pregada, ou escrevem em seus livros ou recitam poesias para si mesmos ou estão sorrindo uns para outros. Em certo sentido eles a ouvem, porém não atentam para ela, e vocês não podem ser salvos até que atentem para ela. O que fez Lídia atentar? A resposta é: "*o Senhor lhe abriu o coração*". O Senhor pôs algo em seu coração, esta obra interna, e em decorrência disso foi que ela prestou atenção, e ela percebeu o evangelho e o recebeu. O chamado externo se converteu em chamado interno, o chamado geral se converteu em chamado eficaz. Ela creu e foi batizada, e bem assim sua casa. É inequivocável – em o Senhor abrir-lhe o coração estava a diferença; se não fora isso, ela jamais teria crido.

E em seguida, naturalmente, temos uma grande afirmação teológica em 1 Coríntios 2:10-15. Paulo acaba de afirmar que os príncipes deste mundo não conhecem a sabedoria secreta de Deus, "porque, se a tivessem compreendido, não teriam crucificado o Senhor da glória" (v. 8). Os príncipes tinham ouvido acerca destas coisas, mas não tinham crido. Nós, porém, cremos, diz Paulo. Por quê? Qual é a diferença entre nós e os príncipes do mundo? É esta "Mas" – e aí está o contraste – "Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito perscruta todas as coisas, mesmo as profundezas de Deus. Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? Assim também" – notem isto – "as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus". Ninguém

pode conhecê-las, unicamente o Espírito de Deus é quem as pode conhecer. "Ora, nós não temos recebido" – nós os crentes, os cristãos – "o espírito do mundo, mas, sim, o Espírito que provém de Deus" – por quê? – "a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus; as quais também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito Santo, comparando coisas espirituais com espirituais. Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual" – e o somos, graças a Deus! – "julga" – discerne, entende – "todas as coisas, enquanto ele por ninguém é discernido. Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo".

E uma vez mais poderia remetê-los a Efésios 1:18 e a 1 Tessalonicenses 1:5, e bem assim a Filipenses 2:13. Noutras palavras, há provas positivas dessa afirmação de que é a operação interna do Espírito Santo na alma e no coração dos homens e das mulheres que os traz a uma condição em que o chamado pode tornar-se eficaz. E quando o Espírito o faz, naturalmente, é absolutamente certo, e por essa razão algumas pessoas têm usado o termo – o qual não me agrada – *graça irresistível*. O termo não me agrada porque transmite a impressão de que algo aconteceu, o qual tem martelado a vontade de uma pessoa, abatendo-a e machucando-a. Mas o caso não é esse. Sucede que o Espírito Santo implanta um princípio em meu interior, o qual me capacita, pois pela primeira vez em minha vida discirno e apreendo algo desta gloriosa, desta extraordinária verdade. Ele opera em minha vontade. "Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade." Ele não me assalta; Ele não me golpeia; Ele não me coage. Não, graças a Deus, o que Ele faz é operar em minha vontade para que eu deseje essas coisas e me regozije nelas e as ame. Ele guia, Ele persuade, Ele age em minha vontade de uma maneira tal que quando Ele o faz, o chamado do evangelho é eficaz, e ele é certo,

e ele é seguro. A obra de Deus jamais falha, e quando Deus opera num homem ou numa mulher, a obra é eficaz.

Portanto, permitam-me que insista com vocês a considerarem essas grandes passagens das Escrituras que tenho posto diante de vocês. Estudem-nas, orem sobre elas, meditem nelas. E quando vocês assim procederem, creio que concordarão comigo que só há uma coisa a dizer, e é o seguinte:

Devedor unicamente à misericórdia,
Do *pacto de misericórdia eu canto.*
– Augustus Toplady

Eu sou o que sou pela graça de Deus, e tão-somente por ela.

8

REGENERAÇÃO UMA NOVA DISPOSIÇÃO

Na preleção anterior vimos que a Bíblia ensina que no caso dos salvos há um chamado eficaz. Esse chamado lhes vem de uma forma tal que o aceitam, e compreendemos que esse é o resultado da obra do Espírito Santo em cada pessoa; é uma obra sobrenatural que faz o chamado ser eficaz nos crentes, nos salvos. Claro, porém, que mesmo isso não põe um fim à nossa consideração dessa questão.

Devemos então perguntar: o que é que o Espírito Santo faz para capacitar aos que se tornam crentes, os quais são salvos dessa maneira para crer na verdade? O que exatamente faz Ele a fim de tornar o chamado geral em chamado eficaz? E a resposta é: a *regeneração*. Ora, vejam vocês a ordem em que estamos considerando estas doutrinas. Anteriormente, passamos algum tempo examinando a ordem da salvação, a ordem em que estas coisas devem ser analisadas, e esta me parece ser a ordem inevitável: o chamado geral; sim, eficaz, porém, nos salvos. O que o torna eficaz? O Espírito Santo que regenera.

É interessante observar a relação entre este chamado eficaz e a regeneração. Há um sentido, naturalmente, em que a regeneração precede o chamado eficaz.

"Ora, por que você os pôs nessa ordem?", alguém poderia perguntar.

Foi pela seguinte razão: havendo começado com o chamado geral, notamos a existência dessa divisão nos dois grupos, e é evidente que ele deve ser eficaz em alguns e em outros não. Quando vocês perguntam o que o torna eficaz, a resposta é: a regeneração. Considerado do prisma eterno, porém, eles vêm na outra ordem, e o que ocorre é que o chamado geral é atendido pelo regenerado. Noutras palavras, o chamado se torna eficaz

em virtude de serem regenerados. Eis aí uma questão amplamente técnica, no entanto creio que seja bom termos essas coisas claramente em nossas mentes.

Aqui, então, está esta grande, central e vital doutrina da regeneração. Não pode haver dúvida alguma que, de nosso prisma, esta doutrina, juntamente com a doutrina da expiação, é incomparavelmente a mais importante doutrina de todas as demais, e há um sentido em que simplesmente não podemos entender a doutrina cristã e a verdade cristã sem estarmos esclarecidos acerca da doutrina da regeneração. E no entanto eu afirmaria que esta doutrina é séria e lamentavelmente negligenciada entre nós. Oh, eu sei que ela é mencionada ocasionalmente, e que certas pessoas falam levianamente e em termos gerais sobre "nascer de novo". Mas, até que ponto as pessoas a estudam? Até que ponto realmente temo-la examinado e descoberto o que ela exatamente significa?

Há indubitavelmente uma falha quanto a isto. Examinem os diversos livros de hinos e vocês se sentirão, creio eu, chocados com a pobreza de bons hinos sobre o tema da regeneração. Já vimos que há um defeito na maioria dos hinários com respeito a hinos doutrinais vigorosos sobre o Espírito Santo. Os hinos que possuímos são superficiais, subjetivos e geralmente sentimentais. E, ao meu ver, a mesma coisa pode ser dita com respeito a essa grande doutrina da regeneração. Isso é importante, creio eu, porque não há dúvida, como espero mostrar-lhes, que esta doutrina é absolutamente essencial. Por que é que persistimos em parar somente com a idéia do perdão, e falhamos em compreender que esta outra doutrina nos é tão essencial como a doutrina da expiação que nos conduz ao perdão de nossos pecados?

A única outra observação que faria é esta: sempre estive convencido, e agora estou mais convencido do que nunca, de que as pessoas que têm problemas com estas grandes doutrinas da graça, geralmente vivem assim porque nunca puderam compreender claramente a importância e o significado da doutrina da regeneração. Se apenas compreendêssemos isto

claramente, a maioria dos outros problemas se dissolveria. Mas, naturalmente, se não estamos esclarecidos sobre isto, se não compreendemos exatamente o que nos sucedeu na regeneração, então é mais que natural que estejamos em dificuldades acerca da vocação eficaz e de muitos outros temas.

Portanto, aproximemo-nos de nosso tema simplesmente considerando em primeiro lugar os vários termos que a própria Bíblia usa em relação a este grande acontecimento que o Espírito Santo efetua em nosso interior. Em primeiro lugar, temos a palavra *regeneração* propriamente dita. Em Tito 3:5, o apóstolo Paulo fala de "o lavar da regeneração". Essa é de fato a única ocasião em que se usa a palavra "regeneração" no Novo Testamento para descrever este grande e decisivo acontecimento na história da alma salva.

Em seguida temos um segundo grupo de termos que significam *criar* ou *criar outra vez*, *produzir* ou *dar à luz*; e há um bom número desses. Em João 1:13, por exemplo, no prólogo desse Evangelho, lemos: "os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus." Em seguida temos todas aquelas referências na conversação de nosso Senhor com Nicodemos, em João 3:3,4,5,6,7 e 8. E vocês encontram a mesma palavra em diversas passagens na Primeira Epístola de João: 1 João 2:29; 3:9; 4:7; 5:1. "Nascido de Deus" é uma grande afirmação em 1 João.

A seguir, há outra palavra que dominantemente comunica a idéia de *produzir* ou *gerar*. Isso se encontra em Tiago 1:18, onde se lê: "Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas". Então temos um grande grupo de palavras que contêm o significado de *criar*. Lemos em Efésios 2:10: "Porque somos feitura sua, criados em Cristo...". Está também em 2 Coríntios 5:17: "Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é" – uma nova criação. Em Gálatas 6:15, lemos: "Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão é coisa alguma, mas, sim, o ser uma nova criatura", ou uma nova criação; e uma vez mais, em Efésios 4:24: "e a vos revestir do novo homem, que segundo

Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade". Outra vez esse é um termo usado para descrever este espantoso acontecimento na história da alma: consiste numa nova criação.

E finalmente temos a palavra *vivificar*. Ora, o exemplo disso está em Efésios 2:5, onde lemos: "estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)". Talvez ficarão surpresos que eu não cite Efésios 2:1, que lê-se: "Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados". A expressão sobre vivificar, porém, não está ali no original, ela tem sido preenchida pelos tradutores à guisa de compreensão, e corretamente. Existe só mais um exemplo dessa palavra, e está em Colossenses 2:13: "e a vós, quando estáveis mortos nos vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-nos todos os delitos". Ela é o paralelo, naturalmente, à afirmação em Efésios 2:5, algo com que nos deparamos constantemente nessas duas Epístolas.

Esses, pois, são os termos reais que se usam nas Escrituras para indicar e comunicar o ensino concernente a essa marcante mudança. Enfim, o que queremos dizer por regeneração? Ora, se lerem sobre o emprego desse termo na história da doutrina ou da Igreja, descobrirão uma grande confusão, visto ser ele um termo que fora usado vagamente, e mesmo os escritores individualmente não são consistentes em seu uso dele. Às vezes tem sido usado num sentido muito restrito; às vezes, porém, num sentido muito amplo para incluir quase tudo o que sucede ao crente – justificação e santificação, tanto quanto a regeneração – e essa é uma prática, por exemplo, nos escritores católico-romanos.

Então, ao considerarmos o que regeneração significa, a coisa importantíssima, ao meu ver, é que devemos diferenciá-la da conversão. E no entanto quão amiúde são confundidas. Mas regeneração não é conversão, e pela simples razão de que conversão é algo que fazemos, enquanto que regeneração, como lhes mostrarei, é algo que nos é feito por Deus. Conversão significa passar de uma coisa para outra, na prática; todavia esse

não é o significado de regeneração. Podemos colocá-la nesses termos: quando alguém é convertido ou sofre uma reviravolta, ele está dando prova do fato de que está regenerado. Conversão é algo que vem depois da regeneração. A mudança ocorre na vida e no viver externos dos homens e das mulheres, porque essa grande mudança primeiramente ocorreu em seu interior.

Vocês podem considerá-la assim: há toda a diferença entre plantar a semente e o resultado do plantio dessa semente. Ora, regeneração significa a semeadura da semente de vida, e obviamente isso deve ser diferenciado daquilo que resulta ou sucede dessa semeadura. Há uma diferença entre geração e nascimento. A geração ocorre muito tempo antes de se dar o nascimento. A geração é um só ato. Ela leva subseqüentemente, depois de certos processos terem prosseguimento, ao real processo do nascimento. É bom que mantenhamos as duas coisas separadas em nossas mentes, e lembremos que, quando estamos falando sobre a regeneração, estamos falando sobre a geração, e não sobre o parto ou nascimento efetivo.

Ora, o chamado eficaz entra no nascimento efetivo, e isso é o que fornece prova do fato de que os homens e as mulheres estão vivos. O chamado é eficaz: eles crêem. Sim, mas isso significa que o processo de geração, a implantação da semente de vida, já deve ter ocorrido. Acho proveitoso traçar esse tipo de distinção, porquanto nos auxiliará a diferenciar não só entre regeneração e conversão, mas também entre a regeneração e a adoção. Pois, além disso, as pessoas às vezes confundem adoção para filiação com regeneração, e todavia, clara e simplesmente, são duas coisas distintas, como veremos.

Assim, pois, definimos regeneração como sendo a implantação da nova vida na alma – isto é, regeneração em sua essência. Se vocês preferirem uma definição um pouco mais ampla, então considerem isto: é o ato de Deus por meio do qual um princípio de nova vida é implantada num homem ou numa mulher, resultando em que a disposição governante da alma é tornada santa. E em seguida o nascimento efetivo é aquilo que produz evidência do primeiro exercício dessa disposição.

Tendo colocado isso nesses termos para vocês, como uma definição precisa, prossigamos considerando a natureza essencial do que sucede quando somos regenerados. Isto é obviamente de grande importância, e por isso devemos começar com certas negativas para que sejamos plenamente esclarecidos quanto ao que a regeneração não significa e o que ela não representa.

A primeira coisa que devemos dizer, negativamente, é que a regeneração não significa que uma mudança ocorre na substância da natureza humana, e a palavra importante, aí, é *substância*. A doutrina da regeneração não ensina que a substância, a matéria prima, de que se constitui a natureza humana, ou o que quer que seja, é mudada.

Ou podemos colocá-lo assim: não devemos imaginar que se introduz alguma semente ou germe de vida – real, substancial ou física. A regeneração não é uma espécie de injeção ou infusão em nós de substância real e física. Ela não é algo físico; é uma mudança espiritual.

Em terceiro lugar, não devemos imaginar que ela signifique que há uma completa mudança em toda a natureza humana. A pessoa regenerada não se transforma em algo inteiramente diferente. A regeneração não tem esse sentido (e veremos na seqüência dessas doutrinas por que todas essas negativas são importantes). Da mesma forma, não significa que o homem se torna divino, ou que se transforma em Deus.

"Ah!", diz alguém, "Acaso não somos participantes da natureza divina?"

Sim, mas não no sentido em que de repente nos tornamos divinos. Não nos tornamos à semelhança do Senhor Jesus Cristo, com duas naturezas – humana e divina. É mister que tomemos o cuidado de excluir isso.

Ainda outra negativa é que a regeneração não significa adição a, ou subtração de, as faculdades ou a essência da alma. Ora, há pessoas que têm chegado a essa conclusão – e cada uma destas negativas é introduzida para salvaguardar contra coisas que têm sido imaginadas e ditas de vez em quando sobre a regeneração. As cinco faculdades da alma são: mente, memória,

afeto, vontade e consciência, e algumas pessoas parecem concluir que o que sucede na regeneração é que uma faculdade adicional é introduzida ou que, de uma maneira ou outra, uma ou mais faculdades são tiradas ou são transformadas. Mas essa não é a doutrina bíblica da regeneração.

E minha última negativa é que a regeneração não significa apenas reforma moral. Na verdade, algumas pessoas têm chegado a essa conclusão. Acreditam que tudo o que sucede na regeneração é que as inclinações das pessoas são mudadas, e que, em decorrência disso, elas se reformam e passam a viver uma vida melhor. Contudo, isso nada é senão reforma moral, e não regeneração.

Em seguida, lancemos mão do aspecto positivo. O que é regeneração? É, permitam-me reiterar, a implantação de um princípio de nova vida espiritual e uma mudança radical na disposição governante da alma. Deixem-me explicar o que quero dizer com isso. O importante que se deve captar é toda a idéia de *disposição*. Além das faculdades de nossas almas, há algo por trás delas que as governa todas, e isso é o que referimos como sendo nossa disposição. Tomem dois homens. Eles possuem as mesmas faculdades; no que diz respeito às suas habilidades, não se pode fazer nada para optar-se entre elas; um, porém, vive uma vida recomendável, o outro vive uma vida má. O que faz a diferença? A resposta é que o homem bom possui uma boa disposição, e essa boa disposição, esse algo que está por trás das faculdades e as governa e delas se utiliza, o impulsionam a usar suas faculdades na direção da bondade. O outro homem possui uma disposição má, e assim ele incentiva as mesmas faculdades numa direção inteiramente diferente. Isso é o que se pode dizer por disposição.

Quando vocês se põem a meditar nela, e quando se põem a fazer uma auto-análise, sua vida e toda a sua conduta e comportamento, bem como os de outras pessoas, perceberão imediatamente que essas disposições são, naturalmente, de tremenda importância. Elas são aquela condição, se o preferirem, que determina o que fazemos e o que somos. Permitam-me que

lhes apresente outros exemplos. Pensem em pessoas que possuem diferentes interesses e habilidades. Escolham duas pessoas que são mais ou menos opostas; uma que seja artista e outra que seja cientista. Qual é a diferença entre elas? Ora, vocês não podem dizer que a diferença está na faculdade intelectual, nem dizer que a diferença está nas faculdades de suas almas. Claro que não, mas há em cada pessoa uma disposição que parece determinar o tipo de pessoa que ele ou ela é. É isso que direciona as faculdades e as habilidades, a fim de que uma pessoa seja artista e outra cientista, e assim por diante. Pois bem, estou salientando este ponto para mostrar que o que sucede na regeneração é que Deus assim opera sobre nós no Espírito Santo, para que essa nossa disposição fundamental seja transformada. Ele põe um santo princípio, uma semente de nova vida espiritual, nessa disposição que determina o que eu sou e como me comporto e como uso e emprego minhas faculdades.

Permitam-me apresentar-lhes uma grande ilustração para mostrar o que tenho em mente. Tomem o caso do apóstolo Paulo. Olhem para ele como Saulo de Tarso. Não há dúvida sobre sua habilidade, nem sobre seu entendimento, nem sua força de vontade. Não há nenhuma dúvida sobre sua memória. Suas faculdades estão aí, e são claras e salientes; ele fora sempre um homem notável. Mas ei-lo aí, perseguindo a Igreja, considerando o Filho de Deus um blasfemo; e ele se dirige a Damasco, "respirando ameaças e morte", usando de todos os seus poderes para exterminar a Igreja Cristã. Vejam-no, porém, mais tarde, pregando o evangelho como jamais havia sido pregado antes ou desde então, com as mesmas faculdades, com as mesmas habilidades, a mesma personalidade, o mesmo em tudo, movendo-se, porém, na direção exatamente oposta. O que havia mudado? Não as faculdades da alma de Paulo – elas ainda são as mesmas: a mesma veemência, a mesma lógica, a mesma eficácia, a mesma prontidão em arriscar tudo, completamente; ele é, obviamente, o mesmo homem. E não obstante toda a direção, toda a inclinação, toda a perspectiva tem mudado. Ele é um homem diferente. O que lhe teria

acontecido? Agora ele possui uma nova disposição.

Estou enfatizando isso por esta boa razão: só através da compreensão desse fato é que somos capazes de entender a diferença entre regeneração e uma mudança e processo psicológicos. Vejam bem, quando homens e mulheres são regenerados, não se transformam todos na mesma coisa, como selos postais. Mas quando se tornam vítimas de um movimento psicológico, a tendência é se tornarem idênticos – uma distinção muitíssimo importante. Quando as pessoas são regeneradas os dons particulares que as constituem nos homens e nas mulheres que são sempre permanecem constantes. Paulo, segundo os lembrei, era essencialmente o mesmo homem quando pregava o evangelho como era quando o denunciava e o perseguia. Com isso quero dizer que ele era o mesmo indivíduo e que fazia as coisas da mesma maneira.Deus não intentou que todos sejamos idênticos como cristãos. Não intentou que todos falemos, preguemos e oremos da mesma forma. O evangelho não produz esse tipo de mudança, e se acreditam que a regeneração faz isso, então vocês têm uma falsa doutrina da regeneração. O que ela faz é lidar com essa disposição que está por trás de tudo, mudando-a; esse algo fundamental que determina a tendência, a conduta, o hábito. É vital que compreendamos que a mudança na regeneração se realiza na disposição.

Então, em segundo lugar, devido ao poder da disposição em nós, segue-se necessariamente, que essa mudança irá afetar a pessoa toda. Porventura alguém pensa que estou contradizendo uma de minhas negativas? Tenho sustentado que a pessoa toda não é inteiramente mudada – estaria agora afirmando o contrário? Mantenho minha negativa, mas digo que, *em princípio*, em virtude da mudança na disposição, a pessoa toda é afetada. O modo como uso minha mente será afetado, a operação de minhas emoções será afetada, e assim será com minha vontade, porque, por definição, a disposição está por trás de todas essas volições e lhes dá direcionamento. E assim, quando essa minha disposição é mudada, então me porto como uma pessoa com uma mente nova. Antes, eu não me interessava pelo

evangelho; agora me sinto muitíssimo interessado nele. Antes, não podia entendê-lo; agora o entendo.

A mudança em minha disposição, porém, não significa que agora o meu intelecto seja maior do que antes! Ao contrário, tenho exatamente o mesmo intelecto, a mesma mente. Mas, visto que a disposição governante é transformada, minha mente é operante numa esfera diferente e de uma forma diferente, de maneira que aparenta ser uma mente nova. E exatamente o mesmo se dá com os sentimentos. Um homem que costumava odiar o evangelho, agora o ama. Uma mulher que odiava o Senhor Jesus Cristo, agora O ama. E o mesmo se dá com a vontade: a vontade resistia, era obstinada e rebelde; mas agora ela deseja, é zelosa, se preocupa com o evangelho.

A próxima coisa a dizer é que essa mudança é algo instantâneo. Agora percebem a importância de se fazer diferença entre geração e nascimento efetivo? Geração, por definição, é sempre um ato instantâneo. Há um certo momento, um lampejo, em que o germe da vida entra, impregna; essa é uma ação instantânea. Noutras palavras, não há na regeneração estágios intermediários. A vida é ou não implantada; não pode ser parcialmente implantada. Não é gradual. Ora, desejo uma vez mais enfatizar esse ponto. Quando digo que ela é instantânea, não estou me referindo à nossa consciência dela, mas ao fato em si mesmo, como ele é realizado por Deus. Consciência, naturalmente, ocorre na esfera do tempo, enquanto que esse ato de germinação é coisa súbita, e essa é a razão por que ela é imediata.

E assim, a próxima coisa – e isso uma vez mais é muitíssimo importante – é que a geração, a implantação dessa semente de vida e a mudança da disposição, ocorre no subconsciente, ou, se vocês o preferirem, no inconsciente. Nosso Senhor explicou isso plenamente a Nicodemos (João, capítulo 3). É uma operação secreta, uma operação insondável, a qual não pode ser diretamente percebida por nós; aliás, não podemos nem mesmo entendê-la plenamente. A primeira coisa que sabemos sobre ela é que a mesma aconteceu, visto que somos conscientes de algo

diferente, mas isso não significa que podemos entendê-la e que realmente podemos penetrar no seu recôndito.

Permitam-me que agora lhes apresente a base autoritativa para isso. Nicodemos, como todos nós, estava tentando entendê-la. Nosso Senhor lhe disse: "se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). "Meu querido Nicodemos", disse Ele, com efeito, "você está tentando entender a diferença entre você e Eu, e o que estou fazendo. Pare com isso! Não se trata de mudar, ou de entender essa ou aquela coisa em particular; é a disposição governante de sua vida que deve ser mudada; você precisa nascer de novo. É algo por trás de todas essas faculdades que você está tentando usar."

Perguntou Nicodemos: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?" (João 3:4). Ele queria entender, e nosso Senhor continuava dando a mesma resposta, e Nicodemos continuava argüindo.

Eventualmente nosso Senhor o colocou para ele dessa forma: "O vento sopra onde quer..." Há algo de soberano nisso. Vocês não sabem quando o vento deverá vir ou ir, ele decide seu próprio tempo. Vocês não sabem onde ele começa e onde ele termina. "O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz" – vocês têm consciência de que ele está soprando – "mas não sabes donde vem, nem para onde vai" (João 3:8). Vocês não o vêem; podem ouvi-lo, podem ver as coisas balouçando ao sabor da brisa, mas não entendê-lo. Há um mistério em torno do vento, algo insondável. Vocês não podem sondá-lo ou agarrá-lo com seu entendimento, mas podem ver os resultados. "Assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (v. 8).

Certas pessoas ignoram isso completamente, porque traduzem o vento do versículo 8 como "o Espírito sopra" – o Espírito Santo. Evidentemente, porém, não tem esse sentido, não pode significar isso, visto que nosso Senhor está se valendo de uma ilustração. Ele está falando sobre o vento, a ventania, se o preferem, não o Espírito Santo, nem qualquer outro espírito. "Ele sopra onde quer, e ouves a sua voz" – vocês não podem

vê-lo, mas vêem os efeitos e os resultados – "assim é todo aquele que é nascido do Espírito." Eis aí a natureza essencial dessa grande mudança.

Portanto meu quarto ponto é que a regeneração é obviamente algo realizado por Deus. É um ato criador de Deus no qual homens e mulheres são inteiramente passivos e não contribuem em nada, absolutamente nada! Lemos em João 1:13: "os quais não nasceram" – vocês não dão à luz a si mesmos – "do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas" – inteiramente! – "de Deus". Deus implanta esse princípio, essa semente de vida espiritual. E uma vez mais, naturalmente, temos as palavras de nosso Senhor expressas a Nicodemos: "se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne" – e ela não pode fazer nada a respeito – "e o que é nascido do Espírito é espírito" (João 3:5,6). Noutras palavras, os termos são que somos *nascidos outra vez*. É algo que nos sucede; somos gerados, não geramos a nós mesmos, não podemos gerar a nós mesmos. É inteiramente obra de Deus em nós e sobre nós.

Não terminamos ainda nossa consideração dessa grande, essencial e central doutrina, mas espero que, neste ponto, a grande idéia esteja clara em nossas mentes e em nosso entendimento, ou seja, que é aí, na disposição, que Deus opera, e é Deus, através do Espírito Santo, quem faz isso. Nascemos do Espírito.

Hesito agora em usar de ilustração; vou lembrá-los, porém, de que nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo nasceu da virgem, Maria, sim, mas foi concebido do Espírito Santo. Algo comparável, similar a isso – não a mesma coisa, cumpre-me deixar bem claro – parece suceder aqui. Esse princípio de vida espiritual, essa mudança, portanto, na disposição, é algo que se realiza pelo Espírito de Deus. A natureza humana não é inteiramente mudada por ela, visto, porém, que a disposição é mudada, todo homem ou mulher é como uma nova criação. Em cada aspecto, eles são pessoas diferentes, visto que esse algo fundamental que governa todas as outras partes foi mudado neles.

As faculdades, entretanto, permanecem como antes. Jamais

tentem ser outra pessoa; sejam vocês mesmos. Deus quer que sejam vocês mesmos. Ele os fez como fez, e podem glorificá-lO melhor sendo vocês mesmos. Sejam sempre cautelosos com cristãos que falam da mesma maneira e são os mesmos em muitos aspectos; isso se assemelha mais a um fator psicológico do que espiritual. Todo homem, toda mulher, cada um individualmente, permanece o que ele ou ela era, e assim vocês retêm a gloriosa variedade nos apóstolos e na Igreja Cristã através dos séculos. Todos concomitantemente testificam do mesmo Salvador e da mesma graça, da mesma regeneração, da mesma mudança na disposição, mas revelado segundo os dons e faculdades, as inclinações e poderes que Deus concedeu a cada pessoa.

Que maravilhosa salvação, que glorioso método de redenção! Oh, como aprecio uma palavra que é usada pelo autor da Epístola aos Hebreus, no segundo capítulo. Ela descreve e define perfeitamente o que estou tentando dizer. Falando sobre esta grande salvação, o autor diz de Deus: "Porque *convinha* que aquele" – era preciso que Ele, foi o Seu modo de fazê-lo –"para quem são todas as coisas, e por meio de quem tudo existe, em trazendo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse pelos sofrimentos o autor da salvação deles" (Heb. 2:10) – convinha que Ele! E espero que todos nós, tendo considerado assim abreviada e inadequadamente esta grande doutrina, digamos a mesma coisa. É o método de salvação que convinha a Ele, ao Deus Todo-poderoso.

9

O NOVO NASCIMENTO

Permitam-me recordar-lhes que temos formulado a indagação: como é que o chamado do evangelho se torna eficaz em certas pessoas? E na preleção anterior começamos a apresentar resposta a essa indagação, dizendo que o chamado se torna eficaz nos homens e nas mulheres em decorrência da obra regeneradora do Espírito Santo. Ela se torna eficaz em razão de que nessas pessoas há um novo princípio que antes não existia, o qual as capacita a dizer *sim* a essa verdade espiritual, a essa verdade divina, a qual lhes é chegado. E essa é a diferença que há entre crentes e incrédulos, os que são salvos e os que não o são. Os últimos têm a "mente natural", e estão na carne, não são espirituais, e essa é a razão por que essas coisas nada significam para eles. Entretanto, as mesmas coisas significam tudo para os salvos, e isso porque são agora espirituais, e são espirituais em decorrência da regeneração. Iniciamos o nosso estudo considerando o que a Bíblia ensina sobre a regeneração. Consideramos os termos nas Escrituras, e então nos pusemos a examinar sua real natureza. Ela não significa uma mera mudança em algumas das faculdades da alma, é antes, algo por trás disso, o que definimos como sendo uma mudança na disposição fundamental de uma pessoa.

Ora, ao procedermos com nossa consideração, desejo enfatizar uma vez mais a profunda natureza e caráter da mudança. É algo que se enfatiza alhures nas Escrituras, o qual expressa o fato de passarmos a possuir "um novo coração" (Ez. 36:26); e "coração", na Bíblia, geralmente significa não meramente a sede das afeições, como no uso corrente, mas o próprio centro, a sede de toda a personalidade. E assim, quando as Escrituras falam sobre dar-nos um novo coração, ou um coração limpo, elas estão falando acerca do que descrevi como

sendo a disposição fundamental, aquele elemento que controla e determina tudo o mais; e a mudança se realiza aí.

Toda essa questão da regeneração, segundo vimos enquanto considerávamos o que nosso Senhor disse a Nicodemos, é, naturalmente, um grande mistério. É um milagre. É sobrenatural. Nosso Senhor a comparou ao vento com o fim de transmitir a Nicodemos, e a todos nós através de Nicodemos, a idéia de que há um sentido em que afinal não podemos entendê-la. "E ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (João 3:8). E no entanto nos convém, como nunca me cansa dizer, ir até onde pudermos. Assim, numa tentativa de tornar essa maravilhosa mudança mais ou menos compreensível para nós, passo a vocês o que eu, pelo menos, considero como sendo a melhor ilustração que tenho encontrado. É uma ilustração sugerida pelas próprias Escrituras, e é aquela de todo o processo de enxerto.

Por exemplo, vocês podem almejar desenvolver um certo tipo de pera. Ora, uma forma pela qual isso é às vezes feito é esta: vocês têm em mãos apenas um enxerto, uma porção, um broto da espécie de que preferem. Então tomam uma pereira agreste comum e fazem um corte nela, e nessa incisão que fizeram na árvore, vocês colocam esse broto, esse rebento. A seguir vocês amarram ambos juntos. E eventualmente terão uma maravilhosa pereira, produzindo somente sua espécie selecionada de pera.

Nesse ínterim, porém, vocês têm muitas coisas a fazer. Não abandonam simplesmente a árvore. O que sucede é que a força e o poder, por assim dizer, a vida e a seiva que fluem dessa pereira silvestre penetram esse broto e ele produzirá fruto. Sim, abaixo do enxerto, porém, a pereira silvestre tentará fazer sair seus próprios brotos e galhos silvestres, e insistirá em produzir seu próprio fruto. Assim se torna necessário podar esses galhos naturais. Têm que cortá-los, suprimir o supérfluo completamente e, se assim o fizerem, chegará o momento em que a árvore produzirá somente esse magnífico tipo de pera que vocês tão solicitamente cultivaram.

Vejam bem, à primeira vista parece que existem duas

naturezas numa só árvore, mas, à medida que suprimem a parte velha, a parte nova gradualmente se assenhoreará do todo, e eventualmente terão uma pereira que produzirá o tipo de fruto que desejam. Ora, ao meu ver, essa é incomparavelmente a melhor ilustração que já se usou com respeito a este assunto. Vocês estão introduzindo nova vida a fim de que numa só etapa obtenham uma só árvore, porém com duas naturezas – a cultivada, a natureza cultivada, e a natureza silvestre. Sim, porém, se ao decepar esses galhos silvestres, tomarem providências para que o vigor dessa árvore só penetre no galho enxertado, não só ele será fortalecido e produzirá seu fruto, também ele gradualmente vencerá e subjugará o outro. A parte nova parece possuir poder de enviar sua vida para baixo, à parte velha, até que eventualmente tenham a excelente pereira que vocês tanto desejavam desde o início.

Ora, nenhuma ilustração é perfeita, todavia, ao meu ver, essa vai até onde nos é possível ir. Isso é o que sucede, em certo sentido, na regeneração. Há ainda uma só existência ou natureza, e não duas existências ou naturezas. Essa nova natureza, porém, é posta dentro de nós. Somos exortados a mortificar nossos membros de natureza terrena. Temos de prosseguir podando e sujeitando a parte que pertence à velha natureza e, à medida que o fizermos, esta nova vida crescerá, se desenvolverá e produzirá fruto, e a nova natureza estará crescentemente em evidência. Estou desejoso de enfatizar este ponto, porquanto receio que possamos ir ainda mais longe e dizer que algumas pessoas, que se consideram genuinamente evangélicas, neguem totalmente a verdade e a doutrina da regeneração. Por isso desejo pôr isso de forma muito enfática. Na regeneração, uma mudança acontece, e isso em nosso interior. É muito mais do que uma mera mudança em nossa relação com a verdade ou com uma pessoa. Uma mudança ocorre em nós, e não apenas fora de nós, e ela é tão definida como a enxertadura de um rebento de pera numa pereira.

Esta, porém, não é uma mudança que perdura somente enquanto persistimos em permanecer em Cristo. Ora, há um ensino muito bem conhecido acerca da santificação que é

colocado dessa forma: a ilustração é extraída de um atiçador de brasas. Eis aí o atiçador de brasas, frio, negro e rígido, não pode ser arqueado. Por isso vocês tomam esse atiçador de brasas e o introduzem no fogo e o deixam ali. E ali no fogo o atiçador de brasas se faz rubro, quente e maleável, para que vocês o possam arquear. Ah, sim, somos informados, e tudo isso é correto, mas o atiçador permanece rubro, quente e maleável somente enquanto é ele mantido no fogo. Essa é uma ilustração de se permanecer em Cristo, e enquanto vocês permanecem nEle, essa nova vida persistirá, nos é dito, e persistirá essa nova forma de viver. Mas se vocês retiram esse atiçador do fogo, e o deixam fora, ele se reverte completamente ao que era antes; ele se torna negro, frio e rígido.

Ora, tudo isso é ensinado com o fim de mostrar a importância de se permanecer em Cristo. Dizem-nos que, se não fizermos assim, retrocederemos exatamente à condição em que vivíamos antes. Essa, porém, sugiro-lhes, é uma negação da doutrina da regeneração! Os que são cristãos, e que já nasceram de novo, podem decair; podem não persistir firmes em Cristo nesse sentido místico, mas ainda assim não voltam ao ponto em que viviam antes. Continuam nascidos de novo; este novo princípio persiste neles; a mudança ocorreu, e a mudança ainda está aí. Eles não estão manifestando-a plenamente, mas ela está aí, e não devemos descrever essas pessoas como que retrocedendo à posição exata em que viviam antes.

Dá-se exatamente o mesmo com essa outra ilustração acerca do cinto salva-vidas. O pecador é comparado a um homem no mar que não pode nadar; mas, dizem-nos, enquanto usar o cinto salva-vidas ele se manterá flutuando. Sim, mas se ele retirar o cinto salva-vidas, então submergirá para as profundezas. Ora, temos aqui uma vez mais, ao meu ver, uma negação da doutrina da regeneração, visto que se nos diz que, quando o homem não persiste, ele se encontra exatamente na mesma posição em que se encontrava antes, como se nada houvera ocorrido com ele, e nenhuma mudança houvesse se dado.

Mas, como já dissemos, a doutrina da regeneração ensina

que a mudança é uma que ocorre não meramente em nossa relação com o Senhor ou nossa relação com a verdade, e sim, é algo que Deus realiza em nosso interior. É uma nova vida implantada em nós, um novo princípio de vida e de obediência; e, portanto, claro que é algo que cresce, desenvolve-se e se torna progressivamente maior. Ouçam o apóstolo Paulo declarando isso: "Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Cor. 3:18). Ora, vejam vocês, há desenvolvimento e crescimento. Por quê? Porque esse princípio de vida foi aí implantado. Segundo Charles Wesley o coloca, baseando-se neste versículo: "Somos mudados de glória em glória, até que no céu assumamos nosso lugar". A obra está dentro de nós, e somos mudados, já não somos mais os mesmos. Todos esses termos escriturísticos seguramente deviam ter-nos livrado do erro que se encontra ilustrado nessas figuras do atiçador de brasas e do cinto salva-vidas. Estamos falando de um renascimento, de um novo nascimento, de um nascer outra vez, de uma nova criação. Cada um de nós é virtualmente uma nova pessoa.

Pois bem, não posso enfatizar isso com o merecido vigor, porquanto não só é algo ensinada nitidamente nas Escrituras, mas quando chegarmos a tratar mais adiante da doutrina da santificação, veremos necessariamente quão importante é que entendamos este ensino particular acerca da regeneração. Se não for assim, estaremos inconsciente e inteiramente negando a doutrina da regeneração em nosso anseio de induzir as pessoas a permanecerem em Cristo. É correto exortar as pessoas a fazerem isso, e o faremos quando chegarmos a essa doutrina, mas não devemos jamais expressá-la de tal forma que demos a impressão que regeneração simplesmente consiste numa nova relação com Cristo. Isso seria introduzir uma confusão muito real.

Assim, pois, tendo enfatizado o profundo caráter interno da mudança, continuemos perguntando: por que essa mudança é absolutamente essencial? Sobre que bases temos o direito de

afirmar que ela é essencial? Bem, antes de tudo, as Escrituras ensinam essa verdade. Lembro-os novamente do que nosso Senhor disse a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Em seguida Ele diz: "se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (v. 5). O renascimento é absoluta e totalmente essencial. Uma pessoa não pode nem mesmo ver o reino, muito menos entrar nele, a não ser que tenha nascido de novo.

Paulo ensina a mesma coisa em Gálatas 6:15: "Pois, nem a circuncisão nem a incircuncisão é coisa alguma, mas, sim, o ser uma nova criatura". Essa é a única coisa que importa: nem a circuncisão, nem a ausência dela, mas a nova criatura, a nova criação. E também, em Efésios 4:24, Paulo diz a mesma coisa quando descreve o novo homem, "que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade".

De muitas maneiras, porém, um dos mais importantes textos, nesta conexão, é Hebreus 12:14: "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". Santidade é algo absolutamente essencial, e, notem vocês, santidade aí não significa meramente uma santificação que vocês podem ou não receber. Sem santidade ninguém poderá ver o Senhor. Por isso não adianta dizer que alguns cristãos receberam a santificação e alguns não, e que os que ainda não a têm estão indo para o céu – sem santidade o céu é impossível. E é na regeneração que essa santidade é em nós implantada. Esta nova vida é uma vida santa, um princípio santo é colocado dentro de nós.

Aí estão as declarações explícitas das Escritutas, mas há outras declarações que ensinam a mesma coisa de forma implícita. A vida eterna é definida como um conhecimento de Deus: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste" (João 17:3). Nosso Senhor diz que Ele veio "para que tenham vida, e a tenham em abundância" (João 10:10). Ele veio para conceder-nos vida eterna, e vida eterna compreende este conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, a quem Ele enviara. E isso, por si só,

faz a regeneração uma necessidade absoluta. Deus é santo. Deus é luz, e nEle não há quaisquer trevas. Por isso, vida eterna é conhecê-lO e ter comunhão com Ele. E portanto significa, necessariamente, que minha natureza deve corresponder. Deve haver algo em mim que corresponda a isso e possa desfrutar disso.

Sim, sabemos, porém, por natureza, que os homens e as mulheres, em decorrência da Queda, e em decorrência do pecado, são o exato oposto disso. E novamente essa é a razão por que nosso Senhor o diz tão claramente ao falar a Nicodemos. Nicodemos estava tentando entender e imaginava que poderia transitar de onde estava para a próxima posição. Não, e não, diz nosso Senhor: "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito" (João 3:6), e não há absolutamente nada entre eles. Não se pode misturar carne e Espírito, isso simplesmente não pode ser feito. Não há argumento, diz Ele, a coisa é impossível. Existe o espiritual, também existe o pecaminoso, o qual pertence à carne, e não se pode ajuntá-los. Você precisa nascer de novo. Você tem de ser espiritual.

Portanto, o caráter de Deus e o caráter dos homens e das mulheres, em decorrência do pecado, tornam a regeneração essencial, porquanto não há nos seres humanos tal coisa como centelha divina inata. Naturalmente, as pessoas que crêem numa centelha divina, não crêem na regeneração, e elas são perfeitamente consistentes. Parece bastante estranho, porém, que as pessoas que denunciam a doutrina da centelha divina, não obstante demonstram crer que há algo na natureza humana que pode fazer muito, e o qual não torna regeneração uma necessidade absoluta e prioritária.

Por isso a regeneração deve vir bem no início, porque, se me é possível fazer algo que eventualmente conduza à regeneração, então não necessito de regeneração. Se eu, por mim mesmo, tal como sou em decorrência da Queda e do pecado, posso apreciar a verdade espiritual, se posso ter em alto apreço o evangelho e dizer: "Sim, eu vou prestar atenção a isso", e a seguir, em decorrência de minha atenção, chegar a nascer de novo, então

não careço do dom da vida. Se já tenho a capacidade, o poder e a discriminação para reconhecer a verdade e a desejar, então não preciso ser regenerado. Mas o fato é, certamente, que não sou possuidor de tal poder. Os homens e as mulheres, em decorrência da Queda e do pecado, não desejam essa verdade. Eles estão em inimizade contra Deus. Estão rebelados contra Ele. "A vós também, que outrora éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras más", diz Paulo (Col. 1:21). Odeiam a lei de Deus. Não têm nada a ver com Ele. São carnais, carnalmente inclinados. Eles "inclinam--se para as coisas da carne" (Rom. 8:5). Portanto, a regeneração não só é essencial, mas é essencial no princípio; nada podemos ter sem ela. É impossível que algo nos ocorra, que nos faça cristãos, enquanto a regeneração não tenha ocorrido primeiro.

Ora, isso nos conduz à próxima pergunta: como precisamente a regeneração se efetua em nós? Eis um tema muitíssimo interessante. Não é propriamente uma questão de influência moral da verdade. Os que não são evangélicos afirmam que quando as pessoas ouvem o evangelho, e quando se vêem sob sua influência e seu poder, ele as transforma. Elas apreciam as idéias e tiram proveito delas, e o efeito das idéias e da verdade é tal que elas se transformam em pessoas diferentes; são mudadas. Mas isso não é regeneração. Estamos falando de algo que ocorre nas profundezas da personalidade, e isso é o que efetua a mudança.

A influência moral pode, naturalmente, fazer uma grande diferença. Pode levar as pessoas a mudarem suas idéias. Pode levá-las a mudarem sua maneira de viver; pode convertê-las de alcoolistas em abstêmias – e isso tem acontecido com freqüência. Vocês podem apresentar argumentos e os argumentos podem causar efeito. Alguém pode abandonar completamente a bebida, tornar-se totalmente sóbrio e um advogado da temperança, sem que haja qualquer menção de Cristo. Sob o efeito moral da verdade e da influência moral das idéias, pessoas são capazes de produzir em si mesmas grandes mudanças. Contudo, isso não é o de que estamos tratando aqui.

Em segundo lugar, essa mudança tampouco é produzida pelo batismo. Essa é uma antiga controvérsia, uma antiga fonte de discussão. A igreja católica romana ensina que a regeneração é produzida e consolidada pela instrumentalidade do batismo, e somente através do batismo. Vocês precisam ser batizados antes que possam ser regenerados. Não desejo antecipar uma preleção posterior; sejamos, porém, esclarecidos neste ponto. No batismo, a igreja católica romana ensina que os nossos pecados são perdoados e que a nossa natureza moral é mudada e renovada em nosso interior. Somos informados que o batismo nos liberta do poder inerente e da polução do pecado original. Vocês se lembram de que, em decorrência da queda de Adão e de nossa relação com ele, estamos todos corrompidos, e que o poder do pecado penetrou em nós. Ora, os católicos romanos ensinam que, quando uma criança é batizada, ela é libertada do poder e da contaminação inerentes do pecado original. Tudo quanto se tem herdado de Adão é lavado, é apagado; e não só isso, mas pelo batismo somos feitos filhos e herdeiros de Deus.

Os anglicano-católicos também ensinam a regeneração batismal. E, por estranho que possa parecer, o mesmo é verdade no tocante aos luteranos. Lutero nunca se desvencilhou completamente deste conceito, e nem tampouco seus seguidores. Há uma diferença entre os conceitos luterano e católico-romano. Os católicos dizem que vocês não podem ser regenerados sem o batismo; os luteranos dizem que vocês o podem, mas que o modo costumeiro e normal é por meio do batismo. Bem, nós não ensinamos isso. Afirmamos que a regeneração não se dá por meio do batismo, que há abundante evidência escriturística só no livro de Atos para provar que as pessoas batizadas foram aquelas que apresentaram evidência de que já haviam nascido de novo. Aliás, foram batizadas *porque* haviam nascido de novo. Ele lhes foi dado como sinal e selo, uma vez que haviam produzido evidência do novo nascimento.

Para nós, porém, há uma pergunta muito mais interessante e fascinante, a saber: qual é a relação de regeneração à Palavra que é proclamada? Há uma série de textos que pressupõem que

nossa regeneração ocorre através e por meio da Palavra. Permitam-me sugerir dois deles. Tiago 1:18: "Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou *pela palavra da verdade*, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas". Em seguida temos 1 Pedro 1:23: "tendo renascido, não de semente corruptível, mas de incorruptível, pela palavra de Deus". Entretanto, vocês se lembrarão de que na última preleção tracei uma distinção entre o ato de geração e o nascer efetivo, e disse que pode haver um longo intervalo entre ambos. Agora os lembro de que ambos esses textos que acabo de citar estão interessados na efetuação do nascimento. E indubitavelmente é a Palavra que faz isso. É a vocação eficaz, vinda pela mediação da Palavra, que, por assim dizer, produz a semente de vida para vida, para que ocorra o nascimento. Mas se vocês conservam em mente a distinção entre a geração e o nascimento propriamente efetivado, creio que perceberão a diferença. A Palavra é usada, não no ato de gerar, e sim, no trazer à luz a vida que já havia sido implantada no interior.

Neste ponto alguns citariam a parábola do semeador e os diferentes tipos de solo, e enfatizariam que a vida está na semente, etc. Seguramente, porém, toda a questão dessa parábola consiste em enfatizar o caráter do solo no qual a semente é semeada. É solo rochoso? É rodeado de espinhos? E assim por diante. Ou é um solo saudável? Noutras palavras, o ensino nessa parábola é que o que realmente importa é aquele algo fundamental a que denominamos a *disposição*. E se ela foi mudada e consertada, então, quando a Palavra chega, ela será eficaz; ela conduzirá aos resultados; ela produzirá fruto.

Aliás, as Escrituras parecem ensinar isso muito explicitamente. Tomem, por exemplo, João 6:65: "Por isso vos disse", diz nosso Senhor, "que ninguém pode vir a mim, se pelo Pai não lhe for concedido". Ora, ali estavam pessoas, ouvintes da mesma Palavra e, como já vimos, algumas se achegavam, outras se afastavam – qual era a diferença? Era esta: diz nosso Senhor: "... se pelo Pai não lhe for concedido". E uma vez mais devo lembrá-los do que nos foi relatado sobre Lídia. Foi porque

o Senhor "lhe abrira o coração" para que atentasse para Paulo e recebesse a Palavra. Não foi a Palavra que lhe abriu o coração, foi o ato do Senhor. Foi isso que a levou à recepção da Palavra. Essa indubitavelmente deve ser a ordem. E o argumento de 1 Coríntios, capítulo 2, especialmente os versículos 12 a 15, obviamente ensina a mesma coisa.

Há, porém, dois argumentos finais sobre esta questão que não são apenas de grande importância, mas também, ao meu ver, de grande interesse. O que dizer sobre os santos do Velho Testamento? Ora, quando tratamos da doutrina sobre o pacto, nos esforçamos muito para enfatizar que os santos do Velho Testamento se encontram na mesma posição que nós. Há só um pacto na velha dispensação e na nova. Vocês e eu, hoje, somos os filhos de Abraão, Abraão é nosso pai, visto que somos filhos da fé. Há naturalmente uma diferença na administração do pacto no Velho Testamento e no Novo, mas apenas um único e grande pacto da graça. Nosso Senhor nos relata que Abraão, Isaque e Jacó estarão no reino, e que outros virão do oriente e do ocidente, enquanto que os judeus serão lançados fora (Luc. 13:28,29). Noutras palavras, os santos do Velho Testamento nasceram de novo. Davi nasceu de novo, ele era um novo homem, uma nova criatura, e assim o foram os patriarcas e os profetas.

O autor da Epístola aos Hebreus o expõe de forma semelhante no final do capítulo 11. Diz ele que aqueles santos não receberam a promessa na sua plenitude. Seu argumento é que ela fora retida para que eles não levassem, por assim dizer, vantagem sobre nós. Aqui está: "E todos esses, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não alcançaram a promessa; visto que Deus provera alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados" (Heb. 11:39,40). E assim somos aperfeiçoados juntamente. Se aqueles santos do Velho Testamento, porém, foram regenerados, como devem ter sido, torna-se evidente que não é a Palavra que realmente efetua o ato de regeneração. A regeneração não é algo mediato, através da Palavra, e sim, imediato. Foi o Espírito de Deus que tratou com eles e operou neles.

O outro argumento é aquele sobre os filhos, especialmente sobre as criancinhas. Ora, todos nós cremos que há infantes e crianças que têm falecido e que irão para o céu e passarão sua eternidade na presença de Deus. Não é verdade? Como, então, é possível uma criança ser salva? Obviamente, as próprias criancinhas necessitam de ser salvas. Se vocês crêem na doutrina da Queda e na doutrina do pecado original, então devem crer que toda criança é nascida em pecado e "formada na iniqüidade" (Sal. 51:5); toda criança está morta em delitos e pecados (Ef.2:21). Todas elas herdam o pecado original e a culpa original de Adão, cada criança que nasce. Como, pois, pode uma criança ser salva? Como é possível uma criança ir para o céu?

Ora, se vocês desejam insistir sobre o fato de que a regeneração sempre vem depois do ouvir a Palavra e do crer nela e do aceitá-la – como é possível uma criança ser salva? A criancinha não pode receber a verdade, ela não possui tal capacidade; ela não tem entendimento, ela ainda não acordou para essas coisas. Portanto, não haveria nenhuma esperança para a criancinha? Não cremos em tal coisa, obviamente rejeitamos tal insinuação. E a resposta é, naturalmente, que a criança é regenerada precisamente da mesma forma que qualquer outra pessoa, visto que tal ação vem desse Ser todo-poderoso, de Deus – Ele mesmo – através do Espírito Santo. Ele pode implantar a semente de vida espiritual numa criancinha inconsciente com a mesma facilidade com que o faz numa pessoa adulta. Portanto, vejam vocês a razão por que é importante que consideremos se a regeneração é algo que ocorre indiretamente através da Palavra ou se deveras é a operação direta de Deus em nós. E uma vez mais estou ensinando, como fiz na preleção anterior, que ela é imediata, direta, é Deus criando de novo como no princípio criou o mundo do nada.

E finalmente, a última coisa, à luz de tudo isso, é que obviamente a regeneração é algo que jamais poderá ser perdida. Se vocês são regenerados, permanecerão regenerados. Ao meu ver, isso é absolutamente inevitável, visto que a regeneração é obra de Deus. Todavia, há aqueles que parecem crer que as

pessoas podem nascer de novo em decorrência de crerem na verdade, e então, se desviam ou caem em pecado, ou negam a verdade, elas perdem sua regeneração. Se voltam, porém, e crêem novamente, então são regeneradas outra vez – como se alguém pudesse renascer e morrer, e renascer e morrer, numa infindável sucessão de vezes! Quão importante é saber doutrina! Quão importante é que sejamos esclarecidos quanto ao que as Escrituras ensinam acerca destas coisas! Elas nos dizem que a regeneração é obra do próprio Deus nos recessos da alma, e que Ele o faz de tal maneira que se torna permanente. "E ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai" (João 10:29).

"Porque estou certo", diz Paulo, e notemos bem isso, "estou certo" – ele tem certeza – "de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 8:38,39). E quando Paulo diz isso, ele está explicando a regeneração. Não é simplesmente o relacionamento entre nós, mas visto que Deus põe essa vida em mim, o resultado é que nada pode separar-me dEle. E quando chegarmos a tratar da união mística que decorre diretamente disso, veremos como ainda mais inevitável isso deve ser. Essa é uma obra permanente, e nada jamais lhe porá fim.

Tomem aqueles versículos da Primeira Epístola de João: "Todo aquele que é nascido de Deus não comete pecado" – o que significa que tal pessoa não prossegue a persistir no pecado. Por quê? Bem, "porque a semente de Deus permanece nele, e não pode continuar no pecado, porque é nascido de Deus" (1 João 3:9). Ele não pode continuar pecando, porque é nascido de Deus. Sejamos esclarecidos sobre isso. O homem ou a mulher que é nascido de Deus, que é regenerado, simplesmente não pode continuar – persistir – numa vida de pecado. Pode desviar temporariamente, se, porém, já nasceu de Deus, voltará. Essa volta é tão certa quanto o fato de já ter nascido de novo. Essa é uma forma de testar se alguém já é ou não nascido de novo.

Ou tomem aquela outra palavra de 1 João 2:19: "Saíram

dentre nós, mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas todos eles saíram para que se manifestasse que não são dos nossos". Tais pessoas eram membros da Igreja, aparentemente eram cristãs, diziam as coisas certas e até certo ponto sua vida parecia estar correta, mas "saíram". Por quê? Saíram "porque não eram dos nossos" – não eram regenerados. Jamais nasceram de novo. É por isso que saíram, diz João, em certo sentido, para provar o fato de que realmente nunca tiveram vida.

"O que dizer, porém, de Hebreus, capítulos 6 e 10", perguntaria alguém.

A resposta é que não há nada em qualquer um desses capítulos que pressuponha que aquelas pessoas haviam sido regeneradas. Haviam tido maravilhosas experiências, mas não há nada a dizer que tivessem nascido de novo. De fato, não nasceram de novo, e essa é a explicação. O regenerado persevera. Pode desviar; pode cair em pecado; pode fracassar; mas persevera, porque a vida está aí. Os outros podem aparentar vida cristã plena, mas, se não possuem vida, não perseverarão. A vida se revela; ela dá provas de sua existência – como iremos ver mais adiante.

10

UM FILHO DE DEUS, EM CRISTO

Vocês se lembrarão de que estamos ainda analisando esta grande doutrina da regeneração – a obra regeneradora do Espírito Santo no crente. É um tema tão vital e tão importante, que deliberadamente não me apressei com ele. Tenho posto de lado tudo acerca de forma e precisão, e tenho deixado que a grande verdade por si mesma nos oriente e nos guie. Ora, temos avaliado algo de sua natureza essencial. Temos avaliado também por que ela é absolutamente essencial, e vimos como ela é efetuada e particularmente sua relação com a Palavra. Temos enfatizado particularmente que nenhum meio é usado em nossa regeneração; ela é obra direta e imediata do Espírito em nossas almas. Além do mais, é algo que jamais poderá ser perdido; é uma obra realizada por Deus, e é uma obra de caráter permanente. Em última análise, a segurança do crente, segundo veremos quando tratarmos da doutrina da perseverança final, repousa especificamente sobre esta grande doutrina da regeneração.

Chegamos agora à consideração de um tema que, ao mesmo tempo que é essencialmente doutrinário, é igualmente muito prático. O propósito essencial destas preleções é examinarmos a doutrina, mas tenho tentado demonstrar continuamente que isto não é algo estéril e árido, teórico e abstrato. Meu interesse em doutrina é porque, além de tudo, ela me ajuda a viver melhor a vida cristã. Portanto devemos, compulsoriamente, voltar ocasionalmente a considerar a aplicação prática, e por isso desejo tratar agora dos resultados aos quais a regeneração conduz, ou, pondo em outros termos, as provas do fato de que somos regenerados. Sei que isto preocupa um grande número de pessoas, e essa é a razão por que estou reconsiderando-o. "Minha dificuldade", dizem, "é como *saber* que estou regenerado." Ora,

essa faz parte essencial da doutrina da regeneração, e essa é a razão por que o tenho denominado de *resultados* aos quais a regeneração conduz. É um tema sobre o qual a Bíblia tem muito a nos dizer.

Podemos partir deste princípio geral: a regeneração, já demonstramos, é a implantação em nosso íntimo de um princípio de vida espiritual. Muito bem, vida é algo que sempre se revela. Um bebê dá prova do fato de que ele nasceu vivo – e não natimorto – ao gritar ou ao mover-se. Vocês não podem ter vida sem algum tipo de manifestação dessa vida, e isso é verdade tanto no tocante à vida espiritual como o é no tocante a qualquer outra forma de vida. Portanto, a Bíblia tem muitas provas, as quais ela põe diante de nós a fim de ajudar-nos a saber se somos ou não verdadeiramente regenerados. A passagem clássica das Escrituras sobre isso está na Primeira Epístola de João. Certo homem escreveu um livro sobre 1 João, e muito corretamente, assim penso, deu-lhe o seguinte título: *As Provas da Vida*. E isso é precisamente o que a Primeira Epístola de João é. Sempre senti, porém, que as bem-aventuranças são igualmente uma prova de vida e de regeneração, e elas são as provas formuladas por nosso Senhor pessoalmente.

Ora, focalizemo-lo abreviadamente. Na Primeira Epístola de João há quatro provas principais que ele enfatiza constantemente. (Há outras provas subsidiárias, mas não nos ocuparemos delas.) 1 João é uma Epístola que pode ser subdividida com comparativa facilidade sob a condição de compreendermos que ela depende do reconhecimento destas quatro provas principais de vida espiritual ou do fato de que somos regenerados. Não vou considerá-las precisamente na ordem em que aparecem, e sim, como se encontram na própria seção da Epístola.

A primeira prova consiste em *crer que Jesus é o Cristo*. Diz João: "Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus... Nisso conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus" (1 João 4:1,2). Eis aí uma declaração tremenda. Significa a doutrina completa sobre o Senhor Jesus Cristo. Significa que

cremos que Ele é verdadeiramente o Deus eterno, uma das Pessoas da bendita Trindade Santa. Apliquem essa prova a alguma das seitas que enchem o mundo hoje e verão que prova vital é esta. Não basta que louvemos a Jesus Cristo, nem ainda basta que digam que Ele é o Filho de Deus. É necessário que digam que Ele é Jeová, que Jesus Cristo veio em carne – o eterno Filho de Deus, co-igual, co-eterno com o Pai – que a segunda Pessoa da bendita Trindade veio em carne. Não um corpo fantasmagórico: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14). É tudo quanto dissemos anteriormente* sobre a grande doutrina da Pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. João gosta muito de reiterar isso. Ele o diz uma vez mais no capítulo 5, no primeiro versículo: "Todo aquele", diz ele, "que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, ama também ao que dele é nascido", e assim por diante. Lembrem-se de que Paulo afirmou a mesma coisa. Diz ele: "Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Cor. 12:3). Vocês não podem declará-lo de outra forma. A pessoa que me declara que Jesus é o Senhor, e mantém o conteúdo correto nessa declaração, e não está simplesmente repetindo-o mecanicamente, está provando o fato de que o Espírito Santo está nela, de que é regenerada.

A segunda prova consiste em *guardar os mandamentos*. Essa, na verdade, é a primeira prova que João introduz: "E nisto sabemos que o conhecemos: se guardamos os seus mandamentos" (1 João 2:3). E João está incessantemente repetindo isso também; vocês a encontram em toda parte da Epístola. Ele a expressa novamente na última parte: "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são penosos" (1 João 5:3). Às vezes ele se refere a isto em termos de "fazer justiça" (1 João 2:29). Essa é a maneira de fazer distinção entre o filho de Deus e o filho do diabo, diz João (1 João 3:10). E não apenas isso; o filho de Deus, esta pessoa que é nascida de novo, não só procede assim, não só guarda os mandamentos,

---

* Ver Vol. 1, *Deus o Pai, Deus o Filho*.

mas para ele os mandamentos são deleitosos. Os mandamentos de Deus, diz João, não são pesados; eles não são contra a natureza. Os cristãos nem sempre estão escoiceando-os, desejando que não estivessem ali; eles se regozijam em guardar os mandamentos. Vocês a encontrarão novamente elaborada por Paulo em Romanos, capítulo 7. E assim, guardar os mandamentos é uma prova muitíssimo importante. Nossa relação com os mandamentos de Deus e de Cristo proclama imediatamente se somos ou não recipientes dessa bendita nova vida.

A terceira prova é que *Ele nos deu o Seu Santo Espírito*. "E nisso conhecemos", diz João no final do terceiro capítulo, "que ele permanece em nós: pelo Espírito que nos tem dado" (v. 24).

"Mas", diria alguém, "como saber se já recebi o Espírito?"

Muito bem, teremos que tratar desse assunto mais adiante, quando dermos prosseguimento à nossa análise dessa doutrina, mas um aspecto dela é certamente este: existe algo, diz o apóstolo Paulo, a que chamamos "o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rom. 8:15). Paulo o reitera em Gálatas 4:6: "Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai". O Espírito é "o Espírito de adoção", e uma das provas, portanto, de que o Espírito Santo está em nós é esta, ainda que não possamos entendê-lo plenamente, no entanto temos uma percepção, uma consciência, de que Deus é nosso Pai. Ele não é mais um Deus distante, e sim, é nosso Pai. Dizemos: "Meu Deus, meu Pai". Há ainda outras manifestações da presença do Espírito, devemos, porém, deixá-las para uma preleção subseqüente.

A última prova é que *amamos os irmãos*. "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 João 3:14); e aqui está uma prova maravilhosa. É uma prova que aponta para o próximo tema que teremos que considerar, a saber, a união mística de todos os crentes com o Senhor Jesus Cristo, e conseqüentemente uns com os outros. Isso, vocês vêem, é algo inevitável. Se estamos todos unidos a Ele e unidos uns aos outros, estamos relacionados uns com os outros, e inevitavelmente amamos uns aos outros. Noutras palavras,

reconhecemos os cristãos quando nos encontramos. Em certo sentido, não é preciso que se nos informe de que as pessoas são cristãs, as reconhecemos imediatamente e sentimos que sempre as conhecemos. Pertencem à mesma família, somos relacionados uns com os outros. Preferimos sua companhia a qualquer outra. Se vocês nos propiciarem a escolha de passar umas horas com certas pessoas deste mundo, chamadas grandes, ou com algumas pessoas cristãs humildes e desconhecidas, preferiríamos passar essas horas com as pessoas cristãs desconhecidas. Há algo em comum; nós as amamos; sabemos que pertencemos uns aos outros; nada nos pode separar. "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos." Se não reconhecermos os cristãos e os amarmos, mesmo na sua condição pior, então precisamos examinar todo o fundamento de nossa posição. Os filhos da família amam uns aos outros.

Essas, pois, são as quatro provas principais apresentadas por João em sua Primeira Epístola, mas há outras provas pressupostas alhures nas Escrituras, e quero apenas mencioná-las. Aqui está uma que considero de grande valor, a qual tem sido, muitas vezes, de imenso conforto para mim, ou seja: a consciência de um conflito íntimo. Essa é uma prova extremamente valiosa. Paulo a expõe perfeitamente em Gálatas 5:17, onde nos ensina que "a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e esses dois", diz ele, "se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis". O Espírito e a carne. Eles estão guerreando ou "cobiçando" um contra o outro. O que isso significa é que os cristãos, por definição, são pessoas em quem está ocorrendo uma grande competição. O Espírito Santo, por assim dizer, os quer para Deus, mas a carne – esse outro espírito que é operado pelo diabo – os quer para o reino das trevas. Portanto estão lutando pela posse, e os cristãos estão conscientes do fato de que são o foco de conflito, e que uma espécie de guerra mortal está se deflagrando em seu interior. São cônscios dessas duas forças, desses dois poderes, e os homens e as mulheres que são cônscios desse fato têm o direito de saber que são cristãos.

Mas é preciso tomar muito cuidado. Não estou meramente falando sobre a consciência do bem e do mal, do certo e do errado; eles têm um senso de decência moral e possuem um código de ética, e podem sentir que falharam consigo mesmos. Não estou me referindo a isso. Minha referência é a algo muito diferente. Na antiga vida não regenerada, vocês estão conscientes do fato de que controlam toda a situação, tudo depende do que vocês fazem. *Vocês*, por assim dizer, estão lidando com o conflito. O que estou descrevendo agora, porém, é que vocês se tornaram conscientes do fato de que há outro Espírito além do seu próprio, em vocês, lidando com vocês, operando em vocês, atraindo vocês, desmamando vocês do mundo e indicando-lhes a verdade. Estão conscientes da operação do Espírito Santo, e estão conscientes do poder de satanás num sentido em que jamais estiveram antes.

Um bom sinal, portanto, de que as pessoas são nascidas de novo é que se tornam mais acentuadamente conscientes da existência e da operação de satanás do que estiveram antes disso. Não há necessidade de que satanás se ocupe demasiadamente com os não-regenerados. Eles podem ser abandonados, por assim dizer; já se acham amarrados; já se encontram em seu reino e não podem mais escapar. Uma vez, porém, que as pessoas se vêem transferidas para o reino de Deus e o reino da luz, o diabo faz um novo esforço e, de uma forma espiritual, lhes sai ao encontro e os ataca. E são cônscios dessa outra presença que se põe a lutar por suas vidas e por sua própria existência. Carne e Espírito – o conflito constitui uma prova da regeneração.

Uma outra ótima prova é esta: alguém que é consciente de um desejo de conhecer a Deus, e não meramente de ser abençoado por Ele, pode ser plenamente feliz e certo de ser um filho de Deus. É evidente que todo mundo quer bênçãos. Sim, mas a característica peculiar dos filhos é que estão interessados na pessoa. Eles querem seu Pai. Querem conhecer melhor a seu Pai. Estão mais interessados no Doador do que na dádiva, no Abençoador do que na bênção. Eles passam a experimentar algo daquela fome e sede de Deus mesmo, segundo o salmista o

expressa: "pelo Deus vivo" (Sal. 42:2). Sua alma tem sede do Deus vivo. Tudo quanto seja ou não verdade sobre vocês, caso alimentem o desejo de conhecer a Deus, então podem estar plenamente certos de que são regenerados. Isso é algo de que o não-regenerado é incapaz de sentir, visto que a mente natural é "inimizade contra Deus" (Rom. 8:7), e somos todos por natureza, segundo Paulo, "alienados e inimigos" (Col. 1:21), longe de Deus. Os homens e as mulheres não- regenerados odeiam a Deus e não O querem, e estão sempre dispostos a crer em tudo quanto podem ler nos noticiários que propõem, ainda que vagamente, provar que não há Deus. Eles são contra Deus, enquanto que os filhos desejam conhecer a Deus.

A última prova que gostaria de mencionar neste ponto – e uma vez mais a considero como sendo muitíssimo importante – é que os filhos de Deus não meramente desejam o perdão de seus pecados e a anulação das conseqüências dos pecados, mas também desejam saber o que é odiar o pecado. Noutros termos, nas palavras de Paulo em Romanos, capítulo 7, eles dizem: "Miserável homem que sou! Quem me livrará?" (v. 24). Ora, os pecadores, os homens e as mulheres não-regenerados, não gostam das conseqüências do pecado, não querem ser punidos pelos pecados, mas não sabem nada sobre a consciência de pecado, nunca experimentaram uma genuína convicção de pecado. Não podem perceber o pecado em toda a sua vileza e impureza, em toda a sua repulsividade; eles não o odeiam. Mas os filhos de Deus o percebem. Daí a razão de nosso Senhor dizer a respeito deles: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos" (Mat. 5:6). Por que são bem-aventurados? Porque já são filhos de Deus. Os incrédulos não podem conhecer, os não-regenerados não podem experimentar esta fome e esta sede de justiça e de genuína santidade. Eles podem querer viver uma vida reta e conservar seus padrões, mas os cristãos vão além de tudo isso. Eles têm uma fome e uma sede positivas por uma justiça positiva. Desejam ser semelhantes a Cristo. Desejam ser como os santos de quem têm lido. Não se contentam meramente com não cometer certos pecados, mas

desejam um coração limpo. Querem ser puros. Querem ser santos. Querem ser semelhantes a Deus. São famintos e sedentos de justiça.

Essas, pois, ao meu ver, são algumas das provas principais. Não são as únicas, mas as considero como as mais importantes provas que podemos aplicar a nós mesmos a fim de descobrirmos se somos ou não verdadeiramente renascidos.

Entretanto, ao tratar de todo este tema da regeneração, em sua Primeira Epístola, João também introduz algo mais, e esse algo é *nossa união com Cristo*. Isso aparece muitas e muitas vezes nessa Epístola. Por exemplo: "Quem guarda os seus mandamentos, em Deus permanece e Deus nele" (1 João 3:24). Noutros termos, João às vezes escreve em termos de regeneração, da semente de vida, e em outras vezes ele o põe em termos da união do crente com o Senhor. Ora, essa doutrina é totalmente inseparável da doutrina da regeneração, com a qual acabamos de tratar, e essa é a razão por que temos de considerá-la neste ponto. Creio que concordarão que não há doutrina mais vital, sublime e gloriosa do que esta.

Pois bem, é possível que alguns se surpreendam com o fato de que estamos considerando essa doutrina agora. Aliás, vocês descobrirão que muitos a considerariam como possivelmente a última de todas as doutrinas, a doutrina final, aquela em direção à qual todas as demais doutrinas se dirigem. Acreditam que a união do crente com Cristo é algo que só alcançamos quando tivermos chegado a um grau incomum de santidade e pureza, e portanto não a incluiriam aqui, comparativamente no início. Sua confusão se deve inteiramente ao ensino dos místicos. Os místicos têm sua graduação do estilo em que alguém percorre o caminho místico e, segundo o seu ensino, a finalidade do crente é tornar-se absorvido em e "perdido em" o divino.

Isso constitui a característica de praticamente todos os místicos – e quando digo "os místicos", ponho os termos entre aspas. O apóstolo Paulo era um místico mas não no sentido que estou me referindo agora. Não quero chamá-los místicos *profissionais*, porém creio que vocês entendem o que quero dizer.

Refiro-me aos místicos que são mais filósofos do que espirituais, ou místicos que são mais filósofos do que bíblicos. Esses místicos, particularmente entre os católicos romanos, advogam um ponto de vista dessas questões que se aproxima mais da filosofia do que da verdade bíblica. E segundo entendo seu escrito, mesmo um grande inglês como William Law tem que entrar nesta categoria. Ele foi um homem a quem João e Charles Wesley muito deviam em seus estágios iniciais, mas que se romperam com ele. Deixaram-no, e com muita razão, porquanto descobriram que ele era demasiadamente filósofo e insuficientemente bíblico. Todos esses místicos filósofos tendem a crer que a união do crente com Cristo é uma espécie de absorção do eterno. Esse mesmo tipo de coisa é também característica do ensino de muitas das religiões orientais.

Além do mais, infelizmente, esse tipo de ensino tem com freqüência influenciado o povo cristão, até mesmo cristãos evangélicos. Sua tendência, pois, é concluir que as únicas pessoas que realmente experimentam esta união com Cristo são aquelas que são singular e excepcionalmente santas, santificadas, que, ao afastar-se do mundo e mortificar-se, finalmente alcançaram essa união mística. Meu desejo, porém, é tentar mostrar que essa doutrina é totalmente falsa, e que a doutrina da união do crente com Cristo deve entrar neste ponto particular de nossa consideração das doutrinas.

Por que proceder assim? Porque, segundo penso poder mostrar-lhes, todos os benefícios da obra redentora de Cristo nos vêm através desta união. Avançarei ainda mais e afirmarei de maneira ainda mais categórica, colocando-o na forma negativa. Não podemos receber bênção alguma da obra do Senhor Jesus Cristo, a menos que estejamos ligados a Ele, a menos que estejamos unidos a Ele, cada um de nós. Permitam-me que lhes apresente prontamente um versículo que estabelecerá a posição. Tomem esta declaração: "Bendito", diz Paulo, "seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo" (Ef. 1:3). É isso aí. Todas essas bênçãos, sim, todas essas bênçãos espirituais

nas regiões celestiais são todas nossas em Cristo, e não temos absolutamente nada à parte disso.

Permitam-me que lhes apresente ainda outro versículo, o qual citarei novamente mais adiante, e o qual diz a mesma coisa. João o põe logo no prólogo de seu Evangelho: "Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça" (João 1:16). Todos nós temos recebido de Sua plenitude. Como? Estando unidos a Ele. Vocês não recebem coisa alguma, a menos que estejam unidos. Devem aderir à fonte antes que possam receber qualquer coisa. Portanto, vejam bem, somos constrangidos a dizer que mesmo a própria regeneração, a qual estivemos considerando, é, logicamente, um resultado de nossa união com Cristo.

Cronologicamente, no tocante ao tempo, naturalmente, não há dúvida de que as duas coisas ocorrem simultaneamente. No momento em que somos unidos a Cristo, nascemos de novo. No momento em que somos unidos a Ele, recebemos este princípio de vida. Se o focalizam do prisma estritamente do tempo, vocês não podem pôr um antes do outro; logicamente, porém, terão quase que pôr a união antes da regeneração. Tenho tomado ambas nessa ordem ligeiramente diferente, visto que começar, como tenho feito, com a idéia da vocação como um todo, me pareceu que, quando enfatizamos a vocação eficaz, em seguida temos de prosseguir com a regeneração, para então dizer que essa união do crente com Cristo é a causa da regeneração.

Ora, é evidente que de muitas maneiras pode-se dizer que *a* obra especial e particular do Espírito Santo é produzir essa união. Acaso não foi justamente isso o que nosso Senhor quis dizer quando voltou para Seus discípulos e disse: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois, se eu não for, o Ajudador não virá a vós; mas, se eu for, vo-lo enviarei" (João 16:7)? É a partir dessa união, vejam bem, que procedem todas as bênçãos. Eis uma tarefa de casa, uma tarefa para os estudantes da Bíblia! Vocês descobrirão que a impressão que se dá é que esta doutrina da união do crente com Cristo é, em muitos aspectos, a doutrina de todas as doutrinas, dada para ser enfatizada pelo apóstolo João.

Naturalmente que ela se encontra alhures – vocês a encontram no apóstolo Paulo – mas tudo indica que ela é a doutrina particularmente enfatizada por João. Percorram agora o seu Evangelho e notem cuidadosamente o ponto em que ele começa a falar sobre essa união. Creio que vocês descobrirão que ela é o ponto em que João especificamente introduz o ensino de nosso Senhor concernente ao Espírito Santo. Noutros termos, vocês a descobrirão a partir de João, capítulo 14. No momento em que nosso Senhor começa a falar a Seus discípulos sobre o Espírito Santo, Ele começa a falar-lhes dessa união. Em muitos aspectos, a passagem clássica sobre toda esta doutrina da união do crente com Cristo deve ser encontrada na seção do Evangelho de João que vai do capítulo 14 ao final do capítulo 17. Que gloriosa porção das Escrituras! E no entanto, vejam bem, ela entra em conexão justamente com a doutrina da Pessoa e obra do Espírito Santo.

Isso é o que tinha em mente quando disse que a obra particular do Espírito, tudo indica, visa a unir-nos a nosso amado Senhor. Há quem ensine – não sei até que ponto se justifica biblicamente, de qualquer forma, porém, é um pensamento que vale a pena reiterar – que essa é a obra especial do Espírito Santo na Deidade, na bendita Trindade Santa. Afirmam que a terceira Pessoa é, por assim dizer, uma espécie de elo conectivo entre o Pai e o Filho. Tal idéia pode não passar de mera especulação, não temos como saber, mas sabemos que Ele é quem nos une ao Filho e ao Pai, e que tudo indica que essa obra de comunhão e união é a Sua função específica.

Ora, pois, quando nos aproximamos dessa grande, gloriosa e transcendente doutrina, é mister que comecemos uma vez mais considerando alguns dos termos que são usados nas próprias Escrituras. E antes de tudo temos que usar aquela expressão que, infelizmente, tantos de nós temos a tendência de deixar passar despercebidamente em nossa leitura, seja privativamente, seja publicamente, mas que, em muitos aspectos, é o maior termo já usado nas Escrituras concernente a qualquer pessoa: "em Cristo"; "em Cristo, em Corinto"; "em Cristo, em Colossos". Paulo o usa

naquela lista de nomes que ele apresenta no capítulo 16 de Romanos, capítulo esse que tantos não lêem porque dizem: "Isso não passa de uma lista de nomes!" Leiam-na novamente e descobrirão que Paulo faz referência a Andrônico e Júnias, que, diz ele, "estavam em Cristo antes de mim" (v. 7). Que coisa espantosa diz ele aqui! O cristão é um homem ou uma mulher que está *em Cristo*. "Os santos", onde quer que habitem, estão "*em Cristo Jesus*". A frase varia, mas ei-la aí, ela realmente diz tudo; e o ponto que estou realçando é que não é possível ser cristão, a menos que vocês estejam em Cristo. Vocês não podem ser cristãos apenas crendo em certas coisas e dizendo: "Se eu continuar firme, um dia estarei em Cristo e unido a Ele". Não, absolutamente não! Ou vocês estão em Cristo agora, ou não são cristãos.

Tomemos outra passagem. Em João, capítulo 15, nosso Senhor compara esta união com a união entre um galho e uma árvore. Diz Ele: "Eu sou a videira; vós sois as varas" (v. 5). Isso é algo que nos ajudará a entender esta união mística. Ela é comparável àquilo que existe entre uma árvore, o tronco e os galhos, os quais são uma parte vital dessa árvore. Aqui está uma relação, uma união vital.

Mas a Bíblia também diz que esta união é comparável àquilo que existe entre a cabeça e os membros ou partes de um corpo. "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (1 Cor. 12:27). E Paulo diz a mesma coisa em Efésios 4:15,16:

> *"Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor."*

A seguir, em Efésios, capítulo 5, Paulo tem ainda outra comparação – e, incidentalmente, o apóstolo tem uma maior variedade de ilustrações e analogias acerca desta questão da união do crente e Cristo do que acerca de qualquer outro assunto. Em

Efésios, capítulo 5, ele diz: "Porque somos membros do seu corpo. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu falo em referência a Cristo e à sua igreja" (Ef. 5:30-32). A união, diz ele, existente entre o crente e o Senhor é a mesma que existe entre esposo e esposa; ela é essa forma de união.

Em seguida, porém, temos outro quadro em 1 Pedro 2:4-6, onde Pedro diz: "E, chegando-vos para ele, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual...". Percebem a idéia? A relação é comparada a um edifício; e, no versículo 6, Pedro prossegue dizendo que nossa relação com Cristo pode ser comparada à relação entre tijolos ou pedras individuais e a principal pedra do alicerce: "Vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso, na Escritura se diz: eis que ponho em Sião uma principal pedra angular, eleita e preciosa". E essa é uma relação importantíssima na construção de qualquer edifício.

E em seguida, finalmente, há uma outra comparação. É aquela que Paulo faz, e que é vital do prisma da doutrina. Ele traça um contraste entre a união do incrédulo com Adão e a união do crente com Cristo. Esse é o grande argumento em Romanos, capítulo 5, o qual se reitera em 1 Coríntios 15:22 e 49. Em Romanos, capítulo 5, todo o argumento é que a morte passou a todas as pessoas por causa de Adão. Por quê? Por causa de sua relação com Adão; essa é toda a doutrina do pecado original. Estamos todos condenados em Adão por causa do pecado dele. Ele foi nosso representante, vocês se lembram,* foi nossa cabeça federal e, não somente isso, estamos vinculados a ele, estávamos nos lombos de Adão, quando ele caiu. Em Adão todos morreram. Em Cristo todos se tornarão vivos outra vez. É isso aí. A relação do crente com Cristo é a mesma espécie de união e relação que

* Ver Vol. 1, *Deus o Pai, Deus o Filho.*

aquela antiga relação de toda a posteridade de Adão com ele. Todos nós nascemos em Adão e estamos relacionados, estamos unidos dessa forma. Sim, nascendo de novo, porém, estamos na mesma espécie de relação com Cristo. Que doutrina vital é essa quando chegamos a considerar os resultados dessa união! Veremos que ela é a mais preciosa verdade que jamais poderíamos apreender. Leiam novamente para si mesmos Romanos, capítulo 5 e 1 Coríntios, capítulo 15, do versículo 21 em diante.

E assim espero que eu tenha feito clara para vocês a conexão entre essas coisas. A regeneração e a união nunca devem ser separadas. Vocês não podem nascer de novo sem estar em Cristo; vocês nasceram de novo porque estão em Cristo. No momento em que estiverem nEle, vocês nascem de novo, e não podem considerar sua regeneração como sendo algo separado, nem pensar que a união é algo que vocês eventualmente alcançarão. Absolutamente, não! A regeneração e a união devem ser sempre consideradas juntas e concomitantemente, visto que uma depende da outra e uma leva à outra; elas mutuamente se auto-sustentam. E agora, como já focalizamos nas Escrituras e sobre as bases dessas Escrituras, prosseguiremos tentando analisar algo da natureza desta união, e, a seguir, algo de como a união é estabelecida e finalmente algo dos gloriosos resultados da união. Que Deus nos dê graça e habilidade para tirarmos proveito dessas profundas e preciosas doutrinas! Não há nada, digo-o no final como o disse no início, que fortaleça tanto a minha fé e me encha tanto de anseio de ser puro como Ele é puro, e viver como Ele viveu neste mundo, do que a percepção do que sou, quem sou e por que sou cristão. Sou filho de Deus e estou em Cristo.

11

UNIÃO COM CRISTO

Em nossa análise da obra do Espírito Santo na aplicação da redenção – a redenção que foi efetuada e adquirida por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo – chegamos agora à consideração da doutrina da união do crente com Cristo. Esforcei-me, ao introduzir esta doutrina na preleção anterior, por enfatizar o fato de que ela é uma doutrina que, necessariamente, deve ser sempre considerada em conjunto com a doutrina da regeneração. As duas coisas são quase simultâneas. Logicamente, a união deve vir primeiro, mas não cronologicamente. Somos regenerados em decorrência de nossa união com Cristo; é dEle que derivamos nossa vida; é dEle que derivamos tudo. Portanto, vamos focalizar juntos uma das mais gloriosas de todas as doutrinas da fé cristã. Não há nada que seja mais sublime do que esta doutrina, na qual somos lembrados de que realmente somos participantes de Cristo, de que somos participantes da natureza divina, portanto ela combina natural e inevitavelmente com a doutrina da regeneração. E na preleção anterior, havendo apresentado as razões por que esta doutrina deve entrar neste ponto e não no final de uma série de doutrinas, simplesmente apresentamos os termos escriturísticos para descrever a natureza da união. Assim sendo, agora estamos em condição de passar para uma consideração mais detalhada dessa doutrina.

A primeira coisa, evidentemente, a considerar é a natureza da união. Ora, os próprios termos que são usados nas Escrituras com respeito a ela, e os quais temos focalizado, nos fornecem a chave para a compreensão do caráter da união. Uma vez mais, porém, talvez devamos começar com uma negativa. Não devemos imaginar esta união entre o crente e Cristo como se ela envolvesse uma espécie de fusão de pessoas. Ela não deve ser considerada no sentido de que nossa substância, ou a essência de nosso ser,

seja absorvida e se perca na substância, ou na essência do ser de nosso Senhor. Dou ênfase a isso por causa do ensino dos místicos que sempre são propensos a pensar nesta união nesses termos. Em última análise, sua concepção da salvação completa é que nos perdemos no eterno, ou somos absorvidos pelo eterno.

Essa é a idéia em certas religiões orientais, e há uma boa dose de afinidade entre uma grande quantidade de misticismo que atende pelo nome de cristão com o misticismo mais geral que caracteriza essas religiões orientais. Em todas elas encontramos a idéi a do que se denomina *Nirvana*. A pessoa se perde. A pessoa sai da existência completamente ao ser absorvida no divino e no eterno. Ora, a doutrina bíblica da união do crente com Cristo não significa isso de forma alguma. A Bíblia ensina bem claramente que vocês e eu existiremos como indivíduos ao longo das infindáveis eras da eternidade. Não nos perderemos, nem imergiremos, nem seremos absorvidos em Deus. Nós, como pessoas, não só seremos e existiremos sempre, mas também desfrutaremos da visão beatífica. Alegrar-nos-emos em ver a Deus, e exultaremos por nos acharmos em Sua gloriosa presença.

Quando examinamos a doutrina da Pessoa de nosso Senhor, pusemos ênfase precisamente sobre a mesma coisa. As duas naturezas em nosso Senhor – Suas naturezas humana e divina – são separadas e distintas, porém são unidas. Não existe uma nova natureza que seja em parte humana e em parte divina. Ao contrário: Ele é Deus, e Ele é homem; Ele é divino, e Ele é humano. As duas permanecem separadas, e no entanto são unidas. Não são misturadas. Não são fundidas num sentido materialístico. Portanto, a união do crente com seu Senhor, semelhantemente, não deve ser idealizada em termos de fusão ou mistura de substância.

Em contrapartida, porém, sinto-me igualmente desejoso de realçar outra negativa, a saber: a união entre o crente e Cristo não é meramente uma união de solidariedade ou uma união de interesse. Não é meramente uma associação indefinida, geral, externa, de pessoas separadas que por acaso tenham o mesmo

interesse, ou o mesmo entusiasmo. Ao contrário, e isso uma vez mais é muito importante, visto que há aqueles que, em seu empenho de evitar os erros do misticismo, têm apresentado esta união justamente desta forma. Vocês sabem o que quero dizer com isso? Pode haver pessoas dispostas a formar sociedades. Podem interessar-se por música ou por algum músico em particular, e então forma-se uma sociedade Beethoven ou uma sociedade Mozart, e assim por diante. Ou certas pessoas podem ter um interesse em arte e por conseguinte formam uma sociedade. Demonstram um interesse comum que os mantém juntos, o que chamam de união. Ora, é evidente que, em certo sentido, ela é uma união; minha posição, porém, é que esse não é o tipo de união que liga simultaneamente o Senhor e qualquer um de nós, Seus seguidores. Não significa meramente que estamos interessados na salvação. Não significa meramente que estamos mutuamente interessados em Deus e em Seu Reino. É claro que sim, mas a união é muito mais ampla e mais profunda do que isso. Portanto almejo enfatizar essas duas importantes negativas, embora, coincidentemente, estejam elas em extremos opostos.

Qual, pois, é a natureza ou o caráter dessa união? Em primeiro lugar, é *uma união espiritual*. Ora, aqui é onde a doutrina do Espírito Santo é tão vitalmente importante. Estamos ligados a Cristo e estamos em união com Ele por meio da habitação do Espírito Santo em nós. É a função, é a obra especial do Espírito Santo, ligar-nos assim a Cristo; e estamos ligados a Cristo pela presença do Espírito Santo em nós. Permitam-me que lhes apresente algumas passagens bíblicas para substanciar esse fato. Tomem a declaração em 1 Coríntios 6:17: "Mas, o que se une ao Senhor é um só espírito com ele". Aqui o apóstolo está lembrando os coríntios que seus corpos são templos do Espírito Santo, e eis por que devem evitar certos pecados da carne. Diz Paulo: "Ou não sabeis que o que se une à meretriz, faz-se um corpo com ela?" (v. 16). Então acrescenta a verdade oposta: "O que se une ao Senhor é um só espírito com ele". Portanto, ela é uma união espiritual, e não uma união material. Ou, tomem outra

vez 1 Coríntios 12:13: "Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo... e a todos nós foi dado beber de um só Espírito" – novamente, a mesma idéia. Estamos ligados a Ele, pelo Espírito Santo, de uma maneira extraordinária e misteriosa.

Em segundo lugar, é *uma união mística*. O que compreendemos mediante este termo tão difícil? Muito bem, o melhor modo de explicá-lo é considerando a comparação que o apóstolo mesmo usa na última porção de Efésios; capítulo 5. Esses versículos são às vezes lidos nas cerimônias matrimoniais, e por sinal corretamente. E durante algumas cerimônias matrimoniais somos informados que a relação entre um esposo e sua esposa significa para nós a união mística que existe entre Cristo e Sua Igreja. Certamente que, aí em Efésios, capítulo 5, o apóstolo afirma que a união entre o Senhor e o cristão é comparável e similar à união entre um esposo e sua esposa. Ora, isso é o que quero dizer por união mística. É muito difícil colocar isto em linguagem (humana). Há uma união, e vocês não podem encontrar um termo melhor para descrevê-la do que o termo *mística*. Não é só o caso de os dois se tornarem uma só carne, mas são ligados simultaneamente de uma maneira íntima, e assim ambos se tornam um só – é uma união mística.

A seguir, a próxima maneira de descrever a união é dizendo que ela é *uma união vital*, e esse fato é obviamente da maior importância. Significa que nossa vida espiritual é diretamente recebida do Senhor Jesus Cristo. Somos sustentados por Ele através da habitação do Espírito Santo. Não há nada mais importante na vida cristã do que compreender que nossa união com Ele é uma união vital. É algo vivo. Não é algo mecânico ou conceptual; não é um conceito ou uma idéia; ela é realmente uma união vital, espiritual.

Focalizem algumas das afirmações das Escrituras que demonstram esse fato. Tomem a grande afirmação em João 1:16, uma das mais surpreendentes e maravilhosas afirmações das Escrituras: "Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça". Isso diz tudo. Eis a nossa relação com Ele, diz João;

algo de Sua plenitude e de Sua vida está fluindo para nós e o estamos recebendo. E muitas outras afirmações dizem a mesma coisa. Tomem João 14:19,20, onde nosso Senhor diz nesta mesma conexão: "...porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós". Vejam quão vital é esta relação, e tudo por causa da habitação do Espírito Santo. Ou, também, tomem João 17:22,23: "E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um; eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade". Que sublime ensinamento!

O problema com todos nós é que não compreendemos a verdade destas coisas. Esta, porém, é a verdade transmitida pelo próprio Senhor. Sua oração a favor de Seu povo é que ele possa conhecer o significado dessa relação vital e espiritual. E Ele não hesita em compará-la com a relação que subsiste entre o Pai e Ele mesmo: como o Pai está nEle, assim Ele está em nós e nós estamos nEle. Tomem, porém, a afirmação desta verdade que é expressa pelo apóstolo Paulo em Gálatas 2:20: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". Não existe nada maior do que isso, e o que esse versículo ensina é que esta é uma relação vivificante; é uma união de vida: "não mais eu, mas Cristo vive em mim". E a seguir Paulo afirma: "e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim".

Portanto, o próximo termo de que devo fazer uso é o termo *orgânico*. Ora, a diferença entre orgânico e vital é que o termo "orgânico" pressupõe um tipo de tráfego de mão dupla, é uma união na qual tanto damos quanto recebemos. Por muitas razões, a melhor declaração a esse respeito é a que se encontra em Efésios 4:15,16: "Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor". Que declaração! Vejam, porém, como ela apresenta este elemento orgânico. Vivemos para desenvolver-nos nEle, que é a cabeça, sim, mas devem notar que Paulo diz

que todo o corpo é "bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas". De modo que não só recebemos, mas também damos; somos todos membros ativos. Cada parte do corpo está desempenhando um vital papel na vida do corpo. Não somos simplesmente passivos. Há uma relação orgânica, uma união orgânica. Há uma atividade, e uma vitalidade tanto nas partes quanto na cabeça. Todos fazem sua contribuição.

Ora, esse é o conceito da Igreja como o corpo de Cristo, e ele constitui uma tremenda idéia. Nada, seguramente, é mais estimulante à nossa fé, nada mais encorajador, nada mais inspirador à nossa santidade prática, do que a compreensão desta maravilhosa e exaltada verdade acerca de nós mesmos. Digo uma vez mais que estou crescentemente convencido de que, o que principalmente contribui para o baixo nível de espiritualidade na Igreja Cristã se deve ao fracasso em apreender estas doutrinas. Pensamos demais em termos subjetivos, e gastamos demasiado tempo tentando elaborar algo, que deixamos de perceber que a maneira de tornar-se santo é compreendendo a verdade acerca de nós mesmos e conscientizando-nos de nossa sublime vocação e de nossa privilegiada posição.

Em seguida, a outra afirmação da união orgânica se encontra na mesma passagem de Efésios, capítulo 5, onde Paulo a compara à relação existente entre o esposo e sua esposa. Cada um tem seus deveres, cada um tem sua função específica; na união, porém, ambos desempenham sua parte, e essa é a relação entre Cristo e a Igreja. Temos nossa parte a desempenhar, nosso quinhão a contribuir.

O próximo termo é de caráter pessoal, ou seja, esta é *uma união pessoal*. Ora, uso essa palavra com o fim de pôr a ênfase no fato de que cada um de nós, separadamente, está em união com Cristo. Esse fato precisa ser enfatizado, em razão de haver certo ensino que se tornou muito popular, especialmente entre os católicos romanos e anglicano-católicos, e realmente noto que ele é por si mesmo insinuante naqueles que gostam de denominar-se de "evangélicos liberais", ensino esse que sustenta que não temos nenhuma união direta com nosso Senhor, como

indivíduos, mas que estamos apenas ligados a Ele através da Igreja. Esse ensino descarta o aspecto individual, e põe a ênfase no aspecto corporativo. Portanto, de fato ele prossegue dizendo que, em certo sentido, não podemos nascer de novo, a não ser em e através da Igreja, o que é uma completa negação, não só do ensino bíblico, mas particularmente da ênfase evangélica. A ênfase evangélica é que todos nós temos uma relação pessoal com nosso Senhor, e é somente por causa disso que somos membros do corpo.

Em certo sentido, naturalmente não podemos separar estas coisas, mas estou desejoso de realçar o fato de que não derivo minha vida da Igreja; derivo-a do Senhor. Visto que todos nós participamos de Sua vida ao mesmo tempo, somos todos membros de Seu corpo e estamos todos na Igreja. Ninguém pode ser cristão sem ser membro do corpo místico de Cristo. A ordem correta, porém, é colocar a pessoa e o indivíduo em primeiro lugar e a corporação em segundo. De modo que não nasci da Igreja – a Igreja não é minha mãe espiritual – eu nasci do Espírito. E no momento que nasça do Espírito estou na Igreja, a Igreja invisível, a Igreja mística. Por isso, enfatizemos o aspecto pessoal e certifiquemo-nos de que jamais permitiremos que algum ensino ilusório nos prive desse elemento individual. Não temos que ir a Ele através da Igreja; podemos ir a Ele cada um individualmente, e estamos unidos a Ele tanto individualmente quanto de uma forma corporativa.

O último termo é que ela é *uma união indissolúvel*. Não necessito enfatizar esse fato. Ele promana necessariamente de tudo quanto temos considerado juntos durante as preleções passadas. É-me inconcebível que estejamos ligados a Cristo desta maneira, por meio do Espírito, e em seguida sair dessa união, e então voltar e entrar nela novamente, e então sair mais uma vez, e prosseguir assim, entrando e saindo. Isto se dá uma vez para sempre. Nada, ninguém, "nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem futuras, nem potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo

Jesus nosso Senhor" (Rom. 8:38,39). Ela é uma união indissolúvel. Graças a Deus por ela!

Portanto, continuemos agora considerando como a união é estabelecida. Se essa é a natureza e o caráter da união, como ela é efetuada? Evidentemente, estamos aqui face a face com um imenso mistério, e devemos pisar muito prudentemente. De qualquer modo, porém, podemos dizer que dois principais elementos se encontram envolvidos. Antes de tudo, ela é patentemente obra do Espírito Santo. Efésios 2:5 o coloca assim: Deus "nos vivificou juntamente com Cristo". Vivificar-nos é obra do Espírito Santo. Já focalizamos esse fato. E Ele nos vivifica "juntamente com Cristo" – eis a união. Assim, na vocação eficaz, em nossa regeneração e em tudo quanto estivemos considerando, a principal obra é efetuada pelo Espírito Santo.

Em seguida, porém, devemos enfatizar também que, em decorrência desse fato, nossa fé entra em operação, e nossa fé é uma parte vital desta união. Ela não é a primeira coisa; é a segunda, e é completamente inevitável que isso nos leve à consideração da doutrina bíblica da fé. Nossa fé nos ajuda a sustentar a união, a desenvolvê-la e a fortalecê-la – esta união que é primariamente estabelecida em decorrência da obra do Espírito Santo. É somente quando a fé se torna ativa que nos tornamos cônscios desta união e de nossa regeneração, bem como de todas as demais coisas que vimos considerando. É só quando nossa fé começa a funcionar que nos regozijamos nela e a desejamos mais e mais. Portanto, nas passagens bíblicas que tratam da união do crente com seu Senhor, o elemento da fé é necessariamente realçado. E deve ser. O Espírito estabelece a união e guia à fé; e a fé, por assim dizer, a deseja mais e mais e a mantém ativa. Devido comermos de Sua carne e bebermos de Seu sangue, e assim por diante, a união entre nós se torna mais íntima, mais amorosa e mais profunda. A fé se apropria, de modo crescente, de Sua plenitude, e quanto mais compreendemos a verdade acerca da união, mais nos apropriamos dela. Vejam vocês a dificuldade de se estabelecer uma ordem cronológica precisa nestas coisas; aliás, é quase impossível; essa, porém, é a forma

na qual a união é estabelecida e mantida.

Uma vez mais, porém, sejamos prudentes acerca de nossas negativas nesta seção. Devemos reiterar que a união não é estabelecida pela ou através da Igreja. Temos mostrado como os católicos romanos ensinam que sem a Igreja-mãe vocês jamais poderão nascer de novo, vocês jamais poderão tornar-se cristãos; a Igreja, dizem, é absolutamente essencial nesse ponto. Negamos isso vigorosamente. Não há nada que indique tal coisa nas Escrituras. Semelhantemente, devemos fazer todo empenho para realçar que a união não é estabelecida pelas ordenanças. Não é estabelecida pelo batismo; realcemos isso mais uma vez. Não cremos na regeneração batismal de qualquer modo ou forma. Nem se ocorre por meio da ordenança da Ceia do Senhor. Ambas essas ordenanças podem ser inestimáveis na manutenção da união, bem como para estimular nosso desejo de que a união seja mais profunda e mais ampla, mas elas não a trazem à existência.

Vocês estarão familiarizados com aquele falso ensino sacramental, o qual nos faz crer que a graça é realmente transmitida de forma mecânica na água ou no pão ou no vinho, e que essas ordenanças agem – devo usar o termo técnico, visto que o mesmo é usado tão freqüentemente, e é bom que estejamos todos familiarizados com ele – *ex opere operato*, o que significa que elas agem e operam em e por si mesmas. Negamos isso completamente. Sem nossa fé não há nada nas ordenanças. O ato de crismar ou batizar na infância não transmite vida nem une a criança a Cristo. Não; é impossível. Em parte alguma vocês encontram tal conceito nas Escrituras, e devemos resistir tal ensino da forma mais enégica possível.

Assim, pois, temos visto a forma na qual a união é estabelecida. A seguir nos achegamos a algo em que todos nós devemos nos deleitar e pelo qual devemos louvar a Deus – *as conseqüências da união*. Quão glorioso e inexaurível tema é este! Deveria ser sempre o grande tema da pregação aos crentes, e no entanto quão raramente ouvimos sermões sobre as conseqüências da união dos crentes com seu Senhor.

Podemos subdividir este tema em dois tópicos principais: vocês podem ponderar sobre este grande tema objetivamente ou subjetivamente. Permitam-me que lhes apresente termos paralelos. Ponham ao lado do objetivo: *federal*; ponham ao lado do subjetivo: *espiritual*. Não posso fazer nada mais neste ponto além de fornecer-lhes uma série de tópicos. Quando chegarmos a tratar da doutrina da santificação, espero que sejamos capazes de elaborar alguns deles. Mas por ora tentemos enfocá-lo como um todo, a fim de vermos algo do que nossa união com Cristo deve necessariamente significar com respeito a nós.

Eis aqui algumas das coisas que são ensinadas nas Escrituras. Primeiramente, tomem o aspecto federal e objetivo; devemos partir desse ponto. Sinto-me quase tentado a interromper aí e divagar! É preciso que ponhamos sempre o objetivo antes do subjetivo. Naturalmente, não gostamos de fazer isso. Todos nós estamos interessados no subjetivo; queremos a sensação da experiência, e, em nossa preocupação sobre isso, não tomamos cuidado com as bases. O resultado é que, como nossos sentimentos vem e vão, nos tornamos infelizes, e tudo porque não baseamos nosso entendimento sobre a verdade objetiva. Certas coisas resultam de nossa união com nosso Senhor, completamente fora da esfera de nossa experiência, e essas se aplicam ao nosso status, à nossa condição, à nossa posição.

Ora, *federal* é o termo que Paulo tem em mente em Romanos, capítulo 5. Todos nós estamos, por natureza, jungidos federalmente a Adão. Deus fez de Adão o representante da humanidade. Ele é a cabeça federal. Tomem o exemplo dos Estados Unidos da América. Aquele país consiste de certo número de diferentes estados, e cada estado tem sua própria legislatura – seu próprio governo, em certo sentido – mas, em aditamento a isso, há o que eles chamam o governo federal, o qual inclui todos eles. Todos eles estão relacionados nessa união federal. Com efeito, o ensino das Escrituras é que toda a raça humana está nesse tipo de união federal com Adão e, por assim dizer, foi por essa causa que o pecado de Adão nos é imputado. Visto que estamos unidos a Adão federalmente, nesse sentido

legal, o que ele fez se aplica a nós. Ele pecou – nós pecamos; ele caiu – nós caímos. Essa é a doutrina do pecado original e da culpa original.

Mas agora, em contrapartida, somos informados – e vocês notarão o paralelismo no ensino – que nós, que somos cristãos, estamos precisamente na mesma relação com o Senhor Jesus Cristo. Estamos federalmente relacionados com Ele. O que significa isso? Significa que fomos crucificados com Ele. Não devemos interpretar Romanos 6:6 num sentido subjetivo ou experimental. O signifcado não é nem um nem outro; ele é objetivo. Ele afirma que, visto que estou ligado a Cristo federalmente, quando Ele foi crucificado, eu fui crucificado. Essa é uma declaração de fato. Deus o considera assim. Somos informados que "temos sido unidos a ele na semelhante de sua morte" – isso é Romanos 6:5. Romanos 6:8 afirma que estamos "mortos com Cristo". Morremos com Ele. Mais ainda: "fomos sepultados com ele pelo batismo na morte" (Rom. 6:4). E Romanos 6:11 adiciona: "Assim também vós considerai-vos... vivos para Deus, em Cristo Jesus".

Ora, todas essas coisas são verdadeiras acerca de todos nós que somos cristãos, de todos nós que estamos em Cristo. Por causa dessa relação federal, devo crer que fui crucificado com Ele. Exatamente da mesma forma que quando Adão pecou, eu pequei; assim quando Cristo foi crucificado, eu fui crucificado. Morri com Ele, fui sepultado com Ele e com Ele ressuscitei. Vejamos agora Efésios 2:6: "E nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus". Paulo não está falando aí sobre algo que vai ainda acontecer conosco. O que ele diz ali é que, federalmente e em termos dessa relação, embora ainda estejamos na terra, nós, que somos cristãos, estamos em Cristo, assentados com Ele nas regiões celestiais, *agora*.

Mas ainda não concluímos. Somos informados que somos "perfeitos nele, que é a cabeça..." (Col. 2:10). Essa obviamente, outra vez, é uma declaração de caráter legal, ou uma declaração de caráter *forense*. Espero que ninguém sinta que tudo isso é

desconcertante e constrangedor. Meus queridos amigos, estou lhes falando das coisas mais maravilhosas que vocês poderão ouvir; estou lhes falando da verdade acerca de vocês mesmos e de mim mesmo, graças a Deus! Não se desanimem por esses termos, por essas afirmações bíblicas. Naturalmente que elas são difíceis; tudo o que é precioso é difícil. E se vocês perdem o interesse só porque algo é difícil, digo que seria melhor que vocês se examinassem para verificar se de fato são cristãos. Estamos sentados nas regiões celestiais, somos perfeitos nEle. Ouçam novamente: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus", diz Paulo em 1 Coríntios 1:30, "o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Isso já aconteceu. É verdade que, real e experimentalmente, nem tudo já se realizou. Mas já estou completamente redimido nEle. Eis por que em Romanos, capítulo 8, Paulo salta da justificação para a glorificação, e diz que aqueles que têm sido chamados já foram glorificados. Razão por que a união é indissolúvel. Mas avancemos para essas coisas, uma a uma. Ele já "foi feito por Deus, para nós, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Portanto, o que este ensino realmente diz é algo mais ou menos assim: nossos pecados Lhe foram imputados; Sua justiça nos é imputada. Quando chegarmos à doutrina da justificação, elaboraremos isso; porém, por enquanto, é esse o seu significado: que tudo o que está nEle é posto a meu crédito por causa de nossa união.

Portanto, a próxima coisa sobre a qual devo pôr ênfase é que *somos selados pelo Espírito Santo* por causa de nossa união com Cristo. Em certo sentido, é pelo selamento que a união se concretiza; mas ambas são distintas. Visto que estou unido a Cristo, sou selado pelo Espírito. É em razão de ser um com Ele que recebo o Espírito que Ele recebeu sem medida.

A próxima conseqüência dessa união é que recebemos a adoção. Essa é uma doutrina específica, e trataremos dela depois. A união do crente com Cristo não é a mesma coisa que a adoção, como veremos, mas a adoção é uma das conseqüências da união.

E a última coisa é esta: posto que somos adotados, Paulo argumenta, outra vez em Romanos, capítulo 8, que somos

"herdeiros de Deus" e, portanto, "co-herdeiros com Cristo" (v. 17). Cristo é um herdeiro, daí devemos ser co-herdeiros, e somos co-herdeiros da glória que Deus preparou para aqueles que O amam. Por conseguinte, aí nessa lista lhes apresentei a união federal e os resultados objetivos de nossa união com o Senhor Jesus Cristo.

Finalmente, permitam-me pelo menos apresentar-lhes a lista dos resultados vitais, subjetivos e espirituais. Significa que temos comunhão com Ele. Esse é um termo que inclui tudo. Isso se acha elaborado em João, capítulo 17, e na Primeira Epístola de João. Vocês o encontram novamente em João 1:16: "Pois todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça". Também significa, como somos informados em 2 Coríntios 3:18, que "somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor". Que idéia estupenda! Visto que estamos unidos a Ele, nos tornamos como Ele é. Eis o propósito da salvação – tornar-nos "conformes à imagem de seu Filho" (Rom. 8:29). Como estamos unidos a Ele, e como O miramos com o rosto descoberto, somos transformados em Sua imagem.

Eis a vida cristã. Eis o que está acontecendo a todos nós. Eis o que deve acontecer a todos nós, se somos cristãos autênticos. Não somos estáticos. Refiro-me, naturalmente, à nossa semelhança com Ele em Sua natureza humana. Não nos tornamos divinos, mas nos tornamos como Ele foi quando vivia neste mundo. Tornamo-nos como o amado Filho de Deus. Ele é o primogênito entre muitos irmãos, nesse aspecto. E a seguir, naturalmente, ela tem a conseqüência de que produzimos fruto e nos tornamos pessoas a quem Ele pode usar. Isso é o grande ensino de João, capítulo 15.

Dessa forma, a última coisa que gostaria de salientar é *nossa comunhão em Seus sofrimentos, e nossa comunhão em Sua morte*. Diz Paulo em Filipenses 3:10-11: "Para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte". Que pensamentos imensuráveis! Devemos elaborá-los; devemos refletir sobre eles;

e devemos orar sobre eles. Paulo o expõe de outra forma em Colossenses 1:24: "Agora me regozijo no meio dos meus sofrimentos por vós, e cumpro na minha carne o que resta das aflições de Cristo, por amor do seu corpo, que é a igreja". Não reivindico entender isso plenamente; sei, porém, que não há declaração mais sublime da doutrina da união do crente com seu Senhor. O apóstolo Paulo interpreta seus próprios sofrimentos na carne e no corpo como, em certo sentido, completando o que resta dos sofrimentos e das aflições de Cristo. Ele está levando isso em sua própria carne. O resultado da união mística é que ele entra nesta comunhão mística dos sofrimentos de Cristo. Houve pessoas no período da Idade Média de quem se diz que meditavam tanto e de tal forma contemplavam seu Senhor e tudo o que havia feito por elas, que algumas delas chegaram a desenvolver em suas mãos físicas as marcas dos cravos, o *stigmata*. Não sei com certeza; não é impossível. Tais coisas acontecem.

Mas tudo o que me interessa enfatizar é que, quanto mais profundamente compreendemos a verdade acerca desta união entre nós e nosso Senhor, mais experimentamos algo da comunhão de Seus sofrimentos. Enquanto neste mundo, Ele foi "homem de dores, e experimentado nos sofrimentos" (Is. 53:3). Isso foi devido ao pecado do mundo. E porque Ele viu a inimizade do coração humano contra Seu Pai, essa inimizade O feriu, ela O entristeceu e Ele sofreu. Não há prova mais delicada de nossa relação com Ele e de nossa união com Ele do que a extensão em que vocês e eu conhecemos algo desse sofrimento. Não é questão de falar levianamente sobre "querer que as almas sejam salvas". Não, e não. É muito mais profundo do que isso. Isso pode ser puramente carnal. Mas isto é sempre algo de cunho espiritual; realmente sofremos em decorrência do pecado dos homens e das mulheres, bem como de sua condição perdida. Por causa de nossa união com Ele, é possível saber algo do gemer no espírito, como Ele sabe; essa preocupação, essa dor, essa agonia da alma. É uma das conseqüências subjetivas de nossa união com nosso bendito Senhor e Salvador.

Que Deus, através do Espírito Santo, abra nossos olhos para esta admirável doutrina da união do crente com seu Senhor, e que nos esforcemos muito por elaborá-la com detalhes, para aplicá-la a nós mesmos, para dizer a nós mesmos: "Estou crucificado com Ele. Estou inserido na semelhança de Sua morte. Morri com Ele. Fui sepultado com Ele. Ressuscitei com Ele. Estou sentado com Ele nas regiões celestiais. Essa é minha posição. É verdade a meu respeito porque estou em Cristo e unido a Ele".

12

CONVERSÃO

Chegamos agora a uma espécie de ponto nevrálgico em nossa consideração da obra do Espírito Santo na aplicação da redenção. Até aqui temos considerado Sua obra no sentido de realizar várias coisas em nós, nas profundezas e recessos de nosso ser. Tudo o que consideramos até aqui, em termos da vocação eficaz, da regeneração e de nossa união com Cristo pode ser descrito dessa forma. É algo que o Espírito faz e do qual, ao acontecer, ninguém pode ser ativamente cônscio, ou, pelo menos, não é essencial que estejamos conscientes para que a obra seja efetuada.

Agora chegamos ao que podemos descrever como as manifestações e os resultados dessa obra. Ainda, porém, que eu o ponha nesses termos, devemos uma vez mais tomar cuidado no uso de seqüência cronológica. Tantas dessas coisas realmente não podem ser segmentadas em termos de tempo propriamente dito. Devemos conservá-las nítidas em nossa mente, devemos guardá-las nitidamente como idéias, mas em muitos parece acontecer quase exatamente ao mesmo tempo. Tem-se argumentado por alguns dos maiores mestres da Igreja que uma pessoa pode ser regenerada por uma seqüência de anos sem o demonstrar. Acho muito difícil subscrever isso, mas hesito a opor minha opinião contra autoridades tão ilustres. Além disso, digo-o simplesmente para mostrar o tipo de distinção que estou retratando.

Devemos agora considerar as manifestações de tudo o que temos examinado juntos, e aqui, também, a questão da ordem dessas doutrinas é muito interessante. Uma vez mais, certas pessoas discordam quanto a que doutrina deve vir logo a seguir, mas, para mim, a próxima é a doutrina bíblica concernente à *conversão*. Aqui está a pessoa regenerada, a alma regenerada. Ora, essa pessoa vai *fazer* algo, e essa ação caracteriza o momento da conversão.

O que queremos dizer por conversão? É o primeiro exercício da nova natureza, na suspensão de velhas formas de vida e no início de uma nova vida. É a primeira ação da alma regenerada, ao passar *de* algo *para* algo. O próprio termo pressupõe o seguinte: conversão significa volver-se de uma coisa para outra. O termo não é usado com muita freqüência nas Escrituras, mas a verdade que a palavra denota e representa aparece constantemente.

Vocês descobrirão que nas Escrituras o termo propriamente dito é às vezes usado, de uma forma geral, para qualquer mudança de posição. Por exemplo, ele é às vezes usado mesmo em referência a um crente. Nosso Senhor repreende Pedro numa dada ocasião, e diz: "E tu, quando te converteres, fortalece a teus irmãos" (Luc. 22:32). Ele quis dizer: quando você voltar novamente, quando você for restaurado. A palavra, aqui, não se refere ao ingresso original de Pedro na vida cristã; isso ele já havia feito; ele, porém, estava para desviar-se, ou seja, estava para extraviar-se e teria que voltar novamente. Isso é descrito como conversão; na consideração das doutrinas bíblicas, porém, é melhor restringir a palavra "conversão" ao sentido que normalmente lhe é atribuído quando discutimos juntos sobre essas coisas, isto é, ela é o passo inicial na consciência histórica da alma em sua relação com Deus; é o primeiro exercício, a primeira manifestação da nova vida que foi recebida na regeneração.

Isso, naturalmente, é algo que é essencial, e há muitas afirmações que o sustentam. Encontra-se expresso especificamente em Mateus 18:3: "Em verdade vos digo", diz nosso Senhor, "que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". Todos os textos, porém, que já consideramos ao tratarmos da doutrina da regeneração são igualmente aplicáveis aqui, textos tais como: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus" (1 Cor. 2:14); e, "a inclinação da carne é inimizade contra Deus" (Rom. 8:7). Homens e mulheres têm que proceder disso antes que possam ser cristãos; eles têm que volver-se disso para essa outra condição. Por isso, a conversão é essencial.

Ninguém nasce cristão. Todos nós nascemos em pecado, "formados em iniqüidade" (Sal. 51:5); todos nós fomos "filhos da ira, como os demais" (Ef. 2:3); estamos todos sob o domínio do pecado original e da culpa original, por isso devemos todos experimentar a conversão; e a Bíblia é sobejamente explícita sobre isso.

Portanto, a próxima pergunta a ser formulada é esta: como ela ocorre? Qual é a agência na conversão? E aqui a resposta é muito simples. Ela é antes de tudo e primariamente obra do Espírito Santo, e o Espírito Santo a realiza através da vocação eficaz. Já consideramos essa doutrina, e essa é a forma como o processo de conversão ocorre. A vocação se torna eficaz, e é isso que nos leva ao próximo passo – o que vocês e eu *fazemos*. Notem que estamos mencionando isso pela primeira vez, mas em qualquer definição de conversão temos de introduzir a atividade humana tanto quanto a divina. A vocação vem eficazmente, e visto que a vocação vem eficazmente, nós a atendemos. Eis a conversão: ambos os lados, o chamado – a resposta. Já vimos como tudo isso se torna possível, mas, ao tratarmos da conversão, necessário se faz dar igual ênfase à atividade dos seres humanos. Ora, na regeneração e na união somos absolutamente passivos; não tomamos parte alguma; é inteiramente obra do Espírito de Deus no coração. Na conversão, porém, agimos, respondemos, somos chamados e o atendemos.

Chegamos agora à consideração das características da conversão, e este, às vezes penso, é um dos mais importantes tópicos sobre os quais os cristãos podem ponderar juntos. Qual a razão? Bem, é vital que consideremos o ensino bíblico acerca da conversão devido existir algo chamado "*conversão temporal*". Vocês têm notado como amiúde isso é tratado por nosso Senhor pessoalmente, em Sua própria instrução, como às vezes chega quase a desencorajar as pessoas de O seguirem? Certa vez um homem disse: "Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores"; e nosso Senhor, em vez de dizer: "Maravilhoso!", disse: "Um momento!" "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mat.

8:19,20). "Vocês compreendem o que estão fazendo?", disse Ele, com efeito. "Homem tremendamente tolo é aquele que vai à guerra sem estar cônscio de seus recursos. Igualmente estúpido é o homem que começa a construir uma torre sem estar seguro de que tem material suficiente para concluí-la."

Nosso Senhor, em razão de conhecer o perigo de acontecer algo "um tanto temporário", estava constantemente tratando dele, e parecia estar repelindo as pessoas. Aliás, elas O acusavam de tornar o discipulado impossível. Tomem aquele grande capítulo 6 de João, onde o povo estava correndo após Ele e se apegando às Suas palavras em virtude do milagre da alimentação dos cinco mil, e como nosso Senhor, aparentemente, tentava deliberadamente dissuadi-los. Por isso um grande número, que acreditava ser Seus discípulos, retrocedeu; e somos informados que não mais andava com Ele. É perfeitamente claro que nosso Senhor estava dando essa instrução deliberadamente, porque Ele estava delineando uma distinção entre o espírito e a carne. Ele sabia que aquelas pessoas eram carnais, e Ele estava desejoso de enfatizar a importância vital de apreender o espiritual.

Tomem também a parábola de Mateus, capítulo 13 – a parábola do semeador – e a explicação dela feita pelo nosso Senhor Jesus Cristo. Notem particularmente os versículos 20 e 21: "E o que foi semeado nos lugares pedregosos, este é o que ouve a palavra, e logo a recebe com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e sobrevindo a angústia e a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza". Notem, porém, o que nosso Senhor diz acerca desse mesmo homem: ele "logo a recebe com alegria". Isso é o que quero dizer por conversão temporária. Aparentemente, ele recebeu a Palavra, estava cheio de alegria, mas ela não lançou raízes nele, e essa é a razão por que ele acabou absolutamente em nada. Ora, esse é o ensino do nosso próprio Senhor; existe a possibilidade de haver tal conversão eufórica, e no entanto não haver nada aí num sentido vital, vivo, o que prova ser ela temporária.

Há também nas Escrituras mais ensinamento sobre esse mesmo fato. Tomem Simão, o mágico, em Atos, capítulo 8.

Somos informados no versículo 13: "E creu até o próprio Simão, e, sendo batizado...". Vejam o final da história desse homem. "Pois vejo que está em fel de amargura" (v. 23), e Pedro simplesmente lhe diz que o melhor a fazer era rogar a Deus que tivesse misericórdia dele e lhe concedesse o arrependimento. Ele aparentava ser um crente genuíno, mas realmente o era?

A seguir, Paulo fala, em 1 Timóteo 1:19,20: "Conservando a fé, e uma boa consciência, a qual alguns havendo rejeitado, naufragaram no tocante à fé". Ora, esse é um ensino muito sério, e ele diz a mesma coisa em 2 Timóteo, capítulo 2. Aqui Paulo está escrevendo a Timóteo acerca de certas pessoas que pareciam ter sido crentes, porém que agora estavam negando a ressurreição; e, em decorrência disso, alguns cristãos amedrontados pensavam que toda a Igreja havia sucumbido. Tudo bem, diz Paulo: "Todavia o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: o Senhor conhece os seus" (v. 19). Deus conhece; Ele não é enganado ou iludido. Existe aquilo que se chama conversões temporárias, crentes temporários, mas não são crentes genuínos. Eis por que é tão vital que conheçamos o ensino bíblico no tocante ao que a conversão realmente significa.

O que dizer do caso de Demas, pergunto? Muitos afirmam que Demas jamais foi crente. Não gostaria de ir tão longe. Ele pode ter-se desviado: "Pois Demas me abandonou, tendo amado o mundo presente" (2 Tim. 4:10). De qualquer modo, porém, ele se constitui num caso duvidoso. E a seguir temos aquela grande e clássica passagem em relação a esse fato, em Hebreus, capítulo 6, com uma passagem similar no capítulo 10 dessa Epístola. "Porque é impossível que os que uma vez foram iluminados... e depois caíram, sejam outra vez renovados para arrependimento" (Heb. 6:4,6).

É por isso que uso deliberadamente esta expressão: "conversão temporária". Há obviamente algo de errôneo com essas pessoas, por isso devemos formular perguntas. Devemos considerar, devemos ter definições, porquanto "Nem tudo que reluz é ouro". Tudo o que aparenta ser conversão, na maioria das vezes por certo não é conversão, segundo o ensino do nosso

próprio Senhor, bem como o ensino dos apóstolos inspirados. Portanto, não conheço nada que seja tão perigoso, repreensível e antibíblico do que dizer: "Mas vocês não devem formular essas perguntas". Não, e não, deixem-nas vir. Perguntem sempre: as Escrituras nos autorizam a dizer isso? Se estamos destinados a ser genuínos mestres da Palavra e ajudadores de outros, bem como interessados na glória de Deus, devemos compreender que existe este algo chamado "conversão temporária", a qual se baseia em mal--entendimento.

Minha segunda razão para preocupar-me com definições precisas é que não somente há conversões temporárias, mas até mesmo *conversões simuladas*. Ora, eu traço uma distinção, vocês notarão, entre ambas, e a diferença é que, no caso de uma conversão temporária, a conversão é algo que ocorreu em decorrência da apresentação da verdade bíblica. No caso de uma conversão simulada, ela é um fenômeno que, ainda que estreitamente assemelhando-se e simulando a conversão cristã, é produzida por alguma outra agência que não é a verdade. Daí necessitar-se traçar a distinção.

Tal coisa nunca foi tão necessária como o é hoje, porquanto há um grande número de pessoas que parece acreditar que, enquanto houver uma grande mudança na vida de uma pessoa, ela deve ser uma verdadeira conversão. Se alguém abandona os pecados, vive uma vida saudável e faz o bem, esse, dizem, é cristão. Mas talvez não seja o caso. É possível que uma pessoa experimente uma grande, profunda e extrema mudança em sua vida, em sua maneira de viver e em sua experiência, a qual nada tenha a ver com o cristianismo. As pessoas podem até mesmo deixar o mundo e unir-se a uma igreja, e toda a sua vida exterior pode, aparentemente, ser diferente, todavia é possível que não passe de conversão simulada. É uma conversão no sentido em que deixaram uma coisa e aderiram a outra; deixaram os pecados e estão agora fazendo o bem, mas é simulação, visto que lhes falta a relação necessária e essencial com a verdade. Se vocês estiverem interessados apenas em fenômenos, se vocês estiverem interessados apenas em alguém que possa levantar-se e dizer:

"Minha vida toda está absolutamente mudada", então vocês terão simplesmente de recorrer aos livros de psicologia. A psicologia tem sido muito popular ao longo de muitos anos, e tem feito um ferrenho ataque à fé cristã – eis por que me sinto tão preocupado com ela. Ouvi certo homem dizer que, se sua fé cristã fosse atacada, isso não o preocuparia. Ele simplesmente responderia: "Não me preocupo com o que vocês digam; não me preocupo com o que a ciência diga; eu *sei* por causa do que está acontecendo comigo".

Ora, minha resposta a isso foi: "Sim, e todos os psicólogos, em sua entrevista, sorririam. Diriam: "Concordamos que você passou por uma mudança e experiência psicológicas. Naturalmente, porém muitas coisas podem causar isso". E continuariam a repudiar todo o cristianismo".

Ao contrário, a defesa da fé cristã jamais deve fundamentar-se simplesmente em alguma experiência que porventura vocês e eu tivemos. A defesa da fé cristã é verdade objetiva. Portanto, a menos que sejamos criteriosos neste ponto, ao definirmos a conversão, o perigo é que não teremos nada a dizer àqueles que têm passado por uma dessas experiências simuladas.

Em seguida temos uma outra coisa – e aqui deixamos a simulação e o temporário e recorremos a algo que é mais imediatamente prático. Há elementos variáveis em conexão com a conversão, e por causa dos mesmos devemos tomar cuidado para que saibamos quais são esses elementos essenciais. Permitam-me ilustrar o que tenho em mente. Tomem o *elemento tempo*, o fator tempo na conversão. Acaso ela deve ser súbita? Seria impossível que ela seja gradual? Bem, eu diria que as Escrituras não ensinam que ela deva, necessariamente, ser súbita. A coisa mais importante é saber que ela ocorreu, seja súbita ou gradualmente. O elemento tempo não é um dos fatores de valor absoluto; ele pode ter sua importância, mas não é vital.

Em segundo lugar, a conversão de uma pessoa teria que ser necessariamente *dramática*? Todos nós tendemos a enfatizar tais conversões, não é verdade? Elas despertam o interesse humano, dizemos, e nos devem ser interessantes. Mas teria que ser

dramática a conversão? Ora, se lerem apenas um capítulo nas Escrituras – Atos, capítulo 16 – verão que vocês não têm direito para dizer isso. Naturalmente, se vocês apenas lerem a história do carcereiro filipense, então dirão que a conversão deve ser cheia de drama. Estou, porém, igualmente interessado na história de Lídia, e não há nada que pressuponha tal coisa sobre sua conversão. Absolutamente não! É possível que ela tenha sido plenamente tranqüila, todavia foi igualmente uma conversão. E assim, aqui temos outro elemento variável. O caráter dramático pode estar aí, mas pode não estar. Ele não é essencial.

Em seguida vem a antiga e contestada questão do lugar das emoções. Naturalmente, elas devem estar presentes, mas há emoções e emoções. Elas podem ser muito intensas, ou podem não o ser, mas ainda são emoções. Todos nós diferimos por natureza e temperamento, e nesta questão das emoções diferimos realmente muito. A pessoa mais demonstrativa nem sempre é aquela que mais sente.

Para mim, a mais insignificante flor
que desabrocha pode gerar
Pensamentos que às vezes são tão profundos
que não brotam lágrimas.
– W. Wordsworth

Portanto, não é propriamente a pessoa que chora de uma forma muitíssimo copiosa que necessariamente é mais intensamente emotiva. Outra pessoa pode ser tão profundamente emotiva que suas emoções a levam para muito além da própria possibilidade das lágrimas, por assim dizer. As emoções são variáveis e se expressam diferentemente em diferentes pessoas. Elas devem fazer-se presentes, mas não permita Deus que insistamos sobre uma certa intensidade ou exibição particular das emoções.

E a seguir temos toda a questão da idade. Há aqueles que dizem que, a menos que alguém seja convertido no período da adolescência, jamais será convertido, visto que os fatores psicológicos necessários jamais poderão estar ali novamente. Que

rematado absurdo! Que coisa mais antibíblica! Nunca vi uma conversão mais notável do que a que certa vez presenciei num homem de setenta e sete anos. Graças a Deus por isso! Não, não existe limite de idade; a idade não faz a menor diferença. Estamos falando de algo que o Espírito Santo produz. Há tanta esperança para o homem que está tiritando à beira da sepultura e do inferno quanto para o adolescente – se realmente vocês estão interessados na verdadeira conversão. Se estão interessados em experiências psicológicas, então têm o meu endosso; a adolescência é o tempo certo para ela. Tudo é muito explosivo nesse período; vocês simplesmente riscam um fósforo e a explosão acontece. Mas não estamos interessados em mudanças psicológicas; estamos falando da conversão genuína, cristã, espiritual. A idade aí, graças a Deus, é completamente irrelevante.

Ora, a razão por que temos considerado essas coisas é que há sempre certa tendência para se padronizar o aspecto variável da conversão. Às vezes ela se manifesta no evangelista, em seu anseio de ver todos se tornarem cristãos da mesma maneira, e ele fica em dúvida sobre os convertidos, a menos que sejam todos parecidos. Mas pode ocorrer também conosco de estarmos todos desejosos de ser os mesmos. Essa é sempre uma das coisas perigosas quando lemos as experiências de outras pessoas; consciente ou inconscientemente, nossa tendência é reproduzi-las. É parte de nossa caracterização e nossa natureza; somos imitadores; e se gostamos de algo que vemos em outrem, então desejamos que aquilo seja verdadeiro também sobre nós.

Nossa tendência, pois, é concentrar-nos nas manifestações particulares da conversão. As emoções, por exemplo, não passam de um aspecto, todavia pomos toda a nossa atenção nelas. Isso pode tornar-se extremamente perigoso, visto que as emoções, como já indiquei, fazem parte de uma série de variáveis, e esse caminho pode conduzir-nos a uma tragédia. Há pessoas que estão sempre insistindo sobre a presença de uma qualidade variável, a qual não é essencial. Imaginando ser ela essencial, e não a tendo experimentado, leva-os à conclusão de que jamais foram convertidos. E isso pode conduzir a uma inaudita e desnecessária

infelicidade. De certa forma, o grande exemplo desse fato se encontra em João Wesley, que pensou, imediatamente após sua experiência em Aldersgate Street, ser essa a sua conversão, e que nunca havia sido cristão até aquele momento. Anos mais tarde declarou que estivera completamente equivocado sobre isso, e que já era cristão, mas havia sido "mais um servo do que um filho". Tudo o que lhe ocorrera ali, disse, foi que *compreendeu* sua fé.

Muito bem, pode ser que Wesley estivesse certo; pode ser que não. Não sabemos. O que estou indicando, porém, é que, se postularmos algo que é variável, e insistirmos sobre isso, poderemos estar fazendo um grande mal a nós mesmos ou a mais alguém. Podemos dizer a outras pessoas que elas não são convertidas só porque não se adequam ao nosso padrão particular. Por isso devemos ser prudentes para que não avancemos para além das Escrituras e falemos coisas que a Bíblia não diz. Portanto, quão vital, quão essencial é que tenhamos definições bem nítidas em nossa mente.

Quais, pois, são os elementos permanentes e essenciais na conversão? Ora, esses se apresentam claramente nas Escrituras, porém não somente ali. Sabemos que o que estaremos agora considerando deve ser genuíno por causa das doutrinas previamente apresentadas. Isso é algo que realmente me faz estremecer de emoção! Existe tal consistência no ensino bíblico. Essas doutrinas são todas elas coerentes umas com as outras; e se permitirmos a nós mesmos ser guiados pela Bíblia, não nos veremos negando num ponto o que afirmamos noutro. E as doutrinas que já consideramos tornam inevitável e clara a verdade desses elementos permanentes e essenciais na conversão.

Ainda outro argumento – e desejo enfatizá-lo bem – é que aquilo que as Escrituras nos dizem sobre os elementos permanentes e essenciais na conversão tem sempre sido repetido em todos os grandes avivamentos ao longo da história da Igreja Cristã. Isso é muito importante. Se vocês disserem que, visto ser este o final do século vinte, então podem esperar algo diferente ou que as coisas não precisam ser as mesmas, estarão se portando

de maneira antibíblica. Se essa é a obra de Deus, não me preocupa em que século ocorreu, ela terá as mesmas características, os mesmos traços. Leiam a história dos avivamentos, e descobrirão que eles sempre reproduziram características similares. Tem-se dito que todo avivamento não é outra coisa senão um retorno ao livro de Atos. Todo sinal genuíno de religião é religião do primeiro século surgindo novamente. Sempre! Há um exemplo padrão, e todas as histórias revelam que os avivamentos se conformam a esses grandes elementos essenciais.

Isso é verdadeiro não só na história de avivamentos. É igualmente autêntico na história de pessoas, de indivíduos – aqueles que foram convertidos. Os homens e as mulheres de Deus sempre têm as mesmas caraterísticas. E não me importa onde eles se encontram, de que país eles vêm, a que século eles pertenceram ou pertencem – não faz diferença. O fato é que são homens e mulheres de Deus, e é a sua relação com Deus que determina o que eles devem ser. E tal coisa não muda ao longo dos séculos, porquanto Deus não muda. Não existe tipo especial de homem ou de mulher de Deus para o século vinte, e não creiam nisso se alguém lhes disser que existe. Eles devem ser os mesmos, eles sempre o foram. Vocês podem ler acerca deles nos primeiros séculos, na Idade Média, no tempo da Reforma, no período dos puritanos, dos evangélicos do século dezoito – são sempre os mesmos. E cada um lhes faz lembrar os outros.

Quais, então, são esses elementos permanentes? Há dois elementos essenciais na conversão, e esses são enfatizados em toda parte das Escrituras, dos Evangelhos, do livro de Atos e das Epístolas. Paulo, afortunadamente, colocou todos numa só frase para nós, em Atos 20:21, naquela comovente ocasião quando disse adeus aos anciãos da igreja em Éfeso. Às vezes tenho ponderado que, se houve uma cena na história, mais do que qualquer outra, na qual eu gostaria de ter estado presente, teria sido justamente aquela. "E eis agora sei que nenhum de vós", diz Paulo, com efeito, aos anciãos, "por entre os quais passei pregando o reino de Deus, jamais tornará a ver o meu rosto" (v. 25). "Quero que permaneçam firmes naquilo que lhes ensinei, e

se lembrem do que fiz enquanto estive com vocês." Enfim, o que era? "Testificando, tanto a judeus como a gentios, *o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus*." Isso é conversão. Esses são os essenciais, e os únicos essenciais na conversão. Arrependimento e fé. Se súbitos ou graduais, não importa. O arrependimento deve estar presente; a fé deve estar presente. Se um ou outro estiver faltando, então não é conversão. Ambos são essenciais.

Permitam-me formular uma pergunta, neste ponto. Em que ordem eles vêm? Qual vem primeiro, arrependimento ou fé? Ora, eis aí uma questão fascinante. Há um sentido em que a fé forçosamente deve vir antes do arrependimento, e no entanto não a porei nessa posição, e pela seguinte razão: quando estou falando sobre a fé, eu a indico no sentido em que o apóstolo Paulo a usava – fé no Senhor Jesus Cristo, não fé em termos gerais. Deve haver fé em termos gerais antes que vocês possam arrepender-se, porque, se vocês não crerem em certas coisas acerca de Deus, então elas não terão efeito sobre vocês e não haverá arrependimento. Estou, porém, me referindo à fé no sentido especial de fé no Senhor Jesus Cristo. Nesse caso, o arrependimento vem antes da fé, e Paulo os coloca nessa ordem: "Testificando, tanto a judeus como a gentios, o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus".

Por que o arrependimento deve vir primeiro? Bem, vocês descobrirão que ele sempre vem em primeiro lugar nas Escrituras. Quem foi o primeiro pregador no Novo Testamento? A resposta é: João Batista. O que ele pregou? O "batismo de arrependimento para remissão de pecados" (Mar. 1:4). Essa foi a mensagem do precursor, e o precursor sempre vem primeiro. Então, o segundo pregador foi o Senhor Jesus Cristo, e se vocês se voltarem para os Evangelhos e observarem a primeira coisa que sempre disse, descobrirão que Ele também exortava o povo a arrepender-se e a crer no evangelho (Mar. 1:15). E assim, exatamente como João Batista, a primeira coisa que Ele pregou foi o arrependimento.

O que, pois, Pedro pregou? Tomem o grande sermão no dia de Pentecoste, em Atos, capítulo 2. Pedro pregou e o povo clamou,

dizendo: "Que faremos, irmãos?" Eis a resposta: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:37,38). *Arrependei-vos*. E, como já citei para vocês, arrependimento foi a mensagem do apóstolo Paulo. Seu ponto de partida foi o arrependimento. Foi assim que procedeu em Atenas: Deus "...manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam" (Atos 17:30).

O arrependimento é necessariamente a primeira mensagem, e seguramente deve ser. Ela é bíblica, sim, mas as Escrituras também nos capacitam a arrazoar. Permitam-me que eu o coloque nestes termos: por que os homens e as mulheres devem crer no Senhor Jesus Cristo? Não se trata apenas de pedir-lhes que creiam em Cristo. Estão autorizados a perguntar: "Por que devo crer nEle?" Eis uma pergunta perfeitamente propícia. E as pessoas não verão qualquer necessidade de crer no Senhor Jesus Cristo, se não souberem o que é arrependimento. Naturalmente, vocês podem convidá-las a irem a Cristo como um ajudador, ou como um amigo, ou como um curador do corpo, mas isso não é conversão cristã. Não, e não! As pessoas devem saber *por que* é necessário que creiam no Senhor Jesus Cristo. A lei é nossa pedagoga (Gál. 3:24) para conduzir-nos a Ele, e a lei opera arrependimento.

Noutros termos, o ponto primacial sobre a conversão, a coisa principal em toda a salvação cristã, é conduzir-nos à correta relação com Deus. Por que Cristo veio? Por que Ele morreu? A resposta é que Ele tudo fez para conduzir-nos a Deus. E se pensarmos sobre essas coisas de qualquer maneira, a não ser em termos de sermos reconciliados com Deus, nosso ponto de vista será totalmente falso. Digo-o hesitantemente, porque conheço o risco de ser mal-entendido, mas há muitos cristãos hoje, parece-me, que param no Senhor Jesus Cristo e não compreendem que Ele veio e tudo fez a fim de reconciliar-nos com Deus. Aliás, era Deus que estava "em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo" (2 Cor. 5:19). Penso que a maior fraqueza no cristianismo evangélico, hoje, é que ele ignora Deus. Estamos interessados

nas experiências, estamos interessados na felicidade, estamos interessados em circunstâncias subjetivas. A primeira necessidade, porém, de toda alma, como veremos, é acertar-se com Deus. Nada importa senão isso. O evangelho começa com Deus, porquanto o que está errado com todo o mundo é que todos estão numa relação errônea com Ele.

Portanto, *devemos* pôr o arrependimento em primeiro lugar; ele é o problema original, a principal conseqüência da Queda e do pecado original. Deus é metódico em Sua operação, e Ele começa com a coisa importante, a primeira coisa. Portanto, na próxima preleção, continuaremos a tratar do arrependimento.

13

ARREPENDIMENTO

O arrependimento, como vimos, sempre vem antes da fé em nossa resposta ao evangelho, portanto focalizaremos agora o arrependimento. O melhor modo de começar, ao avaliarmos todas essas doutrinas – um método que temos consistentemente adotado – é notar o significado e a conotação dos termos que são usados. Ora, a palavra *arrependimento* significa "pensar novamente", "pensar uma vez mais". Portanto, visto que vocês haviam rejeitado todo esse assunto de religião e desistido de pensar nele, o arrependimento significa que vocês pensam outra vez. "Arrependimento" é, naturalmente, uma palavra latina da qual tomamos posse na língua inglesa, e até onde ela cabe, tudo bem. No entanto, de certa forma é uma grande infelicidade que esta palavra específica seja a que usamos com mais freqüência, e a que encontramos em nossas diversas traduções das Escrituras, pois a palavra original grega, *metanoia*, usada no Novo Testamento, é mais rica do que sua equivalente latina. *Metanoia*, arrependimento, não significa meramente pensar outra vez. Ela leva consigo um elemento muito mais importante, o qual significa que este pensar outra vez resulta na *mudança* de nossas mentes. E essa é uma adição vital.

Jesus contou uma parábola que expressa isso perfeitamente. "...um homem tinha dois filhos, e, chegando-se ao primeiro, disse: filho, vai trabalhar hoje na vinha. Ele, porém, respondendo, disse: não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: eu vou, senhor; e não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram-lhe eles: o primeiro. Disse-lhes Jesus: em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. Porque

João veio a vós no caminho de justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isso, nem depois vos arrependestes para o crer" (Mat. 21:28-32).

Ora, o ponto que estou elaborando é demonstrado muito claramente no caso do segundo filho. Quando o pai lhe pediu que fosse e trabalhasse na vinha, ele recusou; mais tarde, porém, arrependeu-se e foi. Portanto, o que lhe aconteceu? Bem, obviamente reconsiderou o pedido do pai. Havendo respondido de uma maneira brusca e indelicada: "Não quero", e havendo se afastado, provavelmente aborrecido por seu pai haver interrompido seus planos, refletiu e repensou sobre o assunto. Esse é o sentido – esse é o primeiro passo. Vocês voltam atrás e reexaminam aquilo que já haviam descartado. Vocês repensam. Ah, sim, mas não só isso: ele pensou de uma forma diferente. Ele mudou sua mente. Ele agora foi e trabalhou na vinha, o que antecipadamente recusara fazer.

Mas isso não exaure o conteúdo pleno deste grande tema. Vocês mudam sua mente, sim; no entanto, ao mudarem sua mente, vocês devem estar cônscios de um senso de pesar pelo conceito errôneo que haviam formulado previamente e da conduta errônea que emanou desse conceito errôneo. E assim esse elemento de pesar está também claramente presente. Aquele jovem, ao ponderar novamente sobre o problema, teria dito: "Foi muito ruim de minha parte ter falado dessa maneira a meu pai". Ele não só mudou sua mente, mas sentiu tristeza porque dissera e pensara algo errado. Desse modo, percebemos que geralmente a melhor maneira de descobrir o significado dos termos do Novo Testamento não é tanto consultando dicionários quanto consultando o contexto. Nosso Senhor define o que Ele tenciona com Seus termos na parábola.

Ainda há outro elemento que é vitalmente essencial no arrependimento, ou seja, *mudança de conduta*: "mas depois arrependeu-se, e *foi*". A ação foi uma parte do arrependimento. Se o filho tivesse simplesmente mudado seu ponto de vista, e tivesse sentido tristeza pelo que falara a seu pai, no tom em que

falara, mas a seguir tivesse apenas assentado, ou tivesse saído a gastar sua tarde à beira-mar com seus amigos, não teria de fato se arrependido. Isso teria sido remorso. É parte vital do processo de arrependimento que *façamos* aquilo que anteriormente recusáramos fazer. Aí, pois, os elementos essenciais dessa condição, essa atitude, esse algo novo que ocorre quando alguém ouve o chamado do evangelho de forma eficaz e lhe responde.

Eis a próxima pergunta: o que conduz ao arrependimento? Em certo sentido, já respondemos, dizendo que é o chamado eficaz. Sim, mas isso não basta. Precisamos analisá-lo ainda mais. O que produz o arrependimento em nós? E a resposta da Bíblia a essa pergunta é: a bendita palavra *graça*. Arrependimento é um dom de Deus que conduz a uma atividade por parte de homens e mulheres. Tomem Zacarias 12:10, onde Deus diz que "o espírito de graça e de súplicas" será derramado sobre Seu povo. É isso aí. Sem a graça e a súplica não é possível que haja arrependimento.

Em seguida aproximemo-nos do Novo Testamento. Diz Pedro: "Sim, Deus, com sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão de pecados" (Atos 5:31). Acaso vocês já notaram que Cristo tanto dá completo arrependimento quanto concede o perdão de pecados? Em Atos 11:18, pois, lemos acerca da reação do povo que ouvira a história de Pedro concernente à conversão de Cornélio. Ficaram maravilhados por ter o Espírito Santo descido sobre os gentios precisamente como fizera com os judeus no dia de Pentecoste. E somos informados: "Ouvindo eles essas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida". O arrependimento é o dom da graça, é dom de Deus.

Passando para Paulo, ele escreve a Timóteo: "Corrigindo com mansidão os que resistem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade" (2 Tim. 2:25). Paulo está dizendo a Timóteo o que fazer com as pessoas que se tornaram hereges, as pessoas que se desviaram, e Paulo diz a Timóteo que deve instruí-las com mansidão. Eis a razão de Paulo: "para que Deus lhes conceda o

arrependimento". Notem de onde o arrependimento vem.

De modo que o arrependimento é um dom da graça, levando-nos à ação. E a forma como Deus faz isso é através do ensino, da pregação e da Palavra. A Bíblia está saturada dessa idéia. O evangelho é pregado, a Palavra é proclamada, chamando os homens e as mulheres ao arrependimento. "(Deus) manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam." Como? Por meio da pregação da Palavra. Vocês encontram um grande exemplo disso no livro de Jonas, onde a pregação de Jonas produziu arrependimento nos ninivitas. Outro exemplo se encontra em Atos, capítulo 2, quando o apóstolo Pedro, cheio do Espírito Santo, se pôs a pregar em Jerusalém no dia de Pentecoste. E enquanto ele pregava, e o Espírito Santo aplicava a Palavra, o povo clamou e perguntou: "Que faremos, irmãos?" Eis aí uma indicação de arrependimento, e foi a pregação da Palavra que o produziu. É a apresentação da verdade que produz esta condição de arrependimento.

E Paulo uma vez mais, ao trazer à lembrança dos tessalonicenses o que havia sucedido a eles, diz-lhes que o evangelho que lhes havia pregado "...não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção". E qual foi o seu efeito? "...vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Tess. 1:5,9). Ele (o evangelho) produziu arrependimento.

Ora, isso nos conduz ao nosso terceiro princípio. Já consideramos os termos e como o arrependimento se produz, e agora devemos formular a seguinte pergunta: *o que existe nos homens e nas mulheres que é empenhado ou envolvido no arrependimento?* Estamos agora tentando medir e avaliar a grandeza do arrependimento, e meu motivo para fazer isso não é só que ele é algo claramente ensinado nas Escrituras, mas que também, embora estas preleções são denominadas de discursos e palestras (eu mesmo assim as denomino), não posso esquecer que sou um pregador. E um homem que pode esquecer que é pregador, quando se encontra lidando com a Palavra de Deus, precisa arrepender-se, visto que isso não deve ser encarado em

termos teóricos; ele é algo muitíssimo prático. Isso deve ser avaliado bem, visto que, seguramente, o que se deve levar em conta mais do que qualquer outra coisa, seja para a condição da Igreja, seja para a condição do mundo atual, é o nosso fracasso em compreender o pleno conteúdo do que está implícito no arrependimento. Eis a nota que está faltando. Com muita freqüência, pessoas são pressionadas a fazer decisões sem o devido conhecimento do que arrependimento realmente significa. Não temos tomado o conceito bíblico de arrependimento em sua altura e profundidade, e em seu comprimento e largura.

Permitam-me, pois, mostrar-lhes o que está envolvido num homem ou numa mulher no tocante ao arrependimento – aquilo que fica comprometido. E a resposta, naturalmente, é: a pessoa toda. Ou o arrependimento inclui toda a pessoa, ou ele não é de forma alguma arrependimento. Ora, a declaração clássica disso se encontra em Romanos 6:17: "Mas graças a Deus", diz o apóstolo, "que, embora tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues". Ou: "a forma de sãs palavras"; não importa muito como vocês o traduzam.

Portanto, analisemos isso. O que se compromete? Muito bem, antes e acima de tudo, a *mente*, o *intelecto*. Muitas pessoas parecem crer que a maneira de chamar pessoas ao arrependimento é apenas pressioná-las a *fazer* algo. Trata-se apenas da vontade. A vontade, porém, vem em último lugar, e não em primeiro. Além disso, há outra declaração desse fato em Romanos 3:20: "Porquanto", diz o apóstolo, "pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois *o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado*". Essa é a função da lei. Ora, minha esperança é que ninguém se canse das minhas constantes referências aos puritanos; será muito triste quando as pessoas se cansarem deles! Mas minha referência a eles é pela seguinte razão: eles sempre creram em fazer o que chamavam "uma intensa aplicação da lei" antes de aplicarem a mensagem do evangelho. Eles gastavam tempo, noutros termos, para verem se as pessoas estavam realmente convencidas de pecado. Essa preliminar

aplicação da lei era igualmente uma característica da pregação de George Whitefield e de João e Charles Wesley. Aliás, ela continuou sendo a característica da genuína pregação evangélica até o final do século dezenove.

Ora, "aplicação da lei" significa justamente o seguinte: "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado". E aí está a função da lei. A lei "foi acrescentada por causa das transgressões" (Gál. 3:19). Ela jamais foi introduzida a fim de prover o povo com um caminho de salvação; ela não poderia fazer isso, porquanto estava "fraca pela carne" (Rom. 8:3). Então, qual a razão da lei? Bem, ela foi introduzida para demonstrar a excessiva malignidade do pecado (Rom. 7:13). Os homens e as mulheres não gostam dessa idéia de pecado; rebelam-se contra ela; odeiam-na. E essa é precisamente a razão por que necessitam de ser mantidos debaixo da lei. Necessitam de ser convencidos de pecado; necessitam de ter sua mente despertada e iluminada acerca de sua condição. Por isso é que a pregação acerca do arrependimento começa com o intelecto e com o entendimento. Excluir o intelecto e a mente significa que vocês estão excluindo igualmente a lei, o que constitui algo terrível; pois é Deus mesmo quem promulgou a lei, e Ele a promulgou com este propósito específico.

"Pelo que me abomino, e me arrependo no pó e na cinza", diz Jó (Jó 42:6). Considerem também o Salmo 51, e observem o profundo sentimento expresso por Davi. E então tomem a famosa parábola narrada por nosso Senhor acerca do fariseu e o publicano. Somos informados que o publicano "batia no peito" (Luc. 18:13). Ele não só sentia que não podia erguer seus olhos ao céu, que não tinha o direito de falar e que só podia ficar de pé, distante, mas ainda batia no peito. Romanos 7:24 diz: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" E, em 2 Coríntios 7:11, há uma extraordinária descrição das emoções que são envolvidas num arrependimento autêntico. Mas nosso bendito Senhor mesmo disse tudo numa de Suas bem-aventuranças, no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados" (Mat. 5:4). Não são apenas pobres de espírito, eles choram. Ora, não seria precisamente

isso que de uma forma ou outra tem sido negligenciado por nós? Quão freqüentemente, no presente tempo, vocês se deparam com pessoas em agonia por causa do pecado? Quantos de nossos convertidos conhecem algo acerca de uma alma angustiada? Quão freqüentemente, hoje, homens e mulheres são vistos derramando lágrimas em decorrência de sua convicção de pecado? Quantos pessoas vocês conhecem que têm gemido por causa de sua pecaminosidade? *Nós* temos gemido? – pergunto. Mas todos esses tipos se encontram nas Escrituras.

O arrependimento inclui *o coração* e *as emoções*. Não é uma tristeza passageira; não é apenas certo desejo por algo. Não, e não! Essa aplicação da lei conduz a profunda emoção. Segundo tenho dito, a intensidade da manifestação emocional variará de caso para caso. Diferimos emocionalmente, assim como diferimos em todos os demais aspectos, mas meu interesse é realçar o fato de estar sempre presente este poderoso elemento de emoção; e o arrependimento não será autêntico caso ele não esteja presente. Tenham em mente o grande hino de Charles Wesley: "Jesus, amante de minha alma". Que jamais nos esqueçamos de que foi esse piedoso, virtuoso e religioso jovem quem disse:

Justo e santo é Teu nome;
Eu sou totalmente injusto.
Vil e cheio de pecado eu sou.

Vocês sentem sua emoção; ele está ciente dela. Deve estar presente uma espécie de angústia, um senso de temor e tremor. As emoções estão sempre envolvidas no arrependimento; como Paulo expressa: "a tristeza segundo Deus" (2 Coríntios 7:10).

E em terceiro lugar, pois, o arrependimento também inclui a *vontade*. Isto é vital. Como disse Isaías: "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos" (Is. 55:7). Ele deve esquecê-lo. Não deve apenas sentir tristeza; não deve apenas contemplar seu pecado; ele deve *abandoná-lo*. "E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes; e convertei-vos ao Senhor vosso Deus" (Joel 2:13). Deve-se *fazer* algo. Uma vez focalizado

o pecado, tendo sido efetuada a aplicação da lei, sua mente tendo sido persuadida, uma vez tendo ponderado sobre ele (o arrependimento) – então, haja ação! Eu poderia ter incluído o texto de Joel, capítulo 2, igualmente bem na seção anterior, sobre a emoção. O problema conosco, cristãos, é que somos demasiadamente saudáveis; nunca realmente gememos em decorrência de nossa pecaminosidade; nunca a sentimos. Somos por demais levianos: esse é o problema da Igreja. Isso é, porém, a definição bíblica de arrependimento.

A seguir, isso nos leva a Lucas, capítulo 3, à pregação de João Batista: "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer em vós mesmos: temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão" (Luc. 3:8). Vocês têm de fazer alguma coisa, disse João. Não basta sentir algo enquanto estou pregando: "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento". E a seguir João entra em detalhes. Pessoas vieram a ele em delegações, perguntando-lhe: "O que faremos?" (Luc. 3:10,12,14). E ele formulou respostas bem específicas às suas perguntas, respostas que merecem cuidadosa consideração. Ele disse ao povo: "Aquele que tem duas túnicas, reparta com o que não tem nenhuma, e aquele que tem alimentos, faça o mesmo". Então os publicanos também vieram e fizeram a mesma pergunta: "Não cobreis além daquilo que vos foi prescrito". Finalmente, vieram os soldados: "A ninguém queirais estorquir coisa alguma; nem deis denúncias falsas; e contentai-vos com o vosso soldo". A vontade tem de ser envolvida.

Encontramos o mesmo ensinamento na parábola sobre os dois filhos, em Mateus, capítulo 21; há um volver que faz parte essencial do arrependimento. A vontade entra em operação e nos faz retroceder *do* que era errado *para* o que é certo. A comissão de Paulo, delegada a ele por nosso Senhor na estrada de Damasco, o ordenou a ir e ensinar os gentios: "a que *se convertam* das trevas à luz" (Atos 26:18). Ação é uma parte essencial. E Paulo uma vez mais lembra os tessalonicenses: "como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Tess. 1:9).

Ora, isso nos dá alguma idéia da grandeza deste ato de arrependimento: ele absorve a pessoa toda. O quarto princípio, porém, é o seguinte: *quais são as questões ou os tópicos com que o arrependimento trata*? Aqui veremos novamente a grandeza do arrependimento. Quais são os temas? O primeiro é *Deus*. O arrependimento significa uma mudança de conceito acerca de Deus. Pensamos novamente. Tivemos conceitos errôneos acerca de Deus, e agora temos outro conceito. Sim, e um conceito completamente diferente acerca de homens e mulheres.

E então, o outro tema consiste na relação entre Deus e o homem. Percebemos como isso tem de ser mudado. Segundo o "homem natural", não há qualquer necessidade de preocupação sobre isso, uma vez que Deus é amor. Se ele tem a mínima crença em Deus, ele diz: "Deus é amor, eu pratico uma pitada de bondade, e tudo ficará bem". Quando os homens e as mulheres se arrependem, eles têm uma perspectiva inteiramente nova sobre essa relação, bem como sobre a vida propriamente dita e todo o propósito da vida e como ela deve ser vivida. E uma grande mudança ocorre em seu conceito da morte e da eternidade. Noutras palavras, o arrependimento não só inclui a pessoa toda, ele inclui toda a perspectiva dessa pessoa, tudo o que é de valor e de interesse nesta vida e neste mundo.

No quinto princípio, devemos considerar *ao que leva precisamente o arrependimento na experiência*. Como posso saber que já me arrependi? Antes de tudo, ele envolve uma mudança em nossa visão e em nossos pensamentos concernentes a Deus. Somente quando nos arrependemos é que realmente percebemos a santidade e a grandeza de Deus. No momento em que o percebemos, já nos arrependemos. Temos esta outra visão. Por natureza, nossa visão de Deus é inteiramente errônea: "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser" (Rom. 8:7). "Diz o néscio no seu coração: não há Deus" (Sal. 14:1). E então há outros que, se alegam crer em Deus, têm um Deus de seu próprio feitio e de suas próprias imaginações, alguma projeção de si próprios e de suas próprias idéias. Esses que dizem: "Creio

em Deus", não possuem qualquer concepção de Deus. Sua visão de Deus é errônea; é falsa e necessitam de uma mudança radical.

Uma vez mais, não seria isso algo que também tem produzido aborrecimento, que se tem perdido ou apagado entre nós? Porventura andamos no temor de Deus? Somos pessoas que dão a impressão de que conhecem algo da grandeza de Deus? As pessoas que se aproximam de Deus caminham cautelosamente. Somos informados no livro de Atos que os crentes andavam "no temor do Senhor e no conforto do Espírito Santo" (Atos 9:31). De um modo ou outro, porém, tudo indica que nutrimos a idéia, nesses últimos anos, que a alegria do cristão significa que jamais se deve dar a impressão de temor a Deus. No Novo Testamento, porém, somos informados que devemos servi-lO com "reverência e temor" (Heb. 12:28), porque Ele é grande, Ele é santo. Sim, vocês podem desfrutar de alegria no Senhor e ainda, ao mesmo tempo, andar no temor do Senhor. Ele é um santo temor. Não é um temor que "produz tormento" (1 João 4:18); não é um temor covarde, contudo, quanto mais perto estamos de Cristo e de Deus, mais Cristo é formado em nós, e maior será nossa concepção de Deus e a refletiremos em nossa humildade. De qualquer forma, tudo indica que o estarmos conscientes de Deus tenha se desvanecido de nós. Somos por demais volúveis e superficiais; falamos sobre "ser convertido", etc., porém nos esquecemos de que fomos aproximados de um Deus santo.

Dessa forma, temos perdido a reverência para com Deus, e portanto para a totalidade da vida, para com a justiça e a verdade de Deus. Todas estas coisas, porém, nos conduzem ao conhecimento da misericórdia de Deus, de Sua compaixão, de Sua benevolência e de Seu amor. Todas estas coisas vão juntas. O cristão, a um e ao mesmo tempo, tem conhecimento da justiça e do amor de Deus. A justiça e a misericórdia se encontram – isso é cristianismo na sua essência. É tão-somente o cristão que pode manter essas duas coisas concomitantemente.

Na verdade, o que fizemos foi introduzir esta dicotomia artificial e errônea, a qual é tremendamente antibíblica. As pessoas são tão desejosas de enfatizar o amor de Deus que se

esquecem da justiça de Deus, a qual ainda se faz presente. Em Cristo ambos se encontram simultaneamente. Na cruz do Calvário, a justiça é plenamente satisfeita e o amor flui; ao mesmo tempo, porém, o amor de Deus, nos cristãos, é um amor santo; a alegria dos cristãos é uma alegria santa. Tudo precisa ser santo. De modo que isso é algo dos novos pensamentos e do novo conceito que as pessoas que já se arrependeram têm acerca de Deus.

Uma mudança adicional é que, longe de viverem satisfeitos consigo mesmos como antes, eles agora possuem um senso de culpa e indignidade. Eles sentem que têm pecado contra Deus. Não somente isso; eles têm, como Davi apresenta de forma tão extraordinária no Salmo 51, e Paulo em Romanos, capítulo 7, um senso de depravação: "Eis que nasci em iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe. Eis que desejas que a verdade esteja no íntimo... Purifica-me... lava-me..." (Sal. 51:5-7). Eu preciso ser lavado. Eu sou corrompido e imundo. Diz Paulo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" (Rom. 7:18). Seria isso a verdade quanto a vocês? Vocês têm compreendido isso? Seja como for que interpretemos esse capítulo, seu sentido deve ser que, de uma forma ou outra, temos sentido isso.

E essa é a pergunta: vocês têm sentido essa corrupção? Vocês se conhecem suficientemente bem para terem consciência de tal fato? Vocês têm consciência de que em seu ser não habita bem algum? "Vil e cheio de pecado eu sou", escreveu Charles Wesley. Quanto mais santo o servo de Deus, tanto mais consciência ele tem desse fato. Noutras palavras, seu arrependimento é mais profundo. Estão a par da corrupção de seu coração, da vileza que está neles em decorrência da Queda e do pecado original. E então compreendem, além disso tudo, sua própria fragilidade, seu próprio desamparo. Os que acreditam que podem viver o Sermão do Monte por sua própria força não passam de pessoas ignorantes; essa é a única coisa a dizer sobre tais pessoas, visto que a primeira afirmação desse sermão é: "Bem-aventurados os pobres de espírito" (Mat. 5:3), ou seja, as pessoas que

compreendem que jamais poderão fazer coisa alguma.

O que mais muda? Bem, seus conceitos sobre *a vida e o viver*. Eles agora têm consciência da odiosidade do pecado. São conscientes não só de seus atos pecaminosos e de sua natureza pecaminosa, mas odeiam o pecado como tal. Nutrem um profundo ódio por ele como algo oposto a Deus, algo que jamais deveria ter entrado neste mundo. Em contrapartida, porém, estão conscientes da beleza da santidade, da beleza e da perfeição da justiça. Vêem a beleza e a glória da santa lei de Deus. Estas coisas não mais são repugnantes para eles. Reconhecem que a lei de Deus é perfeita, pura, santa, justa e reta. Ela não mais os ofende. Não falam sobre a vida cristã como sendo uma vida de restrição. Em certo sentido, quase que desejam que ela fosse restringida ainda mais. Agora não mais tentam viver em intimidade com o mundo; odeiam tudo isso, e desejam ser santos.

Qual, pois, é o resultado de tudo isso? Deixem-me sumariá-lo. O arrependimento deve resultar num senso de tristeza e dor por causa do pecado. Ele inclui ódio de si mesmo – um ódio que alguém sente pela natureza pecaminosa. Odiamos a nós mesmos? – pergunto. "Miserável homem que eu sou!" – diz Paulo em Romanos 7:24. É isso aí. O arrependimento também conduz a um senso de temor, visto que temos pecado contra este Deus santo, o qual é reto e justo, e que é o Senhor do universo e o Juiz eterno.

Nosso desprezo de nós mesmos, à luz da justiça e santidade de Deus, nos leva a um forte anseio por livramento, e isso, por sua vez, nos leva a fazer tudo quanto podemos para tornar possível o livramento. As pessoas que se arrependem fazem o seu máximo para serem salvos. Podem equivocar-se por algum tempo em tal tentativa, mas é um bom sinal, um sinal de que estão tentando fazer tudo que podem para se verem libertos.

E a seguir vem a confissão dos pecados a Deus e um desejo consumidor de agradá-lO. Significa não só que são pobres de espírito e choram, mas que clamam a Deus para que tenha misericórdia deles. "Tem misericórdia de mim, ó Deus" (Sal. 51:1). Nosso Senhor o expressou perfeitamente em Sua parábola

do fariseu e o publicano: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador". É esse a posição daqueles que se arrependem. Não podem, não conseguem dizer mais que isso em tal situação. São quebrantados de coração; compreendem-no muito bem; nada podem fazer senão lançar-se sobre a misericórdia de Deus. Não podem suplicar nada mais, mas suplicam isso. Essa, em certo sentido, é uma definição de arrependimento.

Pois bem, só para completar, consideremos abreviadamente as diferenças entre remorso e arrependimento, visto que não são a mesma coisa. No remorso, vocês podem sentir tristeza por causa do fracasso e podem sentir-se aborrecidos consigo mesmos por terem feito algo que vocês sabiam estar errado e, portanto, não deveriam ter feito. Aliás, o remorso pode ir mais longe; ele pode até mesmo incluir certo medo das conseqüências. Não nos esqueçamos jamais de que o remorso pode ir até esse ponto. Mas isso não é o que Paulo chama "tristeza de Deus". Deixem-me lembrá-los o que é isso. Paulo escreve:

> *"Agora folgo, não porque fostes contristados, mas porque o fostes para o arrependimento; pois segundo Deus fostes contristados, para que por nós não sofrêsseis dano em coisa alguma. Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, o qual não traz pesar; mas a tristeza do mundo opera a morte. Pois vede quanto cuidado não produziu em vós isso mesmo, o serdes contristados segundo Deus! Sim, que defesa própria, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo provastes estar inocentes nesse negócio"* (2 Cor. 7:9-11).

Vocês percebem a paixão, o sentimento, a emoção. Eles o perceberam com suas mentes, sentiram-no e fizeram algo a respeito.

Portanto, quais são as diferenças entre arrependimento e remorso? Bem, o verdadeiro arrependimento, diferindo do remorso, inclui estes elementos. Ele nos transmite certo senso de termos ofendido a Deus e de O termos entristecido e de O

termos ferido. Ele nos transmite, reitero, certo senso de polução e de total indignidade. Ele nos leva a declarar:

Odeio os pecados que Te fizeram chorar,
Que Te expulsaram de meu peito.
– William Cowper

Ele nos desperta um desejo e uma determinação de desembaraçar-nos do pecado. Este veemente desejo, esta atividade, este zelo, esta vingança sobre o que Paulo fala, é o que significa tristeza segundo Deus.

Podemos sumariá-lo outra vez numa só das bem-aventuranças. Eis a última prova do genuíno arrependimento e daquilo que o diferencia mais que tudo do remorso – arrependimento nos causa fome e sede de justiça. Ele nos leva a desejar ser como Cristo, e mais e mais como Ele, ser justos, santos e puros. Não sentimos simplesmente tristeza só porque temos caído uma vez mais e porque sofremos subseqüentemente e temos nos desapontado – absolutamente, não! O remorso é negativo – o arrependimento é positivo.

Oh, dê-me um coração que louve ao meu Deus,
Um coração liberto do pecado;
Seja um coração que sinta sempre o Teu sangue
Tão graciosamente derramado por mim.
– Charles Wesley

Isso é arrependimento.

14

FÉ SALVADORA

Havendo focalizado a grande doutrina bíblica do arrependimento, estamos agora prontos para focalizar aquela doutrina correspondente – a *fé*. Esse tema particular é um dos que lemos sobejamente por toda a Bíblia. Presumo que se fala mais sobre a fé na Bíblia do que sobre qualquer outra coisa, porque a fé é aquilo por meio do qual todas as bênçãos da salvação finalmente nos chegam. Somos salvos pela fé, somos santificados pela fé, andamos pela fé. "Essa é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5:4), e assim por diante.

Todas essas bênçãos nos vêm através da mediação da fé, de modo que essa é claramente uma questão sobre a qual devemos estar plenamente convictos em nossas mentes. Além do mais, ao lerem a história da Igreja ao longo dos séculos, vocês descobrirão que sempre houve muita disputa em torno da fé, e obviamente porque, uma vez sendo ela por demais central, o inimigo, o diabo, se sente mais apto para atacar aqui do que em relação a qualquer outro artigo da verdade; e realmente ele tem assim procedido. Aliás, a grande Reforma Protestante, em certo sentido, outra coisa não foi senão a redescoberta e a redefinição dessa grande doutrina da fé.

Entretanto, convém que façamos referência tão-somente aos grandes princípios centrais em conexão com esta doutrina. Poderíamos despender de uma grande porção de nosso tempo nela, mas teríamos muita área a percorrer, e portanto consideraremos apenas os aspectos mais salientes. A fé é o instrumento ou o canal pelo qual toda a salvação que se encontra em Cristo Jesus passa para nós e é apropriada por nós. É aquilo que nos liga à plenitude que habita em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Essa é a fé em sua essência.

Ora, ao lerem sua Bíblia, vocês descobrirão que a palavra

"fé" é usada para cobrir uma série de diferentes termos, os quais têm diversas conotações. Estamos nos restringindo, neste estudo, a um só, e esse é a fé *salvadora*, mas faremos uma breve pausa para lhes mostrar dois outros usos da palavra "fé".

Em 1 Coríntios, capítulo 12, vocês encontrarão uma lista dos dons espirituais – dons de milagres, dons de cura, etc., e entre eles está o dom da fé. Fé, ali, obviamente não significa fé salvadora, porquanto todo o argumento do apóstolo, nesse capítulo, é que os cristãos não possuem todos esses dons do Espírito; alguns têm um dom, outros têm outro.

Assim, pois, aquele dom não poderia ser a fé salvadora, porquanto essa todo cristão possui. Ao contrário, em 1 Coríntios, capítulo 12, a fé refere-se à habilidade especial que Deus, através do Espírito Santo, concede a certas pessoas para que vivam uma vida de inteira dependência dEle – o tipo de dom que Jorge Müller, ou Hudson Taylor, possuía a fim de poder exercer seu ministério específico. Jorge Müller, deveras, é às vezes conhecido como "o homem que cria em Deus". Noutros termos, ele possuía, de uma forma excepcional, o dom espiritual da fé.

Outro uso da palavra "fé" encontra-se na lista do fruto do Espírito apresentada em Gálatas 5:22,23. A *Authorized Version* tem: "o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé...". Essa, porém, não é uma boa tradução, visto que fé, ali, realmente significa *fidelidade*. Não pode significar fé salvadora (fé salvífica) porquanto essa não é um dos frutos do Espírito. Geralmente vocês podem perceber que o contexto fará o significado plenamente claro, se tão-somente lhe prestarem atenção.

E assim, voltando à fé salvadora: o que é fé? Ora, primeiramente devemos responder a essa pergunta em termos gerais, e aqui começaríamos com uma negativa. Devemos enfatizar o fato de que ela não é algo natural. Às vezes certas pessoas no-las colocam nestes termos, ou seja, dizem: "Fé é uma faculdade natural que toda pessoa possui. Vocês estão sempre exercendo fé em sua vida; vocês não poderiam viver um só dia sem proceder assim". Então usam as seguintes ilustrações: "Vocês

viajam de trem de Londres a Brighton, e imediatamente se vêem exercendo fé – na máquina se encontra o maquinista, e na estrada estão os trilhos, os dormentes, os parafusos, as porcas, etc". Ou, dizem: "Uma pessoa viaja num avião – ora, ela está exercendo fé".

Naturalmente, divirjo totalmente de tal argumento, e creio ser muito importante que todos discordemos dele. Para começar, de forma alguma chamaria tal coisa de fé, visto que sentar nesse trem e viajar de Londres a Brighton não é um exercício de fé. Estamos simplesmente fazendo algo com base na lei da probabilidade matemática. Essa é uma distinção vital. O que estamos dizendo a nós mesmos, consciente ou inconscientemente, é o seguinte: as chances são que este trem irá daqui para Brighton sem qualquer acidente. Sei que há acidentes ferroviários ocasionais, mas eles não acontecem todos os dias. A lei da probabilidade matemática me diz que provavelmente este trem me levará, sem qualquer acidente, a Brighton. Ora, isso não é fé em qualquer sentido.

Ou, colocando-o de outra forma: ao sentarmo-nos nesse trem, estamos agindo com base na experiência geral de homens e mulheres que viajam de trens. Vemos outros fazendo a mesma coisa, e sabemos que eles o fazem todos os dias. A experiência nos ensina que, de um modo geral, é seguro fazer uma viagem de trem. Podemos dizer que estamos agindo de acordo com um argumento que tem por base a observação geral de certos fatos.

Digo, porém, que isso não é fé, de modo algum, no sentido bíblico, e é muito importante que compreendamos essa verdade, porque às vezes se apela da seguinte forma: "Ora, se vocês confiam no trem e no maquinista, por que não confiar no Senhor Jesus Cristo? Vocês terão simplesmente que aplicar essa faculdade que usam todos os dias à questão de sua salvação, e serão salvos – por que não agem assim?" Bem, a resposta é que vocês não podem fazê-lo, e essa é a razão, vocês podem ver, porque há uma diferença essencial entre uma coisa e outra.

Ao contrário, a fé descrita na Bíblia é algo único. Vocês a vêem de forma perfeita em Abraão e no nascimento de Isaque.

Charles Wesley faz essa história ecoar em um de seus hinos. Diz ele:

Fé em Teu poder Tu vês que eu tenho,
Porque concedeste a mim esta fé.

Fé não é uma faculdade natural que ele sempre possuíra. Foi Deus quem a deu a ele.

Almas mortas Tu chamas de seus túmulos,
E do nada falas aos mundos.

E uma vez mais:

Ao esperar contra toda esperança humana,
Em minha própria desesperança, creio.

Vocês não entram num trem dessa forma, entram? Vocês não estão esperando contra a esperança de que chegarão em Brighton. Claro que não! Muito ao contrário. Quando Abraão creu em Deus, *ficou* esperando contra a esperança. Ele não se baseou na lei da probabilidade matemática. Ele tinha noventa e nove anos, e Sara noventa. Toda a experiência humana era contra tal esperança. A lei da probabilidade matemática estava totalmente contra ela. As observações da vida, da razão, todas estavam contra ela. Abraão esperava contra a esperança, no entanto ele se tornou o pai dos fiéis. Ora, essa é a fé bíblica. Quão errôneo é, pois, imaginar a fé, descrevê-la e pedir às pessoas que a exerçam, como se ela fosse alguma espécie de faculdade natural que todos possuímos. Nós não a possuímos. Charles Wesley o expressa perfeitamente quando nos diz que ela é algo "operado por Deus".

Isso me conduz ao meu segundo ponto. Qual é a origem da fé? Eis a resposta: ela é dom de Deus. Além disso, vocês percebem a importância de considerar doutrinas na ordem correta. Quão importante é que tenhamos estudado a regeneração, e assim por diante, antes de nos aproximarmos da fé. Isso é também dom de Deus.

Aqui, porém, chegamos a um ponto controvertido. Tomem

a afirmação em Efésios 2:8: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e *isso* não vem de vós, é dom de Deus". Ora, a questão toda é: o que significa o termo "isso"? Ele se refere a quê? Há aqueles que nos fariam crer que ele se refere à salvação. Seguramente, porém, não é possível que o seja. Se porventura o fosse, então Paulo estaria sendo repeticioso. Ele já havia dito: "Pela graça sois salvos", e ele prossegue afirmando isso em todo o parágrafo; de modo que, se ele o repetisse novamente aqui, com que propósito o faria? Não. Com o termo "isso", ele está fazendo referência à fé, não à salvação. "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e *isso*" – a fé também – "não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie."

Sim, a fé é dom de Deus, e isso, naturalmente, pode ser facilmente provado à luz das doutrinas anteriores, as quais já consideramos. Pensem novamente em 1 Coríntios, capítulo 2, e em tudo o que já vimos acerca do homem natural para quem as coisas de Deus não passam de "loucura" (v. 14), bem como Romanos, capítulo 8, onde a mente carnal é descrita como sendo "inimizade contra Deus" (v. 7). Uma pessoa como essa não pode exercer fé, segundo já vimos. Noutras palavras, a semente da fé colocada em nós na regeneração será convertida em ação pela vocação eficaz.

Ou, com o fim de provar o mesmo ponto partindo de um ângulo diferente, focalizemo-lo assim: a fé, afinal de contas, é governada pelo que chamamos nossa disposição. É a nossa disposição fundamental que determina se temos fé ou não. O autor da Epístola aos Hebreus fala acerca de "um perverso coração de incredulidade" (Heb. 3:12). É isso aí. Fé não é somente uma questão intelectual, como veremos. Ela é nossa disposição. Se possuímos um coração perverso, então seremos incrédulos. Se temos ou não fé, isso é determinado pela nossa disposição fundamental.

Ou, mais uma vez, o nosso Senhor Jesus Cristo diz: "Como podeis crer, vós que recebeis glória uns dos outros e não buscais a glória que vem do único Deus?" (João 5:44). "Vós não podeis crer", diz, com efeito, nosso Senhor, "porque toda a vossa

disposição é má. Vós estais buscando honra uns dos outros; enquanto estiverdes agindo assim, jamais tereis fé e jamais crereis. Como podeis crer?" E então Ele o reitera: "Por que não me credes?" (João 8:44). Novamente a mesma coisa: era sua disposição que estava errada. Noutras palavras, enfim, esta é uma questão moral. É algo que envolve todo o ser moral; por isso devemos desistir de pensar na fé como uma espécie de faculdade natural que pode volver-se na direção de Deus. Ao contrário, ela é dom de Deus.

Portanto, como precisamente ela vem à existência? O que a gera? Aqui está outro ponto importantíssimo, e a resposta é que ela é gerada pelas Escrituras, pela Palavra de Deus. É por meio da verdade que ela é trazida à existência. Ora, existem infindáveis provas desse fato. Tomem, por exemplo, a grande comissão que nosso Senhor outorgou a Seus discípulos, após Sua ressurreição, justamente quando Ele Se despedia deles. Disse Ele: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações" (Mat. 28:19). Discipulá-las, se vocês preferirem; é a mesma coisa. Dar-lhes a informação, pregar-lhes a Palavra, proclamar a verdade diante delas.

Tomem, igualmente, a comissão outorgada a Paulo na estrada de Damasco. Nosso Senhor o informou que o chamava, e que o estava enviando ao povo e aos gentios. Para quê? "Para abrir seus olhos" (Atos 26:18). Ele tinha que ensiná-los. Ele tinha que mostrar-lhes que eram escravos de satanás e o terrível destino que os aguardava.

Provavelmente, porém, a passagem clássica sobre o assunto seja Romanos, capítulo 10, versículos 10-17, onde Paulo escreve acerca da pregação do evangelho e como é que as pessoas crêem. E aqui está a conclusão: "Logo a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo". Essa é a forma pela qual a fé vem à existência e entra em operação. Ela é gerada pela Palavra de Deus, pela verdade, pelo evangelho, pela mensagem pregada. É por isso que Paulo exorta Timóteo: "Prega a palavra" (2 Tim. 4:2). Tiago 1:18 nos lembra do mesmo fato: "Segundo a sua própria vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade". E o mesmo se dá por toda parte, do princípio ao fim das Escrituras; é sempre pela Palavra.

Isso nos permite prosseguir formulando outra pergunta muitíssimo importante: quais são os elementos na fé, ou em que ela consiste? Cessamos agora de focalizar a fé em termos gerais e começamos a analisá-la em termos particulares. A primeira coisa, obviamente, conforme essas citações já estabeleceram, é que ela inclui *convicção*. Não se pode ter fé sem crer; a própria palavra tem esse sentido. Significa um assentimento à verdade, um assentimento à Palavra de Deus que está sendo posta diante de nós. Sim, mas notem que em Hebreus, capítulo 11, crença não é um assentimento vago, geral, superficial. No versículo 13 se usa a palavra *persuadido* – palavra que se revela muito importante, visto que realça o ponto. Todas essas pessoas, o escritor nos diz, "morreram na fé, sem ter alcançado as promessas; mas tendo-as visto e saudado, de longe, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra". Estavam convencidas dessas coisas. Portanto, quando dizemos que a fé significa crença, não significa apenas uma consciência da verdade, ou um assentimento à verdade, mas uma firme convicção; somos convencidos, somos persuadidos.

Sim, mas fé não pára aí, e este é um ponto importantíssimo, porquanto há certas pessoas que definiriam fé simplesmente no sentido de dar assentimento à verdade. Evidentemente, tudo isso é da mais vital importância em toda a questão da evangelização. Quando uma pessoa vai a uma sala de orientação, geralmente lhe são passadas certas informações e lhe é feita a pergunta: "Você crê nisso?" "Sim", responde, e então recebe a confirmação: "Muito bem, você está salvo". Assentimento à verdade é considerado por alguns como sendo a totalidade da fé – mas não é. A fé inclui também um elemento de *confiança*, uma prontidão para entregar-se a ela. Volvamos nossos olhos uma vez mais para Hebreus 11:13: "Todos esses morreram na fé, sem terem alcançado as promessas; mas tendo-as visto e saudado, de longe, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra". Na fé há inevitavelmente um elemento de confiança, e às vezes suscitam-se problemas na vida espiritual só porque as pessoas se detiveram no elemento crença, e não compreenderam a vital

importância da confiança. No entanto ela faz parte da fé.

Aliás, devemos dar um passo além. Fé inclui também um elemento de *entrega*. Vocês não só crêem nessas coisas e confiam nelas; vocês se entregam – eles "confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra". Ou, como Romanos, capítulo 10, o expressa, eles *invocam a Deus*. Crêem tanto, confiam tanto, que invocam a Deus: "Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram?" (Rom. 10:13,14). O crer nos leva à invocação a Deus, à confiança em Deus, à total entrega de si mesmo a Ele.

Ora, é muito importante traçar essa distinção, porquanto existe aquilo que é apenas assentimento intelectual à verdade. E isso não é fé. Às vezes também se chama fé histórica. Infelizmente, tenho conhecido pessoas que se encontram nesta posição. Para ser inteiramente honesto, não estou certo quanto a mim mesmo se uma vez não estive na posição de equivocar fé histórica com a fé genuína. Fé histórica significa que, talvez em virtude de terem sido educados numa atmosfera religiosa e sempre instruídos na Bíblia, quando jovens freqüentaram a escola dominical ou a algumas classes, talvez por causa de tudo isso, vocês aceitaram o cristianismo intelectualmente. Não somente isso, mas vocês percebem que ela é coesiva. Vocês percebem que ela é a única explicação razoável da vida, e assim por diante. E então vocês a aceitam intelectualmente, como um sistema de verdades. Mas ela não seria fé se parasse aí, porque é possível que pessoas façam tudo isso e não se confiam nem se entregam a ela totalmente. Tem havido homens e mulheres, infelizmente, que têm sido peritos na Bíblia, mas cujas vidas têm demonstrado muito claramente que jamais confiaram em Cristo. Possuem a "forma de piedade" enquanto se mantêm "negando-lhe o poder" (2 Tim. 3:5). A história da Igreja, infelizmente, está entremeada de exemplos disso; pessoas que têm aceito a fé intelectualmente, mas cujos corações jamais se comprometeram, de fato jamais se comoveram. Elas jamais se entregaram. Por isso devemos ser muito prudentes, para não suceder que, aquilo que chamamos fé, seja simplesmente uma espécie de fé histórica.

Ora, existe uma antiga ilustração, e eu a reitero por não conhecer outra melhor. É uma história que é contada para nos mostrar a diferença entre assentimento intelectual a uma proposição e fé, e ela fala de um homem que podia andar de costas e transpor um remoinho numa prancha. Ele não somente fazia isso sozinho, mas também segurava um carrinho de mão e o rodava para trás e para frente. Ora, havia um garotinho em pé perto do barranco do rio, e o homem lhe perguntou: "Você acredita que eu posso ir e voltar a salvo sem cair?"

"Sim", disse o garotinho.

"Muito bem", respondeu o homem, "pule dentro."

"Oh, não!", disse o garoto.

É isso aí! É uma simples história, mas que ilustra a verdade até certo ponto. Na fé há algo além do consentimento intelectual. Há confiança, há entrega. Fé não é meramente uma questão de crença.

O que, pois, existe em mim que entra em operação em minha fé? Essa, uma vez mais, é uma pergunta muito importante, por causa do problema da fé histórica, e também por causa do que a própria Bíblia, como já vimos, descreve como fé temporária. A semente é lançada e germina imediatamente, mas logo morre porque não tem raízes. Da mesma forma, há pessoas que ouvem a Palavra e crêem nela com alegria, mas não têm raiz, e murcham logo depois. E há também aquelas pessoas que são descritas em Hebreus, capítulo 6 – aquelas com fé temporária. Portanto, é muito importante perguntar o que existe em nós que é envolvido na fé. E a resposta, como já demonstrei, é que ela envolve a pessoa toda: a mente, o coração e a vontade. Portanto, a fé não é alguma espécie de crença intelectual que vocês carregam consigo numa mochila, não é algo que vocês manipulam, põem e dispõem, quando quiserem, mas é algo que se assenhoreia de todo o ser de vocês.

Há dois grandes textos sobre isso. O primeiro é novamente Romanos 6:17: "Mas graças a Deus que, embora tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues". A mente, portanto, vem e deve vir em primeiro

lugar. Se é a verdade que gera a fé, então ela deve dirigir-se antes de tudo à mente. Ora, os católicos romanos contestam esse fato. Dizem que os cristãos comuns não entendem a fé e a verdade em que crêem; somente a Igreja pode fazer isso. Portanto, dizem, tudo o que as pessoas devem fazer para se tornarem cristãs, é confiar-se à Igreja. Sua mente, como tal, não é envolvida. Vejam, pois, a importância das definições. Ao contrário dos católicos romanos, devemos asseverar que a mente *é* envolvida.

Sim, mas houve também um homem chamado Sandeman que provocou grande devastação na Igreja no fim do século dezoito e no começo do dezenove. Ele ainda conta com alguns seguidores, mas, lamentavelmente, há muitos outros sandemanianos inconscientemente. Ele ensinou que a fé só atinge o intelecto de uma pessoa, nada mais que isso, e ele abusou de Romanos 10:9. Ele disse que tudo o que temos a dizer é: "Sim, eu creio nessas coisas", e então tudo fica bem. Sua simples declaração os salva: "Porque, se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor... serás salvo". Esse foi o seu ensino, e persuadiu a muitos de que ele estava certo. Mas o resultado foi que não se preocuparam um mínimo com suas emoções, ou com seu coração, ou com sua vontade. Era tudo uma simples questão de intelecto. E muitos foram capturados e levados à escravidão por essa doutrina. Por isso, ao contrário de Sandeman, dizemos: sim, a fé é algo que envolve a mente e o intelecto, mas ela não pára aí. Ela deve envolver também o coração.

Aqui me volto para o apóstolo Pedro: "E assim para vós, os que credes, é a preciosidade" (1 Ped. 2:7). Notem o *assim, portanto.* Vocês não podem crer nEle sem que sejam movidos por Ele. Não há o menor valor no que vocês chamam fé, a menos que ela conduza ao amor. Se vocês não amam ao Senhor Jesus Cristo, então não possuem nada senão um assentimento intelectual, uma proposição concernente a Ele. "Sigam, como a noite segue o dia", é o que diz Pedro, na verdade, "pois se realmente crerem nEle, Ele será precioso para vocês e vocês para Ele." Suas afeições devem estar comprometidas.

Vocês podem ficar surpresos por eu dizer isso. Há tantas

pessoas que se gloriam no fato de não haver muita emoção em sua evangelização. No entanto, deve haver emoção na evangelização. Não só deve haver emoção, mas, se não houver emoção, alguma coisa está errada. Seu coração deve ser comovido, e vocês não devem vir sem lágrimas de arrependimento e de alegria. Se sua fé não os leva à comoção, então ela não é fé. É nosso dever denunciar sempre o *emocionalismo*, mas que Deus não permita que descartemos a emoção.

E, por sua vez, a vontade é comprometida. A fé sem obras é morta. E não há qualquer dúvida sobre esse fato. Não adianta vocês dizerem que crêem no Senhor Jesus Cristo enquanto ainda vivem uma vida mundana – isso é no que resume. Não estou interessado nas experiências que as pessoas podem apresentar, caso sejam ainda mundanas, não há valor algum em sua reivindicação de terem fé, de terem crença. "Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta" (Tiago 2:26). "Vós que amais ao Senhor", diz o salmista, "aborrecei o mal" (Sal. 97:10). Vocês não podem amar ao Senhor sem odiar o mal. Tal coisa é inevitável. Vocês o abandonam, vocês lhe viram as costas. Olhem para Davi nos Salmos 51 e 139. Vejam-no por toda parte na Bíblia.

Levem em conta, também, essas pessoas no capítulo onze de Hebreus. Abraão, ao ouvir a palavra de Deus dirigida a ele, creu e deixou seu país, ainda que não soubesse aonde estava indo. A fé age. A vontade está sempre envolvida. E se sua vontade não estiver envolvida, então não há sentido algum em dizer: "Ah, sim, eu creio nisso, eu o aceitei". Noutras palavras, o que necessita ser enfatizado hoje é que a fé não é uma espécie de *crendice*. Aí jaz um grande perigo, porquanto na crendice o coração não está envolvido e a vontade não está comprometida. Na fé, porém, eu reitero que a pessoa inteira está comprometida. Cristo salva o homem todo ou a mulher toda, e nenhuma parte é excluída. E assim vocês percebem que correspondendo à crença, à confiança e à entrega estão o intelecto, o coração e a vontade.

Essa, pois, é nossa definição essencial de fé. Mas certos ainda existem problemas, e devemos tratar deles em razão de serem

tão amiúde suscitados em discussões, e as pessoas com muita freqüência fazem perguntas sobre eles.

Em primeiro lugar, qual é *a relação entre fé e razão*? A melhor resposta que posso apresentar é que a fé não é uma questão de razão. Algumas pessoas ensinam que sim. Dizem que, se os homens e as mulheres tão-somente usassem suas mentes, eles se veriam constrangidos a se tornarem cristãos; arrazoando eles podem colocar-se dentro do cristianismo. Tal coisa, porém, é totalmente antibíblica. Não são capazes de fazer isso, porquanto a razão do homem ou da mulher natural é também razão decaída. Não somente isso, há elementos sobrenaturais e miraculosos na fé aos quais a razão não pode alcançar. Portanto, a fé genuína não é inteiramente uma questão de razão. Aliás, tenho que citar-lhes a declaração do grande Blaise Pascal, provavelmente o maior matemático que o mundo já conheceu, e que experimentou uma conversão evangélica. Ele disse que a suprema façanha da razão é nos ensinar que existe um ponto final para a razão.

Então, o que dizer da fé e da razão? Bem, fé não é meramente razão; em contrapartida, porém, tampouco é ela contrária à razão. Ela não é desarrazoada; ela não é irracional. Essa é a acusação lançada contra nós.

"Ah", as pessoas dizem, "o que você está ensinando, porém, é uma espécie de irracionalidade. Você afirma que a fé não é uma questão de razão. Pergunto, então: ela é oposta à razão?"

Não, não é. Ela não é a razão, nem tampouco é contrária à razão. O que é ela, então? É *supra-razão*. Significa que nossa razão nos conduz ao ponto onde compreendemos que ela não basta, e nesse ponto não temos nada a fazer senão submeter-nos à revelação. E isso é fé. Fé é a aceitação desta revelação.

Mais e mais me agrada ponderar sobre a fé nestes termos: fé significa que deliberadamente me limito a este livro, a Bíblia. Recuso-me a filosofar. Recuso-me a formular certas perguntas. As pessoas estão sempre formulando-as. Querem entender a doutrina da Trindade. Mas vocês não podem entendê-la. Jamais a entenderão. Sua mente e razão não podem apreendê-la. Ela é demasiadamente imensurável. É demasiadamente divina. É

demasiadamente eterna. Portanto, vocês a aceitam; desistem de fazer perguntas. Um dos melhores sinais do real nascimento da fé nas pessoas é que elas desistem de formular certas perguntas. Pensem mais na fé dessa forma se isso os ajuda. Vocês vão à Bíblia à semelhança de uma criancinha, e a aceitam, e então começam a descobrir que ela é plenamente racional. A razão não pôde introduzi-los nela; uma vez, porém, que se vêem nela, então descobrirão que ela é totalmente coerente; ela é um composto harmonioso e perfeito. Existe uma só mensagem em toda parte dela. As partes estão todas ali. Todas se ajustam simultaneamente como um perfeito mosaico. Ela é a coisa mais racional deste mundo, e no entanto a razão jamais os introduzirá nela.

A fé nos introduz na Bíblia, e então passamos a perceber a racionalidade de toda ela. Pois Cristo não é somente o poder de Deus, Ele é a sabedoria de Deus (1 Cor. 1:24), e quando nos vemos nela, percebemos que unicamente ela é sabedoria, e que tudo mais é injusto e irracional. Se a fé fosse uma questão de razão, então só as pessoas privilegiadas intelectualmente poderiam ser cristãs. Por outro lado, a fé não é irracional, porque, se o fosse, nenhum intelectual poderia tampouco ser cristão. Visto, porém, ser ela o que é, ela nos coloca a todos no mesmo nível. Aceitamos esta revelação, e então passamos a entender. Essa é a relação entre fé e razão.

O que dizer da relação entre fé e conhecimento? Sim, mais uma vez, esse é um ponto importantíssimo. Permitam-me que o coloque como segue. Deve haver um elemento de conhecimento na fé, visto que a fé vem à existência em decorrência da operação da verdade. Se o primeiro elemento da fé é a crença, e se ela é convicção da verdade, então devemos conhecer o que cremos. Por isso é que Pedro exorta os cristãos desta maneira: "Antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (1 Ped. 3:15).

Existe, porém, uma grande diferença entre *apreender* e

compreender. Compreender significa que vocês podem abarcar uma coisa, que sua mente pode entender plenamente, enquanto que apreender significa que a mente está conscientizada. Ora, o elemento de conhecimento na fé consiste, não no elemento de compreensão, e, sim, deve estar necessariamente no elemento de apreensão. Quando as pessoas me procuram, e pergunto se são cristãs, se respondem: "Bem, eu creio, eu tenho fé", então tenho o direito de perguntar-lhes: "O que vocês crêem?" Vocês sempre têm o direito de perguntar aos cristãos, ou àqueles que alegam ser cristãos, o que eles crêem, e o cristão deve ser capaz de responder à pergunta. Segundo Romanos 10:14 o coloca: "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram falar? e como ouvirão se não há quem pregue?" E Paulo prossegue apresentando que a fé vem "pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo" (v. 17). Portanto, existe na fé este elemento de conhecimento e de entendimento – é apreensão em vez de compreensão.

E essa é a razão por que todas as Epístolas insistem em apelar a que cresçamos no conhecimento. Todos os esforços dos escritores eram destinados a fazer com que as pessoas *entendessem* mais e mais, não simplesmente que sentissem mais e se entretessem mais, mas que crescessem no entendimento da verdade, para que hoje conheçam mais do que conheciam há um ano atrás. Não continuam vivendo naquela velha experiência; eles têm mais entendimento.

"Ora, pois", talvez alguém pergunte, "o que é que devemos entender? O que é que devemos conhecer? Você está afirmando que não somos cristãos, a menos que entendamos toda a gama da fé cristã e a menos que sejamos peritos em cada simples detalhe e em cada doutrina? Você quer dizer que a pessoa que realmente não puder apresentar um abrangente relato de toda a teologia bíblica não é cristã?" Como já vimos, não estou dizendo isso! Estou dizendo, porém, que há certas verdades que são absolutamente essenciais e vitais à integridade do evangelho, à própria existência da fé. Há também outras verdades que, embora não essenciais à integridade do evangelho,

são essenciais à sua simetria e perfeição.

Deixem-me explicar o que isso significa. Existe um certo mínimo irreduzível, e devemos contender por ele. Há outras doutrinas, porém, e outros aspectos da fé que não são absolutamente essenciais à salvação, mas são essenciais a uma concepção completa, plena e simétrica da salvação e a expressão dela – para uma fé balanceada e organizada. Noutras palavras, há certas doutrinas em que *devemos* crer, e há outras sobre as quais temos dúvida e sobre as quais pode haver legítima discordância.

Quais, pois, são as coisas essenciais? Bem, é preciso crermos em Deus. É preciso crermos acerca do caráter de Deus. Se não cremos que Deus é santo, não somos cristãos. Se não cremos que Deus é justo e reto, então não somos cristãos. Além de crermos no amor de Deus, devemos crer nos demais atributos que já consideramos numa preleção anterior.* A revelação bíblica acerca deste Deus santo e justo que é o Juiz do universo – isso é essencial.

É igualmente essencial que creiamos em nossa condição pecaminosa e perdida. Não estou disposto a argumentar sobre esse fato – ele é de caráter absoluto. Se não sabemos o que é um pecador, que somos pecadores e que já nos arrependemos, não somos cristãos, não podemos ser, e não adianta dizermos que cremos no Senhor Jesus Cristo. Pois o que é crer no Senhor Jesus Cristo senão compreender que Ele é o Salvador e o Redentor, e não há outro? De quê, porém, preciso ser salvo? Da culpa do pecado na presença deste Deus santo. Portanto, preciso estar esclarecido acerca da doutrina do pecado, acerca de meu estado de perdição e de meu desamparo, como também acerca da Pessoa e da obra de Cristo.

Paulo mesmo apresenta estes elementos essenciais nos versículos introdutórios de 1 Coríntios, capítulo 15: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi" – o quê? – "que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras"

---

* Ver volume 1, *Deus o Pai, Deus o Filho*.

(v. 3). Aí está o primeiro elemento – a Pessoa dEle e o que Ele fez: a obra sacerdotal, a obra mediadora, a expiação. Não vou argumentar sobre isso. Sei que sou descrito como sendo muito estreito, mas se as pessoas não percebem que são salvas unicamente pelo sangue de Cristo, então pensem de mim o que quiserem, não consigo ver como tais pessoas podem ser cristãs. Isso é essencial. "Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Cor. 2:2). Paulo "anunciou" Sua morte aos Gálatas. Ela esteve sempre no centro. Este não é um assunto para ser debatido. Isto não pertence à simetria da fé, e sim, à integridade da fé, como também alguns aspectos da grande doutrina da Pessoa e obra do Espírito Santo, a qual estamos estudando nas preleções atuais. Se vocês não crêem na regeneração, se vocês não vêem sua absoluta necessidade, então não vejo como podem ter algum direito a considerar-se cristãos. Se não percebem que estão tão perdidos que nada senão o recebimento de nova vida de Deus pode reconciliá-los e conduzi-los ao céu, então está lhes faltando algo num ponto vital, num ponto que é integral e o qual pertence à própria integridade da fé.

Esses, pois, são absolutamente necessários. E diria que vocês têm o direito de insistir que estejam presentes essas doutrinas antes que estejam preparados para dizer a uma pessoa: "Sim, você tem fé." Fé não é um vago sentimento; não é um vago desejo de receber certas bênçãos de Cristo. Fé é crença neste evangelho, nesta Palavra de Deus, nesta mensagem, nesta verdade que os apóstolos pregaram, a verdade sobre a qual eles escreveram. É uma aceitação e um assentimento a isso. É uma persuasão que me move a fazer algo – isso é fé. E devo conhecer o que creio e em quem creio e o que creio concernente a Ele. Esses são os mínimos irreduzíveis, os essenciais indispensáveis, as coisas que pertencem à própria integridade da fé.

15

CERTEZA DE FÉ

O tema ao qual agora chegamos não só é tratado muito freqüentemente nas Escrituras, mas, de nosso ponto de vista prático, é uma vez mais de grande importância. Refiro-me à relação entre fé e certeza, ou, como às vezes é conhecido, a certeza de fé. Esta não é só uma questão prática; é aquilo que às vezes tem deixado as pessoas perplexas e às vezes é a causa de considerável infelicidade. Estamos focalizando-a porque ela é uma das doutrinas, porém, como constantemente recordo-lhes, não as consideramos meramente com o intuito de envolver-nos em problemas intelectuais. A intenção por trás desta série é que nosso conhecimento prático de Deus seja aprofundado e enriquecido. Portanto, estamos realmente tratando de algo que é tanto experimental quanto uma doutrina ensinada nas Escrituras.

Ora, há pessoas que afirmariam que a certeza, nesta vida, é impossível para o cristão. Isso, por exemplo, é o ensinamento da igreja católica romana, a qual considera esta doutrina da certeza como um dos mais perniciosos e repugnantes ensinamentos do protestantismo. Todo o ensinamento da igreja católica romana – e ele emana, penso, do que temos visto do ponto de vista católico-romano acerca da fé e de muitas outras doutrinas – é que os cristãos não podem ter certeza nesta vida; o melhor que podem fazer é confiar-se à igreja-mãe. Ora isso não é certeza, porquanto são mantidos, por assim dizer, permanentemente dependentes da igreja e dos sacramentos. Mas esta idéia de que os cristãos podem ter alguma certeza interior é para eles completamente detestável e uma heresia perigosíssima.

No entanto, esse ponto de vista é defendido não somente pelos católicos romanos. O movimento teológico associado com o nome do professor suíço, Karl Barth, indubitavelmente um

dos mais poderosos teólogos do século vinte, neste ponto coincide com a igreja católica romana. Barth, também, abomina completamente e denuncia esta idéia da certeza da salvação, e ele é muito consistente com o seu próprio sistema de teologia ao proceder assim. Penso ser bom que tenhamos isso em mente, visto que freqüentemente encontramos boas pessoas evangélicas aplaudindo o barthianismo, e certos pregadores barthianos deixam de compreender que negar a possibilidade de certeza da salvação faz parte essencial de sua posição. Barth repugna totalmente a experiência, e todo o seu conceito é que vocês não podem estar certos de nenhuma dessas coisas, e, além do mais, que todas as nossas tentativas para expressar a nossa fé são, necessariamente, errôneas e falaciosas.

Ora, ao contrário de tudo isso, os pais protestantes – quero dizer com isso Lutero e Calvino, bem como os seus companheiros – foram ao outro extremo e disseram que a certeza de fé faz parte essencial da própria fé. Indubitavelmente, eles assumiram essa posição em parte como reação à igreja católica romana. Estavam tão desejosos de libertar o povo do cativeiro e da tirania dessa igreja que chegaram ao ponto de afirmar que sem esta confiança e certeza, a assim chamada *fé* que as pessoas professavam não tinha o menor valor.

E, uma vez mais, isso não é algo restrito aos pais protestantes. João Wesley, especialmente em seus dias iniciais, ensinava exatamente a mesma coisa. Ele, havendo tido sua experiência em Aldersgate Street, ensinou bem definidamente por alguns anos que a fé deve produzir uma espécie de certeza semelhante àquela que ele mesmo havia recebido; unicamente essa era a verdadeira fé. Mais tarde ele modificou esse ensinamento.

É interessante, aqui, observar que a atitude desses diferentes mestres para com a certeza de fé entra em desacordo com suas várias outras diferenças. João Wesley, o arminiano, ensinou que esta certeza era essencial. Mas houve outros metodistas no século dezoito que não eram arminianos, e que adotaram o ponto de vista reformado; eles, porém, a princípio, igualmente insistiram

em que a certeza fazia parte essencial da fé. Por exemplo, essa era a posição dos pais metodistas no país de Gales, que só admitiam à membresia da igreja aquelas pessoas que tinham a certeza da salvação. Às vezes chegavam ao cúmulo de levar os aspirantes à membresia da igreja a dizerem quando essa certeza havia ocorrido e como a haviam recebido, qual era o pregador e qual fora o seu texto!

Isso mostra a reação extrema que às vezes ocorre, especialmente quando o período anterior tem sido vago, indefinido e ético em vez de espiritual. Não há dúvida, porém, de que o ensino reformado prevalecente sobre esta questão é aquele que é ensinado, por exemplo, na *Confissão de Fé de Westminster*. Ela diz que a certeza não é uma parte essencial da fé, que vocês podem ter fé sem a certeza, mas que, em contrapartida, a certeza é não somente possível, mas também desejável, e uma pessoa jamais deve descansar até que venha a possuí-la. Esse tem sido o ensinamento mais comumente mantido pelo povo evangélico desde os tempos da Reforma Protestante.

Se, pois, essa é a realidade, se é verdade que vocês podem ter fé sem certeza (ainda que a certeza seja algo desejável), então temos o direito de dizer que a dúvida, em si e de si mesma, não é incompatível com a fé. Vejam bem, a dúvida deve ser colocada em confronto com a certeza, e não em confronto com a fé. Os homens e as mulheres que têm fé podem ser dolorosamente assaltados pelas dúvidas. Pedro, por exemplo, tendo andado por sobre as águas em direção ao nosso Senhor, de repente começou a olhar para as ondas turbulentas; então começou a afundar, e nosso Senhor lhe disse: "Homem de pouca fé, por que duvidaste?" (Mat. 14:31). Nosso Senhor não disse que Pedro havia perdido sua fé porque duvidara; então a dúvida não é incompatível com a fé, contudo geralmente significa que há fé frágil ou fé pequena, e isso pode ser devido a muitas causas.

Pode ser devido ao pecado. Se as pessoas cristãs caem em pecado, passam a ter certo sentido de condenação, e isso, por sua vez provavelmente conduzirá à dúvida. Não significa que tenham perdido sua fé, porém que podem muito bem estar numa

condição de dúvida até que o pecado seja confessado, renunciado, e tudo volte ao normal. A fé permanece, mas é frágil e incerta, e eles são vítimas da dúvida por algum tempo.

Entretanto, a dúvida pode ocorrer também devido a certo mal-entendido da real natureza da fé. As pessoas às vezes não compreendem que fé é algo ativo, algo que deve ser aplicado. Tomem a pergunta de nosso Senhor aos discípulos no barco. Ele Se pôs a dormir, e eles concluíram que iriam perecer. O Senhor, porém, virou-Se para eles e disse-lhes, com efeito: "Onde está a vossa fé? Vocês a possuem, mas não a estão aplicando" (Mat. 8:26). Ora, se as pessoas não compreendem que a fé tem de ser aplicada, que ela envolve certa atividade, por enquanto poderão muito bem ser vítimas da dúvida. E, da mesma forma, devemos entender que a fé tem de apropriar-se, a fé tem que apoderar-se da verdade, e essa é também uma forma de atividade. Se permanecemos num estado puramente passivo, esperando que algo aconteça, então a probabilidade é que a dúvida seja mais proeminente que a fé; mas se compreendemos que a fé se apropria – se apodera – livrar-nos-emos de nossas dúvidas, e então nossa fé se tornará forte.

Então, a próxima afirmação seria que, segundo as Escrituras, é possível evidentemente ter fé sem certeza. Minha fonte autorizada para dizer isso é o que Pedro diz: "Portanto, irmãos, procurai mais diligentemente fazer firme a vossa vocação e eleição" (2 Ped. 1:10). Vocês e eu não podemos determinar nossa vocação nem nossa eleição, mas podemos firmá-las, e todo o objetivo desta passagem consiste em exortar as pessoas a que demonstrem esta diligência. "Acrescentai à vossa fé a virtude", diz ele; "e à virtude o conhecimento; e ao conhecimento a temperança; e à temperança a paciência; e à paciência a piedade; e à piedade a fraternidade; e à fraternidade a caridade" (2 Ped. 1:5-7). E Pedro imprime isso em nós. Vocês terão sua franca entrada no reino eterno de nosso Pai, se pertencerem ao povo de Deus. Sim, mas se querem uma *abundante* entrada – essa é a expressão do versículo 11 – se vocês querem entrar com esta bendita certeza, então devem fazer que sua vocação e eleição

sejam firmadas. Obviamente, pois, o que está implícito é que vocês podem ter sua fé mesmo sem a certeza, daí a exortação de Pedro para possuirmos a certeza.

Ou, também: "Essas coisas", diz João, "vos escrevo, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna" (1 João 5:13). A tradução da *Revised Version* desse versículo é muito melhor do que a *Authorised Version* (King James): "Essas coisas que vos tenho escrito é para que saibais que tendes a vida eterna, a vós que credes no nome do Filho de Deus". Essa tradução põe a ênfase no fato de que João não está se dirigindo a incrédulos. A carta não foi escrita a pessoas de fora, do mundo, e sim, aos membros das igrejas. São crentes, sim, mas João escreve a fim de que *saibam* que têm a vida eterna. Ele quer que eles também tenham certeza. É óbvio, pois, que podemos ter fé sem certeza, do contrário esta carta jamais precisaria ter sido escrita.

A seguir, a quarta afirmação é, creio eu, um ponto interessantíssimo. Obviamente, em conexão com qualquer espécie de fé, por mais frágil, por mais tênue, por mais imatura, por menor que seja, deve haver uma certa quantidade de conhecimento e, portanto, de confiança, de certeza.

Alguém poderia dizer: "Isso, porém, contradiz o que você acaba de a dizer".

Bem, superficialmente, assim parece; deixem-me, porém, explicar. Na última preleção, concordamos que a fé deve, necessariamente e por implicação, crer em algo. Não é possível ter fé num vácuo. Fé implica que, de alguma forma, vocês crêem com sua mente e manifestam assentimento intelectual quanto à verdade que é ensinada na Palavra de Deus. Vocês não podem crer sem conhecer o que crêem. Portanto, ao crerem nessas coisas sobre Deus, sobre nosso Senhor e sobre a salvação, há certo sentido em que vocês devem ter um mínimo de certeza, de conforto e de confiança, e no entanto eu não chamaria isso de genuína certeza de fé.

Qual, pois, é a diferença? Podemos fazer a seguinte colocação. O que acabo de descrever é o que chamaria certeza *objetiva*; e existe diferença entre certeza objetiva e subjetiva. Uma

vez mais, o clássico exemplo disso é o próprio João Wesley. Antes do incidente em Aldersgate Street, quando sentiu aquele "fogo estranho" em seu coração, João Wesley cria na verdade e sabia que ela era autêntica – essa era uma certeza objetiva. O que ele não tinha, porém, até aquela noite, era a certeza subjetiva – o elemento interno.

Ora, recordo que certa vez isso me foi posto de forma muito gráfica por um velho pregador que jazia no leito de enfermidade. Ele sentia-se infeliz, e lhe perguntei o que o atribulava.

"Bem", disse-me, "estou absolutamente certo, de todo o meu ser, da verdade que sempre preguei."

"Então, o que há de errado?" perguntei.

"Bem", disse ele, "embora esteja certo dela, não estou feliz sobre seu registro *aqui*" – apontando para o seu coração.

É isso aí. Ele tinha absoluta certeza objetiva, no entanto não estava certo, não estava feliz, na esfera de sua certeza subjetiva. E essa é uma maneira proveitosa de visualizar a questão, porquanto percebo que há muitas pessoas nessa mesma posição. Dizem que não têm dúvida alguma no tocante à verdade propriamente dita, e no entanto afirmam muito corretamente: "Sim, mas não me sinto satisfeito em meu próprio íntimo, com minha própria certeza".

A genuína certeza, naturalmente, inclui ambas as certezas – a objetiva e a subjetiva.

E assim somos conduzidos à próxima grande pergunta: quais são as bases da certeza? O que tenho em mente agora é a certeza completa – tanto subjetiva quanto objetiva; tanto interna quanto externa. A primeira dessas bases é *o ensino da Palavra de Deus*. João afirma: "Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho" – notem, então – "quem a Deus não crê, mentiroso o fez; porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho" (1 João 5:10,11). E assim, a primeira base de minha certeza é que ela está declarada aqui na Palavra. Vocês encontrarão o mesmo ensinamento em João 3:33: "Mas o que aceitar o seu testemunho (o testemunho da verdade), esse

confirma que Deus é verdadeiro". Portanto, ao crermos, estamos pondo nosso selo sobre a verdade e afirmando: "Deus é verdadeiro; o que Ele diz é verdadeiro. Ponho o meu selo sobre esse fato". É outra forma de declarar que, se não creio, estou virtualmente dizendo que não creio em Deus, que Deus é mentiroso.

Assim, pois, o que Deus disse? Qual é o seu testemunho? Permitam-me lembrar-lhes algumas passagens. Por exemplo, tomem João 3:36: "Quem crê no Filho tem a vida eterna". Não diz "terá", diz..."*tem*". "O que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus." Ou João 5:24: "Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem" – terá, não – "tem a vida eterna, e não entra em juízo, mas já passou da morte para a vida". Isso é, uma vez mais, muito categórico. Então prossigam para João 6:47: "Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê tem" – tem agora – "a vida eterna". Tomem aquele versículo de Atos: "A ele todos os profetas dão testemunho de que todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome" (Atos 10:43). No momento em que crêem nEle, vocês recebem remissão de pecados. E igualmente, Paulo, pregando em Antioquia da Pisídia, disse: "E de todas as coisas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés, por ele é justificado todo o que crê" (Atos 13:39).

Essas, pois, são as primeiras bases. Aqui tenho essas declarações das Escrituras, as quais já aceitei como a Palavra de Deus. Elas fazem afirmações categóricas sobre aqueles que crêem nestas coisas. Garantem que, se crêem, já estão de posse da vida eterna. De modo que encaro essas declarações, e digo: "Portanto já tenho a vida eterna, as Escrituras assim o dizem, se não creio nisso, estou declarando que Deus é mentiroso".

Essa, porém, é só a primeira base da certeza; e quero salientar isso. Há, infelizmente, certas pessoas que diriam que esta é a única base, que nada mais é necessário e se recusam a ir além disso. Ora, considero tal ponto de vista como sendo algo extremamente perigoso. Mais adiante consideraremos a falsa

certeza, as falsas bases da certeza, e não estou certo – mas é provável que esta seja uma delas – de parar neste ponto. Oh, sim, você parte desse ponto, você deve começar com ele, e ele deve estar aí, mas há uma espécie de instrução que chega às pessoas e lhes diz: "Isso é o que as Escrituras dizem; vocês concordam?" Se respondem: "Sim!", então a instrução diz: "Muito bem, com vocês não é problema". E são deixados justamente nisso. As Escrituras, porém, não nos deixam nisso. Aquele capítulo de 1 João que tenho citado não nos deixa nisso. Ele nos relata que certa vez houve algumas pessoas que eram membros de igreja e que agora haviam saído porque realmente não lhe pertenciam. Todavia, houve um tempo quando diziam que criam em todas essas coisas, e sem dúvida eram perfeitamente felizes. "Saíram dentre nós", diz João, "mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas todos eles saíram para que se manifestasse que não são dos nossos" (1 João 2:19).

Assim, pois, temos uma segunda base de certeza – a qual podemos com razão chamar *a prova da vida*. As Escrituras me dizem que, se eu creio, tenho a vida eterna. Então pergunto: há certas provas que posso aplicar a mim mesmo para assegurar-me de que realmente já obtive a vida eterna? Sim, aqui estão elas, novamente nesta Primeira Epístola de João. A primeira consiste em crer que Jesus é o Cristo: "Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus" (1 João 5:1). Eis a evidência de que vocês nasceram de Deus (definirei isso um pouco mais detalhadamente, mais tarde).

A segunda grande prova de João consiste em *amar os irmãos*: "Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 João 3:14). Isso é bom, não é verdade? Em virtude de preferir estar reunido com outros cristãos em vez de estar num cinema, amo os irmãos e tudo fica bem comigo. Mas, esperem um momento, sejamos prudentes! João define o que tenciona com *amar os irmãos*. Inclui o que já afirmamos, mas isso não basta. João prossegue: "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a vida por nós; e nós devemos dar a vida pelos irmãos"

(1 João 3:16). Isso faz parte do amar os irmãos. "Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe fechar o seu coração, como permanece nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obras e em verdade" (vv. 17,18). Sim, significa desfrutar sua companhia e seu companheirismo, mas deve incluir esse lado prático também, se a necessidade surgir. O amor é prático, sempre; ele realiza coisas. Portanto, sejamos criteriosos para que apliquemos as Escrituras a nós mesmos literal e completamente.

A seguir, a terceira prova que João apresenta consiste em *guardar Seus mandamentos*. Ele o coloca assim: "E nisto sabemos que o conhecemos: se guardamos os seus mandamentos" (1 João 2:3). João prossegue repetindo isso, e no quinto capítulo, ele diz: "Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são penosos" (v. 3). Portanto, quando lêem sua Bíblia e se deparam com ela dizendo que não façam certas coisas e que façam outras – isso vai contra a natureza? Vocês acham que é penoso? E estão pondo essas coisas em prática? Essa é uma prova se temos vida ou não.

E então a última prova de que temos a vida eterna consiste em *ter o Espírito*. "E nisso", João afirma no último versículo do terceiro capítulo, "E nisso conhecemos que ele permanece em nós: pelo Espírito que nos tem dado." Isso produz uma pergunta muito importante, não é verdade? Como sabemos se temos ou não recebido o Espírito? É importante do ponto de vista experimental, desta maneira: as Escrituras nos ensinam que o dom do Espírito Santo é o selo que temos da herança da qual tomaremos posse. Paulo diz: "No qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para a redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória" (Ef. 1:13,14). Como sei que vou tomar posse da gloriosa herança? Bem, eis minha resposta: o Espírito Santo em meu íntimo é o selo do documento que declara que sou herdeiro. E, da mesma forma, em 2 Coríntios 1:22, Paulo chama o Espírito, "o penhor". Ora,

penhor é uma garantia, algo posto em suas mãos com a declaração: "Eu lhe dou isto como uma antecipação; você terá o restante, mas lhe dou isto como um penhor – o selo".

Ademais, porém, como posso saber exatamente se Deus me deu o dom do Espírito? Aqui estão algumas das respostas que vocês encontrarão nas Escrituras. O próprio fato de que cremos verdadeiramente que Jesus é o Cristo, o próprio fato de que cremos na doutrina a respeito dEle – a qual eu expus na última preleção que fiz, ao tratar da Pessoa de Cristo, na doutrina da Expiação e assim por diante – crer realmente nisso é uma prova que já recebemos o Espírito. "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus" (Rom 8:7); "Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rom. 8:9). A totalidade do argumento de Romanos, capítulo 8, prova esse fato. O "homem natural", o "homem carnal", não pode crer; ele não quer crer.

E, também, em 1 Coríntios, capítulo 2, encontramos o mesmo argumento: "O homem natural não aceita as coisas do Espírito Santo" (v. 14). "Nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam o Senhor da glória" (v. 8). E por que não O reconheceram? Porque não tinham o Espírito. Deus, porém, nos deu, "não o espírito do mundo, mas, sim, o Espírito que provém de Deus, a fim de conhecermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus" (v. 12). "Mas nós temos a mente de Cristo" (v. 16). E assim, se crêem realmente nessas coisas, vocês podem estar certos que receberam o Espírito, porque, como Paulo novamente coloca para os coríntios: "Portanto vos quero fazer compreender que ninguém... pode dizer: Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Cor. 12:3). Não podemos dizer isso de outra forma. Portanto, eis aí nossa primeira prova de que Deus me deu o Espírito: minha fé.

Em segundo lugar, se desejo mais deste conhecimento, então esse é um bom sinal que tenho o Espírito. "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus", diz Paulo em Romanos 8:14, "esses são filhos de Deus." Por isso, se vocês desejam ser guiados

pelo Espírito; se vocês se vêem exauridos de seus próprios recursos; se vocês não confiam no seu próprio entendimento humano e de toda filosofia; se dizem: "Quero ser iluminado, quero ser guiado pelo Espírito, em todo sentido", aqui está uma vez mais um sinal que vocês têm o Espírito. É tão-somente aqueles em quem o Espírito habita que querem ser guiados por Ele e se submetem à Sua liderança.

Em terceiro lugar, a obra do Espírito em nosso íntimo é uma prova de que Ele está em nós. Que obra é essa? Bem, primeiramente e acima de tudo, a revelação do pecado; essa é sempre a primeira obra do Espírito. Ele traz à luz as coisas ocultas das trevas, os pecados sobre os quais não estamos, a princípio, cônscios. À medida que Ele se torna mais poderoso em nós, nos tornamos mais sensíveis ao pecado e passamos a considerar como pecado certas coisas que costumávamos ignorar. Eis aqui uma grande evidência da obra do Espírito. E Ele também produz em nós aversão pelo pecado e profundo desejo de nos livrarmos dele.

A seguir, a quarta evidência é o fruto do Espírito. Voltemos à grande lista em Gálatas, capítulo 5: "Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio" (vv. 22,23).

E então, a quinta evidência é o Espírito de adoção: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!" (Rom. 8:15).

Espero que esta classificação lhes seja bem nítida. Já consideramos apenas nossas razões por afirmarmos que o Espírito está em nosso interior, o que é uma das provas que temos a vida eterna. Esta *prova de vida* é nosso segundo fundamento ou base para a certeza em nossa vida cristã, e as quatro provas vinculadas ao título "prova de vida" se encontram todas na Primeira Epístola de João.

E a terceira maior base da certeza de fé é *o testemunho do Espírito com o nosso espírito*: "O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rom. 8:16). Ora, isso é crucial, e neste ponto devo emitir uma crítica à *Revised Standard*

Version. Vocês descobrirão que a *RSV* (Versão Padrão Revisada) junta os versículos 15 e 16 num só, e em vez de dizer: "Recebestes, porém, o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito, de que somos filhos de Deus", ela traz: "Quando clamamos: Aba, Pai, é o próprio Espírito testificando com o nosso espírito de que somos filhos de Deus". No lugar de duas coisas, ela apresenta uma só, ou seja, Ele testifica, levando-me a clamar: Aba, Pai.

A *Authorised Version (King James)*, porém, não afirma isso, e indubitavelmente está certa. Essas duas coisas são separadas e distintas. O Espírito de adoção é algo que está em nossos espíritos. Aliás, Paulo disse o seguinte: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!" (vv. 14,15). O testemunho do Espírito Santo, porém, com o nosso espírito é algo diferente, algo adicional – um testemunho. Notem bem que Paulo aqui não diz "que é dado através de nosso espírito"; mas "o Espírito testifica com o nosso espírito". Nossos espíritos clamam: "Aba, Pai". Sim, e não devemos dizer que isso é o Espírito dando testemunho em mim. Meu espírito clama: "Aba, Pai". Sim, mas além disso o Espírito Santo testifica *com* o meu espírito; Ele não testifica a ele. Meu espírito faz uma coisa, e o Espírito Santo faz algo complementar.

Reiterando, isto é importantíssimo. Esta é, para mim, um dos picos mais altos da vida cristã. É algo muito difícil de se descrever, e todavia o Senhor falou bastante sobre ele. Vocês encontrarão o registro em João, capítulo 14, quando começa a introduzir Seu ensinamento concernente ao Espírito Santo. Vocês O encontrarão dizendo ali que Ele e o Pai viriam para nós e fariam em nós Sua habitação (v. 23). É sobre isso que estou falando. É isso que o Espírito faz. Quando o Espírito Santo, o outro Consolador, houver chegado, o efeito será que o Pai e o Filho virão para nós e farão em nós Sua morada. Na verdade nosso Senhor usa outra palavra que é notabilíssima. Em conexão

com esse mesmo ensino, Ele diz: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele" (v. 21). Ele Se manifestará de uma maneira espiritual a tal pessoa, e isso é algo realizado pelo Espírito Santo, acerca de quem Ele está falando.

Em seguida temos nos primeiros capítulos do livro de Apocalipse afirmações acerca do "maná escondido" e da "pedra branca", que são conferidos aos crentes, e acerca do "nome escondido" – um nome novo. Ninguém mais o entende; eles não sabem nada sobre essas coisas, mas os crentes sabem. Isso é o Espírito testificando com o espírito deles. Aliás, Paulo já o dissera em Romanos, capítulo 5, quando disse: "O amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (v. 5). Portanto, o que é isso? É algo difícil de se expressar em palavras, mas é uma operação do Espírito Santo dentro de nós, a qual é definida e distinta, e por meio da qual Ele nos dá compreensão e consciência do Senhor vivo. Cristo Se nos manifesta e O conhecemos por uma espécie de intuição interior, além de tudo o que cremos sobre Ele pela fé. Ele Se nos torna real. Sinto-me muito gratificado em citar a oração de Hudson Taylor sobre esta questão:

Senhor Jesus, faze-Te para comigo
Uma viva e esplendente realidade.
Mais presente à penetrante visão da fé
Do que qualquer objeto externo que possa ser visto,
Mais querido, mais intimamente relacionado
Do que o mais amável vínculo terreno.

É isso aí. É algo do qual o povo de Deus tem testificado desde os dias mais remotos.

Ora, aqui está a base máxima, a base final da certeza. Ela consiste de *certo conhecimento*, porquanto Ele é real para nós, visto que Se nos manifestou segundo Sua promessa. E é interessante observar os servos de Deus que testificam a esse respeito. Uma

vez mais, ela ultrapassa todas as diferentes escolas de teologia. Lutero desfrutou de uma experiência dela; Jonathan Edwards também a desfrutou; Whitefield também; igualmente Wesley, Finney e Moody. Em muitos aspectos, eles não pertenceram às mesmas escolas, teologicamente falando, no entanto todos eles, sem exceção, testificaram dessa experiência que o Espírito Santo lhes dera quando testificou com seus espíritos, e a sentiram de forma irresistível.

Moody estava descendo uma rua na cidade de Nova Iorque, quando essa experiência lhe sobreveio. Ele ergueu suas mãos e orou a Deus para que a interrompesse; ele temia que fosse esmagado e expirasse fisicamente por causa da glória, da grandeza e da transcendência da experiência. Essa é a base culminante da certeza, ainda que as emoções acompanhantes possam variar tremendamente. No caso de Finney, ela veio sobre ele como onda após onda, e ele transpirava a ponto de ficar encharcado. Leiam os relatos acerca desses homens e o que eles mesmos têm a dizer-lhes. Para João Wesley a experiência não foi tão subjugadora, mas ele sentiu como que "um fogo estranho" invadia seu coração. E assim poderíamos prosseguir.

Como, então, pode alguém obter esta certeza? Aqui estão as regras ensinadas nas Escrituras: primeiramente, estejam seguros quanto à sua fé. Se vocês não têm esta certeza, certifiquem-se de que não estão realmente confiando em si mesmos, em algum aspecto, para salvação. Certifiquem-se de que contemplam toda a sua retidão como trapos de imundícia, e saibam que, se viverem mil anos, jamais seriam dignos de estar na presença de Deus. Certifiquem-se de que estão depositando sua confiança tão-somente na obra de Cristo consumada na cruz, e que dependem exclusivamente de Sua justiça. Apliquem a Palavra da Deus a si próprios, busquem lê-la e conhecê-la. Lancem mão dessas passagens bíblicas as quais estive citando; permaneçam nelas; apliquem-nas a si próprios. Digam: "Estou crucificado com Cristo; morri com Cristo. As Escrituras dizem isso; eu o creio e me submeto". Vivam a vida. Rendam-se a fim de serem guiados pelo Espírito. Busquem Sua face. Se vocês rogarem-Lhe para

que cumpra Sua promessa e Se lhes manifeste, Ele garantiu fazê-lo.

Finalmente, permitam-me dizer-lhes apenas uma palavra sobre a diferença entre a verdadeira e a falsa certeza. A falsa certeza geralmente se deve ao ensino errôneo, à falsa evangelização, na tentativa de arrastar as pessoas a decisões ou conduzi-las ao novo nascimento antes que a operação do Espírito Santo seja efetuada. Nosso Senhor falou acerca de pessoas que vinham a Ele e diziam: "Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome?... em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mat. 7:22,23). Pensavam que estava tudo bem. Tinham certeza, mas era falsa. As três parábolas, em Mateus, capítulo 25, ensinam precisamente a mesma coisa: as virgens insensatas, o homem que escondera seu talento e as pessoas que perguntaram quando Lhe haviam feito isso, aquilo e aquiloutro. Criam que estiveram sempre Lhe agradando. Ele, porém, disse: "Sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos irmãos, deixastes também de o fazer a Mim. Não sois salvos. Não me pertenceis". Falsa certeza.

O que, pois, pode assegurar-nos de que a nossa certeza é verdadeira? Eis aqui as características de uma certeza genuína: primeira, final e perene – humildade. Os cristãos que possuem a verdadeira certeza não dizem que esta é uma vida boa e divertida, nem que estão desfrutando muito dela. Não, e não! Existe sempre um espírito de humildade nos filhos de Deus, visto que sabem o que são e que tudo devem a Ele. Se sua certeza não os torna humildes, então rogo a vocês que examinem novamente as bases. Voltem às Escrituras. A verdadeira certeza sempre produz humildade. Ela tem também um efeito prático sobre o caráter e o viver. Ela conduz ao gênero de vida retratado na Primeira Epístola de João.

Outra excelente prova é esta: se vocês se descobrem fazendo um autoexame, esse é um sinal de uma certeza genuína. As pessoas que cultivam uma falsa certeza não gostam de autoexame;

obviamente que não, porquanto ele as fará infelizes, ele irá estremecê-las, e não querem isso. Mas as pessoas que possuem a genuína certeza se preocupam tanto em ser absolutamente corretas, que se põem a examinar-se. Paulo diz: "Antes subjugo o meu corpo... para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado" (1 Cor. 9:27). Ele se autoexaminava constantemente, e em 2 Coríntios 13:5 ele exorta os coríntios: "Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos". E o cristão é feliz em proceder assim. Em 1 Pedro, capítulo 4, somos informados: "Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus... E se o justo dificilmente se salva, onde comparecerá o ímpio pecador?" (vv. 17,18).

Ora, os verdadeiros cristãos andam em reverência e piedoso temor. Não existe neles jovialidade carnal; são pessoas humildes que andam na luz dessas verdades. E, acima de tudo, aqueles que possuem verdadeira certeza estão sempre se esforçando para uma conformidade mais estreita com Cristo. "Para conhecê-lo", diz Paulo, "e o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte... não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus" (Fil. 3:10,13,14). E o cristão está sempre fazendo assim. As pessoas que possuem a verdadeira certeza têm sempre um crescente desejo de ser mais e mais semelhantes a Ele. Sim, diz João, "E todo o que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro" (1 João 3:3).

Finalmente, ouçam a Whitefield descrever como sua extraordinária certeza, esse testemunho direto do Espírito, lhe foi concedido. Ele estivera buscando esta certeza por longo tempo, e então caiu enfermo. Escreve:

> *Este ataque de enfermidade continuou por sete semanas, e ela me foi uma gloriosa visitação, pois o bendito Espírito esteve todo esse tempo purificando minha alma. Todos os pecados grosseiros e notórios, e até mesmo minha pecaminosidade mais*

profunda, estavam agora postos diante de mim nitidamente, dos quais fiz algumas anotações imediatamente, e os confessei diante de Deus de manhã e à noite. Ainda que enfraquecido, às vezes gastava duas horas em meu recolhimento crepuscular, e orava sobre meu Testamento grego e sobre as mais excelentes contemplações do bispo Hall, a todo momento que minha saúde permitia. Perto do fim de sete semanas, e após ter gemido sob uma inexprimível pressão, tanto do corpo quanto da mente, por mais de um ano, aprouve a Deus libertar-me da seguinte maneira. Certo dia, percebendo uma incomum secura e uma desagradável viscosidade em minha boca, e usando coisas para amenizar minha sede, porém em vão, veio-me à mente que, quando Jesus Cristo clamou: "Tenho sede", Seus sofrimentos chegavam ao fim. Nisso eu me senti debilitado no leito, clamando: "Tenho sede, tenho sede". Logo após isso, descobri que minha saúde havia voltado, que me libertara do peso que tão fortemente me oprimia. De manhã, o espírito de lamentação foi retirado de mim, e eu sabia o que significava realmente regozijar-me em Deus meu Salvador, e por algum tempo não podia deixar de cantar salmos onde quer que eu estivesse. Minha alegria, porém, gradualmente se tornava mais sólida, e, bendito seja Deus, tem permanecido e aumentado em minha alma, salvo uns poucos intervalos casuais desde então.

Ou, considerem um homem que pertenceu ao Exército de Salvação falando acerca dessa mesma questão. Aqui, uma vez mais, está um homem que creu na verdade. Ele alcançara a certeza objetiva, porém não alcançara a certeza subjetiva, e estava buscando-a. Ele escreve:

Despertei-me naquela manhã faminto e sedento justamente de viver esta vida de comunhão com Deus, de jamais pecar novamente contra Ele, seja em pensamento, palavra, ou ação; com um imensurável desejo de ser um homem santo e aceitável a Deus. Com esse desejo, abri minha Bíblia e, enquanto lia algumas das palavras de Jesus, Ele me concedeu uma bênção

tal como jamais sonhara que uma pessoa pudesse ter do lado de cá do céu. Era uma revelação inefável. Era um céu de amor que invadia meu coração. Minha alma se derretia como cera diante do fogo. Eu chorava e soluçava. Repugnava-me o fato de ter sempre pecado contra Ele ou duvidado dEle ou vivido para mim mesmo e não para Sua glória. Toda a ambição quanto ao ego havia agora desaparecido, e uma chama pura de amor a havia queimado assim como um fogo ardente queimaria uma traça. Eu saí do Boston Commons antes da refeição matutina, chorando de alegria e louvando a Deus. Oh, como eu O amava! Naquele momento eu verdadeiramente conheci a Jesus. (Lembrem-se, ele havia sido crente há anos.) Eu O amava tanto, que parecia que o meu coração iria estourar de amor. Eu estava plenificado de amor por todas as Suas criaturas. Ouvia os pequenos pardais chilreando – eu os amava. Vi uma minhoca atravessando meu caminho – eu saltei para não pisar nela, não queria ferir qualquer ser vivente. Eu amava os cães, eu amava os cavalos, eu amava os garotinhos na rua, eu amava os estranhos que passavam depressa por mim, eu amava os pagãos, eu amava o mundo inteiro. Deus fez tudo isso por mim; bendito seja Seu santo nome. Oh, como desejava ser puro! Oh, como me sentia faminto e sedento por Deus, o Deus vivo, e Ele me deu o que o meu coração desejara, Ele me satisfez! Peso minhas palavras – Ele me satisfaz! Ele Se tornou meu Mestre, meu Guia, meu Conselheiro, meu tudo em tudo.

Nosso Senhor estava para deixar a terra e disse que enviaria o Espírito – "E eu o amarei, e me manifestarei a ele" (João 14:21). E Ele faz isso através do Espírito Santo. E quando homens e mulheres possuem esta "manifestação espiritual do Filho de Deus", segundo o piedoso John Flecher de Madeley o chamava, eles adquirem uma absoluta segurança e certeza que nada pode mudar. E, se não temos essa experiência, podemos tê-la. Ela é para nós. Acima do mundo, acima de nossos espíritos e das provas que podemos aplicar a nossos espíritos, há este testemunho do

Espírito com o nosso espírito. Ele é a herança de todos os filhos de Deus que sentem carência dele, que anseiam por possuí-lo, que o desejam, que o buscam.

Porventura tem Ele Se manifestado a vocês? Ofereçam a Ele a pequena oração de Hudson Taylor, e Ele garante respondê-la em Sua própria maneira e em Seu próprio tempo. (Ver a página 209). Notem a diferença entre os dois homens que eu citei. Há ainda outros, cada um com uma experiência diferente. Mas não se preocupem com isso; não se preocupem com o caráter exato das emoções. Quando o Espírito vier, vocês saberão. Não acreditem num ensino que lhes garantem: "Apenas creiam que aconteceu, quer vocês sintam quer não". Esses grandes homens tinham emoções! E quando vocês e eu tivermos essa manifestação espiritual do Filho de Deus, não teremos que persuadir-nos de que a temos; saberemos. Ela é inequivocável; e ela é para nós.

16

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Esta é a qüinquagésima preleção que já tive o privilégio de apresentar-lhes neste grande, glorioso e, para mim, pelo menos, fascinante tema, e sinto-me muito feliz em refletir sobre ele nesta ocasião em que analiso esta grande e vital doutrina da justificação somente pela fé, a doutrina bíblica da justificação. Não há melhor prova de que nós, cristãos, podemos aplicar a nós mesmos para conhecermos a qualidade de vida que realmente temos em Cristo, do que esta: qual é a nossa reação ante a simples menção do termo "justificação"? É uma prova que todos os cristãos devem aplicar a si mesmos, especialmente na atualidade, pois, se há uma palavra que se tem distinguido mais proeminentemente, especialmente na história do protestantismo, mais que qualquer outra, é a grande palavra *justificação*. Foi a redescoberta da doutrina da justificação somente pela fé que transformou a vida do poderoso Martinho Lutero. Foi ela que trouxe a Reforma Protestante à existência. Foi ela que trouxe a lume tudo o que tem sido de mais glorioso nos anais da causa protestante desde então. Por alguma razão peculiar, porém, não parecemos reagir a essas grandes palavras como no passado. Algo de errado tem acontecido, mesmo com o nosso protestantismo. Não quero dizer com isso que o anticatolicismo – que é uma coisa muito diferente – signifique um protestantismo positivo. Deveria haver uma vibração na própria palavra, especialmente quando alguém compreende sua história.

A grande pergunta, porém, é: qual foi o segredo da Reforma Protestante? O que Martinho Lutero redescobriu? O que ele descobriu quando se voltou para as Escrituras? E vocês podem perceber, portanto, que é algo muitíssimo vital e sobre o qual devemos estar absolutamente esclarecidos. Assim, outra boa maneira de testar-nos consiste em retratar-nos sentados a uma mesa com uma prova à nossa frente, e eis aqui um dos itens:

"Apresente uma exposição da doutrina da justificação somente pela fé". Sabem dizer o que faz de vocês protestantes, o que distingue vocês dos católicos romanos? Eis o teste.

Portanto, examinemos esta doutrina juntos, e provavelmente a melhor introdução seja a histórica. Por que Martinho Lutero sentiu-se tão perturbado antes de sua conversão? O que será que estava errado com ele antes que esta verdade se patenteasse diante dele? E o que está errado com todos aqueles que estão confusos, indefinidos e incertos no tocante a toda a questão da justificação pela fé? Ora, não por que Martinho Lutero nunca tivesse ouvido o termo "justificação", pois ele o havia ouvido. O que estava errado com ele foi que tinha um conceito errôneo acerca da justificação. Noutras palavras, ele tinha o típico conceito católico-romano da justificação pela fé. Os católicos romanos alegam ensinar esta doutrina, no entanto jamais afirmam "justificação *somente* pela fé". Eles consideram esse termo como sendo heresia protestante.

Em primeiro lugar, pois, focalizemos esse erro católico-romano, o qual, em sua essência, é como segue: a igreja católica romana confunde justificação com santificação. E esse foi o problema com Martinho Lutero antes de sua conversão. O conceito católico-romano de justificação consiste, antes de tudo, em que ele significa e inclui o perdão dos pecados, e estão totalmente certos nesse ponto. Mas acrescentam que o pecado inerente em nós é tirado de nós por causa de Cristo. E ainda não param por aí. Prosseguem dizendo que na justificação há uma infusão positiva da graça em nós, e essa vem, naturalmente, por meio do batismo. Dizem que, no ato do batismo, a graça é realmente infundida na pessoa que é batizada, e essa faz parte da justificação. O perdão, a remoção do pecado – sim – mas também a infusão no batismo de uma justiça positiva, e não meramente uma justiça positiva, mas também a vida de Deus.

E então os católicos romanos prosseguem dizendo que a justificação é progressiva. E claro que eles são totalmente consistentes nesse ponto. Se tal infusão da graça existe, ela crescerá e se desenvolverá; a justificação tem de ser progressiva.

Além do mais, tipicamente, eles são obrigados a ir além, e até dizer ainda que ela pode ser perdida, caso nos tornemos culpados do que denominam de "pecado mortal". Todavia, se a perdemos, dizem que podemos reconquistá-la passando através do sacramento de penitência, e o processo de reconquista será completado no purgatório.

Ora, essa é a característica do conceito católico-romano, e esse foi o conceito sustentado por Martinho Lutero antes de sua conversão. Mas, então, vocês se lembram, a história de sua vida prossegue relatando-nos que, repentinamente, ele viu uma declaração nas Escrituras. Ele a lera muitas vezes antes, porém jamais a vira realmente. Eis o que ele viu: "Mas o justo viverá da fé" (Rom. 1:17) – e essas palavras, em termos absolutos, mudaram tudo para ele. Toda a sua vida foi revolucionada; ele se tornou literalmente um homem diferente. De súbito viu que toda a sua idéia anterior sobre a justificação fora completamente antibíblica, completamente falsa, e no momento em que percebeu isso, ele experimentou uma grande libertação na sua alma. Começou a pregar esta verdade, e então teve início uma grande e poderosa obra de reforma.

O que exatamente, pois, Lutero percebeu? Percebeu que a justificação é um ato judicial de Deus, baseado na obra e mérito de Cristo, no qual Ele declara como justos nós que cremos no Senhor Jesus Cristo. Deus nos imputa e nos atribui a justiça de Cristo, e descansamos nisso pela fé. Eis o que Lutero percebeu. Como conseqüência, num momento, ele soube que estava de bem com Deus. O problema de Lutero havia sido aquele de Jó: "Como pode o homem ser justo para com Deus?" (Jó 9:2). Esse era o problema que oprimia a mente e o coração de Lutero. Lá estava ele, um monge em sua cela, perguntando: "Como posso me justificar perante Deus?" Ele jejuava, orava, suava, fazia boas obras, e todavia estava o tempo todo cada vez mais cônscio da escuridão e das trevas de seu próprio coração e da absoluta e indizível justiça e santidade de Deus. E ele tentava ajustar-se, a fazer-se justo, de conformidade com o sistema católico-romano, mas não podia; todavia repentinamente ali estava ela. Deus o

declara justo, e ele é justo, porque Deus assim diz, porque Deus pôs a seu crédito a justiça do Senhor Jesus Cristo.

Esse é o antecedente histórico no qual devemos regozijar-nos mais e mais. O ponto nevrálgico da questão é este: o grande equívoco em que todos nós tendemos a cair, como aconteceu com Lutero, com respeito à justificação, é que a nossa tendência é pensar que a justificação significa que somos feitos justos ou bons ou retos ou santos. Mas isso é completamente errôneo. Na justificação não somos *feitos* justos; somos *declarados* justos – o que é completamente diferente. Afirmar que na justificação somos feitos justos é confundi-la com a santificação. A justificação é algo legal ou *forense*. É Deus, como Juiz, que é responsável por administrar Sua própria lei, dizendo-nos que, com respeito à Sua lei, Ele está satisfeito conosco, devido à justiça de Cristo. A justificação é um ato declaratório – um ato que não faz nada a nós, porém diz algo sobre nós. Ele não tem referência ao meu real estado ou condição interior; refere-se à minha situação ou posição, ao meu comparecimento à presença de Deus. Ora, essa é a doutrina bíblica da justificação. Isso é o que Lutero descobriu; isso é o que ele começou a pregar e, em certo sentido, despendeu o resto de sua vida a proclamá-lo. É a grande doutrina central de todo o protestantismo, e vocês descobrirão que em cada avivamento ela sempre vem na vanguarda. Foi ela que Whitefield costumava pregar, como fez João Wesley.

Assim, pois, convém-nos estabelecer esta argumentação. Como podemos provar que este é realmente o ensino bíblico concernente à justificação, em contraposição particularmente ao erro católico-romano? (E vocês devem ter observado, creio eu, que ele não é um erro restrito ao catolicismo romano.) Permitam-me apresentar-lhes, portanto, o testemunho bíblico de que a justificação é de caráter forense e declarativo. Focalizem-na, antes de mais nada, no Velho Testamento. Lemos em Êxodo 23:7: "Guarda-te de acusares falsamente, e não matarás o inocente e justo; porque não justificarei o ímpio". Isso é o que Deus diz, isso é o mandamento dado aos filhos de Israel, e ele significa: não deixarei impune o ímpio; não direi que

tais pessoas são sem culpa.

Mas vejam também Deuteronômio 25:1: "Se houver contenda entre alguns, e vierem a juízo para serem julgados, justificar-se-á ao inocente, e ao culpado condenar-se-á". Notem bem, uma vez mais, o contexto em que a palavra "justificar" é usada. Nele há uma controvérsia entre dois homens, e eles comparecem em juízo. Os juízes que julgam a causa estão informados: "Justificarão o justo e condenarão o ímpio". Obviamente, essa é uma questão puramente legal. Esses juízes não irão mudar a natureza dos dois disputantes, mas irão fazer uma declaração; pronunciarão a sentença, dirão que um está certo e que o outro está errado. E o ato de declarar que um está certo é referido como "justificar o justo". É uma ação legal.

A seguir, vejam o outro versículo: "O que justifica o ímpio, e o que condena o justo, são abomináveis ao Senhor, tanto um como o outro" (Prov. 17:15). Nesse importantíssimo provérbio, a justificação é confrontada com a condenação; novamente é uma questão legal. Em nenhum dos casos vocês estão mudando a pessoa. Deus jamais nos proibiria de fazer de um homem, um melhor homem, e se a justificação é o mesmo que santificação, então Deus nunca poderia dizer: "Aquele que justifica o ímpio é uma abominação para o Senhor", porque essa é uma boa coisa para se fazer! Não, a condenação é para aqueles que dizem que o homem mau é um bom homem, que um homem culpado não é culpado. Uma vez mais, o termo é de caráter forense.

Lancem mão, porém, de um exemplo do uso deste termo no Novo Testamento: "E todo o povo que o ouviu (o Senhor Jesus Cristo), e até os publicanos, reconheceram a justiça de Deus" (Luc. 7:29). Ora, isso só pode significar uma coisa: estavam dizendo que Deus era justo e verdadeiro. Não estavam mudando a natureza ou o ser de Deus, no entanto faziam uma declaração acerca dEle. Justificaram a Deus. E a seguir, naturalmente, quando vocês lêem os textos bíblicos do ensino direto acerca da justificação, descobrem que esse é o sentido que ela contém em todas as passagens. Leiam, por exemplo, Atos 13:39: "E de todas as coisas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés,

por ele é justificado todo o que crê".

Semelhantemente, naquela grande passagem clássica sobre toda esta questão, em Romanos 3:20-28, esse mesmo termo, "justificação", é constantemente reiterado: "Porquanto, pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, tem-se manifestado a justiça de Deus, que é atestada pela lei e pelos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo...". E então vem a tremenda conclusão no versículo 28: "Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei". Há, igualmente, aquelas importantíssimas afirmações no capítulo 4:5-7, especialmente o quinto versículo: "Porém, ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça". Deus não justifica uma pessoa porque ela é boa: essa é uma afirmação em relação aos ímpios. Eles não são mudados; não são feitos santos antes que Deus os justifique; Ele justifica o ímpio – e ainda há outras afirmações nesses versículos.

Encontramos o mesmo ensino em Romanos 5:1: "Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus..."; e a mesma coisa no versículo 9. Há também uma grande afirmação deste fato em Romanos 8:30-34: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou". E então isto: "Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?" E eis a resposta: "É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou, antes, quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós". Outra vez vocês podem ver que a justificação é confrontada com a condenação, e ninguém pode apresentar uma acusação, pois é Deus quem declara justas as pessoas.

O tempo todo, a justificação é legal e forense; e ao prosseguirem com as Escrituras, vocês descobrirão a mesma coisa em outros lugares: "E tais fostes alguns de vós; mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome

do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1 Cor. 6:11). E em Gálatas 2:16 há uma afirmação paralela a essas de Romanos: "Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, mas, sim, pela fé em Cristo Jesus, temos também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei; pois por obras da lei nenhuma carne será justificada". Gálatas é a grande Epístola por meio da qual Martinho Lutero granjeou sua liberdade. Seu famoso comentário sobre a Epístola aos Gálatas é um livro que vocês precisam ler, e quanto mais vocês avançam em sua leitura, mais se deleitarão nela. Não se agastem por causa de sua polêmica contra os católicos romanos. Ele tinha que fazer isso, porquanto é necessário mostrar tanto o que está errado quanto o que está certo. Hoje em dia as pessoas não gostam disso, mas Lutero tinha que fazê-lo, e creio que nós devemos fazê-lo em nossa época e geração. Portanto, adquiram o comentário de Lutero sobre a Epístola aos Gálatas, e acompanhem a sua poderosa exposição de grandes versículos como capítulos 2:16 e 3:11.

Ora, em todos os exemplos que apresentei até aqui, Deus faz uma declaração legal, de que todas as exigências da lei sobre nós, como condição de vida, são plenamente satisfeitas em relação a todos os que crêem no Senhor Jesus Cristo. Não mais estamos num estado de condenação: "Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Rom. 5:1). "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1). Por quê? Porque Deus o declarou. Ele é o Legislador, e Ele diz que Cristo satisfez a lei. "Pois Cristo é o fim da lei para justificar a todo aquele que crê" (Rom. 10:4). Deus faz essa declaração, e esse é todo o significado da justificação somente pela fé.

Não deixemos, porém, o assunto nesse ponto, porquanto devemos salientar que há dois aspectos para esta grande declaração. Há dois elementos para a justificação. E esse fato é importantíssimo. O primeiro é o que podemos descrever como negativo. O elemento negativo da justificação é aquele que nos lembra que Deus declara que os nossos pecados estão perdoados.

Essa, naturalmente, é a nossa primeira necessidade. A lei condena a todos nós. "Pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado" (Rom. 3:20), e a lei declara: "Não há justo, nem sequer um" (Rom. 3:10). O mundo todo "é culpado diante de Deus" (Rom. 3:19). Necessito de ser perdoado. Algo tem de ser feito em prol de minha culpa. Ora, na justificação, o primeiro passo é que está assegurado a mim que, pela obra de Cristo, meus pecados estão cobertos e, portanto, estão perdoados; estão apagados.

A justificação, porém (e este é o importante), não pára no perdão. Justificação e perdão não são idênticos. Há, entretanto, muitas pessoas – e devo dizer, para ser exato, que há até mesmo pessoas evangélicas – que igualam justificação com perdão; elas procedem assim porque sua doutrina da expiação é errônea, como já vimos numa preleção anterior.* Não compreendem que, como parte da expiação, Cristo prestou obediência positiva à lei antes que a obedecesse passivamente em Sua morte na cruz. Noutras palavras, há na justificação um segundo elemento, o positivo. Isso significa que, além de termos os nossos pecados perdoados, temos imputada a nós, ou posta a nosso crédito ou em nossa conta, a justiça positiva do próprio Senhor Jesus Cristo. Ele guardou a lei, Ele a honrou, e portanto Ele é justo diante das exigências da lei. E Deus lançou essa justiça de Cristo a nosso crédito.

Ora, isso é importante neste aspecto: há muitas pessoas que displicentemente pensam que a justificação significa apenas que minha pecaminosidade é perdoada e sou restaurado à condição de Adão antes de sua queda. Se esse é o caso, então cabe a mim, por meu próprio viver santo, justificar a mim mesmo. Os que crêem nisso dizem: "Deus, por amor a Cristo, perdoa os seus pecados, e visto que vocês são perdoados, viverão uma vida piedosa. E se vocês fizerem isso, Deus lançará isso a seu crédito".

Tal coisa, porém, é completamente errônea! Não tenho absolutamente nada a fazer em minha justificação. Ela é

---

* Ver Vol. 1, *Deus o Pai, Deus o Filho*.

inteiramente um ato de Deus. Ele atribui a mim, Ele lança a meu crédito, Ele imputa a mim a justiça positiva do Senhor Jesus Cristo. Não sou simplesmente restaurado à condição que Adão desfrutava antes de sua queda; sou muito mais que isso. Adão não teve a justiça positiva de Cristo. Eu, na qualidade de cristão, a tenho; Deus a lançou a meu crédito. O hino de Zinzendorf o expõe perfeitamente:

"Jesus, Teu manto de justiça
É minha beleza, é meu glorioso vestuário."

Somos cobertos com a justiça positiva de Cristo.

"Oh, que os mortos agora ouçam Tua voz,
Ordena, Senhor, que os Teus exilados se regozijem;
Sua beleza é esta, seu glorioso vestuário,
Jesus, o Senhor justiça nossa."

Vejam bem, isso vai muito além do perdão. Não é negativo; é positivo. Somos vestidos com o manto imaculado de Sua justiça perfeita.

Esse, pois, é o argumento, e podemos prová-lo através das muitas passagens bíblicas que já consideramos. Ele está perfeitamente ali em Romanos 3:20-22: "Porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado. Mas agora, sem lei, tem-se manifestado a justiça de Deus, que é atestada pela lei e pelos profetas; isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem". É uma justiça que Deus nos concede, e ela é positiva. Vocês a têm novamente em Romanos 4:6: "Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus atribui a justiça sem as obras". Ele não está falando do perdão. Davi a viu, ele era um profeta neste ponto, e o Espírito Santo a revelou a ele. E também a encontramos no grande argumento de Paulo que percorre a segunda metade deste importantíssimo capítulo 5 de Romanos.

"Porque, se pela ofensa de um só, a morte veio a reinar por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. Portanto, assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação e vida. Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um muitos serão constituídos justos" (vv. 17-19).

Aqui vemos não somente a obediência passiva de Cristo, mas também Sua obediência ativa, Sua observância da lei e o contraste com Adão que quebrou a lei e que, conseqüentemente, caiu.

Já consideramos Romanos 10:4: "Pois Cristo é o fim da lei para justificar a todo aquele que crê". Vejam também 1 Coríntios 1:30: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". E 2 Coríntios 5:21: "Àquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" – não simplesmente perdão, mas justiça positiva diante de Deus. E, finalmente, lemos em Filipenses 3:9: "E seja achado nele, não tendo como minha justiça a que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé".

Tudo isso é suficiente para demonstrar-lhes que esse é o ensino essencial com respeito à justiça. Deixem-me torná-lo ainda mais definitivo, mostrando, abreviadamente, as diferenças essenciais entre justificação e santificação. Focalizemo-las assim: a justificação é um ato de Deus o Pai, segundo já vimos; a santificação é essencialmente a obra do Espírito Santo. Existe essa divisão da obra, vocês se lembram, nas benditas Pessoas da Santíssima Trindade.* É o Pai quem declara justo e justificado. É o Espírito Santo quem santifica.

---

* Ver Vol. 1, *Deus o Pai, Deus o Filho*.

Em segundo lugar, a justificação ocorre fora de nós, por assim dizer, num tribunal; a santificação ocorre em nosso interior, em nossa vida íntima. Estou diante do tribunal quando sou justificado, e o juiz pronuncia o meu livramento, é uma declaração a meu respeito, do lado de fora de mim. A santificação, porém, é algo que é operado e ocorre do lado de dentro.

Em terceiro lugar, a justificação remove a culpa do pecado; a santificação remove a corrupção do pecado, e nos renova na imagem de Deus.

E portanto, por último, por definição, a justificação é um ato que se dá uma vez por todas. Ela nunca será repetida, porquanto não pode ser repetida e jamais precisará ser repetida. Ela não é um processo, e sim, uma afirmação de que somos declarados justos, por Deus, uma vez e para sempre. A santificação, em contrapartida, é um processo contínuo. Continuamos a crescer na graça e no conhecimento do Senhor até que, além do véu, sejamos perfeitos.

Portanto, não há nada tão errôneo, confuso e antibíblico quanto equivocar-se com a diferença essencial entre justificação e santificação. Segundo já vimos, esse é todo o problema com o ensino católico-romano e toda a piedade católica. Foi aquilo que manteve Lutero na escravidão, e uma vez que o percebeu e soube que estava livre e justificado perante Deus, então começou a gloriar-se e a se regozijar – e essa é a essência da posição protestante. Ademais, naturalmente, como vimos na preleção anterior, ela levou Lutero à certeza da salvação. Mas uma vez que vocês confundem santificação com justificação, se sentirão dominados pela dúvida se estão ou não justificados. Se uma vez se compenetram de seu estado e condição e do pecado que vocês podem cometer, então se encontrarão questionando sua justificação. Mas se compreendem que a justificação é de caráter forense, externa e declaratória, então saberão que estão justificados, seja qual for a verdade sobre vocês.

Como, pois, ocorre a justificação? A resposta, naturalmente, é que ela é inteiramente um ato de Deus. É algo que Ele faz, e

tão-somente Ele. A Bíblia é muito criteriosa em colocá-lo em termos negativos, ao dizer: "não de obras" (Ef. 2:9). Paulo o reitera em Romanos 4:5: "Porém ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça". Não fazemos absolutamente nada acerca de nossa justificação. Ela é uma declaração de Deus a nosso respeito; conhecemo-la e a recebemos pela fé.

E agora chegamos a um ponto nevralgico. O que queremos dizer quando afirmamos que somos justificados somente pela fé? Qual é a relação entre fé e justificação? Isso é importante, visto que algumas pessoas concluem que significa que somos justificados devido à nossa fé. Mas essa é a própria essência da heresia, e deve ser condenada completamente. Se sou justificado devido à minha fé, ou porque exerço fé, então minha salvação é definitivamente por meio de obras, e Deus me justifica em virtude dessa obra que eu tenho realizado, à qual chamo fé. As Escrituras, porém, não afirmam que sou justificado devido à minha fé ou porque estou exercendo fé; ela diz que sou justificado *por* fé, o que significa que a fé é o *instrumento* – e nada além de instrumento – por meio do qual sou capacitado a receber a justiça que Deus me comunica.

Pergunto-me se porventura vocês compreendem a importância disso. Há pessoas que dizem que a diferença feita pela vinda do Senhor Jesus Cristo e Sua morte na cruz, é que, até então, Deus julgava homens e mulheres de acordo com a lei. Afirmam, porém, que agora a lei foi posta de lado; ela não está mais em vigor, e Deus não mais exige que a guardemos. Tudo o que Ele exige de nós agora é que creiamos no Senhor Jesus Cristo, e se fazemos isso, Ele nos declara justificados. Tal pensamento, porém, é uma perfeita caricatura do ensino do apóstolo Paulo! A Bíblia nunca afirma isso em parte alguma, porque, se assim fosse, o que realmente nos salvaria, afinal, seria o *nosso* crer no Senhor Jesus Cristo.

O ensino bíblico é que a fé, a nossa fé, não é o fundamento de nossa justificação. O fundamento de nossa justificação é a justiça do Senhor Jesus Cristo a nós imputada. Cristo é a minha

justiça, e não minha fé. Não é o meu crer nEle que me salva. É Ele mesmo quem me salva. Portanto, vocês percebem o perigo sutil de considerar minha fé como o fundamento da salvação?

"Muito bem, onde entra minha fé?", vocês perguntariam.

A fé não é mais que o canal, o instrumento, pelo qual esta justiça de Cristo me vem. E segundo vimos quando consideramos a fé, Deus faz exatamente isso. Ele nos concede o novo nascimento; Ele nos concede este poder e faculdade da fé, e então nos capacita a exercê-la. Através do exercício da fé, recebemos a justiça que Deus nos imputa. É tudo de Deus. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus" (Ef. 2:8). Se esse dom da fé não tivesse nos sido dado, então não poderíamos receber a justiça de Cristo; somos, porém, justificados pela justiça de Cristo, não por nossa fé.

"Mas, espere um momento", diz alguém. "Ao afirmar tudo isso,você não estaria se esquecendo do que Tiago declarou sobre a fé, no capítulo 2:14-26? Ele, porventura, contradiz o que Paulo ensina em Romanos, capítulo 4? Paulo declara: "somente pela fé"; Tiago declara: "pelas obras". Que se dizer sobre isso?"

Ora, seguramente, a resposta é que nem Paulo nem Tiago, neste ponto, se preocupam com a questão da justificação como tal; ambos, simplesmente, estão tratando do caráter da fé. Estão argumentando contra os diferentes tipos de pessoas. Paulo está tratando de pessoas que criam que poderiam justificar-se por meio das obras, por meio das vidas e suas ações. E então está lhes dizendo: "Não, a justificação é somente pela fé, e foi a fé de Abraão que o salvou".

Tiago, porém, está falando de pessoas que, à semelhança de alguns hoje, diziam: "Quando digo que creio no Senhor Jesus Cristo e estou salvo, realmente não importa o que eu faço. Se digo que sou cristão e crente, muito bem, eu posso ir e fazer o que quiser, que meus pecados serão perdoados".

"Absolutamente, não!" diz Tiago. Então ele prossegue dizendo que a fé salvífica, a fé digna desse nome, é uma fé que inclui obediência, inclui ação: "Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta"

(Tiago 2:26). "Não basta falar sobre a fé e sobre ser justificado pela fé", diz Tiago, com efeito, "se vocês não têm a verdadeira fé. E a forma de vocês provarem se sua fé é ou não verdadeira é perguntando se ela conduz a certas coisas em sua vida."

Pois bem, Paulo está afirmando exatamente a mesma coisa. A fé de Paulo não era uma espécie de fé morta. Ela era muito ativa; ela dava provas de si mesma e se demonstrava frutífera. Aliás, em Romanos, capítulo 6, Paulo está elaborando exatamente a mesma tese que Tiago: "Pois quê? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De modo algum" (v. 15). Todo esse capítulo é realmente paralelo com Tiago, capítulo 2. Paulo e Tiago estão focalizando dois problemas diferentes e estão corrigindo dois tipos particulares de erros.

Contudo, como temos dito, a principal coisa que devemos compreender é que a nossa fé não constitui nossa justiça. Deus não olha para mim e diz que, devido eu crer, Ele considerará isso como justiça. Absolutamente, não! O que Ele diz é o seguinte: "Eu lhes darei a justiça de meu Filho, que guardou a lei perfeitamente por vocês, e que morreu pelos pecados de vocês. Ele é absolutamente justo diante da lei, e Ele os tem representado diante da lei. Ele cumpriu todos os *iotas* dela, e portanto lhes conferirei Sua justiça". Deus me convoca a crer nEle, e Ele me deu, pelo dom da fé, o poder de crer. Portanto, olho para Cristo, não para mim mesmo, não para minha fé; minha justiça está inteiramente no Senhor Jesus Cristo. Deus O fez "sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Cor. 1:30). Por conseguinte, não confio em nada que esteja em mim mesmo, nem mesmo na minha fé. Minha fé me leva a confiar inteiramente no Senhor Jesus Cristo. E, sabendo que Deus imputou a mim Sua justiça, sei que tudo está bem entre mim e Deus. Creio em Sua declaração. Minha fé a aceita. Ele lançou a meu crédito o perfeito, o imaculado, o inconsútil manto de justiça de Seu amado Filho. Essa é a doutrina bíblica e a doutrina protestante da justificação somente pela fé.

17

ADOÇÃO

Na preleção anterior, vimos como essa grande doutrina que se constituiu no grande grito de guerra da Reforma – a justificação pela fé – é ainda, em muitos sentidos, a mais vital e importante doutrina para apreendermos e compreendermos. Chegamos agora à consideração de algumas das coisas às quais a justificação conduz, e entre elas está a *doutrina bíblica da adoção*.

Ora, não devemos parar aqui, mas solicito que vocês considerem novamente a ordem destas doutrinas e que observem que a doutrina da adoção entra neste ponto específico. Aqui temos uma vez mais um gloriosíssimo tema, o qual é muito encorajador e consolador para o crente. E no entanto, novamente, por alguma razão inexplicável, ela é uma doutrina sobre a qual raramente ouvimos. Com que freqüência vocês têm ouvido mensagens ou sermões sobre ela? Como é que negligenciamos, mesmo como evangélicos, e de fato parecemos estar inconscientes de algumas destas doutrinas profundamente confortadoras e estimulantes, as quais se encontram nas Escrituras?

E assim, pois, aproximemo-nos desta doutrina, antes de mais nada, considerando as passagens bíblicas nas quais o termo é mencionado. Primeiramente, volvam-se para Romanos 9:4, onde lemos estas palavras: "Os quais são israelitas, de quem é a adoção, e a glória, e os pactos, e a promulgação da lei, e o culto, e as promessas". O apóstolo está aí se referindo ao seu parentesco segundo a carne – os judeus, os israelitas – e lhes mostrarei mais adiante por que pus essa citação particular antes da próxima que vem de Romanos 8:15: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor", diz o apóstolo, "mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!" No versículo 23 desse mesmo capítulo, Paulo usa o termo novamente, quando está falando sobre aquele dia que há de vir.

Ele diz que "toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora; e não somente ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo." Então, a próxima vez que encontramos o termo é em Gálatas 4:4,5. Paulo está falando: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei" – pela seguinte razão – "para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos". E há outra referência a ela em Efésios 1:5: "E nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade".

Aí, pois, estão as passagens bíblicas, e é nossa tarefa agora descobrir o que exatamente elas significam e o que este termo, "adoção", representa. Portanto, para chegarmos a uma definição, seria melhor, talvez, antes de mais nada, focalizá-lo do ponto de vista da etimologia – o significado radical da palavra – este: a *posição* de um filho. Nas línguas antigas, porém, também veio a significar algo que ainda continua significando para nós, isto é, a transferência de uma família para outra e a posição daquele que foi transferido, seja filho ou filha, para a nova ou segunda família.

Ora, se esse é o significado primário ou fundamental do termo, então isso nos leva imediatamente a uma abordagem do significado do termo "filho", e especialmente o significado do termo tal como usado nas Escrituras. Ao percorrerem a Bíblia, vocês descobrirão que "filho" é usado das seguintes formas: no singular, ele invariavelmente se refere ao Senhor Jesus Cristo, e tão-somente Ele. Ele é o Filho. Às vezes Ele é ainda referido sem o artigo definido – *Filho*. Ele é singular, nesse sentido, como *o* Filho de Deus.

O termo é também usado no plural de anjos, e deduz-se da forma na qual ele é assim usado e do contexto, que isso é devido ao fato que os anjos são criaturas favorecidas de Deus, e porque, em questão de inteligência e de alguns outros aspectos, são como o próprio Deus. O termo é aplicado a anjos naquela

forma de Jó capítulos 1 e 6.

Então, em terceiro lugar, há um uso muito interessante desse termo, "filhos", no Salmo 82:6, onde ele é aplicado aos magistrados humanos: "Eu disse: vós sois deuses, e filhos do Altíssimo, todos vós". Essa é uma afirmação importantíssima, porque vocês poderão lembrar-se de que, em João 10:34, nosso Senhor mesmo a citou quando algumas pessoas se contrapuseram diante do fato de que Ele reivindicava ser o Filho de Deus. Evidentemente, significa que os magistrados são filhos de Deus no sentido em que autoridade lhes foi delegada da parte de Deus e que, portanto, no exercício de suas funções magistrais, estão fazendo algo que o próprio Deus faz.

O quarto uso desse termo se refere a homens e mulheres como objetos da adoção divina; e aqui devemos dividi-lo em adoção geral e adoção especial. Na afirmação de Romanos 9:4, Paulo está se referindo à nação de Israel. Ele diz nos versículos 2-4: "Que tenho grande tristeza e incessante dor no meu coração. Porque eu mesmo desejaria ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; os quais são israelitas, de quem é a adoção...". Em certo sentido, essa é uma referência a Êxodo 4:22, onde Deus Se dirige à nação de Israel e lhe diz que Ele o está adotando como Seu filho. Portanto, adoção é um termo que pode ser usado de uma forma geral em referência à nação de Israel. Ela constitui o povo particular de Deus. Eis por que, falando através de Amós, Deus lhes disse: "De todas as famílias (as nações) da terra, vós sois os únicos que conheci". Naturalmente, Ele conhecia todas as demais nações, mas tinha um interesse especial em Israel. Como nação, ele era o filho de Deus. O uso especial desse termo, porém, é espiritual, e esse é o nosso principal interesse – Deus adotando certos indivíduos para se tornarem Seus filhos de uma maneira espiritual.

Pois bem, há dois pontos que devo trazer a lume aqui. Procedo assim, não porque são essenciais a uma exposição positiva, mas porque são abordados com muita freqüência como argumentos. Eles causam tanta confusão, que se faz indispensável

que os consideremos. Por exemplo, há quem diga que as Escrituras nos ensinam que todos os homens e mulheres são filhos de Deus. Tais pessoas crêem no que chamam a paternidade universal de Deus e a irmandade universal de todos os homens, e alegam que são os seguintes os textos bíblicos que apoiam sua tese: primeiramente, aquela afirmação em Atos 17:24-29, onde o apóstolo Paulo, pregando em Atenas, usa a frase: "Pois dele também somos geração". Ora, essa é uma afirmação importantíssima. Paulo está falando aos atenienses acerca desse Deus a quem ignorantemente adoravam – chamavam-nO "o deus desconhecido" – e eis o que ele diz:

> *"O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas; nem tampouco é servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; e de um só fez todas as raças dos homens, para habitarem sobre toda a face da terra, determinando-lhes os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação. Para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, o pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós; porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como alguns dos vossos poetas disseram: pois somos também sua geração. Sendo nós, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida pela arte e imaginação do homem."*

O segundo texto bíblico que tais pessoas citam é Hebreus 12:9, onde o escritor está exortando-nos a sermos obedientes e a não murmurarmos contra a correção divina. Ele diz que todos nós temos de sujeitar-nos aos nossos pais terrenos, e em seguida argúi: "Não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos (que significa o pai de todos os espíritos), e viveremos?" E ainda, em Tiago 1:17, encontramos uma referência a Deus como "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação".

Portanto, o que respondemos a essa contenda? Que Deus é o Pai de todos, e que os homens e as mulheres são, portanto, filhos de Deus?

Nossa primeira resposta é que essas mesmas passagens das Escrituras claramente referem à relação de Deus com todas as pessoas somente no âmbito da criação e da providência. São muito similares a 1 Timóteo 4:10, onde somos informados que Deus é "o Salvador de todos os homens, especialmente daqueles que crêem." É o mesmo gênero de distinção. Deus é o criador de toda a humanidade. Nesse sentido, Ele é o Pai dos espíritos de todas as pessoas, mas isso não tem nada a ver com a redenção e com a relação especial de Deus com os homens e as mulheres em termos de adotá-los como filhos.

Essa é uma distinção que encontramos alhures nas Escrituras. Já vimos que, no Velho Testamento, Deus considera Israel como Seu filho de uma forma especial. É em virtude desse fato que Ele diz: "De todas as famílias da terra, a vós somente conheci" (Amós 3:2). Vocês, porém, acham essa distinção especialmente no Novo Testamento. Por exemplo, em João 1:12, lemos: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus". Obviamente, portanto, aqueles a quem é dado esse poder, ou esse direito, ou essa autoridade de se tornarem filhos de Deus, estão numa categoria completamente diferente daqueles que não crêem. Esses são aqueles que crêem em Seu nome, e a adoção só se dá com esses, e não com os outros.

Tomem também Romanos 8:15: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!" A quem Paulo está escrevendo? Somente aos cristãos, somente aos crentes. Ele não está escrevendo uma carta geral ao mundo, mas uma carta especial àqueles que crêem no Senhor Jesus Cristo, que estão em Cristo e que têm o Espírito de Cristo.

Aos judeus incrédulos que haviam dito que eram todos filhos de Deus, nosso Senhor faz a seguinte colocação: "Se Deus fosse o vosso Pai, vós me amaríeis" (João 8:42). A seguir, porém, Ele

foi mais específico, e disse: "Vós tendes por pai o diabo, e quereis satisfazer-lhe os desejos" (João 8:44). Seguramente, esse único versículo é mais do que suficiente para demonstrar o fato de que nem todos os homens e mulheres são filhos de Deus neste sentido especial. Nosso Senhor pessoalmente esboça essa incisiva distinção. E o apóstolo Paulo, na Epístola aos Efésios, afirma que todos nós éramos "por natureza filhos da ira, como os demais" (Ef. 2:3). E somente aqueles que são vivificados com Cristo é que se tornam filhos de Deus.

Eu podería aduzir muitos outros textos das Escrituras que mostram exatamente a mesma coisa, mas esses são suficientes. Aliás, qualquer um desses é suficiente. Existe uma incisiva distinção entre os filhos de Deus e os filhos deste mundo. "Sabemos que somos filhos de Deus", diz João na Primeira Epístola, "e que o mundo inteiro jaz no maligno" (1 João 5:19). É uma distinção que se encontra por toda parte, portanto devemos rejeitar a noção da paternidade universal de Deus e a fraternidade universal do homem.

O segundo ponto trata de toda a relação de nossa filiação com a filiação de nosso Senhor. Isto, uma vez mais, é importantíssimo. Ao tornarmo-nos filhos de Deus, não nos tornamos idênticos ao Senhor Jesus Cristo. Ele é o Deus-homem, o próprio Deus do próprio Deus e perfeito homem; perfeito Deus e perfeito homem. Não somos feitos deuses. Quando nos tornamos filhos de Deus, não nos tornamos Deus no sentido em que nosso Senhor era. Nosso Senhor Jesus Cristo foi muito prudente ao enfatizar essa distinção. Tomem, por exemplo, o que Ele disse ao ministrar aos Seus discípulos a oração-modelo. Disse: "Portanto, orareis deste modo" (Mat. 6:9). Ele não Se incluiu. É assim que vocês e eu devemos orar, dizendo: "Pai nosso". Ele não Se inclui em nosso número, Ele não faz essa oração particular.

Após Sua ressurreição, porém, nosso Senhor fez uma afirmação ainda mais específica. Disse a uma das mulheres: "Mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (João 20:17). Por que Ele fez tal

discriminação? A razão é, obviamente, que Ele desejava preservar essa distinção. Ele não disse: "Subo para o nosso Deus e para o nosso Pai". Evidente que não, pois Ele é unigênito, é o Filho de Deus por geração; nós somos filhos de Deus por adoção. E essa é uma distinção essencialíssima.

Isso nos habilita a dar um passo além em nossa definição exata do que a adoção significa. Podemos descrevê-la, pois, como aquele ato judicial de Deus pelo qual Ele nos confere ou nos concede o status ou a condição de filhos. Esse é o seu real significado. E desejo enfatizar o fato de que ela é uma distinção e um movimento especial, ou divisão, da obra do Espírito Santo na aplicação da redenção. Ela (a obra) deve ser diferenciada de todos os demais atos, e todavia não devemos separá-la. Ela é um passo distinto, mas não é um passo inteiramente à parte, como já enfatizei. Há um sentido em que essas coisas, por assim dizer, ocorrem todas concomitantemente – a regeneração, a fé, a justificação e assim por diante. O mesmo se aplica a este grande ato de adoção; e todavia, por causa de clareza de pensamento, devemos diferenciar essas coisas em nossas mentes. Adoção não é o mesmo que justificação; não é nem mesmo uma parte da justificação, e sim, completamente separada. Na justificação, vocês recordam, descobrimos que Deus nos declara justos; é um ato declaratório, um ato forense. Ele declara que os nossos pecados são perdoados, e que Ele aceita a justiça de Cristo, a qual Ele imputou a nós. Desse modo, justificação não é adoção. Da mesma forma, devemos ter bem claro que adoção e regeneração não são sinônimas. Na regeneração, nos é dada uma nova natureza; tornamo-nos participantes da natureza divina. Tornamo-nos novas criações, novas criaturas. Mas isso não é adoção.

Em certo sentido, adoção é uma combinação de justificação e regeneração. É a nova criatura numa nova relação com Deus – como filha de Deus. Adoção é mais que justificação, é mais que regeneração, entretanto inclui a ambas. Aqui está um homem ou uma mulher com uma nova natureza, declarado justificado e livre da lei e da sua condenação, e declarado positivamente justo.

Sim, mas além de tudo isso é agora declarado filho de Deus. Em certo sentido, reiterando, ela é um ato judicial e outra proclamação. Contudo ela proclama algo novo, algo diferente. Por meio da adoção, pois, nos tornamos filhos de Deus, e somos introduzidos na família de Deus, e nos são conferidos os privilégios que pertencem aos membros da família de Deus.

Agora, uma vez mais, infelizmente devo desviar-me e dizer algo negativo, que exporei na forma de pergunta. Porventura esta adoção se aplica a todos os cristãos, ou somente a alguns? Existiria uma distinção entre ser crianças* de Deus e filhos de Deus? Tenho que tratar deste tema, porquanto há dois grupos que ensinam que todos os cristãos são crianças de Deus, mas que apenas alguns são filhos de Deus. Qual é a tentativa deles de justificar tal afirmação? Sua principal prova, dizem, é Mateus 5:9: "Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus". Ora, eles lêem isso na *Revised Version*. Na *Authorised Version (King James)*, a tradução é "crianças de Deus". Ora, dizem eles, nosso Senhor estava pregando ali aos que eram crentes, e eram, portanto, crianças de Deus – demonstrado pelo fato de que Ele os ensinava a dizer: "Pai nosso". Sim, mas é somente as pessoas que agem como pacificadoras que se tornam filhos de Deus. Eis o argumento.

Em seguida, eles dizem que no versículo 45 desse mesmo Sermão do Monte, nosso Senhor nos exortou a amarmos não só aos que nos amam, mas também aos nossos inimigos: "Eu, porém, vos digo: amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus". Uma vez mais, eis a *Revised Version*, enquanto que a *Authorised Version* traz: "Para que vos torneis crianças de vosso Pai que está nos céus." Não discordamos que estejam plenamente certos ao traduzirem-no como "filhos", porém eles dizem que,

---

* Os verbetes "sons" e "children" da língua inglesa são traduzidos na língua portuguesa como "filhos". Não havendo verbete correspondente para fazer a diferencição estamos deixando o termo "crianças" para salientar que há no inglês dois vocábulos muito semelhantes no significado.

enquanto que todos os cristãos são crianças, é somente os que amam a seus inimigos que se tornam filhos.

Seu próximo exemplo de evidência está em Lucas 20:36, onde nosso Senhor está tratando de uma questão atinente à ressurreição. O problema apresentado a Ele era sobre o que aconteceria a uma mulher que havia se casado com toda uma série de irmãos. Na *Revised Version*, a passagem termina dizendo que, na ressurreição, eles são como que filhos de Deus: "sendo filhos da ressurreição". Ora, isso, dizem os proponentes deste ponto de vista, só se aplica a certas pessoas. Além do mais, tentam argumentar que em Gálatas, capítulos 3 e 4, onde Paulo lembra aos gálatas que, ao passo que sob a lei eram crianças, agora são filhos de Deus – em decorrência da obra de Cristo e o dom do Espírito. (vejam, por exemplo, Gálatas 4:6,7). Ali, uma vez mais, dizem, encontramos a mesma distinção. Os santos do Velho Testamento eram apenas crianças de Deus; os santos do Novo Testamento, alguns daqueles que compreendem isso, podem tornar-se filhos de Deus. E com base neste argumento, dizem que não só é verdade que nem todos os cristãos são filhos de Deus, mas somente aqueles que se portam desta maneira particular é que se tornam filhos de Deus.

Noutras palavras, dizem que, pela graça, todos nós somos crianças, mas que nos tornamos filhos, não mais pela graça, mas por aplicação – por fazermos um grande esforço, por amarmos nossos inimigos, sendo pacificadores, etc. – e se apenas fizermos essas coisas, então nos tornaremos filhos de Deus. Isso não é por meio da graça, mas por meio de esforços e de atividade por parte do crente. E eles vão tão longe, a ponto de dizer que os cristãos que são simplesmente crianças não tomarão parte na primeira ressurreição, mas somente os filhos, e que somente os filhos passarão sua eternidade na presença imediata do Senhor – as crianças não terão tal privilégio. As crianças estarão no novo céu e na nova terra, todavia não estarão na presença imediata de nosso Senhor.

É possível que vocês se sintam estarrecidos em ouvir que existe tal ensino, mas existe, e ele é formulado por pessoas cristãs.

Mas isso é apenas outro exemplo da maneira como, se nos tornamos hiperinteressados em palavras e em mecânica, podemos chegar a distorcer as Escrituras de seu genuíno significado, e fazer-lhes grave injustiça, porque, seguramente, tal distinção é completamente artificial e deveras falsa. Posso demonstrar isso à luz do próprio capítulo 8 de Romanos, o qual eles tanto gostam de citar. Sugiro-lhes que o próprio uso dos termos nos versículos 15, 16 e 17 falsifica inteiramente seu argumento: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O Espírito Santo testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus" – isso é o que declara a *Revised Version*. Então prossegue: "e, se *crianças*, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo". Seguramente, é óbvio que o apóstolo está aí usando os dois termos intercambiavelmente.

Tomem, porém, uma vez mais, as palavras de Paulo em Gálatas 3:26: "Pois todos nós somos", diz ele, "filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus". Isso diz a *Revised Version*. Quem são esses *nós*? Todos os cristãos. E em Gálatas 4:4-7, ele está novamente falando, não de alguns cristãos especiais, mas de todos os cristãos, mesmo esses cristãos gálatas que estão caindo em erro, em alguns aspectos. Eles são "os filhos de Deus", diz Paulo; não somente alguns deles, e, sim, todos eles. E da mesma forma em Efésios, capítulo 1, ele está se referindo novamente a todos os crentes, a todos os cristãos. Todos os que são salvos e redimidos pelo sangue de Cristo são redimidos para a adoção de filhos.

E talvez de todas as coisas, a mais importante seja que a palavra que é corretamente traduzida para "filhos" – e não "crianças", visto que no grego há duas palavras diferentes – tal palavra nunca se aplica aos crentes em qualquer dos escritos do apóstolo João. Em seu Evangelho, bem como em suas Epístolas, João sempre faz menção dos crentes em termos de crianças. Ele nunca usa o termo preciso "filhos", mas obviamente ele está o tempo todo nos descrevendo na posição de filhos e daqueles que têm sido adotados para a filiação. Ora, é totalmente inconcebível

que o apóstolo João tenha feito isso, caso exista essa vital distinção entre filhos e crianças. De acordo com esse argumento, o apóstolo João nunca chegou a compreender que os cristãos são filhos de Deus, ele simplesmente os considerava como crianças de Deus, e, portanto, em seu ensino ele os privou dessa posição especial, a qual alegam que o apóstolo Paulo ensina a respeito deles. Portanto, concluo que, levando em conta os escritos do próprio Paulo, essa é uma distinção completamente artificial, falsa e sem sentido, a qual é perniciosa em suas implicações e ensino. E quando a focalizamos pelo prisma de todas as Escrituras, e especialmente os escritos de João, vê-se ser ela completa e inteiramente insustentável.

No entanto, permitam-me chegar a algo mais importante e mais interessante. Quais são as provas que qualquer um de nós pode ter de que foi adotado? Muito bem, vocês podem encontrar a prova de acordo com o seguinte: "Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus" (Gál. 3:26). Em 1 Pedro 1:3-6, também, vocês o encontram novamente: Ele "nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós" – para nós que cremos nEle. Nós somos a herança, ou seja, as crianças. É para todos nós que cremos em Cristo.

Em seguida, a segunda forma de penhor consiste em que nos é dado "o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai" (Rom. 8:15); "recebemos a adoção de filhos" (Gál. 4:5). Vocês podem assegurar-se do fato de que já receberam a adoção, uma vez que sabem que o Espírito Santo está habitando em vocês. Já vimos antes essa evidência, portanto vocês podem desenvolvê-la. Temos especialmente Seu testemunho com o nosso espírito, de que somos filhos de Deus. Se temos tal testemunho do Espírito com o nosso espírito, então é uma prova absoluta de que já recebemos a adoção.

E então, por último, eu colocaria o fato de que somos guiados pelo Espírito. Eis o argumento de Paulo: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus" (Rom.

8:14). Paulo não diz: "A todos quantos estão ativamente agindo como pacificadores ou que estão amando seus inimigos...". Não! "A todos quantos são guiados pelo Espírito de Deus"; aqueles que se sujeitam à Sua direção e que se regozijam em ser guiados por Ele, esses são os filhos de Deus.

Aí, então, são as provas. Agora, finalmente, consideremos os resultados de nossa adoção. Em primeiro lugar, se temos o Espírito de adoção, então perdemos "o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor" (Rom. 8:15). Positivamente, em segundo lugar, foi-nos dado o espírito de liberdade. Noutras palavras, não há mais necessidade de temermos a lei e sua condenação; não há mais necessidade de temermos a morte; estamos desfrutando algo da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Em terceiro lugar, quero lembrá-los novamente de que recebemos esse espírito de adoção através da habitação do Espírito.

Mas então, em aditamento, temos estes resultados: visto que fomos adotados na família de Deus, estamos autorizados a ostentar Seu nome. Podemos dizer que somos os filhos de Deus. Somos membros da casa de Deus. Pertencemos à família de Deus. O nome de Deus está sobre nós. Ele disse: "Andarei no meio de vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo" (Lev. 26:12). Somos o Seu povo. Vocês se lembram de que Pedro aplica aos cristãos o que Deus dissera à nação de Israel de outrora (1 Ped. 2:9,10).

O que mais? Bem, o quinto benefício consiste em que desfrutamos da presente proteção e consolação que tão-somente Deus pode conferir, bem como da provisão que Ele faz por Seus filhos. "Mas até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados" (Luc. 12:7); nada pode acontecer-nos à parte dEle. Pensem naquelas graciosas e gloriosas promessas que são destinadas aos filhos, e as quais provamos ser verdadeiras na experiência: proteção, consolação e a perfeita provisão para cada uma de nossas necessidades. Ele disse: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Heb. 13:5) – venha o que vier.

O próximo benefício, a princípio, não é tão agradável – *as*

correções paternais. Esse é todo o argumento da primeira metade de Hebreus, capítulo 12: "Pois o Senhor corrige ao que ama, e açoita a todo o que recebe por filho" (v. 6). O argumento é que, se não estamos recebendo correção, então não somos filhos, e sim, bastardos. Se somos filhos de Deus, Ele nos corrigirá para nosso bem: "Na verdade, nenhuma correção parece no momento ser motivo de gozo, porém de tristeza; mas depois produz um futuro pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados" (v. 11). De modo que esse é um resultado bem definido de nossa adoção. Se somos filhos de Deus, Ele está determinado a conduzir-nos à glória; e se não dermos ouvidos à Sua direção e ensino, Ele nos corrigirá, visto que nos ama e em razão de sermos Seus filhos. Visto que Ele imprimiu Seu amor e afeição em nós, então nos conduzirá até o fim. Ele, pois, corrige Seus filhos, mas não aqueles que não são Seus filhos.

Eis o próximo benefício: *herança*. "E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo" (Rom. 8:17). Que glorioso argumento! É em razão de sermos adotados na família de Deus e de sermos declarados Seus filhos, que somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. A herança é segura.

O último ponto consiste na garantia e certeza de tudo. Sim, diz Pedro, vocês foram chamados "para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós" (1 Ped. 1:4), e portanto segura. Paulo diz a mesma coisa em Romanos 8:38,39: "Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida... nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". Se Deus o adotou em Sua família, se você é filho de Deus, seu destino é seguro, é certo.

"Nem as coisas futuras, nem as coisas que agora existem,
Nem todas as coisas em baixo, nem em cima,
Podem fazê-lO Seu propósito abandonar,
Nem separar minha alma do Seu amor."
– Augustus Toplay

É uma garantia. Se Deus me adotou em Sua família, não sou

somente filho, sou herdeiro, e nada, nem ninguém, pode jamais roubar-me de minha herança.

Como eu disse no início, esse fato é uma doutrina em extremo consoladora, confortadora e encorajadora. Acaso não é uma tragédia que ela seja negligenciada, que os homens e as mulheres fiquem somente no perdão, ou mesmo na santificação, e falham em compreender que esta é a coisa que sempre nos lembra, diretamente, da nossa relação com Deus e com a maravilhosa herança, a indescritível glória à qual estamos destinados? Somos salvos para essa adoção de filhos. Não meramente perdoados; não meramente declarados justos; não meramente dotados com uma nova natureza. Acima e além disso, somos declarados como crianças de Deus – filhos de Deus, herdeiros de Deus, co-herdeiros com o unigênito Filho de Deus.

18

SANTIFICAÇÃO DIFERENTES PONTOS DE VISTA

Gostaria de lembrar-lhes uma vez mais, neste ponto, que é importantíssimo nestas preleções sobre doutrina que percebamos a relação destes diferentes aspectos da verdade uns com os outros. Teremos que enfatizar isso consideravelmente nesta preleção, porque, em conexão com a doutrina que estamos considerando agora, ele é um dos mais importantes de todos os pontos. Temos, noutras palavras, chegado à doutrina da santificação. A posição a que chegamos é esta: temos uma nova natureza; nascemos de novo; estamos em união com Cristo; já fomos declarados justos; somos adotados na família. Sim, o que dizer, porém, do problema do pecado? Não nos tornamos repentinamente perfeitos. O problema do pecado na vida do crente ainda existe, e a doutrina da santificação trata do que Deus faz a esse respeito.

Esta doutrina é sumamente controvertida, visto existir uma série de pontos de vista e teorias sobre ela, mais com respeito a *como* exatamente a santificação ocorre, do que com respeito ao *que* ela significa. As perguntas giram em torno de *como* ela se processa e *qual* a sua extensão. Tem havido considerável controvérsia, especialmente ao longo dos últimos duzentos anos; e o pivô de tudo não foi nenhum outro senão o grande João Wesley. Ele propôs uma teoria no tocante à santificação e à santidade, a qual ele considerava como algo absolutamente vital; ele próprio a ensinava, e ensinou seus pregadores a pregá-la. Ela provocou grande discussão e, receio eu, acérimos debates entre pessoas que eram tanto boas como igualmente cristãs evangélicas.

Os que se acham interessados pela teologia e pela história

deste assunto devem ler o grande debate que ocorreu entre João Wesley e seu coadjutor e auxiliar, o piedoso John Fletcher de Madeley, por um lado; e por outro, pessoas como George Whitefield, Augustus Toplady e outros. Isso é importante, não só historicamente, mas a todos os que levam sua fé cristã a sério. O debate teve início e continuou mais ou menos desde então, visto ser João Wesley, em alguns aspectos, o pai dos diversos pontos de vista populares relativos à santificação que têm sido propostos desde então. Por exemplo, os pontos de vista do Exército de Salvação vêm diretamente de João Wesley. William Booth era metodista, e ele assumiu o ensino metodista, introduzindo certas modificações. E diversos outros movimentos atinentes à santidade, que vieram à existência, tanto no século dezenove como no século vinte, todos advieram do ensino de João Wesley.

Ora, estou bem consciente do fato de que há certos cristãos que, quando ouvem ou lêem algo desse tipo, dizem prontamente: "Que importância tem o que alguém crê?" Podem perguntar: "Você crê que João Wesley era tanto cristão quanto George Whitefield?" E minha resposta a isso é: sim! Aliás, ainda usaria a resposta formulada por George Whitefield, numa memorável ocasião. Um dos próprios fortes e agressivos apoiadores de Whitefield chegou a ele certa tarde e perguntou: "Senhor Whitefield, você crê que veremos o senhor Wesley no céu?" Ao que respondeu o senhor Whitefield: "Provavelmente não; ele estará numa posição tão sublime e exaltada, que você e eu não vamos poder vê-lo lá". Essa é a atitude correta de nos aproximarmos deste assunto.

Ora, naturalmente que nossa salvação não é determinada por nosso ponto de vista da santificação, seja qual for esse ponto de vista. Essa, porém, não é razão para dizermos que não importa o que cremos sobre ela. É sempre o dever dos cristãos, dos crentes, estudar as Escrituras e chegar ao que consideram como sendo o máximo entendimento bíblico da verdade sobre uma doutrina. Se vocês não fazem isso, e se afirmam que tal coisa não tem a menor importância, que não podem ser incomodados e que tais

coisas não se levam em conta, então o que na verdade estão dizendo é que a verdade não tem importância. Isso é mantido com freqüência. Há pessoas que dizem: "Naturalmente que não concordamos com tal e tal teologia de determinada pessoa; mas, que importância tem sua teologia, quando tal pessoa é capaz de reunir uma multidão e levar pessoas a Cristo?"

Pois bem, o que realmente essas pessoas estão dizendo é que a verdade não tem a menor importância, e que estão interessadas somente nos resultados. Ao dizerem isso, vocês estão escancarando uma porta para toda espécie concebível de seita. Não apenas isso, mas estão se colocando na arriscada posição em que, se um ensino bastante plausível lhes for apresentado de repente, provavelmente crerão nele, porque não terão quaisquer critérios por meio dos quais avaliá-lo. As diversas heresias e seitas que se tornaram populares tiveram sucesso somente porque os cristãos não se preocuparam em descobrir as suas próprias crenças. As pessoas que chegam às nossas portas, vendendo seus livros e introduzindo suas teorias, conhecem suas doutrinas, têm sido instruídas e treinadas nelas e sabem exatamente o que crêem. Que nós, cristãos, nos envergonhemos, se não conhecemos nossas próprias doutrinas. Se admitimos a atitude: "Por que preocupar-me se as pessoas discordam?" então ela nos levará inevitavelmente a esses resultados. Contudo, o ponto de vista da santificação que espero propor-lhes de forma bem definida diz que, ainda quando as pessoas estejam seriamente erradas em seus pontos de vista atinentes à santificação, em última análise isso não impede que estejam sendo santificadas – isso virá a lume quando prosseguirmos com o argumento.

Assim, pois, ao aproximarmo-nos deste problema como um todo, comecemos uma vez mais com uma definição. O que significa santificação? Ora, se percorrerem a Bíblia e cotejarem os termos no Velho Testamento e no Novo, encontrarão um grande número deles, e vou sumariar o significado deles de forma bastante breve. As autoridades não estão completamente concordes sobre o significado da palavra usada no Velho Testamento. Alguns dizem que significa "brilhar", como uma

luz radiante, resplandecente, enquanto que outros afirmam que significa "cortar", "separar". Sinto-me bastante inclinado a pôr ambos juntos, porquanto penso que ambos os aspectos entram em toda a questão da santificação. Há um corte. Há uma separação. Sim, mas a verdadeira santificação também envolve um resplendor – o gênero de coisa que foi visto no rosto de Moisés depois que estivera com Deus no topo do monte. Há na santidade esse tipo de resplendor, algo da própria glória shekinah. Portanto, ambas essas idéias se fazem presentes no Velho Testamento. Quando chegamos ao Novo Testamento, todas as diversas palavras trazem – na maior parte – a idéia de separação.

A santificação traz em si dois significados primários. O primeiro é: pôr à parte para Deus e para o Seu serviço. Esse é um grande significado de santificação tanto no Velho quanto no Novo Testamento. É muito interessante observar que ela se aplica não só a homens e mulheres, mas até mesmo a objetos inanimados. O monte no qual Deus entregou a Moisés os Dez Mandamentos é referida como o "santo monte", ou o monte santificado. Ele fora posto à parte para esse propósito específico, de modo a tornar-se um monte santo. O templo é referido como sendo santo, e nele havia o lugar santo e o santo dos santos. Os vasos no templo, os instrumentos, todas essas coisas são uma vez mais descritas como sendo santificadas, postas à parte, feitas santas (Êx. 28:29, etc.).

Existe um duplo significado para a idéia de ser posto à parte. O primeiro é separação *de* tudo o que é profano, imundo ou impuro. Aqueles vasos jamais poderiam ser usados de uma forma comum novamente. Uma vez santificados, tinham que ser separados do uso comum. Em segundo lugar, porém, também significa, positivamente, que tudo que é santificado é devotado inteiramente *a* Deus, apresentado a Deus, oferecido a Deus, a fim de que Ele o use para o Seu próprio serviço. Ora, nessa conexão, é muito interessante observar que o termo "santificar" é realmente usado em relação ao próprio Senhor Jesus Cristo. Vocês o encontrarão duas vezes no Evangelho de João. A primeira está em João 10:36. Nosso Senhor estava discutindo com os

judeus que O interrogavam acerca de Sua identidade, e Ele disse: "Àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: blasfemas; porque eu disse: sou Filho de Deus?" O Pai me santificou, diz Ele. Isso significa: "pôr à parte para o Seu próprio serviço". E em João 17:19, Ele diz: "E por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade". E aí não pode haver dúvida de que ela significa que Ele estava colocando-Se à disposição de Deus, para que o Pai fizesse, nEle, com Ele e através dEle, na cruz, a obra que era essencial, antes que os nossos pecados pudessem ser expiados e pudéssemos ser perdoados. Portanto, no duplo sentido de separar de, e devotar-se inteiramente a Deus, o termo é usado a respeito de objetos inanimados e até do próprio Senhor Jesus Cristo.

Vocês descobrirão também que o termo "santificar" é usado com bastante freqüência nesse sentido em referência aos crentes. Permitam-me que lhes apresente alguns exemplos. Na estrada de Damasco, o Senhor ressurreto outorgou ao apóstolo Paulo sua grande comissão – vocês encontrarão o relato em Atos, capítulo 26, especialmente no versículo 18. O Senhor disse a Paulo que fosse para os gentios. "Para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz, e do poder de satanás a Deus, para que recebam remissão de pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim." Isso, eu sugiro, é este uso genérico de santificação, significando que as pessoas são postas à parte para Deus.

Ou tomem novamente 1 Coríntios 6:11, versículo esse interessantíssimo e importantíssimo. Cremos que a santificação, em nossa ordem lógica, deve seguir a justificação. Certo? E no entanto isto é o que lemos: "E tais fostes alguns de vós; mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus". Notem que aqui a santificação se antepõe à justificação; então, o que ela significa? Significa que os cristãos coríntios foram tirados do mundo, da sociedade pecaminosa de Corinto, e postos à parte para Deus – lavados e santificados. Haviam sido transformados em pessoas pertencentes a Deus, postas à parte

para Ele e para o Seu serviço.

A seguir encontramos o mesmo uso dela em Hebreus 10:10: "É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre". Isso significa – e não é possível que tenha qualquer outro significado nesse versículo e em conexão a ele – pôr à parte. Ou tomem novamente o versículo 14, nesse mesmo capítulo: "Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre" – é a mesma idéia – "os que estão sendo santificados". Por meio de Sua morte na cruz, Ele aperfeiçoou aqueles que são santificados, e a palavra aí só pode significar pôr à parte para Deus como pessoas pertencentes a Deus.

Tomem outro exemplo de Pedro: "Eleitos", diz ele, "segundo a presciência de Deus Pai, na santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1 Ped. 1:2). Ora, ali, uma vez mais, santificar obviamente significa pôr à parte, tirar do mundo, dedicar-se a Deus e pôr-se à disposição de Deus. E da mesma forma, em 1 Pedro 2:9, encontrarão isto: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido", e assim por diante. Noutras palavras, Pedro ali aplica à Igreja, ao povo cristão, o mesmo termo que fora usado em Êxodo, capítulo 19, referente à nação de Israel. Os filhos de Israel eram a nação santa de Deus, uma nação santificada; Ele os pôs à parte para Si mesmo. É igualmente verdade no tocante a homens e mulheres cristãos. Nesse sentido somos, todos nós, já santificados, uma vez e para sempre, como o autor da Epístola aos Hebreus o coloca, pela obra do Senhor Jesus Cristo na cruz.

Mas a santificação tem um segundo significado que não é tanto um significado posicional quanto um significado interno. Este signficado não faz uma declaração sobre nós, quando somos separados para Deus, tanto quanto adiciona que, por causa disso, algo ocorre dentro de nós para fazer-nos dignos de nossa nova posição. Esse é um significado ético – "tornar-se santo". Ser posto à parte para Deus não nos *faz* santos; somos *considerados* santos. O segundo significado, porém, descreve *como* somos feitos santos. Significa, portanto, uma certa obra de purificação

e limpeza que se dá dentro de nós, que nos conforma mais e mais ao Senhor Jesus Cristo, e que nos transforma à Sua imagem de glória em glória. E esse é o significado que as pessoas geralmente têm em mente quando falam sobre santificação. É o uso comum da palavra. Se alguém lhes perguntar: "O que vocês crêem acerca da santificação? Como vocês crêem que alguém é santificado?" Isso é o que provavelmente tencionam. Estão se referindo a esta limpeza interna, a esta purificação interior, a este ser conformado à imagem do amado Filho de Deus.

E assim, pois, sugiro-lhes que o seguinte fará uma boa definição de santificação: É "aquela graciosa e contínua operação do Espírito Santo, pela qual Ele liberta o pecador justificado da corrupção do pecado, renova toda a sua natureza segundo a imagem de Deus e o capacita a realizar boas obras". Permitam-me esclarecer essa definição: "É aquela graciosa e contínua operação do Espírito Santo, pela qual Ele *liberta* o pecador justificado" – aquele que já está justificado – "da corrupção do pecado" – não de alguma culpa; isso já ocorreu. A justificação já cuidou disso. Ele é declarado justificado e justo, a culpa já foi resolvida. Agora estamos mais interessados acerca do poder e da contaminação do pecado – "renova toda a sua natureza segundo a imagem de Deus e o capacita a realizar boas obras".

Como vimos ao tratarmos da justificação, uma maneira conveniente de colocá-lo seria, talvez, da seguinte forma: na justificação, a justiça nos é imputada, é lançada ao nosso crédito. Deus, vocês se lembram, justifica o ímpio. Ele não espera até que a pessoa seja plenamente santificada antes de justificá-la. Esse, nós vimos, foi o erro católico-romano. Ao contrário, Deus olha para os homens e as mulheres em seus pecados, e, aplicando-lhes a justiça de Cristo, os declara justificados. Essa é a justiça *imputada*. Na santificação, porém, estamos discutindo a justiça *comunicada*. Não a justiça que é lançada ao meu crédito, mas a justiça que é criada em meu interior e produzida dentro de mim. Ora, essa é uma grande distinção. Os pais da Igreja costumavam falar muito sobre a diferença entre justiça comunicada e justiça imputada, e é devido à nossa degradação que estes termos não

sejam tão familiares a nós como o eram a eles. Eles foram grandes termos nos séculos dezessete e dezoito, e mesmo no século dezenove. O que tem de errado conosco neste século? Por que perdemos estes grandes termos e seus grandes significados?

Portanto, a santificação é realmente a maneira de Deus tratar o problema do pecado após a nossa regeneração e justificação. Todavia há ainda uma outra coisa com a qual devo tratar antes de deixar a questão da definição. Devemos ser sempre cautelosos ao definirmos santificação, não só em termos de nosso estado e condição morais, mas de nosso estado e condição morais em relação a Deus. Isso é absolutamente vital. As pessoas podem ter um alto padrão moral, porém não significa que são santificadas. O termo santificação deve sempre levar em si essa concepção de nossa relação com Deus, de nossa posição em Sua presença. Portanto, santificação não é moralidade e pureza em e de si mesma. Ela é tudo isso em sua relação a Deus. Há, portanto, uma diferença essencial entre a melhor pessoa moral que o mundo pode exibir e o cristão que está sendo santificado.

Portanto, deixemos a definição nesse ponto e apresentemos o próximo passo. A grande pergunta é: de que forma ocorre esse processo de purgar-nos e purificar-nos da polução do pecado e de fazer-nos crescentemente conformados à imagem de Jesus Cristo? E aqui chegamos ao coração dos diferentes pontos de vista e escolas de pensamento, os quais podem ser divididos em três grupos principais. Há antes de mais nada aqueles que eu descreveria como pontos de vista *perfeccionistas*, pontos de vista que de algum aspecto ou forma ensinam a possibilidade de alguma espécie de perfeição para o cristão neste mundo. Não peço desculpas por esse gênero de linguagem, porquanto estou sendo estritamente exato. No momento em que começamos a estudar tais pessoas, descobrimos que, embora tenham diferentes idéias quanto ao que constitui a perfeição, estão todas preocupadas com a perfeição neste mundo.

Ora, não nos é possível entrar em todos os detalhes e as ramificações das diferentes escolas de pensamento que se encontram neste primeiro grupo, mas deixem-me tentar um

sumário. Há alguns que ensinam que o pecado é inteiramente erradicado do cristão. É como ir ao seu jardim e ver uma erva daninha. Vocês não decepam simplesmente a parte superior; vocês pegam seu forcado, enfiam-no por baixo e arrancam toda a erva – com raízes e tudo. Mas quando ensinam isso, essas pessoas prosseguem dizendo que, por santificação, querem dizer que estão vivendo tão perfeitamente quanto são capazes de viver em algum dado momento. Dizem, talvez sejamos capazes de muito mais em um ano ou em dez anos, mas a perfeição consiste em que estamos vivendo tão perfeitamente quanto podemos em qualquer momento. Eles ensinam uma espécie de escala de perfeição. Esse foi o ensino, por exemplo, do famoso Charles G. Finney e seu grande associado, Ezra Mayhem – da assim chamada *Oberlin School* nos Estados Unidos. Isso foi o que ensinaram, e contam com muitos seguidores.

João Wesley, porém, não o colocou totalmente nessa forma. Ele dizia que a perfeição cristã significa que homens e mulheres cristãos não estão consciente e intencionalmente cometendo algum pecado em algum dado momento. João Wesley admitia que pudessem estar cometendo pecados dos quais não estivessem conscientes, mas ele o define muito cuidadosamente (sejamos justos para com o seu ensino) como não sendo culpados *intencionalmente* de algum pecado conhecido. É um estado momentâneo, diz Wesley; vocês podem pecar no momento seguinte, mas são perfeitos neste exato momento. E se aplica apenas a pecados reconhecidos. À luz da definição e do ponto de vista de Wesley, se vocês estão pecando ignorantemente, não importa, isso lhes será revelado mais tarde, e no momento em que vocês vêem e entendem, então devem abandonar esse pecado também, e então vocês são perfeitos nesse aspecto. Portanto, a santificação significa alguma espécie de perfeição, mas não uma perfeição absoluta.

Outros falam da santificação em termos de ter-se um coração puro, o coração que foi inteiramente purificado do pecado, mas, novamente, falam de pecado conhecido e intencional. Outros o põem ainda de outra maneira. Aqui novamente volto a referir-

-me a João Wesley que gostava muito de descrevê-lo como "amor perfeito". Ele dizia que as pessoas cristãs podem ser culpadas de pecados provenientes da ignorância, coisas das quais não são conscientes. Elas são ainda falhas e ignorantes em muitos aspectos. Portanto, "como você qualifica tais pessoas de perfeitas?" alguém lhe perguntou. E sua resposta era que, se podem afirmar que amam a Deus de todo o seu coração, mente, alma e força, então, ainda que não sejam realmente perfeitos na vida e na prática, todavia são perfeitos no amor. Estão amando a Deus perfeitamente até onde podem nesse dado momento; com a total capacidade de seu ser, eles querem amar a Deus e O estão amando. Esse é o amor perfeito, dizia Wesley. Ele pode ser maior posteriormente, mas no momento ele é perfeito. Segundo temos visto, ele se preocupava demasiadamente em enfatizar esse aspecto do instante após instante da perfeição e da santificação.

Ora, é uma característica de todos esses pontos de vista perfeccionistas que a santificação é algo que pode ser recebido e pode ser recebido num instante. É algo que nos é feito por Deus através do Espírito Santo, e tudo o que temos de fazer é desejá-lo, crer que ele é possível e exercer fé. Só temos que crer que, se o pedirmos a Deus, Ele no-lo dará. Portanto, podemos recebê-lo num instante, num lampejo. Eles gostam de colocá-lo mais ou menos assim: "Como receberam sua justificação, assim vocês devem receber sua santificação". Ela é uma experiência, algo que pode ocorrer num instante, totalmente.

O segundo grupo advoga ou declara que homens e mulheres são santificados por meio do que chamam *o princípio de ação contrária*. Esse foi o ponto de vista que se tornou popular do século dezessete ao século dezenove, e continua ainda popular. Ora, as pessoas que defendem este ponto de vista não crêem na erradicação do pecado. São muito claras e explícitas a esse respeito, e consideram a doutrina da erradicação como algo muito perigoso. Acaso, então, o cristão simplesmente luta ao longo desta vida em meio a malogros? Oh, não, dizem, existe um novo princípio. Seu grande texto, a própria base de sua doutrina, é

Romanos 8:2: "Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte". "Sim", dizem, "o pecado permanece no crente, todavia, se ele olha para Cristo, persiste nEle e põe nEle sua confiança mediante a fé, Cristo o guardará de pecar. Existe esse poder do pecado no interior do cristão, sim, mas o poder de Cristo faz muito mais do que neutralizá-lo" – eis onde a ação contrária entra. E uma farta série de ilustrações é usada.

Muitas dessas ilustrações são oriundas do Rev. Evan Hopkins. Suas duas favoritas eram estas: primeiramente, o atiçador de brasas. Existe um atiçador – é frio, negro e rígido. Sim – mas ponham esse atiçador ao fogo, e o que sucede? Fica rubro, fica aquecido e maleável. Tirem-no do fogo, e novamente se torna frio, negro e rígido. Eis a doutrina dessa escola em relação à santificação. Enquanto perseveram em Cristo, vocês permanecem, por assim dizer, rubros, quentes e maleáveis; vocês se mantêm livres do pecado. Se, porém, não perseverarem em Cristo, vocês voltarão exatamente ao estado em que estavam antes.

A outra ilustração é aquela do cinto salva-vidas. Dizem que a lei da gravidade leva os corpos pesados a afundarem-se na água. Um homem se encontra na água, e ele não pode nadar, por isso submerge. Exato, porém introduzam agora a lei da ação contrária. Ponham um cinto salva-vidas inflado com ar em volta desse homem, e o que acontece? Bem, ele neutraliza a lei que faz o homem submergir; ele o mantém flutuando. Mas se o homem separar-se do cinto salva-vidas, a antiga lei entra em vigor e ele vai para o fundo! Ele tem que perseverar. Ele tem que continuar olhando e confiando. Assim, pois, se prevalecer a antiga condição ou um pecado particular, tudo o que o cristão tem a fazer é apenas confessá-lo e reconhecê-lo. Ele tem de olhar para Cristo, perseverar confiando nEle e descansando nEle, e Cristo o manterá vitorioso. Ora, à semelhança dos pontos de vista perfeccionistas, este ensino também diz que normalmente isso começa como uma experiência e então prossegue como um processo. Noutras palavras, a santificação é algo que tem de ser

recebido, e que pode ser recebido num instante, e tudo o que vocês têm a fazer é permanecer nessa experiência.

A seguir, o terceiro e último ensino diz que a santificação é um processo que começa desde o momento de nossa regeneração, continua progressivamente ao longo de nossas vidas e só será perfeito após a morte. A coisa importante que diferencia este ponto de vista dos demais, é que ele não descreve a santificação como uma experiência que pode ser recebida subseqüentemente à justificação; ele enfatiza o fato de que no momento em que somos regenerados, a santificação terá começado e prossegue, e só é completada e aperfeiçoada quando nossos corpos finalmente forem glorificados e se virem livres da corrupção. Segundo Paulo diz em Romanos 8:23, onde está falando de toda a criação gemendo e conjuntamente com dores de parto até agora, "e não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção de nosso corpo". Somente quando o corpo for afinal redimido é que nossa santificação será aperfeiçoada.

O livro que insistentemente recomendo que leiam como uma exposição deste ensino é *Santidade*, do Bispo Ryle. Este livro foi extensamente escrito a fim de tratar das diversas outras idéias e teorias que já coloquei diante de vocês. Agora, como disse no início, permitam-me que lhes diga novamente, ao encerrar, que é nosso dever examinar estas coisas, mas não é nosso dever examiná-las num espírito partidário, ou com o único propósito de defender nosso próprio ponto de vista e criticar os outros. Como tenho dito freqüentemente, sou grande devedor a João Wesley. Sou ainda devedor a João Wesley em seu ensino atinente à santidade. Não o aceito na íntegra, obviamente, e há pontos dos quais diria que são definitivamente errôneos, porém gastei uma boa porção de meu tempo lendo obras e livros sobre a santificação e a santidade, escritos por pessoas que pertencem ao primeiro grupo – os perfeccionistas. E sinto-me feliz em testificar, para a glória de Deus, que, enquanto não posso crer e tenho que rejeitar o que provavelmente é sua principal ênfase, todavia os li, e eles aqueceram meu coração, e me encorajaram a

promover o processo de santificação em meu íntimo, e dou graças a Deus por eles.

Portanto, leiamos esses livros, os quais são todos exposições das Escrituras, e vamos à Bíblia. Tentemos examiná-los tão despreconcebidamente quanto nos for possível, e tentemos chegar à verdade concernente a este assunto. Se o fizermos conjuntamente neste espírito, nossas almas serão abençoadas e enriquecidas, e daremos graças a Deus por ter-nos concedido tempo para o estudo da doutrina da santificação.

19

SANTIFICAÇÃO OBRA DE DEUS E NOSSA

Já consideramos três principais pontos de vista da doutrina da santificação, e devemos mantê-los em mente ao buscarmos agora abordar o tema de uma maneira mais direta e expositiva. Certos princípios são ensinados com plena nitidez nas Escrituras, e devemos pôr à prova aqueles três pontos de vista e teorias à luz desses princípios.

O primeiro grande princípio que se encontra em toda parte da Bíblia, tanto no Velho quanto no Novo Testamento, é que a santificação expressa a vontade de Deus para nós. Temos a grande afirmação em 1 Tessalonicenses 4:3, onde somos informados explicitamente: "Porque esta é a vontade de Deus, a saber, a vossa santificação". Esse é o ponto de partida, e ele é fundamental. O propósito de Deus em fazer tudo o que Ele fez no Velho Testamento é afinal nossa santificação. Seu propósito quando "enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei" (Gál. 4:4), foi ainda nossa santificação. Quando Cristo foi à morte de cruz, o objetivo era nossa perfeição, como o foi na concessão do Espírito Santo. Aliás, tudo o que Deus fez a respeito de nós e de nossa salvação tem como seu fim e objetivo nossa santificação.

Ora, é absolutamente vital que apreendamos esse princípio. Se vocês quiserem mais prova, a encontrarão em João 17:17. Nosso Senhor está para deixar os Seus, e Ele está orando ao Pai por eles, e o que Ele pede? "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade." Realmente, Ele avança mais e diz, no versículo 19: "E por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados na verdade". Ora, quando nosso Senhor diz ali: "eu me santifico", Ele está dizendo a Seu Pai, com efeito: "Eu me ponho à tua disposição; estou me separando para esta obra final que me deste para eu fazer". Essa não é outra senão a morte na

cruz. Ele faz isso a fim de que sejamos santificados; é o objetivo que se acha por trás de tudo. Novamente o apóstolo Paulo diz a Tito: "Que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras" (Tito 2:14). Foi por isso que Ele morreu por nós na cruz, por isso e por nada menos. Há um hino que o expressa muito bem:

"Ele morreu para que fôssemos perdoados";

sim, mas não pára nisso:

"Ele morreu para tornar-nos bons."
– Cecil Frances Alexander

A tendência é esquecer a segunda parte, e, como lhes mostrarei num instante, associar a morte na cruz somente com o perdão. Mas a Bíblia nunca faz isso.

Assim, o primeiro princípio a reter em nossa mente é que a santificação é a finalidade de todo o processo da salvação. Se isso é verdade, então devemos reconhecer a existência de certos perigos que devem ser evitados a todo custo. Deixem-me mencioná-los. O primeiro grande perigo consiste em isolar essas várias doutrinas e em separá-las umas das outras de uma forma falsa. Temos enfatizado amiúde o fato de que nada é tão claro, quando percorremos a Bíblia e focalizamos suas doutrinas, quanto a maneira em que todas elas, se pertencem conjuntamente. Todas elas formam uma só peça. Não são ensinos dissociados, mutilados, que existem de forma desconexa. Existe uma conexão vital entre todos eles e temos percebido isso continuamente.

Ora, é correto distingui-los, todavia existe toda a diferença do mundo entre distinguir as coisas e separá-las. Para o propósito do pensamento e, deveras, de acordo com as Escrituras, é preciso distinguir justificação de santificação. Mas isso é algo bem diferente de separá-las. E não devemos fazer isso jamais, porque, de acordo com este ensino, fazem parte do mesmo processo, fazem parte daquele grande movimento divino atinente à

salvação. Portanto, não devemos jamais insinuar que podemos ter uma sem a outra; que podemos ser justificados sem ser santificados, ou somente mais tarde sermos santificados. Tal coisa é totalmente antibíblica.

Tomem, por exemplo, aquela grande afirmação de Paulo em Romanos: "... a quem chamou, a esses também justificou; e a quem justificou, a esses também glorificou" (Rom. 8:30). O apóstolo está dizendo ali que todo este processo de salvação é uno, e que quando Deus começa essa obra num homem ou numa mulher, há um sentido em que a obra como um todo já está completa; toda ela vai da justificação à glorificação. Por isso é muitíssimo errôneo traçar essas divisões e distinções no sentido de separação. Ou, tomem outra afirmação feita pelo apóstolo em 1 Coríntios 1:30: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". É o Senhor que faz todas essas coisas para nós, e portanto não devemos separá-las por esta justa razão – vocês não podem dividir o Senhor Jesus Cristo! Ou vocês estão em Cristo ou ainda não estão. Se são cristãos, vocês estão unidos a Cristo e todos os Seus benefícios pertencem a vocês.

Vimos isso com muita nitidez quando estivemos tratando da doutrina da união do crente com Cristo, a grande doutrina de Romanos capítulos 5 e 6. Paulo diz: vocês foram crucificados com Ele, morreram com Ele, foram sepultados com Ele, ressuscitaram com Ele e *já* se encontram sentados com Ele nos lugares celestiais. Ele não somente foi feito justificação para nós, como também santificação e redenção. Ele é o tudo e em tudo, e portanto sugiro que as pessoas que separam a justificação da santificação, e dizem que as duas não têm qualquer conexão essencial inerente, são culpadas de dividir a Cristo, e temos o direito de perguntar: "Está Cristo dividido?" (1 Cor. 1:13). Essa é, pois, a nossa primeira dedução: a vontade de Deus, o propósito de Deus em toda a salvação, em tudo quanto fez mediante Seu Filho e por meio do Espírito, é a nossa santificação.

O segundo perigo, portanto, é o de pensarmos em termos de nossa busca do perdão, e tão-somente do perdão, e então

imaginarmos que mais tarde buscaremos nossa santificação. "Ah, sim", as pessoas dizem, "de fato aquele homem buscou a salvação. Ele creu no Senhor Jesus Cristo e seus pecados foram perdoados, mas ainda não alcançou a santificação. Ele ficou naquele primeiro estágio da justificação e do perdão." E agora elas acham que é seu dever tentar convencê-lo a avançar para a santificação e recebê-la como recebeu a justificação.

Indubitavelmente, porém, esse é um raciocínio completamente falso. As pessoas não podem buscar apenas o perdão, por este bom motivo: por que buscam o perdão? Por que alguém o desejaria? Bem, só pode haver uma resposta a essa pergunta. Algumas pessoas, naturalmente, quando buscam o perdão, estão apenas buscando uma sensação de conforto dentro de si mesmas, mas isso não é buscar o genuíno perdão. Buscar o perdão deve significar que elas têm contemplado algo da santidade de Deus e da santidade da lei de Deus; que já olharam para si mesmas como pecadoras. Devem ter odiado esse algo que as separam de Deus, e, portanto, se estão buscando verdadeiramente o perdão, necessariamente sentem ansiosas para serem libertadas daquilo que as tornam miseráveis e as faz pecar contra Deus, e que as tem colocado numa posição tão arriscada. Seguramente, essa é a base para se buscar o perdão. Não vejo nenhum sentido no termo "perdão", caso não tenha ele tal significado. Não, e não! Caso estejam preocupados com o perdão, então vocês sabem algo sobre si mesmos que os retrata como pecadores que merecem o inferno.

Ao tratarmos do arrependimento, tivemos que entrar no significado do perdão de modo detalhado, e realçamos como no verdadeiro arrependimento a pessoa como um todo é envolvida; a mente entende esta verdade e o coração a sente. Enfatizamos, de passagem, que, de certa forma até recentemente, o arrependimento era associado com fraqueza e com pessoas sendo quebrantadas e às vezes clamando em agonia, devido não terem achado a paz. Esse é o arrependimento bíblico, e através dos séculos esse tem sido o ensino da Igreja acerca do arrependimento. Se os homens e as mulheres não estiverem cientes de

todas estas coisas, não haverá verdadeiro conteúdo no uso do termo *perdão* por eles. Mas se o perdão inclui tudo isso, então ele já marca o princípio da santificação. No momento em que percebemos algo da gravidade do pecado, e desejamos ser separados dele e viver mais perto de Deus, bem como deleitar-nos em Deus, isso em si mesmo é santificação, isso significa estar separado para Deus.

Então, em terceiro lugar, obviamente há, portanto, um perigo muito real de uma falsa evangelização que se preocupa somente em transmitir às pessoas algum tipo de conforto e alívio temporários, e não lhes inculca a vital importância da santificação. Uma evangelização que se restringe ao perdão, não é evangelização bíblica, visto que o cerne de toda a pregação consiste em que a essência do pecado é que ele separa o pecador de Deus; e se pregamos verdadeiramente a reconciliação, necessariamente estaremos pregando a santificação.

Portanto, quanto à nossa concepção básica, devemos saber que não pertencemos a nós mesmos, que fomos comprados por preço. Esse é o argumento de Paulo. Ele ensina a santificação em termos da morte na cruz: "Ou não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço" (1 Cor. 6:19,20). Ao pregar a santificação, o apóstolo não só prega o Espírito Santo, mas, ao mesmo tempo, está constantemente pregando a cruz. Estas coisas são sempre interrelacionadas. Em sua evangelização inicial entre os tessalonicenses, por exemplo, o efeito foi que essas pessoas foram convertidas "dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Tess. 1:9). Servir a Deus é santificação, e essa, portanto, foi a primeira mensagem de Paulo em Tessalônica. E assim, o propósito de toda evangelização deve ser reconciliar homens e mulheres com Deus e separá-los para Ele. Além disso, é preciso que recordemos aquele antigo conceito de fazer uma radical "obra da lei", apresentando Cristo como Salvador. Estas coisas devem ir sempre juntas, e a santificação faz parte da mensagem da evangelização.

Expressemo-lo, finalmente, nestes termos. Todo o problema em relação à santificação é oriundo de nossa fatal tendência de

começar conosco mesmos em vez de começar com Deus. Pensamos em nós mesmos e em nossos problemas, nossos pecados e nossas necessidades, e temos essas coisas em nossa mente quando começamos a falar sobre a santificação. Mas aí está o grande erro. O apóstolo Pedro, pregando a santificação, adota o procedimento exatamente oposto. Eis a forma como ele o expressa: "Portanto, cingindo os lombos de vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo. Como filhos obedientes" – é sua relação com Deus que o determina – "...como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento; porquanto está escrito: sereis santos" – por quê? – "porque eu sou santo" (1 Ped. 1:13-16).

Ora, a idéia que de algum modo tem granjeado a aceitação é que as assembléias e convenções nas quais a santidade é pregada são clínicas onde as pessoas devem ir em virtude de serem molestadas por algum pecado particular. Têm um pecado do qual não podem desvencilhar-se, então são encorajadas a visitar essa "clínica" que as libertará de seu problema. Isso, porém, não é como a Bíblia o coloca. Existe uma razão, e tão-somente uma razão, por que todos nós devemos ser santificados e santos, e é a seguinte: não para sermos felizes, nem para que nos livremos de nossos problemas, mas porque Deus é santo, porque somos o povo de Deus e porque Cristo morreu por nós e nos comprou. Não pertencemos a nós mesmos. Não temos qualquer direito de viver uma vida pecaminosa.

Essa, pois, é a forma na qual devemos começar a encarar este tema da santificação. A salvação é obra de Deus, do princípio ao fim, e por isso não deve haver nenhuma lacuna, nenhuma interrupção. É algo que é começado por Deus, continuado por Deus e aperfeiçoado por Deus. Portanto, no momento em que somos regenerados e unidos ao Senhor Jesus Cristo, começa também o processo de santificação. No momento em que recebo a natureza divina, no momento em que nasço de novo, algo entra em mim, o qual começa a separar-me do pecado. Tomem aquela afirmação de Tiago, a qual às vezes não é apropriadamente

compreendida em virtude de nossas traduções. "Ou pensais que em vão dizem as Escrituras: o Espírito que ele fez habitar em nós anseia por nós até o ciúme?" (Tiago 4:5). Ora, a nota marginal da *Revised Version*, muito corretamente o expressa da seguinte forma: "Não sabeis que o Espírito que Deus vos concedeu, que está em vós, está ansiando ao ponto do ciúme, para desmamar-vos do mundo e de seu espírito, para Deus?" É isso aí. Portanto, no momento em que nasço de novo e tenha recebido o Espírito Santo, esse processo de separação já terá começado, e não posso ser regenerado sem que o processo de santificação tenha já começado a operar em meu íntimo. O conflito entre a carne e o Espírito já terá começado, e essa é a luta para separar-me do mundo para Deus, em cada parte e em cada passo.

Isso, pois, nos conduz ao segundo grande princípio: qual é o agente na santificação? Se esse é o processo, se essa é a vontade de Deus, se isso é o que toda a salvação visa, de que forma ela ocorre? Como a santificação se processa em nós? Ora, aqui, uma vez mais, precisamos ser criteriosos. Já vimos, ao focalizarmos uma série destas doutrinas, que em algumas delas Deus age solitariamente. Na regeneração, por exemplo, nada fazemos; ela é inteiramente fruto da ação divina. Na justificação, semelhantemente, não fazemos absolutamente nada; a justificação é inteiramente fruto da ação de Deus em pronunciar-nos como justificados e justos. O mesmo se aplica à nossa adoção. Não temos nada a fazer em nossa adoção, ela é a declaração de Deus, resultado da ação de Deus. Em contrapartida, porém, quando consideramos o arrependimento e a fé, realçamos o fato de que, ainda que esses sejam igualmente começados pelo Espírito Santo, eles contam com nossa participação ativa. *Nós* devemos confessar nossos pecados e abandoná-los. Cremos no Senhor Jesus Cristo, e não podemos fazer isso sem o movimento inicial de Deus – é iniciado por Ele – mas então temos que expressar essa crença. E o mesmo se dá exatamente com a santificação.

O texto clássico para descrever nossa participação ativa encontra-se na Epístola aos Filipenses, capítulo 2: "Efetuai a

vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (vv. 12,13). Ora, o equilíbrio é apresentado aí de forma perfeita. Portanto, ao examinarmos o agente na santificação, ao perguntarmos: "Como se processa em nós a santificação?", devemos começar dizendo que ela é primariamente uma ação divina; é Deus quem opera em nós tanto o querer como o fazer.

As Escrituras são perfeitamente claras sobre isso, e de uma maneira notabilíssima. A santificação, nas Escrituras, é atribuída ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Deixem-me fornecer-lhes os textos. 1 Tessalonicenses 5:23 nos ensina que ela é uma obra do Pai: "E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". A seguir, no mesmo estilo, em Hebreus, há aquela grande afirmação: "Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do pacto eterno tornou a trazer dentre os mortos a nosso Senhor Jesus, grande pastor das ovelhas, *vos aperfeiçoe* em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade" (Heb. 13:20,21). É o Deus de paz que irá fazer isso. É o Pai. É Aquele que trouxe dos mortos o Senhor Jesus, Seu Filho, que nos aperfeiçoará.

Exatamente da mesma forma, porém, as Escrituras nos asseguram que a santificação é obra do Filho. Acaso vocês têm notado quão freqüentemente, ao percorrermos essas doutrinas, percebemos como a mesma obra é atribuída às três benditas Pessoas? Não conheço nada tão sublime quanto a compreensão dessa grande verdade de que as três benditas Pessoas da Trindade têm cooperado a fim de que um verme como eu pudesse ser resgatado e redimido, e fosse aperfeiçoado, para estar na presença de Deus no Juízo. Eis um texto acerca do Filho: "Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra" (Ef. 5:25,26). Ele morreu a fim de santificar a Igreja. E, do mesmo modo, como já lhes recordei, em Tito 2:14 lemos que Ele "deu-se a si mesmo por nós". Por quê? Não meramente para que pudéssemos ter

nossos pecados perdoados, não meramente para que pudéssemos escapar do inferno, não meramente para que nossa consciência pudesse repousar tranqüila. Não! "Que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras."

Exatamente da mesma forma, porém, a santificação é também obra do Espírito Santo. Paulo escreve aos Coríntios: "E tais fostes alguns de vós; mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus" (1 Cor. 6:11). E há várias outras referências à obra do Espírito em separar-nos: "Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, mediante a santificação do Espírito e a fé na verdade" (2 Tess. 2:13). Portanto, enquanto podemos dizer que a santificação é obra das três Pessoas da Trindade, ela, naturalmente, em especial é obra da terceira Pessoa, o Espírito Santo, porque, como já vimos, é Ele quem faz mediação entre Cristo e nós; é Ele quem aplica a nós a obra de Cristo; é Ele quem forma Cristo em nós; é Ele quem nos une a Cristo.

Jamais poderíamos enfatizar com suficiente força que a santificação é antes de tudo e primariamente a obra de Deus em nós, através do e pelo Espírito Santo. Portanto, é cabalmente antibíblico dizer que, como crentes, como cristãos, vocês podem viver sem a santificação, e podem decidir, por si próprios, participar dela! Tal coisa é impossível. Ela é obra de Deus; ela é Sua intenção, Seu propósito; ela é algo que Ele está efetuando em todos aqueles a quem separou para Si mesmo. Nosso Senhor morreu por nós a fim de que isto pudesse acontecer, e é inconcebível que ela não ocorra em qualquer um daqueles por quem Ele pagou o preço com Seu próprio sangue. Portanto, começamos com esse fato, e ele tem de ser enfatizado. E então prosseguimos rumo à segunda parte da afirmação de Paulo em Filipenses 2:12,13: "Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo sua boa vontade." Eis por que somos notificados: "Efetuai a vossa salvação com temor e tremor". Sejam cuidadosos no que estão fazendo; compreendam

quem são vocês; compreendam o significado da expressão "temor e tremor".

Ora, aqui, novamente, chegamos a um ponto vital da diferença entre justificação e santificação. Na justificação, segundo já lhes recordei, não fazemos nada, porque não podemos. Ela é um ato declaratório de Deus. Aqui, porém, somos chamados à atividade. Tal coisa, pois, é outra vez crucial em toda a doutrina da santificação. Muitas pessoas se encontram em dificuldade neste ponto, especialmente aquelas que se encontram nos dois extremos. Algumas pessoas parecem pensar que, uma vez que homens e mulheres nascem de novo, a atividade de Deus nelas cessa. Visto que Deus lhes deu uma nova natureza, dizem, não têm nada mais a fazer agora, senão exercitar a nova natureza, e fazem isso lendo as Escrituras, entendendo-as e aplicando-as. Em conexão com sua santificação, elas fazem tudo por si mesmas. Ora, já lhes demonstrei que tal conceito é errôneo. A santificação é obra de Deus em nós. O primeiro movimento, a motivação, a força, tudo consiste nesse poder de Deus operando em nós "tanto o querer como o fazer".

Sim, mas ao tentar evitar um dos extremos, alguns se precipitam para o outro, e a segunda escola diz que não temos absolutamente nada a fazer senão olhar passivamente para Jesus e perseverar nEle, e então toda a obra é efetuada em nós e por nós. Eu trouxe esse fato à sua lembrança na última preleção, quando mencionei a ilustração do atiçador de brasa e do homem envolvido pelo cinto salva-vidas, ambos os quais dão a impressão de que não temos absolutamente nada a fazer, que a obra é efetuada inteiramente pelo Senhor, quando olhamos para Ele. E a resposta a isso está em Filipenses 2:12,13: "Operai a vossa salvação... porque é Deus quem opera em vós".

Esses amigos, porém, às vezes nos garantem que seguramente em João, capítulo 15, nosso Senhor ensina a mesmíssima idéia, de que nada fazemos, a não ser olhar para Ele. João, capítulo 15, nos apresenta a parábola, a visão da videira e as varas: "Eu sou a videira, e vós sois as varas" (v. 5), e isso é interpretado como significando que as varas não fazem absolutamente nada, que a

obra é efetuada inteiramente pela árvore, e que o galho está ali apenas para mostrar o fruto. Isso, porém, com certeza é um profundo mal-entendido do quadro traçado por nosso Senhor. O galho numa árvore não é inativo. Ele não é como o orifício de um tubo, o qual é inerte, e no qual não existe vida. Naturalmente, o galho nada pode fazer se não receber a seiva que flui da árvore; sim, isso é absolutamente essencial. Uma vez recebida a seiva, porém, o galho se acha cheio de vitalidade e vida. Ele extrai elementos do ar; envia elementos de volta ao ar. Cada folha de um galho é algo muitíssimo ativo.

E assim vocês percebem o perigo das ilustrações, quão facilmente podem levar a mal-entendidos. Mas as Escrituras por si mesmas são perfeitamente claras a esse respeito: "Operai a vossa própria salvação". Vocês não poderiam fazer isso se primeiro Deus não operasse em vocês, mas Ele opera em vocês a fim de que tenham condição de agir. Deus opera em minha vontade, Ele opera em mim a vontade de agir, e Ele possibilita a ação. É "Deus quem opera em vós tanto o querer como o fazer, segundo sua boa vontade", mas eu sou responsável pelo querer e pelo fazer.

Há uma série de afirmações nas Escrituras que contêm exatamente a mesma coisa, e seguramente isso é algo que deve ser perfeitamente claro a todos nós. Tomem Romanos, capítulo 6, por exemplo, onde encontramos uma coleção dessas frases. "Assim também", diz Paulo, "vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (Rom. 6:11). Isso é algo que eu tenho que fazer; ninguém pode "considerar" por mim. Eu tenho que entregar-me a essa atividade. O Espírito Santo, operando em mim, me conduz a este reconhecimento, mas sou exortado a fazer a avaliação. É um apelo feito a mim; é uma parte da santificação. A seguir ouçam Paulo expressando isso de forma negativa: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (v. 12). Não devem deixar que o pecado reine em vocês. É uma exortação dirigida a vocês. Paulo também o expressa de forma positiva, no seguimento de sua afirmação: "Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao

pecado como instrumentos de iniqüidade; mas apresentai-vos a Deus... e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça" (v. 13). Devemos apresentar os membros de nosso corpo; essa é uma coisa positiva que temos a fazer.

Uma vez mais, Paulo afirma, em Romanos, capítulo 8: "...mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis" (v. 13). É indispensável que mortifiquemos os feitos do corpo; sim, notem bem, através do Espírito. Sem o Espírito, nada podemos fazer. Esse foi o erro do monasticismo, e esse é o erro de toda moralidade. Uma vez recebido o Espírito, porém, e com o Espírito operando em nós, então, através do Espírito, devemos mortificar os feitos de nosso corpo. Pois bem, ouçam a Paulo novamente em Colossenses 3:5: "Exterminai, pois, as vossas inclinações carnais". Temos que fazer isso. Há outras frases: "Estai firmes" (1 Cor. 16:13). "Peleja" (1 Tim. 6:12) – Paulo nos exorta até mesmo a guerrear! Tal coisa não é propriamente passiva. Seria? Então diz, especialmente a Timóteo: "Foge também das paixões da mocidade" (2 Tim. 2:22) – ele está convocando Timóteo a fugir, e não a esperar que fosse libertado; ele tinha que fazer algo. E em 1 Timóteo 6:11, Paulo diz: "Mas tu, ó homem de Deus, foge dessas coisas, e segue a justiça". Timóteo tinha que correr após ela, tinha que esforçar-se por ela. Somos intimados a despir-nos do velho homem e a vestir-nos do novo (Ef. 4:22,24).

Às vezes, porém, penso que, de todos os textos, o mais importante é 2 Coríntios 7:1: "Ora, amados, visto que temos tais promessas, *purifiquemo-nos* de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus". Seria possível haver uma exposição alternativa dessa afirmação? Todos esses termos apontam na mesma direção. Aliás, como eu disse no início, se o que temos dito não é a verdade, então nenhuma dessas Epístolas do Novo Testamento precisaria ter sido escrita. Se tudo o que temos a fazer para sermos santificados é "entregar-nos e deixar com Deus", é entregar-nos a Jesus e olhar para Ele, então os apóstolos desperdiçaram um bocado de tinta e de tempo e de energia em argumentar conosco acerca dessa doutrina,

dizendo: "Portanto, à luz de tudo isso, só resta agora aplicá-lo; façam isso, não façam aquilo, purifiquem-se". Por que eles teriam dito tudo isso, se o que temos a fazer é apenas entregar-nos, esperar, olhar e permanecer firmes?

Ao contrário, sejamos criteriosos para não deturparmos as Escrituras, para não sermos destruídos e para, de algum forma, não sermos confundidos. As Escrituras claramente ensinam que Deus está operando em nós devido ter-nos salvo; contudo Ele está operando em nós a fim de que possamos desenvolver a salvação, e essas são as maneiras pelas quais podemos fazê-lo. O que realmente temos a fazer é esta consideração, esta compreensão, esta aplicação, esta mortificação, e assim por diante – esta purificação. Mas nas Escrituras existem um grande equilíbrio – primariamente, inicialmente, vitalmente, importantissimamente, a santificação é obra de Deus por meio do Espírito. Como "criancinhas recém-nascidas", como "ternamente amados", como "filhos de Deus", somos exortados a ser santos, porque Aquele que opera em nós é santo, e todo o Seu propósito na redenção é que sejamos verdadeiramente Seus filhos, dignos do nome.

20

O PODEROSO PROCESSO DO ESPÍRITO SANTO

Já vimos que a santificação é primariamente obra de Deus, mas ela inclui também nossa participação; e agora, havendo dito isso, podemos chegar ao que constitui, de muitas maneiras, o mais interessante aspecto dessa questão atinente à santificação, e esse é o método ou o modo no qual e pelo qual isso ocorre em nosso íntimo. Naturalmente, é neste ponto que a controvérsia entre as diversas escolas a que já me referi tem sido mais acirrada. Provavelmente, a maneira mais conveniente de focalizar este tema seria formulando três perguntas.

Em primeiro lugar, seria a santificação algo a ser recebido? Ora, muitos são os que defendem o ponto de vista de que sim, e às vezes o expressam da seguinte forma: "Como vocês receberam sua justificação, assim também recebem sua santificação"; e eles usam para isso diferentes ilustrações. Houve um professor, famoso na primeira parte deste século, que costumava dizer: "Você tem uma bolsa em sua mão, e há duas moedas de ouro dentro. Primeiramente, você apanha uma moeda, que é sua justificação. A seguir", dizia ele, "você pode prosseguir e apanhar a outra moeda, que é sua santificação. E a tragédia é que tantos cristãos só apanham a primeira moeda, e não apanham a segunda".

Outros o expressam assim: estou em pé com uma moeda em cada palma de minhas mãos, e lhe digo: "Venha e pegue". E assim, muitos simplesmente pegam aquela que está na mão direita, que é a justificação, mas a pregação acerca da santificação é da mesma maneira que você pegou a primeira moeda, assim também deve pegar a segunda. Você recebeu sua justificação pela fé; agora recebe sua santificação igualmente pela fé.

Portanto é ensinado que a santificação pode ser aceita dessa

forma, em um só ato. Ora, obviamente, os que afirmam tal coisa com certeza contam com alguns textos bíblicos que aparentam, de algum modo para eles, justificar esse gênero de ensino; e o versículo que têm grande preferência em citar está em Atos, onde o Senhor está transmitindo Sua comissão a Seu grande servo, Paulo, na estrada de Damasco. Nosso Senhor diz a Paulo que quer que ele vá e pregue ao povo e aos gentios: "Para lhes abrir os olhos a fim de que se convertam das trevas à luz e do poder de satanás a Deus, para que recebam remissão de pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim" (Atos 26:18). "Vejam", eles dizem, "santificados pela fé!"

E isso parece-lhes ser o fim de toda controvérsia e discussão. Seguramente, porém, quando focalizamos esse versículo, se recordarmos o nosso primeiro ponto de vista sobre o duplo significado de santificação, então chegaremos à conclusão de que "santificados" é obviamente usado no primeiro sentido de ser posto à parte. Não é o processo de lavagem e purificação no íntimo, e sim, de pôr à parte. Vocês se lembram de que vimos que o monte no qual Deus entregou a Moisés os Dez Mandamentos é chamada o "monte santo". Também Pedro, na introdução da sua Primeira Epístola, diz que está escrevendo aos que eram "eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" (1 Ped. 1:2). Ali, santificação vem antes de fé. E, como vimos, quando Paulo escreve aos coríntios e diz: "E tais fostes alguns de vós; mas fostes lavados, mas fostes santificados, mas fostes justificados...". (1 Cor. 6:11), ele põe santificação antes de justificação.

Ora, em todos esses exemplos, ela significa "pôr à parte". E isso, indubitavelmente, é o que ela significa em Atos, capítulo 26. Paulo recebe a incumbência de pregar aos gentios e de dizer-lhes que, se crerem no Senhor Jesus Cristo, terão sua herança com todos os demais que foram postos à parte pelo Espírito Santo, para Deus, pela fé em Jesus Cristo. Ora, penso que quanto mais vocês lerem esse capítulo 26 de Atos chegarão à conclusão de que o significado desta expressão, "santificados pela fé", é que

os gentios foram postos à parte para a herança. Mas, mesmo que vocês não concordem com isso, ainda diria que, obviamente, tudo na vida cristã, afinal de contas, é pela fé. "Andamos por fé, não por vista" (2 Cor. 5:7). Assim, num sentido bem geral, tudo é pela fé, mas em Atos, capítulo 26, particularmente, insisto que a santificação significa esse "pôr à parte".

As pessoas que defendem esse ponto de vista também gostam de citar a Primeira Epístola de João, especialmente capítulo 1, versículo 7, onde somos informados que o sangue de Jesus Cristo nos limpa de todo pecado, e capítulo 3, versículos 8 e 9. Não podemos nos deter neste ponto, mas o que realmente temos aí é um quadro do cristão andando na luz em comunhão com Deus. Sim, mas o cristão vive preocupado com isso, e diz: "Gosto dessa idéia de andar com Deus na luz, mas o que fazer se cair em pecado? O que, então, me acontecerá?"

"Bem", na verdade João diz: "o que acontece é que a comunhão fica em certo sentido interrompida, mas se confessarem seus pecados, Ele é fiel e justo para lhes perdoar seus pecados e limpá-los de toda injustiça. Seu Filho nos limpa de todo pecado. Então vocês não precisam ficar preocupados." O problema que está sendo analisado em 1 João é o problema da corrupção que experimentamos enquanto andamos em comunhão com Deus e com Seu Filho, Jesus Cristo. E João está preocupado em mostrar-nos como essa corrupção é removida, de modo que não mais precisamos viver abatidos e sentir que pecamos contra a luz e não podemos dar nem mais um passo.

Aliás, sempre sinto que o primeiro versículo do capítulo 2 destaca isso de uma maneira muito definida: "Meus filhinhos", diz João, "essas coisas vos escrevo para que não pequeis; mas", ele prossegue, "se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo". Noutras palavras, João diz que está escrevendo a fim de ensinar-lhes a não pecarem. Ele não está lhes dizendo que podem receber algo e nunca mais pecar. Não, ao contrário, ele os está exortando a não pecarem, mas se pecarem, diz ele, há um

recurso: Jesus Cristo, o justo; Ele é a propiciação.

Mas é provável que o versículo favorito de todos os amigos que defendem esse ponto de vista particular seja Romanos 8:1,2: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte". Eles interpretam isso dizendo que é aqui que o princípio de oposição entra, que há duas leis. Em mim, há a lei do pecado e morte, tragando-me, forçando-me a pecar. "Ah, sim", dizem eles, "mas está tudo bem, outra lei entrou em vigor, a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus. E enquanto eu olhar para Ele e perseverar nEle, essa nova lei me guardará de fracassar em relação àquela primeira lei." Vocês se lembram das ilustrações do atiçador e do cinto salva-vidas.

Assim é que se interpreta Romanos 8:2. Isto é realmente crucial. Romanos 8:2 é um versículo importantíssimo, e a interpretação que já descrevi é uma seríssima deturpação dele. Portanto, o que realmente diz este versículo? Paulo escreve: "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Por quê? Eis a resposta: "Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte". Paulo está aqui recapitulando algo que já nos havia dito várias vezes nos dois capítulos anteriores. Antes de mais nada, eis o que se encontra no sexto capítulo: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que abunde a graça? De modo nenhum", diz Paulo. "Nós, que já morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Rom. 6:1,2). Nós morremos para o pecado. Ora, houve tempo quando vivíamos nele. Cada homem ou cada mulher nascido neste mundo, em decorrência da queda de Adão e em decorrência da herança do pecado original, está debaixo do domínio do pecado. O pecado subjuga, governa e controla a pessoa natural. Talvez os homens e as mulheres não sejam conscientes desse fato; talvez não creiam na existência do pecado como uma categoria. Não obstante, são escravos do pecado. Eles não podem se ajudar. O pecado é seu senhor. Nesses versículos, porém, Paulo diz que

estamos em Cristo e morremos para o pecado.

Essa é a primeira afirmação, mas permitam-me encaminhá-los a uma segunda, no versículo 18 do capítulo 6. "E libertados do pecado", diz Paulo, "fostes feitos servos da justiça." Isso significa: "Tendes sido feitos livres", ou: "fostes feitos livres". É algo que aconteceu, e que aconteceu uma vez por todas. Os cristãos, diz Paulo, são pessoas que foram feitas livres do pecado. O que quer dizer ele com isso? Bem, ele não quer dizer, de jeito nenhum, que somos impecáveis e perfeitos, visto que não o somos, e sabemos que não o somos. Ao contrário, ele simplesmente quer dizer a mesma coisa outra vez. Somos livres do pecado no sentido em que o pecado não é mais o nosso senhor. Não estamos mais debaixo da lei ou do domínio do pecado. Paulo já havia expresso isso no versículo 14, quando disse: "o pecado não terá domínio sobre vós", e prossegue reiterando-o dessa maneira muitíssimo interessante e inusitada.

Então, ele uma vez mais diz no versículo 20: "Porque, quando éreis servos do pecado" – que significa escravos do pecado – "estáveis livres em relação à justiça". Notem o contraste de Paulo. Quando éramos servos do pecado, estávamos livres da justiça; mas agora somos escravos da justiça, e estamos livres do pecado. Tudo isso contribuirá para ajudar-nos a entender Romanos 8:2, mas venham comigo ao sétimo capítulo e a estes importantíssimos versículos: 4, 5 e 6. "Assim também vós, meus irmãos", afirma Paulo, "fostes mortos quanto à lei mediante o corpo de Cristo", e "vos tornastes", ali, significa "tende-vos tornado"; é o tempo aoristo no grego, que significa "uma vez e para sempre"; é final.

Em seu argumento, Paulo usou a ilustração da mulher casada e seu esposo. Naturalmente, diz ele, enquanto o esposo for vivo, a mulher está ligada a ele, ela está sob sua lei. Mas se o esposo morrer, ela está livre para casar com outro homem. Se ela fizesse isso enquanto o esposo estava vivo, então seria adúltera; mas se o esposo é morto, a lei não mais se aplica a ela; ela está absolutamente livre, e pode casar-se outra vez. Ora, diz Paulo, exatamente da mesma forma, vocês também têm-se tornado

"mortos para a lei pelo corpo de Cristo" (v. 4). Paulo não está falando de uma experiência subseqüente que as pessoas recebem após terem sido justificadas. Ao contrário, diz ele com efeito: quando fostes justificados pelo corpo e pela morte de Cristo, bem como Sua ressurreição e Sua justiça, vos tornastes mortos para a lei "para pertencerdes a outro, àquele que ressurgiu dentre os mortos a fim de que demos fruto para Deus". Paulo está voltando de novo à sua doutrina favorita da união do crente com Cristo. Como a mulher está em união com seu esposo, e eles têm filhos (que é o fruto), assim os cristãos estão unidos a Cristo, e produzem fruto simultaneamente para a glória de Deus. "Pois quando estávamos na carne", ele prossegue, "as paixões dos pecados, suscitadas pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora fomos libertos da lei, havendo morrido para aquilo em que estávamos retidos, para servirmos em novidade de espírito, e não na velhice da letra." Quão claro é isso quando vocês voltam e seguem seu argumento do princípio ao fim. Portanto, focalizemos Romanos 8:2, à luz de tudo isso.

Paulo diz: "Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte". Ora, sejamos bem claros a esse respeito; é ainda o mesmo tempo aoristo. "A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, uma vez e para sempre, e finalmente, me livrou, me libertou da lei do pecado e da morte." O que é "a lei do pecado e da morte"? É aquela lei à qual Paulo tem se referido amplamente. A "lei do pecado" é o pecado dominando a vida dos incrédulos, assenhoreando-se deles, controlando-os. Cada um de nós nasce debaixo dessa lei particular. Mas agora Paulo nos diz que, como cristãos, não mais estamos nessa posição. Morremos com Cristo, ressuscitamos com Ele, e essa é "a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus", a qual entrou em nós, a vida de Cristo. Portanto, diz Paulo, visto que temos esta vida com Cristo, acabamos com esse domínio do pecado sob o qual vivíamos antes.

Noutras palavras, o apóstolo está aqui ainda falando acerca desta grande doutrina sua, com a qual ele começara tratando no

meio de Romanos, capítulo 5, a doutrina da união do crente com o Senhor Jesus Cristo. Se isso é assim, quão errôneo, pois, quão seriamente errôneo é afirmar que há muitos cristãos que ainda precisam de chegar à posição de Romanos 8:2. "Oh, sim", mantêm os proponentes deste ponto de vista, "já estão perdoados e justificados, mas ainda nada sabem acerca desse algo maravilhoso, de como o Espírito de vida, em Cristo Jesus, os liberta." Eles afirmam que esse versículo realmente está dizendo que a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, continua me livrando da lei do pecado e da morte. Mas isso não é o que Paulo diz; o que há é um aoristo: "A lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, *me livrou*". Já ocorreu; ele está olhando para trás. Um evento já ocorreu, uma vez e para sempre, com uma finalidade absoluta. No exato momento em que estou em Cristo, já dei cabo da lei do pecado e da morte. Não é algo a que posso prosseguir, como se fosse uma segunda experiência. Não sou de forma alguma cristão, a menos que tal fato tenha se dado comigo. Esse é o ensino do apóstolo.

Portanto, vejam uma vez mais quão sério é separar justificação e santificação, e este versículo, de todos os versículos, não dá apoio algum a isso. Paulo está dizendo algo que é inevitavelmente verdadeiro no tocante a todo e qualquer cristão. Unidos a Cristo, o novo Esposo, significa que vocês liquidaram com o anterior. Vocês não mais estão sob o domínio do pecado ou de satanás ou debaixo da lei, e sim, estão debaixo da graça. Em Romanos 8:1,2, Paulo está sumariando tudo uma vez mais, e essa é a razão por que "nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus".

Havendo tentado analisar esses textos bíblicos que amiúde são tratados abusivamente em apoio desse argumento, deixem-me lembrar-lhes algumas outras razões para afirmar que a santificação não é algo a ser recebido. Na preleção anterior vimos a grande ênfase dada quanto à nossa parte na santificação, quanto ao que vocês e eu temos a fazer. Como já indicamos, qual seria a utilidade dos poderosos argumentos de Paulo e dos demais apóstolos em suas cartas, se a santificação fosse algo que eu tenho

de receber? Por que, então, as exortações?

Já lhes forneci muitas citações extraídas das Epístolas do apóstolo Paulo; agora, pois, permitam-me fornecer-lhes uma do apóstolo Pedro: "Amados" diz Pedro, "exorto-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências da carne, as quais combatem contra a alma" (1 Ped. 2:11). Vocês percebem o que ele diz? Não é o caso de recebermos nossa santificação e então de sermos libertos dessas coisas. Ao contrário, ele nos exorta a abstermo-nos delas e a nos guardarmos delas. E a tragédia é que tantas pessoas se encontram gastando suas vidas na espera de receber algo, e nessa espera não estão se abstendo desses desejos carnais.

Tomem uma outra afirmação de Paulo: "Aquele que furtava, não furte mais" (Ef. 4:28). Isso é o que ele deve fazer. Ele não tem que esperar receber algo; é-lhe ordenado que pare de furtar. O que poderia ser mais específico do que isso? E as pessoas que são culpadas de usar linguagem fútil e de gracejos, bem como todas as demais coisas inconvenientes, *são proibidas de praticá-las* (Ef. 5:4). "E não vos conformeis a este mundo" (Rom. 12:2). Vocês não estão esperando receber algo; se até este momento têm-se conformado a este mundo, então que parem com isso.

Pessoas com freqüência me têm procurado com esse problema, e dizem: "Sabe, eu tenho tentado com muito esforço, mas não consigo obter essa experiência". A resposta a essa atitude é que as Escrituras ordenam que se abstenham: "Limpai as mãos, pecadores; e, vós de espírito vacilante, purificai os corações" (Tiago 4:8). E reitero que essas proibições seriam completamente sem sentido e puro desperdício de tinta, caso a santificação fosse algo que eu pudesse receber. Se esse fosse o caso, então com certeza ouviríamos: "Vocês não precisam preocupar-se com o problema do pecado; vocês podem receber sua santificação num só ato, e o que todos têm a fazer, então, é mantê-la e permanecer nela". Mas, com toda certeza esse não é o ensino do Novo Testamento. Ao contrário, em cada uma das Epístolas do Novo Testamento se acha presente toda esta grande doutrina, o apelo ético e a exortação.

E assim tratamos de nossa primeira pergunta: a santificação seria algo que terá de ser recebido? Agora volvamo-nos para a segunda: porventura a santificação é uma experiência? Sem dúvida, muitos ensinam que sim. E neste ponto o argumento é geralmente composto de uma série de histórias. Há grande número de histórias sobre pessoas que tiveram experiências maravilhosas, de pessoas, por exemplo, que tinham um mau gênio, ou algo afim. Lutaram contra ele por anos a fio, e não conseguiram desvencilhar-se dele, e por fim lhes vieram alguma espécie de forte crise. Então entraram em algum lugar secreto e ali lutaram com Deus e passaram por essa maravilhosa experiência, e nunca mais deram vazão ao seu mau gênio. Histórias semelhantes são narradas acerca de pessoas que enfrentaram uma grande luta para deixar de fumar, de beber, e assim por diante.

Ora, cumpre-nos examinar essas experiências detidamente e com real solidariedade. Naturalmente, aceito as experiências sem qualquer hesitação. Dou graças a Deus porque posso testificar de certas experiências semelhantes que se deram em minha própria vida. Então, o que significam? Bem, eis minha resposta: primeiramente e acima de tudo, não há qualquer evidência no Novo Testamento de que esse gênero de experiência significa santificação. Elas podem ser uma parte da santificação, podem ajudar imensamente na santificação, mas, em si e de si mesmas, não são santificação. Como acabo de salientar, se esse é o caminho em que todos os nossos problemas têm de ser resolvidos, qual é a indicação nas Epístolas do Novo Testamento? Todo o seu pressuposto o contradiz.

Mas há algo mais que provavelmente seja ainda mais grave. Durante o curso de minha experiência ministerial já tive que lidar com um grande número de pessoas que veio a mim afirmando ter ouvido o ensino acerca da experiência de ser libertado de todo pecado, e então elas disseram: "Tenho-a buscado e tenho orado por ela. Li acerca de um homem que orou a favor de seu gênio irascível, e eu tenho um gênio horrível, e sempre estou derrotado por ele, e envergonho-me de mim

mesmo. Tenho me entregado ao Senhor e orado a Ele para que faça comigo o que fez com aquele homem, mas tal coisa não acontece comigo". Muitos são os que se encontram em tal situação frente a pecados de muitos e diferentes tipos. Ora, seguramente estamos em condição de dizer que, se esse é o caminho de Deus, então tal coisa deve suceder a todos, e não haveria nenhum caso de fracasso.

"Ah, sim", dizem outras pessoas, "mas o problema é que há uma entrega incompleta nalguma parte."

Mas isso não é resposta. Existem almas honestas que têm tentado entregar-se e fazer-se dispostas, e, até onde sabem, são absolutamente dispostas a tudo, e ainda não conseguem obter tal experiência. Esse é um fato que certamente deve prender nossa atenção. Se uma experiência é o método de Deus, então ele é para todos e não apenas para alguns. Outro argumento que proporia é o seguinte: se ele age assim em relação a um só pecado, por que não deveria agir em relação a todos os pecados? Por que, pois, não deveríamos todos nós ser impecáveis e absolutamente perfeitos? Se vocês podem desfazer-se de um gênio desse tipo, então por que não atingem imediatamente um estado de perfeição impecável? E no entanto não estou certo de podermos alegar que já alcançamos tal estado. Portanto, é preciso que examinemos esta questão da experiência com muita prudência.

Portanto, minha última afirmação, neste ponto, seria que há outras pessoas que podem testificar de experiências semelhantes, as quais podem contar-lhes como de repente perderam aquele mau gênio natural, ou aquela ânsia luxuriante e aquele desejo mórbido por bebida, num lampejo, e não eram de forma alguma cristãs. Tal idéia surgiu por meio de algum outro ensino, através de uma das seitas ou algo semelhante. Existem muitos desses exemplos. Mesmo correndo o risco de ser mal-entendido, eu diria que uma das mudanças mais dramáticas que já conheci em um indivíduo foi no caso de uma dissidente da seita "Cientista Cristã" que encontrou livramento de um problema pessoal que a derrotava. Numa reunião, ela foi libertada de uma ansiedade mórbida, e posso testificar desse fato, no

entanto, nada tinha a ver com o cristianismo. Nas biografias, às vezes vocês se deparam com histórias de livramento súbito e inesperado. Portanto, os livramentos podem ter causas psicológicas, completamente isoladas da ulterior sugestão de que ele pode até mesmo ser algum gênero de manifestação espiritista.

Portanto, consideremos alguns princípios sobre a questão das experiências. Em primeiro lugar, Deus pode ou não conceder repentino livramento de certos pecados, por esse meio. Conheci dois homens que eram membros da mesma igreja. Ambos haviam sido ébrios terríveis, e ambos se tornaram homens piedosos na Igreja de Deus. Um deles sempre costumava testificar que na noite de sua conversão a propensão por bebida forte fora de vez eliminada de sua vida. Ela nunca o preocupou novamente. Ele podia passar em frente a um bar com a mesma facilidade que podia passar diante de qualquer outro edifício. O outro homem, que era igualmente santo e que deixara igualmente a bebida, costumava contar-nos que ele sabia o que era às vezes enfrentar uma terrível batalha quando passava em frente a um bar, mas, graças a Deus, Ele sempre o capacitava a fazer isso. Dois cristãos piedosos, ambos libertados da bebida. A propensão desapareceu de um mas não do outro. Vocês podem perceber como é arriscado generalizar tais experiências. Não devemos basear nossa doutrina nas experiências, e sim, no ensino da Palavra de Deus.

Em segundo lugar, a santificação não é apenas um problema de um pecado particular ou mesmo de pecados particulares, e sim, é uma questão de minha total relação com Deus. Posso ser libertado de certos pecados e ainda minha santificação não passar de algo muito pequeno e imaturo. Aliás, esse outro ensino que temos considerado nos envolve na posição em que num momento posso ser completamente santificado e então, por um ato de pecado, perco minha santificação. Então tenho que recebê-la de volta. Segundo tal ponto de vista, a santificação é algo que vem e vai. Não é um processo que avança continuamente, mas é algo variável que continuo perdendo e reconquistando.

O ensino das Escrituras, porém, é que, "Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor,

somos transformados de glória em glória" (2 Cor. 3:18). A santificação é um crescimento, é um desenvolvimento; ela é um avançar. Parece-me, porém, que a principal dificuldade com este ensino acerca da experiência é que ele confunde duas coisas que são diferentes, e as duas são essas várias experiências pelas quais passamos na vida cristã – a graça de Deus e a santificação.

A santificação não é uma experiência; é uma condição. Ela consiste em minha relação com Deus: "somos transformados na mesma imagem (de Jesus Cristo) de glória em glória" (2 Cor. 3:18). A santificação envolve as experiências e é corroborada por elas, mas em si mesma não é uma experiência. Posso, com muita audácia, arriscar uma ilustração, ainda que as ilustrações sejam sempre passíveis de levar-nos a mal-entendidos. Sugiro-lhes que a relação entre experiências e santificação se assemelha à relação existente entre um campo onde vocês semeiam aveia, ou cevada, ou trigo – e a chuva e o sol. O lavrador já arou o solo, já o rastelou e já o semeou; depois de passar-lhe o cilindro, no tocante à sua responsabilidade, ele terminou por enquanto. A seguir a semente começa a germinar e a crescer, até que venha o tempo da colheita.

No ínterim, porém, é provável que venha um período de frio, de tempo escuro. O lavrador olha para o campo todos os dias, e ali parece não ocorrer nenhuma mudança. A planta parece não ter crescido nem um pouco de um dia para outro. Todavia, o tempo todo a vida está ali, e está crescendo, talvez muito lentamente, mas está sempre avançando. De repente o tempo se torna mais estável e o sol começa a brilhar. Então sucede mais um agradável aguaceiro de chuva seguido de outra irrupção de gloriosos raios solares. E o lavrador, na manhã seguinte, volta e olha para sua lavoura e diz: "Posso quase vê-la crescer".

Vocês percebem o sentido da ilustração? A santificação propriamente dita é essa vida, esse processo de crescimento e de desenvolvimento, a qual tem início no momento em que somos salvos, no mesmo instante em que somos justificados, no mesmo instante em que somos regenerados. Pode haver ocasiões em que ela será pequeníssima, e vocês não conseguem ver mudança

alguma, mas então recebem alguma bendita experiência. Deus lhes manifesta a Si mesmo e Seu amor. Ora, certas pessoas insensatamente classificam a essa experiência como santificação. No entanto, não é. Ela é semelhante ao aguaceiro de chuva ou à irrupção de raios solares. Ela estimula e promove a santificação, mas não é a santificação propriamente dita. E é nesse ponto, penso eu, que percebemos esse terrível erro de confundir essas duas coisas, as quais são tão essencialmente diferentes. As experiências não são o processo de crescimento, todavia o ajudam e o estimulam.

Ora, as experiências podem, naturalmente, ser súbitas, podem ser dramáticas. Se o preferirem, vocês podem receber muitas "segundas bênçãos especiais". Não hesito em dizer tal coisa. A santificação, porém, não é uma "segunda bênção". As pessoas podem experimentar uma forte elevação emocional quando inicialmente creram em Cristo; é possível que nunca tenham experimentado nada igual por anos. Então recebem outra experiência, uma segunda experiência. E quanto mais experimentam o Senhor, mais se preocupam em obedecer à Sua Palavra e em amá-lO na prática, e isso promove nossa santificação. Reitero, porém, que a experiência não é a santificação.

Devemos ser esclarecidos sobre todas essas coisas. As pessoas podem de repente chegar a uma compreensão de certos aspectos da verdade, e em decorrência dessa compreensão, algo pode acontecer em suas vidas. Mas não devem afirmar que até então não haviam sido santificadas, porque já o foram, sendo santificadas no momento da regeneração. Contudo, se compreenderem uma verdade como esta, ela promoverá sua santificação. Parecem saltar sobre sua santificação justamente como aquele campo de trigo parecia estar germinando enquanto vocês olhavam para ele, mas essa não é a iniciação da santificação. E graças a Deus que esta é a verdade, porque, como sabemos, as emoções são variáveis, as experiências vêm e vão, e se minha santificação tem o mesmo valor das minhas experiências, ou deve ser considerada como sinônimo delas, então confesso que

há momentos quando alguém poderá duvidar se ele está ou não sendo santificado.

Então vem a terceira pergunta: seria santificação algo que ocorre subitamente? É óbvio que isso se deduz logicamente de tudo o que vimos considerando. As pessoas que crêem que ela é uma experiência a ser recebida, crêem que ela é súbita. Mas se vocês não crêem assim, verão a partir de todas as considerações que pus diante de vocês, que a santificação evidentemente não é algo que ocorre subitamente. Quais são os termos bíblicos aqui? "Vocês nasceram de novo"; vocês são "como criancinhas em Cristo", segundo Paulo diz aos coríntios (1 Cor. 3:1). João fala de "filhinhos", "jovens" e "pais" (1 João, capítulo 2). Esses são os termos bíblicos, e eles indicam crescimento; não saltamos repentinamente por sobre o nascimento para a vida adulta. Ao contrário, vamos quase imperceptivelmente de um estágio a outro. Isso é a santificação, segundo as Escrituras. Crescemos na graça e no conhecimento do Senhor.

Ora, as pessoas são muito afeiçoadas às analogias do Velho Testamento, e estão certíssimas; portanto, usemos uma delas. Todos nós concordaríamos que a história dos filhos de Israel é um quadro perfeito da salvação de uma alma. O povo de Israel foi libertado do Egito, uma vez e para sempre, e os egípcios se afogaram no Mar Vermelho. Vocês, porém, gostariam de dizer que os problemas dos israelitas terminaram nesse ponto? Absolutamente, não. Foram ainda levados até Canaã, no entanto tiveram seus problemas lá; estavam na posição santificada, mas ainda tinham inimigos com quem lutar; tinham problemas e dificuldades. É isso que se dá na vida cristã. Mas esse é o método de Deus por toda parte, e não há nada mais glorioso a contemplar do que a uniformidade do princípio, por meio do qual Deus age em cada esfera. Não seria assim que Ele age na natureza? Nosso Senhor usou a ilustração do lavrador que semeou a semente no solo e então foi para casa e dormiu e levantou-se de noite e de dia. E ele não sabia nada sobre ela, aparentemente, mas a semente começou a germinar e a crescer continuamente (Mar. 4:26-29). Assim também, diz nosso Senhor, é o reino do céu.

Apresentemos algumas perguntas aqui. Se a santificação deve ocorrer subitamente, por que então não acontece assim? Deus poderia ter criado a todos nós absolutamente impecáveis e perfeitos, num momento, se Lhe aprouvasse fazer assim. Não há nada que O impeça; com Deus nada é impossível. Ele poderia ter-nos feito perfeitos e completos no momento em que cremos, mas Deus, obviamente, não quis fazer assim, como o sabemos por experiência própria. E as Epístolas do Novo Testamento nos ensinam a mesma coisa. Por que vocês acham que satanás não foi destruído no momento em que nosso Senhor levantou do túmulo? Por que lhe foi permitido continuar? Ora, vocês podem ver que esse é o método de Deus. Ele poderia ter destruído a satanás na hora da cruz, tão facilmente quanto o destruirá no fim. Entretanto Ele não quis agir assim. Essas coisas revelam claramente o método e a atitude de Deus.

Por que Deus não aboliu a morte totalmente? Ele o fará um dia. Por que os cristãos têm que morrer? Por que Deus não a aboliu no início? A única resposta possível é que Ele não quis agir assim, e o mesmo se dá com a nossa santificação. O método de Deus na santificação, como já vimos e como espero mostrar ainda mais claramente, consiste nesse processo que tem como ponto de partida o momento da regeneração. E ela avança mais e mais; cada experiência que obtemos a estimula, e somos transformados de glória em glória. Estamos avançando e desenvolvendo. Devemos estar mais santificados agora do que estivemos um ano atrás, e ela avançará mais e mais, até que, finalmente, na glória, seremos perfeitos, sem mácula e sem mancha.

21

SANTIFICAÇÃO EM ROMANOS, CAPÍTULOS 6 - 8

Havendo tratado das várias teorias e ensinos, bem como de alguns dos problemas, agora chegamos à exposição positiva da doutrina bíblica da santificação. Nosso Senhor orou a favor de Seus discípulos: "Santifica-os através da (ou na) tua verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17). Ora, essa é evidentemente uma indicação do modo de santificação como é ensinado nas Escrituras. Imediatamente surge a pergunta: que verdade é essa? E nosso Senhor responde à pergunta: "A tua palavra é a verdade". Que palavra? A totalidade da palavra; tudo na Bíblia contribui para nossa santificação. Não há como lermos verdadeiramente sobre Deus, em Seu Ser e Sua Pessoa, sem que se promova a nossa santificação. A doutrina de Deus, a doutrina do pecado, a lei de Deus, a doutrina da punição, do juízo e do inferno – tudo isso é verdade e aponta na direção da santificação; é toda a verdade.

Mas, enquanto isso é perfeitamente correto, é igualmente correto dizer que há certas afirmações nas Escrituras e certas seções delas nas quais esta grande doutrina concernente à santificação é tratada de uma maneira muitíssimo explícita e específica. E, por diversas razões, a ilustração mais extraordinária desse fato, o que podemos muito bem chamar de *locus classicus* do ensino bíblico a respeito da santificação, é indubitavelmente os capítulos 6, 7 e 8 da Epístola aos Romanos. Ora, desejo enfatizar que este não é o único lugar onde a santificação é tratada. Ela pode ser encontrada em toda parte, mas estes capítulos tratam dela de uma maneira muito explícita. Naturalmente, é assim porque Paulo, havendo tratado da grande doutrina da justificação, nos primeiros cinco capítulos, considera o que acredita ser uma falsa dedução extraída disso por alguns membros da igreja em

Roma. Aliás, não lhe foi exigido muita imaginação para chegar a essa conclusão, porquanto muitas pessoas estavam fazendo uma dedução muito falsa do ensino do apóstolo. Acusavam-no de ser culpado de *antinomianismo*, insinuando que a doutrina da justificação declara que, já que vocês são salvos por Cristo, não importa o que façam. E o apóstolo escreve estes capítulos a fim de refutar tão terrível insinuação, a qual ele repudia com um senso de horror e com as palavras: "De modo nenhum!"

Esse é o ponto ao qual temos chegado, e quero agora apresentar-lhes uma análise geral desses três capítulos de Romanos. Não pode ser nada mais que isso, porquanto não há tempo, obviamente, para tratar sobejamente dos capítulos 6, 7 e 8 de Romanos numa só preleção; portanto, que nos contentemos com este sumário geral do ensino. A primeira coisa, pois, que devemos fazer é compreender exatamente qual é o argumento de Paulo, e podemos expressá-lo assim: o apóstolo, aqui, está para demonstrar a absoluta impossibilidade – e ele o expressa tão veementemente quanto possível – de um cristão continuar no pecado; e diz que tal coisa é impossível à luz de toda a natureza e caráter da salvação cristã. Paulo o expressa nessa pergunta: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que abunde a graça? De modo nenhum." É isso mesmo. "Nós, que já morremos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Rom. 6:1,2). Esse é o tema. Aliás, poderíamos dizer que o tema de Romanos, capítulos 6, 7 e 8 consiste em denunciar, com horror, a tendência das pessoas de separar a justificação da santificação; de afirmar que, se vocês pensam que podem se restringir à justificação, então estarão fazendo algo que o apóstolo crê ser tão terrível que nada mais pode dizer a respeito senão: "Que Deus não permita que alguém pense tal coisa ou mesmo faça tal dedução". Vejam vocês de quão vital importância são estes grandes capítulos.

O argumento como um todo é iniciado e sumariado no capítulo 6. A seguir Paulo o desenvolve bem detalhadamente nos capítulos 7 e 8. Desejo enfatizar que o capítulo 8 não introduz um novo princípio; todo o argumento tem início no capítulo 6.

O que vocês acham nos capítulos 7 e 8 é simplesmente mais detalhes. Essa é uma questão vital, porque, como já vimos, há pessoas que afirmam que, como cristão, você pode ficar nos capítulos 6 e 7 sem avançar para o capítulo 8, e esse é de fato um erro extremamente perigoso. Permitam-me apresentar-lhes minha razão para fazer uma afirmação tão categórica. O apóstolo diz algo em 8:5-9 que, acredito, irá substanciá-lo:

> *"Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser; e os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele."*

Acaso percebem o que isso significa? No capítulo 8 Paulo não se encontra descrevendo certo tipo especial de cristão que recebeu alguma espécie de "segunda bênção", e sim, qualquer cristão; todos os cristãos. "Se alguém", diz ele, "não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele." Se vocês não têm o Espírito de Cristo em si mesmos, diz Paulo, não são cristãos em hipótese alguma. E ele diz também que as pessoas cristãs não são carnais; não estão na carne; estão no Espírito. Antes da conversão, estavam na carne; no momento, porém, em que foram convertidas, não viveram mais na carne, e sim, no Espírito. Seria concebível que Paulo diga de alguém que é realmente cristão: "Porque a inclinação da carne é morte... Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus"? Isso não pode ser verdade acerca de qualquer espécie de cristão; desde o momento de nosso renascimento e regeneração, estamos unidos a Cristo e estamos no Espírito. Esse é o ponto vital.

Portanto, permitam-me reiterar: Romanos, capítulo 8 é uma

descrição de *todos* os cristãos, e não simplesmente de certos cristãos que têm se apossado de alguma segunda bênção ou de alguma experiência posterior. Paulo não está introduzindo algo novo, e sim, está recapitulando e explicando mais plenamente o que já dissera no capítulo 6. Ora, ao meu ver isso constitui um fundamento muitíssimo vital. À luz do que consideramos nas preleções anteriores, veremos que é precisamente por não terem compreendido esse fato que as pessoas têm se confundido em sua compreensão da santificação. Seguramente, porém, Romanos 8:5-9 deve resolver esta questão de uma vez e para sempre. Portanto, vocês não devem mais dividir os cristãos naqueles que são cristãos espirituais e naqueles que não o são. Todos os cristãos são, necessariamente e por implicação, espirituais; no momento em que nascemos de novo, nos tornamos espirituais. Recebemos o Espírito Santo; estamos unidos a Cristo; a natureza de Deus está em nós e somos participantes da natureza divina.

Ora, uma vez tendo-o colocado nesses termos gerais, com o fim de apresentar-lhes um sumário de todo o ensino, focalizemo-lo um pouco mais detalhadamente. Qual é o argumento de Paulo – pois é um argumento – nestes três capítulos, sobre a questão da santificação? A fim de responder a essa pergunta temos de retroceder à doutrina do pecado. O apóstolo mesmo fez isso na segunda metade do capítulo 5, onde ensina que todos nós estávamos em Adão, e devido estarmos todos em Adão, caímos com ele, e todos nós colhemos a plenitude dos frutos de seu pecado. E as conseqüências desse pecado são que os homens e as mulheres são dominados e controlados pelo pecado e por satanás. Numa preleção anterior, entramos nas conseqüências da Queda. Agora temos por herança essa natureza pecaminosa. Na Queda, perdemos nosso alinhamento com Deus, de modo que, em vez de controlar o corpo e as partes corporais, por meio de nosso espírito que está em sintonia com Deus, nossa vida como um todo é dominada pelo corpo e pelo princípio pecaminoso que o controla.

É isso que o pecado fez. Antes da Queda, o homem e a mulher se comportavam de uma maneira perfeitamente

harmoniosa; possuíam todos os seus instintos: o instinto da fome, o instinto sexual e todas essas coisas. Tudo estava ali, sim, mas, como o homem e a mulher eram perfeitos, e viviam em perfeita relação com Deus, seus instintos não constituíam nenhum problema, porém eram subservientes aos seus mais elevados e melhores interesses. Com a Queda, porém, esse equilíbrio ficou completamente desordenado, e os homens e as mulheres se tornaram vítimas de seus próprios corpos. Deixaram-se governar por aquilo que Paulo chama "os desejos da carne e dos pensamentos" (Ef. 2:3). Tornaram-se criaturas libidinosas, dominadas pelo pecado e por satanás. Esse é o ensino bíblico. Eles têm sofrido na totalidade de seu ser e vivem agora numa condição de confusão e de devassidão.

Em Jesus Cristo, porém, há salvação. É isso o que Paulo está dizendo na segunda parte desse quinto capítulo de Romanos, nessa magnificente declaração: "Mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça" (v. 20). Essa, portanto, é a salvação. Mas, que espécie de salvação? Pura e simplesmente o perdão dos pecados? E a resposta é um eterno "Não!" Isso é precisamente o que Paulo começa a dizer no início do capítulo 6. Ele imagina algumas pessoas dizendo algo mais ou menos assim: "Isto é bom demais, todos os nossos pecados se encontram cobertos por Cristo. "Onde o pecado abundou, superabundou a graça." Não importa, pois, quanto pecamos. Aliás, podemos até mesmo argumentar que quanto mais pecamos, mais a graça será abundante. Eu sei que meus pecados são perdoados; portanto, não importa o que eu faça, estou em Cristo, estou a salvo, posso viver qualquer tipo de vida".

"De modo nenhum!" – diz o apóstolo no versículo 2. Isso é o que ele denuncia. Por quê? Porque nossa salvação em Cristo não é parcial; é uma salvação plena, uma salvação completa. E nesta grande passagem, nos capítulos 6, 7 e 8, ele se põe a desenvolver esse tema e a prová-lo.

E assim, o grande texto, em minha opinião, é Romanos 6:14: "Pois o pecado não terá domínio sobre vós, porquanto não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça". Prestem atenção ao que

Paulo diz. Ele não diz que o pecado não deve ter domínio sobre vocês. Ele diz: "O pecado *não terá* domínio sobre vós" (v. 14). O pecado não será permitido. Visto que vocês não estão debaixo da lei, e sim, debaixo da graça, o pecado não terá domínio sobre vocês, e ele nos mostra como isso acontece. Fundamentalmente, o princípio consiste em nossa união com Cristo. Já tratamos dessa doutrina da união, e essa é a razão por que devemos considerá-la antes de chegarmos à santificação. Se lerem novamente a segunda parte do capítulo 5, perceberão que o argumento é que antes estávamos em Adão, mas agora estamos em Cristo. Temos colhido todas as conseqüências do que Adão fez; temos colhido todas as conseqüências do que Cristo fez. Esse é o paralelo.

O que significa isso? Bem, estamos unidos a Ele em todos os aspectos. Estamos unidos ao Senhor Jesus Cristo não só em alguns aspectos; estamos unidos a Ele inteiramente; vocês não podem dividir a Cristo. Como já vimos, fomos crucificados com Ele – vocês perceberão isso tudo no capítulo 6 – morremos com Ele e fomos sepultados com Ele, plantados na semelhança de Sua morte e ressuscitamos com Ele. Voltem também a Efésios 2:6: "E nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus" – neste exato momento. Sim, colocando-o nos termos de 1 Coríntios 1:30: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus" – o quê? "sabedoria e redenção" – mas não pode parar aí – "sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Cristo já foi feito tudo isso para conosco, cristãos. Portanto, seria possível imaginar algo mais perigoso e antibíblico do que dizer a alguns cristãos que Cristo é somente justificação? "Mas Ele não é ainda santificação para eles", dizem; "terão que ir em busca dela." As Escrituras, porém, dizem exatamente o contrário! Ele já foi feito tudo isso para conosco. Vocês não podem dividir a Cristo: estamos em Cristo, unidos a Cristo, temos um Cristo total, sempre. Portanto, isso é o que precisamos captar.

A que isso nos leva? Bem, as próprias deduções do apóstolo são estas. Por causa de nossa união com Cristo, e já que fomos

crucificados, mortos e sepultados com Ele, Ele mesmo diz: vocês estão "mortos para a lei" (Rom. 7:4). A lei não pode tocá-los. Cristo já morreu; Ele é o fim da lei, uma vez e para sempre, no tocante ao pecado. Portanto, a lei nada mais me tem a dizer à guisa de condenação. Sim, mas não pára aí. O apóstolo nos diz que não só estamos mortos para a lei, mas também e igualmente estamos mortos para o pecado. "De modo nenhum. Nós, que já estamos mortos para o pecado...?" (Rom. 6:2). Ou: "Nós que já temos morrido para o pecado...?" É tão definido como isso: o tempo é aoristo, a morte já ocorreu uma vez por todas. Não somos *moribundos* para o pecado; *estamos mortos, já morremos* para o pecado. Paulo reitera isso muitas vezes: "Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado fosse desfeito, a fim de não servirdes mais ao pecado" (v. 6). Nosso velho *eu* tem sido crucificado, foi crucificado. Já aconteceu. "Pois quem está morto está justificado do pecado" (v. 7). E esse é o cristão. "E libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça" (v. 18). Mas agora, "fostes libertos do pecado" – significando, havendo, pois, sido feitos livres do pecado – "e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para santificação, e por fim a vida eterna" (v. 22). A seguir Paulo o expressa na forma de apelo: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (v. 11).

Assim, pois, estamos não apenas mortos para a lei; estamos também mortos para o pecado. Quanto a nós, diz Paulo, o pecado não mais existe. Com o fim de provar isso, no próximo capítulo Paulo tem o grande argumento da mulher casada com seu esposo, a qual é livre no momento em que seu esposo morre. Paulo argumenta sobre isso no sexto capítulo, dizendo que um escravo é adquirido por um senhor, mas se outro senhor vem e compra o escravo, então ele não mais pertence ao primeiro, ele pertence ao segundo. Portanto, não só estamos mortos, mas muito mais que isso: estamos ressurretos com Cristo. E isso significa que a vida de Cristo é nossa vida. "Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também

em novidade de vida" (v. 4). No versículo 5 temos a mesma coisa: "Porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição". E também o versículo 8: "Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos". Esse é realmente o tempo presente: estamos vivendo com Ele. Isso já é real quanto a nós. Encontramo-lo nos versículos 11 e 13: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus". E no versículo 13 Paulo diz: "mas apresentai-vos a Deus, como redivivos dentre os mortos". Ressuscitamos com Cristo e, portanto, vivemos nessa nova vida.

E, como já indicamos, no capítulo 7 Paulo diz, com efeito: "Em certo sentido vocês estavam consorciados com a lei, mas isso já não existe mais, porque a lei, no que lhes diz respeito, está morta".

> *"Assim também vós, meus irmãos, fostes mortos quanto à lei mediante o corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, àquele que ressurgiu dentre os mortos a fim de que demos fruto para Deus"* (v. 4).

Estamos unidos a Cristo, e devemos produzir os frutos de uma vida saudável e santificada.

Essa, pois, é a declaração fundamental de Paulo. Em decorrência de nossa união com Cristo, estamos mortos para o pecado e vivos para Deus. A vida de Cristo está em nós, e essa é a posição de cada cristão.

"Bem", diria alguém, "então significa que somos completamente impecáveis e perfeitos? Cristo fez isso por toda pessoa? Minhas relações com o pecado estão totalmente cortadas, em cada aspecto e forma?"

A resposta de Paulo é a seguinte: "Não. Tudo quanto eu tenho dito é correto e é verdadeiro em relação aos nossos espíritos. Nossos espíritos já se encontram inteiramente livres do pecado. Eu, como espírito e como um ser espiritual, estou morto para o pecado. Cortei relações com ele de uma vez para sempre, mas

isso não é verdadeiro em relação ao meu corpo". Percebem agora o seu argumento? Em decorrência da queda de Adão, a pessoa toda foi envolvida, meu espírito e meu corpo. Em nossa salvação cristã, neste exato momento, por meio de Cristo, meu espírito está perfeitamente redimido; esse é o "novo eu"; meu corpo, porém, ainda persiste debaixo da escravidão do pecado. Estou morto para o pecado, cortei relações com ele, mas meu corpo está ainda debaixo do seu domínio.

Permitam-me apresentar-lhes as provas disso. A primeira delas está no capítulo 6. Paulo diz no versículo 6: "Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que (a fim de que) o corpo do pecado fosse desfeito...". O velho *eu* foi crucificado, cortei relações com ele. Sim, a fim de que o corpo do pecado fosse destruído – mas tal coisa ainda não ocorreu. Todavia, focalizem o versículo 12. No versículo 11, na verdade Paulo diz: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus". E então, no versículo 12: "Não reine, portanto, o pecado (como ele esteve fazendo) em vosso corpo mortal, para obedecerdes às suas concupiscências". Mas prossigam para o versículo 13: "Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado" – por assim dizer, meus instintos e meus membros, minhas faculdades e tudo o que eu sou – "como instrumentos de iniqüidade". Não, ao contrário disso, Paulo nos diz: "Apresentai a Deus... vossos membros como instrumentos de justiça".

E a seguir vem a declaração final no versículo 19, onde Paulo diz: "Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Pois assim como apresentastes os vossos membros como servos da impureza e da iniqüidade para iniqüidade, assim apresentai agora os vossos membros como servos da justiça para santificação". Eis aí a evidência no capítulo 6 do fato de que, embora meu espírito esteja emancipado e redimido, meu corpo ainda não o está.

Volvamo-nos agora para o capítulo 7. Paulo diz no versículo 16: "E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa". Então, no versículo 17: "Agora, porém, não sou mais eu que faço

isso, mas o pecado que habita em mim". Vejam bem, não mais eu – *eu* estou redimido – é o pecado que habita em mim. O versículo 18 diz: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum" – ele não diz que em mim não há bem algum; não, ele diz: "*em minha carne* não habita bem algum". A seguir, novamente, no versículo 20, Paulo diz: "Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim" – notem a mesma coisa. Mas prossigam para o versículo 23: "Mas vejo nos meus membros" – não em mim; em meus membros – "outra lei guerreando contra a lei do meu entendimento, e me levando cativo à lei do pecado, que está nos meus membros." Isso é o que sucede. A não ser que eu entenda essa doutrina, permitir-me-ei ser governado pelo pecado novamente. Todavia não há tal necessidade, porquanto o pecado está em meus membros, não em mim.

Então, no versículo 24: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" "Quem me livrará do corpo desta morte?" É uma conclusão lógica. Não é? Na verdade Paulo está dizendo: "Eis minha posição; estou salvo e redimido, sim, mas ainda estou neste corpo, e este corpo ainda está sob o domínio do pecado, o qual tenta tragar-me. Quem me livrará deste corpo? Como poderei viver perfeitamente emancipado?" Esse era o seu problema. E de fato ele o expressa novamente na última parte do versículo 25: "De modo que eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus; mas, com a carne, à lei do pecado". Essa é a evidência no capítulo 7.

Permitam-me apresentar-lhes agora a evidência no capítulo 8. Antes de tudo, ela se encontra no versículo 10, sem dúvida um dos versículos mais importantes de todos: "Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade" – e ele quer dizer o corpo; não quer dizer a carne, mas a estrutura física, o *soma* – "está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça". Ele está simplesmente dizendo: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Ora, se Cristo está em vós" – essa é a sua posição como cristão.

O que é a posição real de vocês? Ei-la – "o corpo, na verdade, está morto (morto espiritualmente) por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça". Percebem a distinção? Então, no versículo 13, Paulo o expressa novamente: "Porque, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis". Ele não diz que vocês devem *se* mortificar; ele diz que vocês devem mortificar os feitos de seu corpo, o lugar em que o pecado está habitando; se fizerem isso, vocês viverão.

E a seguir temos o grande versículo, mais para o final do capítulo, sumariando tudo, o versículo 23. Paulo está falando sobre toda a criação, que conjuntamente geme e sofre as dores de parto até agora. Então: "E não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção" – o que é isso? Eis a resposta – "a saber, a redenção de nosso corpo". Acaso entendem o que ele está dizendo? Eis-me aqui como cristão: meu espírito já está redimido, porém meu corpo não. O que estou aguardando é pelo dia por vir quando meu corpo será redimido como o foi meu espírito. Por causa do pecado e da queda de Adão eu fui sucumbido – espírito e corpo. Contudo Cristo já veio. Ele já salvou meu espírito; o corpo ainda não está redimido; ainda estou aguardando pela adoção, pela redenção do meu corpo.

"Qual, pois, é a nossa posição?" – perguntariam. Significaria, portanto, que como cristãos estamos condenados a uma vida de desesperança, de miséria e de fracassos neste mundo? Teríamos simplesmente de continuar esforçando-nos inutilmente e vivendo totalmente desprovido de recursos, por assim dizer, de desdita e miséria? A resposta a essa pergunta pode ser sim, vocês estão condenados a esse estado de vida se puserem sua confiança só em si mesmos e em sua própria capacidade e energia para conformar-se à lei de Deus. Sim, vocês estão condenados a essa situação se traçarem uma separação entre justificação e santificação. Sim, vocês estão condenados se disserem que o cristão pode ter seus pecados perdoados, e nada mais. A resposta das Escrituras, porém, é que essa não é a

nossa posição. Absolutamento não é!

Agora voltem ao significado da grande declaração em Romanos 7:7-25, sobre a qual as pessoas têm discutido tantas vezes. Porventura ela descreve uma pessoa totalmente não-redimida, ou alguém que é redimido, mas ainda não plenamente santificado? Todo o âmago da passagem é justamente o seguinte: Paulo estivera afirmando na primeira parte do capítulo que não mais estamos debaixo da lei. Somos como a mulher cujo primeiro esposo morreu, deixando-a livre para casar-se com outro. Não mais estamos atados à lei, porque Cristo já lhe pôs fim através de Seu corpo. Estamos agora unidos a Cristo, e nesse sentido não temos mais relação com a lei. "Mas", alguém perguntaria: "você está querendo dizer que não mais existe na lei de Deus valor algum? Você está dizendo que a lei de Deus é absolutamente inútil e que não tem nela valor algum?" "De modo nenhum!", diz Paulo. A lei em si mesma é totalmente justa; entretanto se vocês acreditam que ela pode justificá-los ou santificá-los, estão cometendo um grande equívoco. Se vocês estão pondo sua confiança em suas próprias tentativas de cumprir essa lei, para o livramento final de seu pecado, então vocês estão deveras condenados.

E então Paulo o coloca em sua forma tipicamente dramática. Com efeito, ele diz: "Vocês estão me deixando no seguinte tipo de posição: como cristão tenho agora percebido o valor da lei e desejo praticá-la; mas este meu corpo está me tragando; o pecado que persiste em meu corpo está impossibilitando o comprimento desse desejo. E se essa é toda a verdade, então não passo de um fracasso, não passo de um homem miserável. Contudo essa não é a situação" (diz Paulo). Notem bem como ele o expressa. Ele faz a seguinte afirmação: "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rom. 7:24). E imediatamente responde à sua própria pergunta: "Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor" (Rom. 7:25). Seu sumário no capítulo 6 já respondeu à pergunta. Não sou condenado a essa miséria em decorrência de minha união com Cristo; em decorrência de minha união com Cristo o pecado não mais exercerá domínio

sobre mim. Não lhe será permitido, e na verdade não o é.

Assim, pois, Paulo respondeu à pergunta, primeiramente e acima de tudo, no capítulo 6:14, mas vocês podem observar como ele gosta de reiterá-lo. Havendo-o dito ali, ele o diz uma vez mais no capítulo 7:25: "Graças a Deus por Jesus Cristo meu Senhor". Ele prossegue afirmando-o de um modo ainda mais extraordinário no capítulo 8:10,11: "Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, (ainda) está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça". E então: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita". Ora, essa não é só uma referência à ressurreição dos santos em Sua vinda, é também uma referência a algo que já está ocorrendo nestes corpos mortais; o processo já está em andamento. Que declaração sublime!

Paulo, então, reitera isso novamente, quase da mesma forma, nos versículos 15-17. Diz ele: "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes com temor". Vocês não devem ficar perturbados; não devem dizer que essa é uma cansativa peregrinação e que tudo está contra vocês e que são constantemente derrotados; absolutamente, não! "Mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai! O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus; e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo." O resultado final é garantido.

E então, repito, Paulo finalmente o reitera no versículo 23: "Mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção" – ela está chegando! – "a saber, a redenção de nosso corpo". E assim não somos destinados a um senso de fracasso e frustração. Não estamos lutando debalde, sem esperança e sem amparo. Este grande processo está em andamento, porque estamos em Cristo. Como isso ocorre? O Senhor Jesus Cristo está em nós. Se somos cristãos, Ele está em nós e está operando em nós pela instrumentalidade de Seu Espírito Santo; e, em decorrência dessa

operação, Ele já libertou nossos espíritos e está no processo de livramento inclusive de nossos corpos, que finalmente serão perfeitamente libertados.

Como o processo avança? Filipenses 2:12,13 fornece a resposta: "Efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar...". O Espírito está em nós e por Ele somos guiados. Ele opera em nossa vontade; Ele cria desejos segundo a santidade; Ele nos revela o pecado em toda a sua imundícia e fealdade, e cria aspirações segundo a pureza e a vida de Deus. Não só isso. Ele nos comunica energia e poder, capacitando-nos para fazer o que agora queremos fazer. Que mais? Bem, como Paulo nos diz em Romanos 8:14: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus". E isso é verdade, uma vez mais, no tocante a cada cristão.

Como ocorre tal coisa? Como Sua diretriz acontece em nosso interior? E ao que Ele nos conduz? Bem, Ele nos guia de muitas maneiras, mas nos guia particularmente através da verdade. O autor da verdade é Ele mesmo, e Ele nos guia a ela e nos dá entendimento dela. E quando Ele assim procede, estamos sendo santificados. E a verdade, como já delineei, é que nossos espíritos já se encontram redimidos, porém o problema reside neste corpo. Devemos notar que mesmo o corpo eventualmente será libertado. E, entrementes, Paulo nos mostra o que fazer: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus...". (6:11). Ele nos transmite essa segurança e certeza da vitória final. Não mais me sinto derrotado; sei que estou do lado vitorioso e que devo apenas prosseguir. Então ele apela a mim. Diz: "Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (6:12). E sinto que esse apelo é perfeitamente justo, e que irei pô-lo em prática. Diz ele: à vista de tudo isso, não entreguem seus membros "como instrumentos da iniqüidade", mas entreguem-nos a Deus "como instrumentos da justiça". "Plenamente correto", digo eu.

E assim Paulo prossegue dirigindo-me esse grande apelo, no sentido de não permitir que meu corpo ainda não-redimido

me domine como costuma fazer. Devo compreender que sou um filho de Deus, destinado à glória, e não devo permitir que meu corpo me influencie. Há um processo que avança mais e mais, e não se completa enquanto eu estiver ainda nesta vida. O pecado permanece no corpo. Mas, graças a Deus, virá um dia quando o processo será completado. Vou citar Romanos 8:23 uma vez mais, porque ele é um dos mais gloriosos versículos das Escrituras: "E não só ela, mas até nós... gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção...". Virá um dia quando meu próprio corpo será inteiramente libertado do pecado em cada aspecto e forma. Ele transformará meu corpo vil, e o moldará à semelhança de Seu glorioso corpo (Fil. 3:21). Virá um dia quando este processo de redenção começado em mim por Cristo, a qual já me libertou como um ser espiritual e me fez morto para o pecado, virá um dia quando meu corpo estará igualmente morto para o pecado e então serei perfeito e completo, impecável e irrepreensível, sem mancha e sem defeito, postado face a face com Deus.

"Amados", diz João, que concorda inteiramente com Paulo, "agora somos filhos de Deus" – agora – "e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como ele é, o veremos" (1 João 3:2). E seremos como Ele pelo fato que não só nossos espíritos serão então como Ele e estarão participando de Sua natureza e refletindo Sua imagem, mas nossos corpos também serão tão glorificados como Seu corpo; seremos como Ele, pois O veremos como Ele é. Isso é o que está por vir e virá com certeza. Que dizer, então? Bem, ainda estou nesta vida e neste mundo, ainda terei que travar esta batalha contra o pecado que está em meu corpo. Portanto, João o expõe da seguinte forma: "E todo o que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo" – *ele* o faz – "assim como ele é puro" (1 João 3:3). "Subjugo o meu corpo" (1 Cor. 9:27), diz Paulo: novamente *ele* o faz. Ele não apenas olha passivamente para Cristo. Mortifico minhas "inclinações carnais" (Col. 3:5). Esse é o argumento. Uma vez apresentada toda esta verdade, este poder do Espírito operante

em mim, sou exortado a praticá-la, e quero praticá-la, e isso é santificação.

Portanto devemos, necessariamente, rejeitar todo e qualquer boato sobre erradicação do pecado, todo e qualquer boato de sermos inteiramente libertados do pecado nesta vida. Rejeitamo-lo em nome das Escrituras. Rejeitamos igualmente todo e qualquer boato sobre o princípio da ação contrária, visto que tal coisa não diz o suficiente sobre mim. Não me diz que eu, espiritualmente, já me encontro libertado e que o problema está somente na carne, e que esse é um problema que eu tenho de encarar. Ele deduz uma falsa distinção entre um cristão que só pode estar no sétimo capítulo de Romanos e alguém que se encontra no oitavo capítulo. Ele não compreende que cada cristão está no oitavo capítulo de Romanos porque, se o Espírito de Cristo não está presente em vocês, então vocês não pertencem a Ele.

Vemos a santificação como uma parte de um grande e glorioso plano: Cristo e a redenção; o crente unido a Cristo; e desde o instante do renascimento, a regeneração e a união, este poderoso processo começa, o qual eventualmente conduzirá a uma redenção e salvação aperfeiçoadas, incluindo até mesmo o corpo, o qual, no passado, e até que morramos e ressuscitemos, ainda permanece sob o domínio do pecado. Entretanto, ao compreender esta verdade, devo assenhorear-me dela e conquistá-la paulatinamente, de modo que haja desenvolvimento e crescimento em minha santificação.

22

BATISMO E ENCHIMENTO

Agora, devemos considerar certos aspectos do ensino bíblico concernente à doutrina do Espírito Santo, das quais, até aqui, não pudemos tratar; e, ao meu ver, a abordagem mais conveniente é esta: há certos termos com respeito à relação do Espírito Santo com o crente que tocamos só de passagem, mas que não pudemos entrar em detalhes, por isso os focalizaremos agora.

São termos importantíssimos, e, em certo sentido, visto que são importantes, não são fáceis. Aliás, eu poderia até dizer que são difíceis, e que têm às vezes levado não só à confusão, mas também a um bocado de discussão e controvérsia. Como já realcei diversas vezes antes, sempre descobrimos que, quando uma doutrina é de caráter vital, geralmente há dificuldades, pois a razão óbvia é que o diabo, o adversário de nossas almas, compreendendo a centralidade e a importância da doutrina, concentra sua atenção sobre ela. Vimos isso no caso da expiação e da Pessoa de nosso Senhor, por isso não é de se surpreender se ele fizer o mesmo neste ponto.

O primeiro termo, pois, é *batismo*, o batismo do Espírito Santo ou o batismo com o Espírito Santo. Ora, sinto que as dificuldades geralmente surgem porque, de todos os lados, todos nós somos um tanto inclinados a ser dogmáticos. Certamente que a confusão surge devido a esse fato. Vocês descobrirão que cristãos igualmente piedosos puseram essas questões em pauta e não disseram exatamente a mesma coisa. Isso é inevitável em relação a certos aspectos da verdade; mas, quando isso acontece, cumpre-nos evitar uma atitude hiperdogmática. Devemos andar com muita prudência, com reverência e santo temor. Naturalmente, certas pessoas chegam aí sem demonstrar qualquer dificuldade, e vocês as ouvem se expressando com total leviandade. Dizem: "Naturalmente, ao meu ver, não há problema

algum; existe um só batismo – muitos enchimentos". Ora, expressar-se dessa forma acerca de um tema tão solene e sagrado é quase que negar a totalidade da doutrina do Espírito Santo. A questão não é quão fácil e convenientemente, para nossa própria satisfação, podemos classificar estes termos; a pergunta vital é: o que representam estes termos, e o que sabemos sobre eles na própria experiência?

Permitam-me lembrar-lhes novamente que todo o meu objetivo ao percorrer estas doutrinas bíblicas não é simplesmente ou primariamente ampliar meu próprio conhecimento num sentido intelectual – nem o de vocês. Certamente que não! Estou interessado nestas coisas por uma única razão, e essa é que uma profunda e real experiência do poder da salvação depende de um conhecimento dessas doutrinas – e não um mero conhecimento intelectual e teórico. Qualquer um que se restringe a isso está pedindo problemas e provocando calamidade. Tal conhecimento é essencial contanto que nos introduzamos a ele de um modo correto e compreendamos que ele é algo que enriquecerá nossa experiência. E isso é particularmente procedente quanto a uma questão como esta que ora analisamos.

Permitam-me começar assim: onde se encontram os termos usados, como são usados e por quem? Bem, o termo "batismo" é usado por João Batista. Vocês poderão encontrá-lo, por exemplo, em Lucas 3:16,17 e suas passagens paralelas. Somos informados acerca do povo que ouvia a pregação de João no Jordão: "Ora, estando o povo em expectativa e arrazoando todos em seus corações a respeito de João, se porventura seria ele o Cristo" (v. 15). E João, atinando para o que estavam pensando, voltou-se para eles e disse:

> *"Eu, na verdade, vos batizo em água, mas vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de desatar a correia das alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo. A sua pá ele tem na mão para limpar bem a sua eira, e recolher o trigo ao seu celeiro; mas queimará a palha em fogo inextinguível."*

João o predisse. Mas nosso Senhor Jesus Cristo também usou a mesma expressão. Em Atos 1:5, vocês encontrarão: "Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias". E Ele disse isso dez dias antes do dia de Pentecoste.

A seguir são usados vários outros termos, os quais, obviamente, se referem à mesma realidade, ainda que nem todos concordem com essa afirmação. Por exemplo, em Romanos, capítulo 6, o apóstolo diz: "Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados em sua morte?" (v. 3). É muito difícil imaginar isso como uma referência ao batismo em água, visto que, seguramente, o batismo em água não nos batiza na morte de Cristo. É através do Espírito Santo que somos batizados em Cristo e em Sua morte.

E a seguir existe aquela grande passagem em 1 Coríntios 12:13: "Pois em um só Espírito fomos todos nós batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos...". Em Gálatas 3:27, vocês se deparam com isto: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo". E em Efésios 4:5: "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo", que é indubitavelmente uma referência ao batismo pelo Espírito Santo, nosso batismo em Cristo.

Esse, pois, é o genuíno uso da palavra *batizar* em conexão com o Espírito Santo. É importante para nós, porém, conservar na mente que alguns outros termos são usados, os quais obviamente se referem à mesma realidade. Os termos parecem ser intercambiáveis como se fossem mais ou menos sinônimos. Somos informados, por exemplo, sobre o Espírito Santo sendo derramado. Isso está na profecia de Joel, citada pelo apóstolo Pedro em Atos 2:17. Em Atos 8:16, vocês encontrarão a afirmação de que o Espírito Santo não havia ainda "descido" sobre os samaritanos. Em seguida vem a pergunta que o apóstolo Paulo faz aos discípulos em Éfeso: "Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?" (Atos 19:2). E Pedro, justificando sua ação em admitir Cornélio e outros gentios na Igreja Cristã, disse: "Logo que eu comecei a falar, desceu sobre eles o Espírito Santo, como

também sobre nós no princípio" (Atos 11:15). O argumento de Pedro era que ele viu nitidamente que aquilo que havia ocorrido a Cornélio e sua casa era a mesma que havia ocorrido a ele e aos demais apóstolos, os cento e vinte presentes no cenáculo, bem como aos outros no dia de Pentecoste, em Jerusalém. Disse ele: quando eu vi isso, "quem era eu, para que pudesse resistir a Deus?" (Atos 11:15-17). Ele não podia recusar-se a batizá-los, disse ele, porque o Espírito Santo havia descido sobre eles.

Parece-me, pois, que todos estes termos claramente apontam para a mesma realidade, portanto devemos encarar a pergunta: o que é o batismo do Espírito Santo? Ora, segundo alguns, como já vimos, realmente não existe dificuldade alguma sobre isso. Dizem que ele é simplesmente uma referência à regeneração e nada mais. É o que ocorre com as pessoas quando são regeneradas e incorporadas em Cristo, segundo Paulo ensina em 1 Coríntios 12:13: "Pois em um só Espírito fomos todos batizados". Vocês não podem ser cristãos sem ser membros desse corpo, e vocês são batizados nesse corpo pelo Espírito Santo. Portanto, dizem, esse batismo do Espírito Santo é simplesmente a regeneração.

Quanto a mim, porém, não posso aceitar tal explicação, e aqui é onde nos agarramos diretamente com as dificuldades. Não posso aceitar isso porque, se eu cresse nisso, teria de crer que os discípulos e os apóstolos não haviam sido regenerados até o dia de Pentecoste – suposição essa que ao meu ver é completamente inadmissível. Da mesma forma, naturalmente, teriam que dizer que nem um único santo do Velho Testamento teve vida eterna ou foi filho de Deus. Temos visto muito claramente, porém, o ensino das Escrituras a esse respeito, que foram regenerados, e que todos nós, ao sermos regenerados, nos tornamos filhos de Abraão. Temos visto, também, que nada nos acontece à parte deles, e que somos participantes da mesma bênção, visto que só existe um único pacto, este pacto de salvação e redenção.

Teríamos também de dizer que os samaritanos, a quem o

evangelista Filipe pregou, não foram regenerados até Pedro e João descerem a eles. Lendo o oitavo capítulo de Atos, vocês perceberão que Filipe evangelizou em Samaria, e muitos creram e foram batizados no nome do Senhor Jesus Cristo. Mas somos informados que não receberam o Espírito Santo até a chegada de Pedro e João, que desceram e oraram por eles e lhes impuseram as mãos para que recebessem o Espírito Santo ou fossem batizados por Ele. Ao meu ver, porém, todo o capítulo nega essa suposição. Foram regenerados, mas não haviam recebido o Espírito Santo. E a mesma coisa, naturalmente, pode ser deduzida, em certo sentido, no caso do eunuco etíope com quem Filipe falou. Portanto, não posso aceitar a idéia de que o batismo é simplesmente uma referência à regeneração.

Afinal de contas, o que é ele? Bem, é evidente que isso é o que João Batista e nosso Senhor preanunciaram. Isto é o que Pedro chama "a promessa do Pai", um termo que é freqüentemente usado. "De sorte que", diz Pedro, "exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis" (Atos 2:33). E o termo é usado alhures "a promessa de meu Pai" (Luc. 24:49). Isso foi algo pelo qual os filhos de Israel foram instruídos a esperar; ele é o cumprimento daquela promessa.

Então, o que é ele? Ora, quando estivemos tratando da doutrina do Espírito Santo nas preleções iniciais, enfatizei que, o que ocorreu no dia de Pentecoste, foi primariamente que a Igreja Cristã foi instituída e proclamada como o corpo de Cristo. Havia crentes, havia pessoas regeneradas, sim. Mas só se tornaram o corpo de Cristo no dia de Pentecoste, quando foram batizados pelo Espírito Santo num só corpo. E esse é indubitavelmente o significado principal do Pentecoste.

Parece-me, porém, que não devemos parar nisso. Se isso é o que ele é em sua essência, há também o significado subsidiário. Ele inclui também a consciência desse fato. Digo isso pela seguinte razão: voltem novamente à pergunta formulada pelo apóstolo Paulo àquelas pessoas de Éfeso: "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?" Ora, o fato de ter formulado essa

pergunta implica que ela podia ser respondida por alguém, que as pessoas sabem quando têm recebido o Espírito Santo – se O têm ou não recebido. Mas então o apóstolo formula quase exatamente a mesma pergunta aos gálatas: "Só isso quero saber de vós", escreve ele: "Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé?" (Gál. 3:2). Na verdade Paulo estava dizendo aos gálatas: "Recebestes o Espírito Santo e o sabeis muito bem; ora, recebestes o Espírito Santo em decorrência de vossas obras de justiça, obras realizadas sob a lei, ou pelo ouvir da fé?" Sabiam que haviam recebido o Espírito, do contrário a pergunta de Paulo seria sem sentido. Aliás, todo o ensino acerca da selagem e do penhor do Espírito deve apontar na mesma direção. O apóstolo também faz referência a "mas até nós, que temos as primícias do Espírito" (Rom. 8:23); sabemos que as temos recebido.

O que pretendo, pois, quando digo que este batismo inclui a consciência de sermos batizados no corpo de Cristo? É neste ponto que a confusão tende a entrar, porquanto alguns amigos limitariam isso a certos dons do Espírito, e afirmam que a única prova de que temos recebido o Espírito é que manifestamos estes dons. Baseariam isso em 1 Coríntios, capítulo 12, mas esse mesmo capítulo ensina que nem todos têm os mesmos dons; que uma pessoa tem um dom e outra, outro. Portanto, nunca devemos dizer que, a não ser que tenhamos um dom particular, nunca fomos batizados com o Espírito Santo, ou nunca recebemos o Espírito. Esse mesmo capítulo nega tal coisa. Ele pergunta: "Todos falam em línguas? Todos profetizam? Têm todos o dom de cura?", e assim por diante. E a resposta, obviamente, é: "Não!"

O perigo, porém, está em pensar no batismo do Espírito Santo só em termos de dons, e não em termos de algo muito mais importante, ou seja, afinal de contas, *o* sinal ou prova de que já recebemos ou não o Espírito consiste, seguramente, em algo que ocorre na esfera de nossa experiência espiritual. Vocês não podem ler os relatos do Novo Testamento sobre pessoas a quem o Espírito vinha, as pessoas sobre quem Ele

descia, ou que O recebiam como os cristãos gálatas e todos esses outros, sem compreender que o resultado era que todo o seu espírito era inflamado totalmente. O Senhor Jesus Cristo Se lhes tornava real de uma forma que jamais haviam experimentado antes. O Senhor Jesus Cristo Se lhes manifestava espiritualmente, e o resultado era a explosão de um grande amor por Cristo, profusamente derramado em seus corações pelo Espírito Santo.

Ora, com toda certeza, isso é algo que deve levar-nos a uma pausa por alguns instantes e à meditação profunda e seríssima. Segundo o meu entendimento deste ensino, eis aqui uma experiência que é o patrimônio hereditário de todo cristão. Diz o apóstolo Pedro: "Porque a promessa vos pertence a vós" – e não somente a vós, mas – "a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a quantos o Senhor nosso Deus chamar" (Atos 2:39). Ela não se restringe apenas àquelas pessoas no dia de Pentecoste, mas é oferecida e prometida a todas as pessoas cristãs. E em sua essência significa que somos cônscios da chegada, por assim dizer, do Espírito de Deus e nos é dado certo sentido da glória de Deus e da realidade de Sua existência, a realidade do Senhor Jesus Cristo – e O amamos. Eis aí por que os escritores do Novo Testamento podem dizer uma coisa destas sobre os cristãos: "A quem, sem o terdes visto, amais; no qual, sem agora o verdes, mas crendo, exultais com gozo inefável e cheio de glória" (1 Ped. 1:8). E assim foi com eles. Regozijaram-se nEle; gloriaram-se nEle; consideravam uma honra poderem sofrer por causa de Seu nome. Por amor a Ele sofreriam qualquer tipo de perseguição; seriam até mesmo expulsos de seus lares e de suas famílias. Por quê? Oh, certamente não porque tinham um conhecimento superior de certas doutrinas ou verdades. Não, mas era porque o Senhor Jesus Cristo Se lhes tornara tão real, tão querido e tão deleitável a seus olhos, que passou a ser tudo para eles. E esse, à medida que lerem esses relatos, é o resultado invariável deste batismo do Espírito Santo.

Além do mais, vocês descobrirão que isso é algo do qual os santos, ao longo dos séculos, têm testificado. Todos se lembram

da história de como isso aconteceu a João Wesley em Aldersgate Street, em Londres, em 1738; muitas pessoas, porém, nunca ouviram de como aconteceu de uma maneira ainda mais extraordinária a George Whitefield antes disso. Temos ouvido de sua ocorrência no caso de Moody que certa tarde descia uma rua na cidade de Nova Iorque, quando de repente tomou consciência da glória de Deus de uma maneira tão irresistível que sentiu que mesmo seu musculoso corpo estava a ponto de ser esmagado, e ergueu suas mãos e pediu a Deus que parasse. O mesmo se deu com Finney, com Jonathan Edwards e com David Brainerd. É algo do qual muitos cristãos comuns, cujos nomes não conhecemos, têm testificado e pelo qual têm dado graças a Deus: esta percepção da glória de Deus, a realidade do Senhor; este amor para com Ele; esta indescritível experiência dessas coisas.

Uma definição, portanto, que eu submeteria à sua consideração, é algo mais ou menos assim: o batismo do Espírito Santo é a experiência inicial da glória, a realidade e o amor do Pai e do Filho. Sim, vocês podem ter muitas experiências ulteriores disso, porém a primeira experiência, eu proporia, é o batismo do Espírito Santo. O piedoso John Fletcher de Madeley o expressou assim: "Cada cristão deve ter seu Pentecoste".

Nosso Senhor orou assim: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste" (João 17:3). E é tão-somente o Espírito quem pode capacitar-nos a ter tal conhecimento. O batismo do Espírito Santo, pois, é a diferença entre crer nestas coisas, aceitar o ensino, exercitar a fé – que é algo que todos nós conhecemos, e sem o Espírito Santo nem mesmo podemos fazer isso, como já vimos – e ter a consciência e a experiência destas verdades de uma maneira surpreendente e notável. A primeira experiência disso, estou sugerindo, é o batismo do Espírito Santo, ou o Espírito Santo descendo sobre nós, ou o recebimento do Espírito. E essa notável e inusitada experiência é descrita com tanta freqüência em Atos, e a qual, vocês podem ver claramente nas Epístolas, teria sido a possessão dos membros

da Igreja Cristã Primitiva.

Ora, não existe diferença essencial entre a Igreja moderna e a Igreja Primitiva, e vocês não podem ler o relato da Igreja Primitiva no Novo Testamento sem descobrir que esse era o povo espiritual, o povo com uma realidade espiritual. Não eram apenas membros formais da Igreja, havi a um Espírito vivo, e eles sabiam em quem haviam crido, e se regozijavam nessas coisas. Sem qualquer hesitação, vocês poderiam formular-lhes a pergunta: "Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé?" (Gál. 3:2). Que tal se eu lhes fizesse essa mesma pergunta neste momento? Poderiam respondê-la? Esta é a experiência que é para vocês e para seus filhos e para aqueles que ainda estão longe: este bendito conhecimento da realidade de Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo através do Espírito Santo, a manifestação espiritual do Filho de Deus no coração do crente.

Consideremos, pois, de forma abreviada, o segundo termo que sempre acompanha este, e o qual, em certo sentido, lhe é complementar. É o termo *enchimento*. Notem que após aquele grande evento na manhã do Pentecoste, nos é dito o seguinte: "E todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas...". Isso se encontra em Atos 2:4, e se avançarem para Atos 4:31, encontrarão a mesma coisa repetida: "E, tendo eles orado, tremeu o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com intrepidez a Palavra de Deus". Quem eram eles? Os discípulos, os apóstolos, as mesmas pessoas. Ficaram cheios no dia de Pentecoste, e ficaram cheios apenas poucos dias depois, exatamente da mesma forma. E ainda temos outro exemplo em Atos 13:9, onde o apóstolo Paulo está tratando de Elimas o mágico. Lemos o seguinte: "Todavia, Saulo, cheio do Espírito Santo, fitando os olhos nele".

O outro uso do termo "enchimento" encontra-se em Efésios 5:18, onde se nos exorta: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito Santo". E a seguir vocês encontram referências a ele em Atos 6:3-5:

"Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregareis deste serviço" – a nomeação dos diáconos na Igreja. "O parecer agradou a todos, e elegeram a Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo."

Portanto, a pergunta que surge é: o que significa ser *cheio* do Espírito Santo? Evidentemente, há duas coisas, pelo menos, que obviamente acompanha este termo. É algo que sucede e que transmite autoridade e poder e habilidade para o serviço e testemunho. Os apóstolos o receberam logo no início, e o resultado foi que começaram a falar em outras línguas, e Pedro, cheio do Espírito, pregou seu sermão. Uma vez mais, após orarem, todos ficaram cheios do Espírito Santo, e falaram a palavra de Deus com ousadia. E quando Paulo foi confrontado com a oposição daquele homem capcioso, Elimas o mágico, ele ficou cheio do Espírito de forma especial a fim de pronunciar um juízo, e o juízo caiu sobre o homem. Portanto, é evidente que o enchimento do Espírito ocorre em função do serviço; ele nos mune de poder e autoridade para o serviço.

Deixem-me enfatizar esse fato. Este enchimento é uma necessidade absoluta para um serviço autêntico. Mesmo nosso Senhor não iniciou Seu ministério enquanto o Espírito Santo não desceu sobre Ele. E Ele avisou os discípulos, aos quais Ele treinara ao longo de três anos, que haviam permanecido com Ele no círculo mais íntimo, que viram Seus milagres e ouviram todas as Suas palavras, que O viram morto e sepultado e ressurreto, mesmo esses homens excepcionais, com suas oportunidades excepcionais, que não tentassem testemunhar a Seu respeito enquanto não recebessem o poder que o Espírito Santo lhes concederia.

Esse fato, pois, é algo vital para o nosso testemunho. Ele foi todo o segredo do ministério do apóstolo Paulo. Ele não pregava com atrativas palavras de sabedoria humana, mas pregava, como ele mesmo disse, "em demonstração do Espírito e de poder" (1 Cor. 2:4). Ele foi enchido do Espírito para o seu trabalho. Não seria isso algo que nos leva a um momento de pausa? Seja qual

for a forma de nosso ministério, o seu valor só conta enquanto estamos cheios do poder do Espírito. Portanto, devemos compreender a necessidade de buscar este enchimento do Espírito e de Seu poder, antes de empreendermos qualquer trabalho, seja ele qual for.

Deixem-me colocá-lo da seguinte forma: existe toda a diferença do mundo entre ser uma testemunha e ser um advogado. Os homens e as mulheres podem ser advogados dessas coisas sem o Espírito Santo. O que quero dizer é que eles podem ter certa compreensão da doutrina; podem receber a verdade; podem apresentá-la, podem convencer por meio dela e defendê-la. Sim, estão agindo como advogados. Primariamente, porém, como cristãos, somos convocados a sermos testemunhas, a sermos testemunhas do Senhor Jesus Cristo como o Filho de Deus e como o Salvador do mundo, como nosso Salvador, como o Salvador de todos aqueles que põem sua fé e confiança nEle. E é tão-somente o Espírito Santo que pode capacitar-nos a fazer isso. Vocês podem falar às pessoas e agir como advogados a favor da verdade, mas não vão convencer a ninguém. Entretanto, se vocês estão cheios do Espírito, e estão dando testemunho da verdade, a qual é real em sua vida, pelo poder do Espírito, então isso se torna eficaz. Portanto, este enchimento é essencial a todo o nosso serviço.

Mas é também igualmente evidente que o enchimento do Espírito é essencial à genuína qualidade cristã em nossa vida. É por isso que somos ordenados a que sejamos cheios do Espírito. É um mandamento dirigido a cada cristão individualmente: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito" (Ef. 5:18). Somos exortados a ser cheios do Espírito. E isso é ordenado a fim de que nossas graças venham a crescer, a fim de que o fruto do Espírito se desenvolva em nós e seja evidente a todos. É quando nos enchemos com esta vida que o fruto e as graças desta vida se manifestarão. Aliás, o enchimento do Espírito é essencial a um genuíno ato de culto. Vocês notaram como Paulo usa aquele seu mandamento nessa mesma conexão? Diz ele: "E não vos embriagueis com vinho,

no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito" – e então prossegue imediatamente – "falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (vv. 18-20).

Portanto, o modo de testar se estamos cheios do Espírito é perguntar: estamos cheios de gratidão? Estamos cheios de louvor? Cantamos para nós mesmos e uns aos outros em salmos e hinos e cânticos espirituais? Fazemos melodias em nossos corações? Louvamos a Deus quando estamos a sós? Deleitamo-nos em louvá-lO juntamente com outros? Deleitamo-nos em louvá-lO em público da mesma forma que em privativo? Estamos cheios do espírito de louvor, de gratidão, de culto e adoração? Essa é uma conseqüência inevitável de se estar cheio do Espírito. Isto é algo que pode ocorrer muitas vezes. O batismo, como o entendo, é a experiência inicial; o enchimento é uma experiência que pode ser repetida com freqüência.

E assim temos esses dois grandes termos: ser batizado com o Espírito e ser cheio do Espírito. Seguramente, nenhum tema é mais importante para todos nós do que precisamente este. O que é um avivamento? É Deus derramando Seu Espírito. É esse tremendo enchimento que ocorre a um grande número de pessoas concomitantemente. Vocês não precisam esperar por um avivamento para obtê-lo; a cada um de nós, individualmente, é ordenado a buscá-lo, a possuí-lo e a tornar certo que nós o temos recebido. Em tempos de avivamento, porém, Deus, por assim dizer, enche um certo número de pessoas simultaneamente; elas quase o descrevem em termos de o Espírito *descendo* sobre elas. Esse é um avivamento, e essa é a maior necessidade da Igreja de hoje. E é somente quando vocês e eu, como indivíduos, conhecendo a realidade destas coisas, conhecendo seu poder e sua glória, preocupando-nos em viver sempre cheios do Espírito, que não só agradeceremos a Deus, mas também oraremos a Ele por avivamento e Lhe pediremos que venha sobre a Igreja outra vez, como Ele tem vindo em épocas passadas, e sopre as brasas ardentes numa poderosa chama de vida e poder. Essa é, de todas,

a maior necessidade, e é só quando entendemos o ensino das Escrituras em relação a essas benditas questões que verdadeiramente tomamos posse dessas coisas e nos tornamos intercessores e advogados juntos a Deus para que Ele reavive Sua obra. Que Ele abra nossos olhos por meio do Seu Espírito para a verdade do batismo do Espírito e o enchimento do Espírito Santo.

23

REFLEXÕES ADICIONAIS SOBRE O BATISMO DO ESPÍRITO

Demos início à nossa consideração de certos termos usados em conexão com a obra do Espírito Santo nas Escrituras, e com os quais ainda não tratamos. Já apresentamos um resumo do ensino bíblico com respeito ao batismo com o Espírito Santo e então, de forma breve, consideramos a doutrina concernente à plenitude do Espírito Santo, e traçamos uma distinção entre ambos.

Voltamos agora ao mesmo tema, a fim de tentar apresentar uma exposição mais completa. Deixem-me prefaciar minhas observações, reiterando que este ensino é muito difícil, e é devido às dificuldades inerentes a esta questão que surgiram diferentes pontos de vista e diferentes escolas de pensamento. Já vimos isso em relação a outras doutrinas, por isso não nos sentimos surpresos. Se essas coisas pudessem ser expressas simples e claramente, jamais teria havido dificuldades relativas a elas. Em muitos aspectos, suponho ser esta a mais difícil de todas as doutrinas, porquanto ela é particularmente passível de exageros, e certas pessoas tendem a sair pela tangente. Eis aí a razão por que me expressei inicialmente num breve apelo, para que tentemos esquecer os rótulos e olhar para as afirmações das Escrituras tão desapaixonadamente, e com mente aberta, quanto nos for possível.

Ao prosseguirmos, permitam-me reiterar esse apelo. Ele é essencial pela seguinte razão: esses rótulos e experiências que porventura tenhamos tido ou deparado no passado tendem a conduzir-nos a extremos. Somos todos criaturas dos extremos. É muito difícil evitar ir para um ou para outro extremo. A

experiência nos ensina que é sempre mais fácil estar num dos extremos, não é verdade? Parece algo claro e simples, diria alguém; vocês sabem onde se encontram: ou estão aqui ou estão lá! Mas isso nem sempre é correto, especialmente quando seu extremo ultrapassou a fronteira das Escrituras, ou quando vocês ultrapassaram um extremo em reação contra outro extremo.

Ora, com respeito a esta doutrina particular, todos sabemos que têm havido excessos. Tem havido pessoas que atribuem ao Espírito as experiências do batismo do Espírito, e temos conhecimento de que o que alegam ser o batismo às vezes não é outro coisa senão espíritos enganosos, e às vezes até mesmo espíritos malignos, porque, ao associarmos a famosa reivindicação, às vezes descobrimos uma vida muito abjeta, em franca contradição às Escrituras. Esta doutrina, visto que aponta para um tema que tange à experiência, é particularmente vulnerável a esse tipo de excesso ou violência, e tal coisa tem ocorrido constantemente na história da Igreja. Então, o perigo que imediatamente surge, naturalmente, em nosso desejo de evitar tais excessos e essas falsas reivindicações, é que corremos direto para o outro lado. Ultrapassamos a verdade, a qual se encontra em algum ponto aí no centro, e nos encontramos novamente em um dos extremos não-bíblicos. E o meu pesar é que tal coisa tem acontecido ao longo deste nosso século. Em seu medo dos excessos e do desenfreado emocionalismo que tão freqüentemente tem-se identificado equivocadamente como genuína obra do Espírito, muitos cristãos, ao meu ver, têm-se tornado culpados de extinguir o Espírito.

Existe uma forma clássica de colocar todo este ponto: tudo aconteceu no século dezessete, em conexão com o puritanismo. O puritanismo, que começou como uma escola de pensamento, dividiu-se em duas escolas. Por um lado, vocês encontrarão George Fox e os quacres; por outro, encontrarão alguns daqueles grandes mestres puritanos, tais como John Owen e Thomas Goodwin, em Londres. Ora, fazendo uma retrospectiva, e lendo a história à luz das Escrituras, não tenho dúvida de que ambos

os partidos foram culpados de avançar mais do que deviam na direção certa. Certamente que George Fox estava chamando a atenção para algo vital, mas foi longe demais. Ele quase chegou ao ponto de dizer que as Escrituras não importavam, e que o que importava mesmo era somente esta "luz interior" e o Espírito no íntimo; e o resultado disso foi que o moderno sistema dos quacres – a Sociedade dos Amigos – se tornou quase inteiramente não-bíblico; aliás, às vezes quase chega ao ponto de questionarmos se ele é de fato cristão. Ele se constituiu numa vaga benevolência geral e numa boa disposição.

Da mesma forma, porém, admitamos que a outra escola de pensamento, representada por aqueles grandes homens, foi nutrida pelo receio dos excessos dos quacres. Ela estava em constante perigo de tornar-se algo apenas intelectual e de desenvolver um tipo de novo escolasticismo protestante, o qual perdeu a vida e o Espírito.

Para aqueles que são interessados em biografias, a importante contribuição do poderoso Jonathan Edwards, na América, consistiu no fato de que ele combinou ambas as escolas. Ele persistiu e insistiu na ênfase doutrinária dos grandes líderes puritanos, mas também foi tão atento à obra do Espírito na experiência quanto o foram os quacres. Ele não foi inteiramente para um ou outro extremo, mas conservou ambos juntos, o que, ao meu ver, é o ensino da própria Bíblia.

Portanto, lembremo-nos de que não devemos pensar em termos de "slogans" ou de certas coisas que uma vez conhecemos ou de certos termos e epítetos. Sejamos criteriosos para não chegarmos a um excesso de desordem e de carnalidade em nome do Espírito, mas sejamos igualmente criteriosos para não extinguirmos o Espírito e privar-nos de algo que Deus em Cristo nos legou.

Tendo isso em mente, voltemos e tentemos formular certas definições. Antes de mais nada, devemos enfatizar que aquilo que consideramos na preleção anterior era *em adição a tudo o que aprendemos previamente acerca da obra do Espírito Santo* – a obra do Espírito Santo na regeneração. Esta experiência, permitam-me

reiterar, não é regeneração. Em Romanos 8:9, o apóstolo Paulo diz: "Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". Vocês não podem ser cristãos, em absoluto, sem ter o Espírito Santo. Portanto, não estava me referindo a isso; tratei disso numa preleção anterior. Como já vimos, o Espírito Santo convence; é Ele quem nos confere essa nova vida, produz em nós a regeneração e nos une a Cristo.

Tomem novamente o "homem espiritual" acerca de quem Paulo fala em 1 Coríntios, capítulo 2, onde ele o contrasta com o "homem natural". Tal homem, obviamente, recebeu o Espírito, do contrário ele não poderia entender essas "coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus" (v. 12); ele é cristão. E então enfatizei aquele versículo no qual Paulo diz que "em um só Espírito fomos todos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos" (1 Cor. 12:13). Há outro exemplo evidencial que é de tremenda importância, a qual é aquela afirmação no Evangelho de João. Nosso Senhor Se encontra com os discípulos no cenáculo, e lemos o seguinte: "Disse-lhes, então, Jesus outra vez: paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E havendo dito isto, assoprou sobre eles, e disse-lhes: recebei o Espírito Santo" (João 20:21,22).

Ora, lembrem-se, isso se deu no cenáculo. Avançando, porém, para Atos 1:4,5, lemos: "Estando com eles, ordenou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou em água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias". Ora, Ele lhes disse isso depois de haver soprado sobre eles e de lhes dizer: "Recebei o Espírito Santo". Portanto, não é do recebimento do Espírito Santo que estamos falando; não é da regeneração; não é do ato de *receber* o Espírito Santo. Aqui estavam homens que haviam sido regenerados e haviam recebido o Espírito Santo, quando Cristo soprou sobre eles e ainda lhes disse: "Mas vós sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias". E o que estamos salientando ocorreu dez dias depois.

Portanto, espero que todos nós tenhamos isso perfeitamente

claro em nossa mente. Não estou afirmando que sem essa experiência particular da qual estou tratando agora vocês não são cristãos. Vocês podem ser cristãos, sim; aqueles discípulos eram cristãos; e outros haviam sido cristãos; o caso não é esse. Permitam-me que deixe isto igualmente bem esclarecido: não estou afirmando que deve haver sempre, de qualquer modo, um intervalo entre tornar-se cristão e esta experiência; ambos podem ocorrer concomitantemente, e é o que tem ocorrido amiúde, mas às vezes não ocorre assim. Portanto, mantenhamo-los distinguidos.

A seguir, minha segunda afirmação é que também não estou tratando de santificação. Já tratamos da doutrina da santificação em quatro preleções, e é vitalmente importante que não confundamos os dois. Em meu entendimento da situação, nada tem feito maior dano durante os últimos setenta anos do que a constante confusão entre a santificação e essa experiência do batismo do Espírito Santo, com a qual estamos tratando. Tem sido causa de mal-entendido quando as pessoas falam, como já vimos, de receber sua santificação numa só experiência. Inicialmente, consideram a santificação como uma experiência, o que ao meu ver é totalmente errôneo, e isso tem sido sempre devido ao fato de que elas têm confundido santificação com este batismo. A santificação, como já vimos, é um processo que começa no momento em que somos regenerados; ela começa, aliás, no momento em que somos justificados. Vocês não podem ser justificados sem que o processo de santificação tenha já começado.

Vimos isso ainda mais claramente quando estivemos estudando a doutrina da união do crente com Cristo. Se vocês estão ligados a Cristo, se estão em Cristo, então todos os benefícios de Cristo são de vocês, e esse processo de santificação já começou. Reitero, a santificação *não* é uma experiência, ao passo que este batismo para o qual chamamos sua atenção é essencialmente uma experiência; por isso devemos fazer uma categórica diferenciação entre eles. As experiências corroboram a santificação, mas não fazem parte essencial dela. Entretanto,

não estou me referindo a algo chamado "segunda bênção", em termos de santificação ou algo afim. Só indiretamente tal coisa tem algo a ver com a santificação.

E, da mesma forma, devo realçar novamente que esta experiência não é idêntica e não deve ser identificada com o enchimento do Espírito, pois, segundo o ensino do apóstolo Paulo em Efésios 5:18, vocês se lembram, devemos estar sempre cheios do Espírito: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito" – o que significa: "que continueis sempre, sempre, enchendo-vos do Espírito". No entanto, o que estou tentando descrever não é uma condição perpétua; é algo muito mais especial do que isso, algo singular. Já vimos também que o enchimento do Espírito às vezes ocorre visando a um serviço especial, a alguma tarefa especial distribuída entre os filhos de Deus.

Portanto, havendo feito essas afirmações negativas a fim de esclarecer a posição, vocês poderiam perguntar-me: "Do que é que você está falando, então?" Minha resposta seria que é precisamente sobre o que nosso Senhor estava falando em João, capítulo 14, especialmente em João 14:21: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele". Esse, ao meu ver, é o versículo-chave. Refiro-me às manifestações espirituais do Senhor Jesus Cristo aos Seus. Ele não o faz ao mundo, senão somente aos Seus. É algo que vai além da certeza. Já tratamos da certeza; portanto não se trata dela. Estou pressupondo a certeza; estou sugerindo que é possível que os homens e as mulheres sejam crentes, regenerados, que tenham a certeza da salvação, e todavia que não tenham ainda a experiência desta manifestação espiritual de Cristo.

Ora, essa é, provavelmente, a maneira mais simples e mais clara em que posso expressá-lo. Mas poderá ser também de algum auxílio se lhes apresentar alguns dos grandes e clássicos exemplos dessa extraordinária experiência que o Senhor promete em João 14:21. Tomem, por exemplo, certo puritano chamado John Flavel. Ele não foi propriamente um dos assim chamados

"maiores" puritanos. Foi antes um homem pacato, um homem usado por Deus numa esfera restrita, de uma maneira muitíssimo notável. Mas o seguinte ocorreu a John Flavel: ele estava sozinho numa viagem; sua mente estava profundamente absorvida por auto-exame e oração; e assim se descreve o que lhe sobreveio:

> *"Em toda a trajetória daquele dia ele não encontrou ninguém, nem ultrapassou nem foi ultrapassado por ninguém. Enquanto prosseguia sua jornada, seus pensamentos começaram a se avolumarem e a se elevarem mais e mais como as águas da visão de Ezequiel, até que finalmente se transformaram num oceano intransponível. Tal era o arrebatamento de sua mente, tal a extasiante prelibação dos gozos celestiais e tal a plena certeza de seu interesse neles, que totalmente fugiu dele toda a visão e sentido deste mundo e de tudo quanto lhe concerne. E por algumas horas ele não mais sabia onde estava, como se estivesse profundamente adormecido em seu leito.*
>
> *Chegando a uma fonte profundamente exausto, ele sentou-se, lavou-se, ardentemente desejoso de que fosse a vontade de Deus ser esse o seu momento de partir deste mundo. A morte (naquele momento) tinha a mais amável expressão ao seu olhar que ele jamais notara – senão o rosto de Jesus Cristo – Aquele que a tornou assim. E ele não recorda, embora pensasse estar morrendo, que se lembrou de sua querida esposa ou dos seus filhos ou de algum negócio terreno.*
>
> *Ao chegar à sua hospedaria, a influência ainda persistia, banindo o sono; todavia a alegria do Senhor o inundava, e ele parecia ser habitante de outro mundo. Mas em poucas horas ele estava cônscio de que a maré se amainava, e, antes da noite, embora pairasse uma serenidade celestial e uma doce paz em seu espírito que continuava com ele, todavia os transportes de alegria haviam passado e a agudeza de seu deleite, embotada. Muitos anos depois, ele ainda chamava aquele dia, um dos dias celestiais, e confessava que havia*

entendido mais da vida celestial do que por todos os livros que ele lera e por todos os discursos que ele ouvira."

É isso aí.

Permitam-me, porém, apresentar-lhes outro exemplo. Passemos de John Flavel a Jonathan Edwards. Ora, Jonathan Edwards foi provavelmente uma das mentes mais privilegiadas – digo-o deliberadamente – que o mundo já conheceu. É com toda certeza o maior intelecto que a América já produziu, um filósofo brilhante e extraordinário, o último homem do mundo que se deixaria arrebatar pelo falso emocionalismo. Aliás, ele escreveu um grande tratado sobre o tema, intitulado: *The Religious Affections* (As Afeições Religiosas), visando instruir o povo como diferenciar entre a obra do Espírito e a carnalidade que amiúde simula a obra do Espírito. Por isso Jonathan Edwards seria o último homem que pudesse ser enganado neste ponto. Eis o que ele diz:

"Em 1737, eu saí cavalgando a passeio pelos bosques, por questão de saúde. Havendo apeado de meu cavalo, em um local isolado, seguindo meu costume usual de vagar em divina contemplação e oração, tive uma visão, que para mim era algo extraordinário, da glória do Filho de Deus como mediador entre Deus e o homem, em Sua maravilhosa, plena, pura e doce graça e amor, em Sua mansa e boníssima condescendência. Com a graça que surgiu tão calma e suave, surgiu também, imensurável acima dos céus, a Pessoa de Cristo, inefavelmente excelente, com uma excelência suficientemente grande para sorver todos os pensamentos e concepções, que continuou, tão perto quanto é possível calcular, por uma hora, que me manteve a maior parte do tempo num mar de lágrimas e chorando em voz alta. Sentia uma ardência na alma para ser – não sei como expressar – esvaziado e aniquilado, lançado ao pó, e enchido tão-somente de Cristo, para amá-lO com um amor santo e puro, para confiar nEle, para viver nEle, para servi-lO e ser perfeitamente santificado e purificado com uma pureza divina e celestial."

Esse é Jonathan Edwards.

E então, de Jonathan Edwards passamos para um homem muito diferente – D. L. Moody, que não foi um grande cérebro, não foi um grande filósofo, nem um gênio, em qualquer sentido do termo. Ele sempre se descreveu como um homem por demais comum, e ele estava certo. No entanto experimentou exatamente a mesma coisa. Disse ele:

> *Eu posso voltar quase doze anos e recordar de duas santas mulheres que costumavam vir às minhas reuniões. Era muito agradável vê-las ali, pois quando começava a pregar, podia dizer, pela expressão de seus rostos, que estavam orando por mim. Ao terminar o culto dominical, elas me disseram: "Estivemos orando por você". E eu disse: "Por que vocês não oram pelo povo?" Então responderam: "Você precisa de poder". " Eu preciso de poder?" Disse a mim mesmo: "Eu pensava que tinha poder".*
>
> *Eu tinha uma grande Escola Dominical e uma grande congregação em Chicago. Ocorriam algumas conversões naquele tempo e eu ficava, em certo sentido, satisfeito. Mas continuamente as duas piedosas mulheres insistiam em orar por mim, e sua insistência em falar sobre a unção para um serviço especial me deixava pensativo. Solicitei que viessem e falassem comigo, e nos prostramos de joelhos. Elas derramaram seus corações para que eu recebesse a unção do Espírito Santo, e ali veio à minha alma um grande desejo, e eu não sabia o que era aquilo. Comecei a clamar como nunca fizera antes, e o desejo aumentava. Realmente sentia que não queria viver mais se não pudesse ter este poder para o serviço. Continuei a clamar todo o tempo para que Deus me enchesse com o Seu Espírito. Então um dia, na cidade de Nova Iorque – oh, que dia! – não posso descrevê-lo; raramente falo dele. É uma experiência sagrada demais para se mencionar. Paulo teve uma experiência da qual nunca falou ao longo de quatorze anos. O que posso dizer é só isto: Deus Se revelou a mim e eu tive uma experiência tal de Seu amor que tive de rogar-Lhe*

que retirasse Sua mão. Saí pregando novamente; os sermões não eram diferentes e não apresentei nenhuma verdade nova; no entanto centenas foram convertidos. Jamais quereria voltar aonde estive antes daquela bendita experiência.

Algo semelhante ocorreu ao grande pregador batista, Christmas Evans; ocorreu a Wesley; ocorreu a Whitefield.

É possível que vocês digam: "Ah, sim, mas todos esses homens foram grandes pregadores, e evidentemente isso é algo para homens e mulheres que estão destinados a realizar um serviço extraordinário". Mas já lhes disse que no caso de John Flavel não foi assim, e há ainda outros – grande número de pessoas comuns – que podem testificar exatamente a mesma coisa.

Aliás, somos informados especificamente nas Escrituras – ou não somos? – que isso é algo que todos os cristãos deveriam experimentar. Vocês se lembram do que o apóstolo Pedro disse no dia de Pentecoste, em Jerusalém? Quando o povo clamou e perguntou: "Que faremos?", Pedro respondeu e disse: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos pertence a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a quantos o Senhor nosso Deus chamar" (Atos 2:38,39). Essa declaração significa que tal experiência é algo de caráter universal que se destina a todo o povo cristão.

Então o que ela é? Bem, permitam-me repetir, não posso identificar esta experiência com o enchimento do Espírito, visto que esses homens que se recordam daquela grande ocasião ficaram cheios do Espírito muitas vezes subseqüentemente. Descreveria (tal experiência) assim: é a experiência inicial do enchimento ou, talvez, é uma experiência excepcionalmente extraordinária dele. É algo que se descreve como sendo "derramado" – os próprios termos das Escrituras. Finney diz que, em seu caso, ondas e mais ondas vieram sobre ele – um transbordamento. É algo fora do comum, dizem todas essas

pessoas, quando a impressão que tinham é como se fossem arrebatadas aos céus. Sabiam o que significava ser cheios muitas vezes subseqüentemente, mas isso era algo único e especial. É uma ocasião em que a realidade das coisas divinas se tornam nítidas, de uma maneira como nunca antes, e em certo sentido nunca depois, de modo que podiam vê-la retrospectivamente; ela se distingue em toda a sua glória. E no entanto, eis aqui algo que devemos buscar. Tantos, porém, em decorrência de seu medo em cometer excessos, nunca o buscaram, e sentem que é errôneo e perigoso buscá-lo, e desse modo têm-se excluído da categoria que inclui esses grandes homens de Deus cujas experiências acabamos de considerar.

Além do mais, isso não é algo que (segundo a expressão corrente) você "crê que recebe pela fé". As pessoas dizem: "Você vai às Escrituras, você as lê, você crê nelas – sim! Muito bem, peça a Deus que lhe dê esse batismo, então aceite-o pela fé e creia que já o recebeu. Não se preocupe de forma alguma com seus sentimentos" – dizem. "Você o recebe pela fé e crê que já o obteve."

Ao meu ver, porém, isso é uma completa negação dessa doutrina. Quando esse batismo ocorre, vocês não terão que persuadir-se de que já o receberam: vocês *saberão* que já o receberam. Quando Deus derrama Seu amor em seus corações, pelo Espírito Santo, vocês não têm que dizer: "Sim, nós o recebemos pela fé". O amor é sempre amor, e quando vocês amam uma pessoa, não têm que persuadir-se de que amam: vocês sabem que amam, suas emoções estão envolvidas. E quando Deus derrama Seu amor em seus corações, vocês o sentem e o sabem, e, à semelhança daqueles homens, vocês dirão: "Deus o derramou em mim, e eu sei que ele estava ali e meu coração transbordava de amor por Ele".

Eis aqui algo que, com freqüência, está ausente da experiência espiritual. Mas se amam o Senhor seu Deus, vocês não poderão deixar de o saber. Vocês dirão que, embora não O tenham visto, todavia O amam. Como Pedro escreve: "a quem, sem o terdes visto, amais, no qual, sem agora o verdes, mas,

crendo, exultais com gozo inefável e cheio de glória" (1 Ped. 1:8). Os sentimentos estão envolvidos. No entanto, estamos tão temerosos em relação ao emocionalismo, que eliminamos a emoção. E assim as pessoas de hoje não parecem saber o que seja ter consciência de pecado e de sentir tristeza pelo pecado. Há pessoas hoje que são cristãs, mas que nunca choraram por causa de sua pecaminosidade. Dizem: "É claro, não creio em emocionalismo".

Mas tem de haver emoção! Se vocês já perceberam a pestilência de seu coração, e sabem o que o pecado representa, então o sentirão, o deplorarão e o chorarão como fez Jonathan Edwards, e como fizeram todos os santos. E seu amor por Cristo não será trivial e volúvel; ao contrário disso, seu coração se comoverá; seus sentimentos serão envolvidos; uma profunda emoção fluirá por todo o seu ser. Tal (emoção) se deu com o apóstolo Paulo; se deu com às pessoas do Novo Testamento; se deu com aqueles homens cujas experiências temos citado, e eles são apenas representantes de milhares de outras pessoas.

Acaso sabemos algo a esse respeito? Esta é uma preleção sobre doutrina bíblica, e algumas pessoas parecem crer que isso não passa de algo tão seco como o pó. Mas é pregação! Estou simplesmente perguntando se vocês sabem algo sobre a realidade de Cristo, e se têm sentido seu coração transbordar-se por Ele com um amor que não conseguem entender e que os tem surpreendido. Como cristãos, não temos o direito de restringir-nos a algo menos que isso. Se realmente O conhecêssemos, iríamos amá-lO dessa forma. Ele Se tem manifestado a vocês?

Cuidado, porém, com a falsificação. Cuidado para que satanás não penetre e, enquanto buscam essa experiência, tente passar-lhes algo que não condiz com a genuína experiência. Como vocês o reconheceriam? Eis aqui um teste final, sempre.

Não busquem uma experiência, e sim, busquem-nO; busquem conhecê-lO; busquem perceber Sua presença; busquem amá-lO. Busquem morrer para si mesmos e para tudo mais, para que possam viver inteiramente nEle e para Ele e entregar-se inteiramente a Ele. Se Ele estiver no centro, vocês estarão em

segurança. Mas se simplesmente buscarem uma experiência; se estiverem em busca de sensações e excitamento, então estarão abrindo a porta para a simulação – e provavelmente a receberão.

Permitam-me tentar ajudá-los neste ponto, citando algo mais. Aqui está um homem que da mesma forma teve essa mesma experiência. Escreve ele:

> *"Vocês, nutrindo uma certa concepção acerca do Espírito, solicitam o Espírito. E supõem que Suas influências corresponderão em tudo com a concepção que formaram. E vocês esperam, por exemplo, que Ele lhes seja um Espírito de consolação e que os cerque com os ares ambrosianos do paraíso. Vocês compreendem que Ele está para elevá-los a uma esfera etérea ultramundana onde visões poéticas das ilhas dos bem-aventurados virão cintilar sobre vocês, à direita e à esquerda. Mas o Espírito é a verdade, e Ele deve vir em Seu próprio caráter genuíno ou não virá de modo algum. Vocês têm solicitado suas ministrações, e elas não são negadas, mas quão surpresos ficam quando Ele os toma pela mão e os prepara para uma extasiante ascensão ao empírio, ao descobrir que os tomou pela mão com o propósito de conduzi-los para baixo, em alguma masmorra profunda como câmara de imagens mentais. Em vão vocês se estremecem e se retraem; vocês só descobrem, desse modo, que força férrea Ele tem. Ele os convida a considerar aquelas medonhas imagens e a observar como elas representam os grandes aspectos de sua vida passada.*
>
> *Uma das estátuas abomináveis é chamada egoísmo, e seu imponente pedestal é completamente entalhado com inscrições de datas. Vocês focalizam essas datas, seu guia os compelem e são intimidados a descobrir que o que consideravam como sendo as horas mais belas e consagradas de sua vida pregressa estão ali, bem ali.*
>
> *Há também uma imagem repulsiva chamada cobiça, e vocês dizem ousadamente: "Tenho certeza de que nenhuma data da minha vida está inscrita ali". Infelizmente, há muitas, e algumas que vocês imaginavam serem preciosas como o ouro,*

conectando-os com o céu. Ódio, vingança, malícia. Vejam como os odiosos monstros parecem piscar para vocês, lá de seus assentos, como se fossem companheiros bem conhecidos. Como o quadro de sua vida passada se faz repulsivo em seus pedestais!

Vocês encaram a incredulidade e, carrancudos, lhe dizem que não o conhecem. Sejam quais forem seus erros, vocês nunca foram incrédulos. O Espírito os constrangem a observar que a incredulidade reclama, e reclama com razão, toda a sua vida passada. Uma profunda humilhação e uma lancinante tristeza se apossam de seu coração.

Pelo menos, vocês dizem, frente à imagem da falsidade: "Não sou mentiroso. Odeio toda espécie de falsidade com ódio cabal". O Espírito de Deus lhes aponta a fatal evidência. Vocês examinam as datas e percebem que algumas delas indicam até mesmo seus momentos de oração. Por fim, literalmente humilhados, acabrunhados e com a consciência aterrada, vocês reconhecem que aqui nessas asfixiantes galerias subterrâneas, e por entre essas imagens abomináveis, é que existe o seu verdadeiro lar. Vocês se lembrarão, envergonhados, das idéias com que receberam o Espírito, e cairão aos Seus pés, confessando toda a sua loucura. Aí, nessa condição, Ele ergue vocês e os leva para o ar livre, sob a bendita abóbada celeste, e vocês encontram uma carruagem na qual poderão, livremente, tomar lugar junto ao Espírito e visitar as regiões de deleite que se encontram acima da terra.

É isso aí. A obra do Espírito é sempre constrangedora e humilhante. Ela nos conduz ao seu próprio propósito; ela nos revela o pecado. Queremos possuir o poder do Espírito e desfrutar das grandes experiências, como somos, mas não os teremos dessa maneira. Temos de submeter-nos inteiramente a Ele, e então Ele nos levará primeiramente através dessas galerias; e quando nos sentirmos totalmente sem esperança, então, como nos é dito, Ele provê para nós esta maravilhosa carruagem, a qual nos conduz aos próprios céus e nos comunica esta maravilhosa experiência

da realidade do Filho de Deus, a manifestação de Cristo em consonância com Sua promessa, a qual nos move e nos prende nas profundezas de nosso ser, e ficamos absortos numa sensação de maravilha, amor e louvor.

24

A SELAGEM E O PENHOR

Chegamos agora a algo que se deduz muito natural e logicamente, e deveras muito inevitavelmente, de tudo o que vimos afirmando. Chegamos ao próximo termo, que é o termo concernente à *selagem* do Espírito. Esse termo é usado três vezes nas Escrituras. A primeira de todas está em 2 Coríntios 1:21,22: "Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, o qual também nos selou e nos deu como penhor o Espírito em nossos corações".

Então vocês o encontram novamente em Efésios 1:13: "No qual" – isto é, no Senhor Jesus Cristo – "também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". Aliás, é preciso que continuemos com o versículo 14: "O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória".

E a seguir, a terceira referência é Efésios 4:30, que fala do entristecimento do Espírito: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção". Eis aí, com muita clareza, uma porção de ensino muito importante.

A cada instante, o contexto nos revela a extrema importância prática de se entender exatamente o que está implícito na selagem. A melhor abordagem, e a forma que tem sido adotada pela maioria dos professores na análise desta doutrina, é formulando as seguintes perguntas: quais são as funções e propósito normais de um selo? O que ele significa? Por que é usado? E a resposta é que um selo tem três funções principais. A primeira é para autenticar ou certificar algo. No passado era muito freqüente um homem apor seu próprio selo pessoal sobre um documento, e esse ato certificava que tal documento era realmente seu documento e dizia o que se propunha dizer.

É assim que a palavra é usada nas Escrituras. Somos informados que a pessoa que crê no evangelho "apõe seu selo de que Deus é verdadeiro" (João 3:33). Esse tal não nega o evangelho, não declara que Deus é mentiroso, argumenta o apóstolo João. Ao contrário, ele lhe apõe o seu selo. Essa é sua maneira de autenticá-lo.

Mas, naturalmente que um selo era também usado, e ainda é usado, para indicar posse. Vocês apõem seu selo num pacote, e desse modo se sabe que ele é seu pacote. Se vocês depositam algo num banco ou numa caixa-forte, geralmente vocês têm que carimbar o lacre de cera que está nele, e então vocês lhe apõem também sua assinatura. Tal selo certifica que esse depósito é de sua propriedade, e que ninguém poderá violá-lo, senão unicamente vocês.

E em terceiro lugar, como em parte já sugeri, um selo faz com que tudo o que está selado fique em segurança. É uma forma de proteger. O selo assegura que ninguém poderá interferir no conteúdo. O selo não pode ser quebrado, e quando vamos assumir nossa propriedade, a prova de que ela não foi violada está no fato de que o selo ainda está intacto.

Ora, não pode haver dúvida alguma de que o ensino específico dessas três porções das Escrituras que agora estamos considerando é com respeito ao Espírito Santo no crente. Primeiramente e acima de tudo, pois, o próprio Espírito Santo é a autenticação ou a certificação do fato de que somos indubitavelmente o povo de Deus. As Escrituras falam sobre o fato de sermos possessão peculiar de Deus, traduzido na *Authorised Version* (King James) como "um povo peculiar" (1 Ped. 2:9; Tit. 2:14).

Os cristãos, noutras palavras, são pessoas que foram escolhidas por Deus; a reivindicação feita por eles é que Deus os separou e lhes conferiu todas essas bênçãos, a fim de que Lhe sejam um povo único. A autenticação para isso é o dom do Espírito Santo. Ora, é importantíssimo que desenvolvamos bem esse ponto. Nossa única posição é seguramente algo que deve estar em evidência não só em relação a nós, mas também em

relação a outras pessoas. O selo do Espírito Santo é a forma de autenticar em relação às outras pessoas o fato de que somos cristãos. Com efeito, isso se torna obviamente importante de um ponto de vista prático. Reitero que ele é a presença do Espírito Santo em nós, a produzir o fruto do Espírito, que certifica a outras pessoas que somos realmente cristãos.

É possível alguém professar o cristianismo, é possível dar assentimento mental ou intelectual à verdade e a certas proposições e doutrinas das Escrituras, mas meramente fazer isso não prova que alguém seja necessariamente cristão. No entanto a presença do Espírito Santo em nós é uma prova certa, porque, quando Ele está presente, significa que Deus, através de Cristo, no-lO deu. Ele nos foi conferido; Ele reside em nós e está operando em nós, porquanto somos o povo de Deus. Ele não é dado a ninguém mais; Ele não é dado ao mundo. Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou isso aos Seus discípulos antes de Sua morte. Ele é conferido unicamente àqueles que pertencem a Deus. E assim o Espírito Santo, como um selo, manifesta o fato a outros, assim como o faz a nós, de que somos cristãos.

Portanto, avançando para o segundo significado desse termo, é verdade que a idéia de propriedade nos fala muito particularmente como cristãos, mas ela também faz uma proclamação a todo o mundo. Nesta conexão, é interessante lermos Apocalipse 3:12 – a mensagem à igreja em Filadélfia: "Escreverei sobre ele... o meu novo nome". É indubitavelmente a mesma coisa, expressa de uma forma levemente diferente.

Mas aqui, como eu disse, a mensagem vem especialmente a nós. O Espírito Santo nos é a garantia de que realmente somos o povo de Deus e a propriedade de Deus. Essa é outra maneira de expressar a certeza da salvação, e vocês se lembram de que no capítulo 5, onde tratamos deste aspecto da verdade, nos esforçamos muito para realçar o fato de que uma parte de nossa certeza, e em minha opinião a parte mais importante, é o testemunho do Espírito com o nosso espírito de que somos filhos de Deus (Rom. 8:16).

Como Ele o faz? Bem, uma das formas tem a ver com o que

estivemos falando na preleção anterior. Vocês se lembram como o puritano John Flavel o expressou? Ele disse que aprendeu mais acerca dessa preciosa verdade naquelas horas em que estava ali, não discernindo se estava no corpo ou fora dele, do que aprendera em todos os seus anos de leitura e de estudo. Quando o Senhor Jesus Cristo Se lhe fez real da maneira espantosa como ele mesmo descreveu, essa foi a autenticação máxima. Era o Espírito dando testemunho com o seu espírito. A experiência não precisa ser tão dramática como no caso dele. É algo que, em certo sentido, não pode ser expresso por meio de palavras, senão que nos tornamos cônscios que o Espírito Santo pessoalmente está testificando aos nossos espíritos e com os nossos espíritos que somos filhos de Deus.

Essa, pois, é a forma de sabermos que somos propriedade de Deus. E a seguir, a terceira coisa é que a selagem do Espírito faz com que nossa salvação nos seja segura. Eis aqui um pensamento demasiadamente maravilhoso – o fato de sabermos que o Espírito Santo está em nós se constitui numa perfeita garantia de nossa salvação ou – usando outro termo bíblico – de nossa redenção final: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (I Cor. 1:30). Redenção significa a consumação final, inclusive a própria glorificação. "Nós", diz o apóstolo Paulo novamente, em Romanos 8:23, estamos "aguardando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo." Isso é algo ainda por vir; a redenção é a salvação completa e final, quando estivermos perfeitos tanto no corpo quanto na alma, a pessoa em toda a sua plenitude. Ora, pois, o fato de que somos selados pelo Espírito Santo é uma garantia de que tal coisa irá nos acontecer. Deus nos deu essa garantia. Ele apôs o selo do Espírito – o Espírito como o selo – sobre nós e em nós, a fim de que pudéssemos ter a bem-aventurada certeza de que "nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem potestades, nem coisas do presente, nem coisas do por vir, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rom. 8:38,39). Não existe tal coisa como

cair da graça nesse sentido definitivo. Se temos o Espírito Santo, se temos recebido o Espírito, Ele é uma garantia absoluta de nossa perseverança final, de nossa segurança final, e nada e ninguém poderá arrancar-nos das mãos de Deus. A presença do Espírito Santo em nosso íntimo como um selo nos é essa garantia.

Portanto, à luz de tudo isso, como é possível o Espírito Santo ser um selo se não temos consciência disso experimentalmente? Como é possível este selo ser-nos de algum valor se ele não passa de algo que temos de receber e crer pela fé, com o aspecto experimental inteiramente ausente? Toda a questão do selo, segundo o ensino das Escrituras, é que eu posso *ter consciência* de sua existência, que posso desfrutá-lo, que posso ter a certeza e essa bendita garantia de minha completa e final redenção e perfeição.

Aí está, pois, algo desse ensino concernente à selagem do Espírito, porém que com este se acha acoplado outro termo, que é o *penhor* do Espírito. Há na Bíblia três referências a esse penhor. A primeira está em 2 Coríntios 1:22: "O qual também nos selou e nos deu como penhor o Espírito em nossos corações". A segunda está em Efésios 1:13,14 – a mais importante das afirmações: "No qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória".

A terceira referência está em 2 Coríntios 5:5, onde lemos: "Ora, quem para isso mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu como penhor o Espírito". O contexto desse versículo é o seguinte: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (v. 1). É novamente essa bendita certeza de que, se toda a criação e os nossos corpos se dissolvessem e entrassem em colapso, ainda assim estaria tudo bem para nós. E como é possível sabermos isso? "Ora, quem para isso mesmo nos preparou foi Deus" (v. 5). Bem, isso é muito bom, mas ainda há algo mais: "...o qual nos deu o Espírito como

penhor".

Ora, o que as Escrituras querem dizer quando falam sobre o *penhor* do Espírito? Bem, um penhor é uma parte do preço que vocês pagam por alguma coisa. Quando fazem uma aquisição, vocês fazem um depósito por conta – eis o penhor. Significa que vocês estão se comprometendo a pagar o restante; estão depositando-o por conta; é a primeira prestação paga como uma espécie de garantia. Portanto, um penhor não é apenas a primeira prestação, ele é também uma fiança. É uma garantia de que vocês continuarão a pagar o que ainda resta da dívida.

Essa é seguramente uma das coisas mais gloriosas em todas as Escrituras, e a lição é que Deus uma vez mais nos deu o Espírito Santo como penhor; se o preferirem, como a primeira prestação. Sim, usemos novamente a linguagem que o apóstolo Paulo usa em Romanos 8:23. Diz ele: "Mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nosso adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". É a mesma idéia. O Espírito Santo, pois, nos foi outorgado a fim de que pudéssemos nutrir algum tipo de idéia quanto ao que nos aguarda quando chegarmos na glória. Deus nos deu as primícias. O povo antigo costumava celebrar uma festa em conexão com as primícias. Era o princípio da colheita, justamente algo para provar, algo para lhes assegurar o que estava por vir, uma prelibação. Há algo maravilhoso acerca de tudo isso, e essa é a função do Espírito Santo.

E assim vocês podem ver a importância desse termo adicional. O termo *penhor*, na primeira das duas citações das Escrituras que fizemos, está combinado com a palavra *fiança*. Uma fiança ou selo não é literalmente usado em 2 Coríntios 5:5, mas, como já lhes demonstrei, o contexto como um todo a comunica. É interessante que essas duas idéias seguem juntas, e vocês podem ver quão importante era que déssemos ênfase ao ensino sobre o selo do Espírito. Vocês notarão como Paulo o expressa em Efésios, capítulo 1. Somos informados: "no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o

Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus" (Ef. 1:13,14). Por conseguinte, em certo sentido nossa salvação não é completada, mas será completada, e o Espírito nos é conferido a fim de que possamos, não só saber isso com toda a certeza, mas também para podermos até começar a experimentá-lo. E tudo o que experimentamos nesta vida, num sentido espiritual, é simplesmente primícias, ou uma prelibação, algo posto por conta, uma espécie de prestação de Deus, a fim de que pudéssemos saber o que nos está por vir.

Ora, é óbvio que, se isso não é experimental, qual seria realmente o seu valor? Qual é o alvo do ensino do apóstolo? Seguramente que todo o seu propósito era encorajar-nos e confortar-nos. Com efeito, ele diz: "Olhem aqui, vocês podem achar a vida muito dura, difícil e cansativa, e talvez digam o mesmo que os cristãos hebreus eram obviamente tentados a dizer: "Bem, o que há nela afinal?" E a resposta é: o que vocês estão experimentando como resultado do Espírito não passa de uma prelibação, é apenas um antegozo, uma espécie de primícias daquela tremenda herança que Deus lhes está preparando". Paulo diz alhures: "As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmo as profundezas de Deus" (1 Cor. 2:9,10). Diz ainda o apóstolo: "Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas, sim, o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus" (1 Cor. 2:12). Esse é o selo, diz Paulo, o qual é, incidentalmente, também o penhor; ambas as coisas vão juntas.

Portanto, se tenho que aceitar o selo pela fé sem qualquer experiência, e, presumo, o mesmo se dá em relação ao penhor, então não recebo conforto algum. Quão trágico é que em nosso receio das extravagâncias e excessos, iríamos tão longe até estarmos negando o claro ensino das Escrituras. Por isso, uma vez mais não hesito em formular esta pergunta: vocês têm

consciência de que já receberam o Espírito? Não lhes estou perguntando se crêem pela fé que o Espírito reside em vocês. Estou argumentando outra vez, com base nas Escrituras, que quando o Espírito Santo reside em nós, não podemos deixar de o saber. A presença dEle será sentida; a presença dEle *é* sentida. E à medida que Ele opera em nosso íntimo, nos exortando, insistindo conosco, nos iluminando, somos cônscios dessas coisas. E à medida que Ele nos concede esses períodos de bênçãos especiais, quando Ele comove nosso coração e concede os vislumbres de nosso Senhor, temos consciência desses fatos e nos regozijamos neles. Nossos corações se comovem. É algo experimental e as emoções precisam estar envolvidas, toda a pessoa está envolvida: a mente, o coração e a vontade. Não é algum êxtase extravagante. Ao contrário, uma genuína experiência do Espírito Santo afeta a conduta, o procedimento e os atos – a vontade, o intelecto e o coração – e não deixemos de fora nenhum deles. E jamais imaginemos que não estamos sendo inusitadamente espirituais só porque podemos dizer: "Não senti nada, mas prossegui pela fé". Meus amigos, vocês *devem* sentir.

Eu quero enfatizar ainda que, a menos que o Espírito Santo os comova, e a menos que vocês saibam o que é querer cantar e louvar a Deus e prorromper-se nesses hinos com o apóstolo, então vocês deverão ter vergonha de si mesmos na qualidade de cristãos. E devem buscar aquele conhecimento que os levará a cantar e a louvar, e com outros cristãos a compor melodias em seus corações e oferecê-las a Deus por Sua grandiosa salvação. Vocês têm provado dos dons celestiais? Têm conhecido algo da prelibação das primícias? Acaso já conhecem algo da alegria que será sua, sem mistura e sem limite, quando se encontrarem na glória? Essas, ao meu ver, são as lições inevitáveis a partir de uma consideração do ensino bíblico com respeito ao Espírito Santo como selo e como penhor.

Deixem-me ser ainda mais prático. Como desfrutaremos dessas coisas? E se houver alguém que diga: "Não entendo muito do que você está falando, mas gostaria de entender", então a

instrução é perfeitamente clara. Aqui estão os termos adicionais: existem certas coisas que deveríamos evitar fazer. A primeira é que devemos evitar *extinguir* o Espírito. Vocês poderão ler as seguintes palavras em 1 Tessalonicenses 5:19: "Não extingais o Espírito". Eis aí algo que deve ser interpretado muito prudentemente e tomado em seu contexto, que é o seguinte: "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo daí graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco". E então: "Não extingais o Espírito; não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem" (1 Tess. 5:16-21). Ora, nós sabemos o que "extinguir" significa. É colocar um abafador; é lutar contra; é desencorajar. Portanto, extinguir o Espírito é algo, infelizmente, sobre o qual todos nós devemos saber um pouco por experiência própria. Significa argumentar em vez de responder; significa formular perguntas e questionamentos. Extinguir o Espírito pode não só ser feito em surdina, mas numa reunião, no culto da igreja, em qualquer associação do povo cristão.

Também, esse terrível medo surge daquilo que é errôneo, e há sobejas razões para se temer a esse respeito, porque aqui, no próprio contexto, é-nos dito a um e ao mesmo tempo não só que não devemos extinguir o Espírito, mas também a "provar todas as coisas", e só "reter o que é bom". Existem pessoas que pensam que evitar "extinguir" o Espírito significa que vocês devem deixar seu intelecto sem ação, que devem parar de pensar, parar de examinar, que devem deixar-se ir e ser levado. Pensam que quanto mais são levados, tanto mais certos podem estar que não estão extinguindo o Espírito. Contudo isso é antibíblico. Enquanto não devem extinguir o Espírito, devem provar todas as coisas, e há certas coisas que os espíritos malignos podem sugerir como sendo atos do Espírito Santo, atos esses condenados nas Escrituras. Portanto, se vocês experimentarem um certo impulso ou se sentirem movidos a fazer algo que é proibido na Bíblia, podem estar certos de que tal não é a orientação do Espírito Santo. Vocês têm que tomar a Palavra e o Espírito simultaneamente.

Portanto, é preciso tomar cuidado para não extinguir o Espírito; não devem ultrapassar o ensino das Escrituras em nenhum aspecto; mas enquanto persistem no espírito bíblico, devem manter-se sempre abertos e sensíveis. Devem compreender que existem espíritos maus; e visto que nem todos os espíritos provêm de Deus, é preciso que ponham os espíritos à prova. Há um espírito que é do anticristo; há um espírito maligno que vaga pelo mundo afora, e devemos ser cautelosos. Ele é capaz de transformar-se num anjo de luz. Ele pode ser tão maravilhoso que *quase* pode enganar os próprios eleitos, diz o próprio Filho de Deus (Mat. 24:24).

Aí está nossa posição como cristãos; não devemos extinguir, mas, ao mesmo tempo, não devemos entregar-nos sem ponderação, sem discriminação e sem exame minucioso a essas outras potestades que podem estar procurando controlar-nos. Com a palavra e o Espírito, porém, isso é gloriosamente possível e, de fato, não é nem difícil.

Essa, pois, é uma coisa que devemos evitar – extinguir o Espírito. A outra coisa que devemos evitar é aquilo que se chama *entristecer o Espírito*. "Não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef. 4:30). Há muitas formas pelas quais podemos entristecer o Espírito: esquecê-lO e ignorá-lO; negligenciar, particularmente, Sua Palavra; a dúvida e a incredulidade concernente a Ele e a Seus propósitos e intentos em relação a nós; a manifestação do ego em todas as formas. Ele quer controlar-nos; e se queremos controlar-nos a nós mesmos, O entristecemos. O pecado, naturalmente, de todo gênero, qualquer pecado O entristece. Ele é santo; Ele é comparado a uma pomba; Ele é sensível, como o próprio termo "entristecer" pressupõe. Deixar de fazer Sua vontade, depois dEle tê-la deixado bem clara, portanto O entristece. Revelar mais interesse nas experiências e no poder do que nEle próprio, obviamente O entristece. Nada é mais insultuoso a uma pessoa do que dar a impressão de que não estamos de fato interessados nela, mas simplesmente no que vocês podem obter dela. É algo muito triste, e a nossa tendência é proceder assim. Queremos uma

experiência; queremos poder; e damos a impressão de que não O queremos, e isso é entristecedor. Aliás, posso sumariá-lo dizendo que em qualquer aspecto em que o Senhor Jesus Cristo não está no centro, e não é tudo para nós, causa tristeza ao Espírito. Ele veio para glorificá-lO, e qualquer falha de nossa parte em proceder assim causa tristeza ao Espírito.

Portanto, não devemos extinguir o Espírito, nem devemos entristecê-lO; sejamos bem esclarecidos a esse respeito. Não nos é dito que Ele nos deixará caso o entristeçamos – graças a Deus que não recebemos tal informação. A criancinha que entristece sua mãe ou seu pai percebe que o pai ou a mãe não a abandona, nem deixa de ter interesse ou preocupação por ela. Não, o pai ou a mãe se entristece pela ação da criança, mas a relação não é interrompida, e os pais não vão embora nem deixam a criança travando a sua própria luta para fazer o melhor que ela possa. Graças a Deus que, embora entristecido, o Espírito Santo permanece. Então, se vocês avançam para o quinto capítulo de Efésios, onde, se se lembram, vimos que Paulo nos ensina a que sejamos cheios do Espírito, descobrirão que esse ensino está no contexto de exortações muitíssimo práticas. Paulo nos diz para não roubarmos e não sermos culpados de conversação insensata e saturada de gracejos. Ele diz que nenhuma má comunicação deve sair de nossas bocas, e que devemos ser bondosos, compassivos e ternos, e assim por diante – ao deixarmos de cultivar todas essas qualidades, estamos entristecendo o Espírito. Leiam Efésios, capítulos 4 e 5, e ali descobrirão, com muita clareza, o que devem evitar para não extinguir o Espírito.

Para pormos esse ensino em termos positivos, temos de ser *guiados pelo Espírito*. Temos de *andar* no Espírito. E isso significa que somos conscientes da relação existente entre nós e devemos viver nossas vidas e andarmos neste mundo compreendendo que estamos na presença do Espírito. Cada um deve compreender que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo (1 Cor. 6:19), que, de fato, Ele está sempre em nosso íntimo, e que devemos estar dispostos a seguir Suas exigências. Devemos estar dispostos a ouvi-lO. Devemos estar prontos a fazer aquilo para o qual Ele

nos impele e nos leva a fazer. Ele quer que leiamos sempre a Bíblia – ela é Sua palavra e é o meio que Ele usa para edificar-nos a fim de podermos crescer na graça e no conhecimento do Senhor. E se nos recusamos a obedecer, então uma vez mais não estamos sendo guiados por Ele e O estamos entristecendo. Mas se inclinarmos nossos ouvidos para Ele, recorreremos à Sua Palavra e a estudaremos, meditaremos nela e oraremos a seu respeito – e Ele nos guiará à oração. Ele está ali incentivando-nos; Ele está operando em nós "tanto o querer como o realizar" (Fil. 2:13). E quando compreendermos isso e lhe dermos nossa resposta, descobriremos mais e mais que temos consciência de que fomos selados pelo Espírito, e que o Espírito realmente é o penhor de nossa herança.

Que coisa espantosa é que Deus, tendo-nos adquirido pelo precioso sangue de Cristo, nos conferiu, por assim dizer, essa escritura de propriedade, esse penhor. Aqui está, essa é uma prova dele. Vocês experimentarão isso agora, mas em nada se compara com o que vocês irão experimentar quando essa possessão adquirida for final e plenamente redimida.

Se apenas focalizássemos essas coisas por esse prisma, prosseguiríamos nossa jornada cheios de regozijo. E não só não extinguiremos ou entristeceremos o Espírito, mas desfrutaremos da Sua presença, e acima de tudo conheceremos o Senhor mais e mais, sempre melhor, e o nosso amor por Ele se tornará cada vez maior. Esse é sempre o maior teste da realidade da obra do Espírito e de nossa possessão do Espírito. O teste final, sempre, não é o que eu sinto, nem algumas emoções que eu tenha experimentado, e sim, meu relacionamento com o Senhor Jesus Cristo, meu amor por Ele, especialmente meu conhecimento dEle e a realidade de meu relacionamento com Ele.

25

OS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Em nossa abordagem da doutrina do Espírito Santo, chegamos agora ao tema dos dons espirituais. Uma vez mais, como sucede com muitos dos aspectos desta doutrina, este é um tema difícil, o qual tem suscitado muitas controvérsias. Muitos preferem ignorá-lo completamente, ainda que seja ele uma parte decisiva da doutrina bíblica. A passagem clássica sobre o tema é 1Coríntios, capítulo 12 – e há certos dons que são característicos da recepção do Espírito.

Ora, existem certos princípios que se salientam claramente no ensino bíblico. O primeiro deles é que os dons espirituais têm de ser diferenciados dos dons naturais. Todos nós temos dons naturais, mas o dom espiritual, que qualquer um de nós pode possuir, é algo à parte desses e inteiramente diferente desses. É uma dádiva que nos é concedida diretamente pelo Espírito Santo. Avancemos ainda mais e digamos que tal dádiva nem mesmo significa a intensificação de um dom natural. Alguns têm caído nesse erro. Têm chegado à conclusão de que o que um dom espiritual realmente significa é que o dom natural de uma pessoa é tomado pelo Espírito e intensificado ou feito mais dinâmico, a fim de que, portanto, se transforme num dom espiritual. Mas isso não é o que as Escrituras exigem que creiamos. Um dom espiritual é algo novo, algo diferente.

Eis uma definição apresentada num bem conhecido léxico grego, e até certo ponto tal definição é útil. Os dons espirituais são descritos como "Poderes extraordinários, distinguindo certos cristãos e capacitando-os para servir à Igreja de Cristo; a recepção dos mesmos se deve ao poder da graça divina operando em suas almas pelo Espírito Santo". Essa definição realça o fato de que estes dons são novos e especiais, e nos são conferidos diretamente pelo Espírito Santo. Eles são denominados o *charismata*, e as

pessoas se referem a eles como "dons carismáticos".

A seguir, o segundo princípio, e por sinal muito importante, é que esses dons nos são conferidos pelo Espírito Santo de uma maneira soberana. Esse fato é enfatizado clarissimamente em 1 Coríntios, capítulo 12; por exemplo, notem bem o versículo 11: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo particularmente a cada um como quer". Como *Ele* quer. É Ele quem decide, e não nós. Ele decide qual dom particular conferirá a certa pessoa em particular. E me pergunto se estamos indo longe demais quando dizemos que a idéia da soberania do Espírito Santo ao dispensar estes dons leva implicitamente não só a *o quê* e *a quem*, mas também *quando*; é a prerrogativa do Espírito Santo, em Seu poder soberano como uma das três pessoas da bendita Santíssima Trindade, não só decidir a qual pessoa abençoará e qual o dom que Ele lhe dará, mas também *quando* irá conferir dons particulares, *quando* deixará de dá-los a quem quer e *quando* os conferirá a quem quer. Ele é o Senhor. É importantíssimo ter esse fato em mente. Como já vimos, Sua soberania é realçada neste versículo 11, mas o versículo 7 reforça a mesma verdade: "A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum." É uma dádiva; é dada; é algo que provém inteiramente do Espírito Santo.

A seguir, avançamos para o terceiro princípio, claramente ensinado neste capítulo, isto é, que cada cristão recebe, cada um possui, portanto, algum dom: "*A cada um*, porém, é dada a manifestação do Espírito para o proveito comum" (v. 7). O versículo 11, reitero, diz a mesma coisa: "Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, distribuindo *particularmente a cada um* como quer". A clara implicação aí é que a cada cristão individualmente é conferido algum dom particular. Aliás, a mim parece-me que a analogia que o apóstolo usa neste capítulo concernente à natureza da Igreja é uma perfeita analogia da estrutura humana – o corpo, necessariamente, contém esta idéia de que há uma função especial para cada membro da Igreja Cristã. Notem bem que Paulo diz mais adiante que alguns são mais

importantes, e que alguns são menos importantes; alguns são mais adequados, outros são menos adequados, e assim por diante. Mas, diz ele, todos esses (dons) são indispensáveis ao corpo. Alguns aparentam menos eficácia, mas são essenciais, e cada parte, conquanto aparentemente pequena e insignificante, tem o seu lugar e posição no corpo, e é capacitada pelo Espírito Santo para alguma função. E assim, disso deduzimos que cada genuíno membro do corpo de Cristo, cada genuíno cristão que foi batizado no corpo de Cristo por este único Espírito, possui algum dom espiritual particular.

A seguir, o quarto princípio ensinado em 1 Coríntios, capítulo 12, obviamente, é que os dons diferem em valor. Paulo afirma: "Porque também o corpo não é só um membro, mas muitos" (v. 14). E ainda mais explicitamente no versículo 28: "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas". E, como acabamos de ver, Paulo compara as diversas partes nestas palavras: "Antes, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; e os membros do corpo que reputamos serem menos honrosos, a esses revestimos com muito mais honra; e os que em nós não são decorosos têm muito mais decoro" (vv. 22,23). E Paulo prossegue dizendo que "Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela" (v. 24).

Portanto, uma vez mais temos aí um ensino definido, ou seja, que os dons diferem em valor. Se vocês, porém, avançarem para o capítulo 14, descobrirão que Paulo diz a mesma coisa ainda mais explicitamente no versículo 5: "Ora, quero", diz ele, "que todos vós faleis em línguas, mas muito mais que profetizeis, pois quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação". E, novamente, na famosa afirmação contida nos versículos 18 e 19, ele diz: "Dou graças a Deus, que falo em línguas mais do que vós todos. Todavia na igreja eu antes quero falar cinco palavras com o meu entendimento, para que possa também instruir os

outros, do que dez mil palavras em língua". E notem bem, como enfatizarei mais adiante, a posição que ele sempre atribui ao dom de línguas em suas várias listas. Obviamente, isso é feito de forma totalmente intencional.

O quinto princípio é que todos ou quaisquer dons devem sempre ser usados em amor. Essa é a grande mensagem do capítulo 13: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine" (1 Cor. 13:1). O maior interesse de Paulo é enfatizar que, seja qual for o dom, ele deve ser usado em amor, o qual, aliás, nos qualifica a dizer que vocês jamais devem avaliar ou julgar a espiritualidade de uma pessoa unicamente em termos dos dons que ela porventura possua. Essas duas coisas nem sempre vão juntas. É possível que um homem ou uma mulher tenha um dom notável e todavia seja falho em certos aspectos; por isso vocês nem sempre podem igualar estas coisas.

Ora, há ensino nas Escrituras que afirma que tais pessoas eventualmente serão privadas de seu dom, mas é igualmente claro que por algum tempo seu dom pode ser muito maior do que sua condição espiritual. Outro modo de expressar esta verdade é dizer que vocês encontrarão amiúde na história da Igreja, e especialmente, talvez, na história dos avivamentos, que Deus escolheu homens e mulheres com poucos dons naturais e lhes conferiu alguns dons espirituais extraordinários. Reitero que, em ambos os relatos, nunca devemos ser precipitados em tirar deduções em relação às pessoas unicamente com base nos dons que elas porventura possuam. Existem estes outros fatores que têm de ser levados em conta. Portanto, todos os dons têm de ser usados em amor. Finalmente, eles não nos serão de qualquer valor, e não extrairemos deles qualquer proveito, a menos que os usemos em amor. O dom pode ser usado da mesma forma como Deus usou pessoas como Ciro e outros no Velho Testamento, mas que, necessariamente, não nos diz nada acerca do estado de sua alma.

O último princípio geral é que certas pessoas afirmam que, a não ser que possuamos ou que manifestemos um dom particular,

nunca fomos batizados pelo Espírito ou que nunca conhecemos plenitude alguma do Espírito. Ora, sugiro-lhes que qualquer leitura destes três capítulos (1 Cor. 12–14) diretamente condena como mentira qualquer ensino desse tipo. Não há um único dom mencionado aqui do qual nos seja dito que tem de estar presente; ao contrário, toda a pressuposição é que uma pessoa tem um dom, e outra um dom diferente; e vocês nunca sabem que dom uma pessoa terá. Não existe, porém, dom universal que seja um *sine qua non*. Ensinar tal coisa é ser totalmente antibíblico; aliás, é uma negação da própria verdade que o apóstolo se preocupava em afirmar no capítulo 12, especialmente em vista da elaboração de sua doutrina com base na analogia do corpo humano.

Esses, então, são os princípios gerais sobre os quais muitos concordam; mas agora surge outro problema, o qual é com certeza ainda mais controvertido, especialmente, talvez, na presente época. Porventura esses dons, todos eles, se destinam à Igreja Cristã em todos os tempos? O que temos neste capítulo? Temos aqui uma descrição do que era real somente na Igreja Primitiva ou deve ser igualmente real para a Igreja de hoje? Esses dons eram temporários, ou são eles de caráter permanente? Podemos aplicar qualquer um desses princípios a todos os dons, ou temos que subdividi-los? Ora, essas são questões muito debatíveis, e vocês sabem que há autoridades de ambos os lados, como invariavelmente é o caso nestas questões difíceis; mas sugiro-lhes humildemente que neste mundo não podemos chegar a finalidade alguma com respeito a essas questões.

Portanto aqui, como sempre, o dogmatismo deve ser evitado, e é preciso que nos aproximemos das Escrituras com o mínimo possível de preconceito enquanto tentamos analisar o que elas ensinam. Igualmente, há certas afirmações que gostaria de apresentar-lhes para sua consideração.

Primeiramente, há certas afirmações bíblicas que, ao meu ver, lançam luz sobre este problema. Por exemplo, em Efésios 2:20, o apóstolo Paulo fala da Igreja Cristã como sendo "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina". Notem

bem que o termo é o *fundamento* dos apóstolos e profetas. Ora, seguramente esse termo "fundamento" pressupõe algo cujo caráter é uma vez e para sempre. Vocês lançam um fundamento uma vez, e uma vez só, e então erigem o edifício sobre ele. Por definição, um fundamento é algo não de caráter contínuo. Ele é lançado e aí fica; esse é o término do fundamento.

Os apóstolos e profetas, pois, são o fundamento que claramente pressupõe que eles não devem ser lançados outra vez, mas que foram homens especiais na origem da Igreja Cristã. Seguramente, não é difícil de entender isso, quando ponderamos sobre ela. Esses são os homens que foram colocados ali para ensinar, para pregar e para instruir o povo cristão antes que o Novo Testamento viesse à existência, antes que os Evangelhos e as Epístolas fossem escritos. Nossa freqüente tendência é esquecer-nos desse fato. Não lembramos que, no mínimo, durante vinte anos houve cristãos e membros de igrejas cristãs sem o Novo Testamento. Dependiam do ensino e da instrução orais dos apóstolos e profetas, inspirados e autoritativos, os quais falavam sem erro.

Com toda certeza, porém, uma vez que os documentos vieram à existência, não havia mais a necessidade daqueles ensinos. Uma vez possuindo o testemunho e o ensinamento dos apóstolos e profetas, os quais temos nos documentos de nosso Novo Testamento, temos o fundamento, e nada mais se requer. Portanto não há, nesse sentido, mais necessidade de apóstolos e profetas. E, de fato, é muito interessante observar que os membros da Igreja Primitiva não alegavam que eles mesmos eram apóstolos e profetas; todos eles apontavam para os apóstolos e profetas originais. Quando a Igreja chegou a definir o cânon do Novo Testamento, o maior teste que sempre aplicavam, como vimos no início destas preleções, era o teste da apostolicidade. Podia um escrito, ao ser apresentado, ser vinculado a um apóstolo, ou, se não com um apóstolo, pelo menos com a influência direta de um apóstolo?

Sempre penso que Hebreus, capítulo 2, é interessante neste aspecto. Lemos nos versículos 3 e 4: "Como escaparemos nós,

se descuidarmos de tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; testificando Deus juntamente com eles, por sinais e prodígios, e por múltiplos milagres e dons do Espírito Santo, distribuídos segundo a sua vontade". Ora, seguramente, a sugestão aí é a seguinte: "Estou chamando a atenção", diz o escritor, com efeito, "para essa grande salvação; e por certas razões não devem negligenciá-la. Primeiramente, ela começou pela proclamação do próprio Senhor, e a seguir foi confirmada por aqueles que a ouviram, isto é, pelos apóstolos. Deus deu testemunho a eles (os apóstolos), através de sinais e prodígios..." – a sugestão sendo, com toda certeza, que esses dons e manifestações particulares lhes foram dados a fim de atestar sua autoridade apostólica, e, portanto, uma vez feito isso, e uma vez possuindo nós seu ensino como o temos aqui, não há mais necessidade de tais dons.

Ora, ao meu ver, esse é o argumento de Hebreus 2:3,4. Há alguns que ainda diriam que isso é ensinado em 1 Coríntios 13:8, onde lemos: "O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá". Algumas autoridades dizem que em 1 Coríntios, capítulo 13, Paulo estava profetizando que essas coisas cessariam. Mas não posso aceitar isso. Creio que ele está fazendo referência a alguma coisa muito além disso, ou seja, à glória final, quando veremos face a face, quando só o amor permanecerá, e mesmo a fé e a esperança se tornarão visíveis. No entanto há ainda outras afirmações que pressupõem que estes dons tinham um caráter apenas temporário visando à fundação da Igreja – falando em termos gerais.

Daí prosseguirmos para um segundo ponto, ou seja, que é realmente importante observar o que aconteceu depois dos dias dos apóstolos – o fato é que esses dons desapareceram. Há quem discordaria disso, mas vocês descobrirão que esse fato pode ser estabelecido. Se traçarmos as origens em linha descendente, será evidente que esses dons cessaram depois dos dias dos apóstolos. Entretanto, há quem diga que isso se deve ao fato de que a Igreja

se tornara menos espiritual, e que o problema hoje consiste em que a Igreja é tão pobre espiritualmente que os dons deixaram de ser concedidos e não mais estão sendo manifestados. Ao meu ver, a resposta muito clara e óbvia é a seguinte: os dons (como já enfatizei) são concedidos pelo Espírito de uma forma soberana, independente de nós. A prerrogativa é inteiramente dEle.

Mas há ainda um argumento muito poderoso. Se o argumento é que a baixa espiritualidade equivale a ausência de dons, e a alta espiritualidade equivale a presença de dons, então como se explica que houve alguns dons na igreja de Corinto, a qual seguramente é uma que menos espiritualidade tinha entre todas as igrejas do Novo Testamento? Houve excessos, houve abusos, aliás, aquela igreja como um todo se encontrava na mais patética condição, e no entanto os dons estavam em grande evidência ali. Ao meu ver, essa única Epístola por si só é suficiente para provar que jamais deveríamos usar tal argumento.

Além do mais, há o argumento da história. Vocês descobrirão que os avivamentos geralmente vieram quando a vida espiritual se encontrava num nível muito baixo. Quando alguns dos santos já haviam quase perdido a esperança, então o poder desceu. Essa é a razão por que as pessoas que pensam que podem preparar ou organizar um avivamento estão agindo de forma muito antibíblica e antihistórica. É justamente quando tudo parece estar tomando outro rumo que Deus visita a Igreja com avivamento e despertamento. De modo que essa é uma consideração de muita importância quando vocês tentam chegar a uma conclusão acerca deste assunto.

A seguir, eu acrescentaria este comentário adicional, ou seja, se cremos que esses dons (ou a maioria deles) se restringiram unicamente à era apostólica, não significa de forma alguma que nenhum milagre tenha ocorrido desde então. Significa meramente que o *dom* de milagres cessou. Se vocês disserem que o dom de cura cessou, isso não significa que serão obrigados a dizer que nenhuma pessoa jamais foi curada em decorrência das orações do povo cristão. Evidentemente, ao longo de toda

a história da Igreja ocorreram milagres.

Noutras palavras, é preciso termos bem nítido em nossas mentes que estamos discutindo estes dons especiais que foram conferidos para atestar a autoridade dos apóstolos – estes dons especiais conferidos no início. Mas Deus, sendo Deus, pode operar um milagre quando Ele quiser e onde Ele quiser, e Ele pode responder à oração de uma forma fora do comum quando Ele decidir fazê-lo. Portanto, dizer que os dons foram dados somente para aquele período, não significa negar a possibilidade de milagres hoje, nem a possibilidade de maravilhosas respostas às orações, e coisas que evidentemente pertencem à esfera sobrenatural.

E assim vocês podem ver à luz de tudo isso que minha tendência pessoal é afirmar que, seja como for, alguns desses dons foram temporários, mas quero prosseguir e propor que há outros dons que obviamente são de caráter permanente. Não posso fazer uma afirmação radical sobre isso – tudo ou nada! – absolutamente não! Desejo esforçar-me por mostrar-lhes que alguns dons foram temporários, mas que outros dons persistiram desde então, e estão em evidência hoje. Portanto, sugeriria a seguinte subdivisão.

Antes de tudo, os dons temporários. Quais são eles? Bem, primeiramente – o dom do apostolado. Os apóstolos não têm sucessores, eles deixaram de existir de uma vez por todas. Portanto, o dom necessário para tornar um homem em apóstolo não mais existe. O mesmo se aplica ao dom de profecia. O que era esse dom de profecia acerca do qual lemos no Novo Testamento? Bem, à semelhança do Velho Testamento, ele significa duas coisas. Significa uma *proclamação*, uma comunicação da verdade de Deus ao povo. Significa que alguém é divinamente inspirado a tornar-se o veículo e o canal de comunicação de uma revelação ou de uma doutrina para o povo. Significa igualmente *predição*.

Ora, é perfeitamente evidente que os profetas do Novo Testamento exerceram seu dom em ambos esses aspectos, mas, como já vimos, isso era obviamente necessário antes de termos

o nosso cânon do Novo Testamento. Entretanto, ele não é mais necessário, e essa é a razão por que afirmamos enfaticamente que, ao longo dos séculos, não houve mais qualquer revelação adicional.

Portanto, se alguém tem reivindicado, em algum tempo, ou mesmo hoje, que ele recebeu alguma revelação adicional, rejeitamos tal reivindicação. Eis por que, por exemplo, não aceitamos as reivindicações autoritativas da igreja católica romana. Essa igreja alega que tem recebido revelação exatamente como os apóstolos e profetas receberam, que ela é tão inspirada como eles o foram, que certas verdades lhe têm sido reveladas desde o encerramento do cânon. Eis por que a igreja católica romana promulgou sua doutrina da imaculada conceição e, mais recentemente, a ascensão da virgem Maria, e assim por diante. Alega-se, vejam bem, que os bispos são a continuação dos apóstolos e há inspiração hoje como houve outrora. E assim vocês podem ver a importância de se ter certas distinções com nitidez em nossas mentes, ou seja, o dom de profecia, bem como o dom do apostolado, foi de caráter temporário e cessou quando não mais era necessário.

Também introduziria nessa mesma categoria o dom de cura. Ora, uma vez mais, não me entendam mal. Estou falando sobre o *dom* de cura, pelo qual entendo que o Espírito Santo havia dado para certas pessoas um dom por meio do qual elas pudessem, diretamente, curar outras pessoas. Não significa que oravam por tais pessoas e que, como resultado de suas orações, os doentes eram curados. Significa, sim, que eles, literalmente, realmente, diretamente e imediatamente curavam os doentes. É isso que o dom de cura significa, e sugiro que o mesmo era de caráter temporário. Ora, sei de casos que são divulgados nos quais pessoas, hoje, aparentam ter o dom de cura. Sim, vocês encontrarão alguns espiritualistas, e alguns que nem mesmo alegam ser espiritualistas ou cristãos, no entanto afirmam que possuem algum poder de cura. Ora, não estou argumentando acerca de *fenômeno*, e sim, estou asseverando que o dom de cura proveniente do Espírito Santo é algo que cessou com os apóstolos.

E o mesmo se aplica ao dom de milagres. Tenho dito, vocês recordam, que milagres têm ocorrido desde o tempo dos apóstolos, mas essa é uma coisa muito diferente do *dom* de milagres, que obviamente os apóstolos Pedro e Paulo possuíam. Fora-lhes dada uma comissão e a capacidade para exercer o dom de milagres por onde quer que fossem. E esse é um dom que desapareceu. Uma vez mais, a igreja católica romana lhes dirá que ela ainda é detentora do dom de cura, mas temos outras explicações para seus supostos milagres. Não estou discutindo a possibilidade de um milagre; estou meramente asseverando que o *dom* de milagres se encerrou com os apóstolos.

E o mesmo se dá com o dom de discernimento de espíritos e o dom de línguas. Ora, este dom de línguas tem com freqüência gerado problema e confusão. Somos informados sobre esse dom de línguas no segundo, no décimo e no décimo nono capítulos de Atos, e então trata-se dele em 1 Coríntios, capítulos 12, 13 e 14. A grande questão debatida ao longo dos séculos é esta: será que os três capítulos de Atos se referem ao mesmo fenômeno constante nos três capítulos de 1 Coríntios? Ora, há uma escola de pensamento que faz distinção entre Atos e 1 Coríntios. Há aqueles que afirmam que no livro de Atos, os apóstolos e outros estavam literalmente falando em outras línguas, não grego nem aramaico, mas, provavelmente, latim ou alguns dos dialetos e idiomas dos vários povos que se reuniram em Jerusalém no dia de Pentecoste. Ao mesmo tempo se diz que, em 1 Coríntios, Paulo está se referindo a alguma espécie de alocução estática que não é de forma alguma um idioma, mas sons e palavras pronunciados sem serem entendidos pela pessoa usada pelo Espírito Santo.

Uma vez mais, porém, falando por mim mesmo, acho muito difícil aceitar tal ponto de vista, porque descubro que os termos empregados em Atos e em 1 Coríntios são precisamente os mesmos, e ao meu ver é desnecessário postular dois diferentes significados, se um significado pode dar conta de tudo. "Mas", alguém poderá replicar, "somos informados que no dia de Pentecoste todos ouviam os apóstolos falarem em seu próprio idioma." Naturalmente. Isso, ao meu ver, faz parte do milagre

que ocorria. Noutras palavras, sugiro que, pelo poder do Espírito Santo, as pessoas que escutavam foram capacitadas a ouvir em seu próprio idioma, ainda que seu próprio idioma não estivesse sendo falado. Ora, no mínimo quinze diferentes dialetos eram falados por aquelas pessoas em Jerusalém, naquele tempo, e ao meu ver é totalmente inacreditável que, se esses quinze diferentes idiomas estavam sendo articulados ao mesmo tempo, nessas condições, as pessoas que assistiam e ouviam pudessem cada uma diferenciar não só seu próprio idioma, mas pudessem cada uma acompanhar perfeitamente bem o que estava sendo pronunciado. Parece-me impossível. Mas é plenamente possível que os apóstolos estivessem falando em algum tipo de língua e o Espírito Santo, por assim dizer, traduzisse essa língua para todas aquelas pessoas, como se o discurso estivesse sendo pronunciado em sua própria língua e entendessem o que estava sendo dito. Entendiam esses homens que proclamavam essas maravilhosas obras de Deus.

E assim, a minha sugestão é que a diferença entre as línguas, em Atos e 1 Coríntios, consiste simplesmente em que, em Atos, foi feito em toda a sua perfeição e glória, tanto no dia de Pentecoste como na casa de Cornélio e em Éfeso. Contudo, em Corinto, havia esta diferença, ou seja, que às vezes o homem que falava nem ele mesmo sabia o que estava falando, e a capacidade para compreender não era transmitida a outros, exceto ocasionalmente por meio de um intérprete. Naturalmente, ela (a capacidade para entender) não era transmitida a todos em Jerusalém, porque, vocês recordam, houve alguns que concluíram que esses homens estavam embriagados com vinho novo. Nem a todos foi dada a capacidade para entender, mas em Corinto havia esses intérpretes que eram capazes de explicar o significado.

Outro ponto é que o dom de línguas não era destinado a todos. O apóstolo pergunta: "Falam todos em línguas?" (1 Cor. 12:30). E a resposta, naturalmente, é a seguinte: "Não! Nem todos falam em línguas; nem todos têm o dom de cura; nem todos interpretam", e assim por diante. E vocês podem observar que

Paulo sempre coloca o dom de línguas por último em sua lista. No capítulo 14, ele não poupa esforços para afirmar que tudo deve ser feito "com decência e ordem", visto que Deus não é autor de confusão (vv. 40,33). Portanto, se vocês encontrarem pessoas alegando falar em línguas, ou se têm freqüentado uma reunião onde tal coisa foi reivindicada, e se houve desordem e confusão, então estão autorizados a dizer, nos termos do ensino bíblico, que, seja o que for que ocorreu, não pode ter sido o dom de línguas como descrito na igreja de Corinto. O apóstolo sempre enfatiza a ordem e o controle que se deve exercer. Eis um tema difícil, mas se constantemente atentarmos para as injunções e advertências, bem como para o ensino das Escrituras, seremos poupados de muito aborrecimento.

Agora permitam-me sugerir-lhes uma lista dos dons permanentes em 1 Coríntios, capítulo 12: a palavra de sabedoria, a palavra de conhecimento, a capacidade de ensinar, o dom de ministração e socorros, o dom de administração e governos, a capacidade que os diáconos, presbíteros e outros recebem, o dom de evangelismo, o dom para o pastorado, o dom de exortação e o dom mencionado no versículo 9 (que é amiúde causa de confusão), o dom de fé. As pessoas têm às vezes tropeçado nisso – o que isso quer dizer? Uma resposta simples é que, como vimos inicialmente, o dom de fé, mencionado em 1 Coríntios, capítulo 12, é obviamente o tipo de dom que foi conferido a homens tais como George Müller ou Hudson Taylor. Ambos esses homens fundaram uma obra na qual confiaram tão-somente em Deus para a provisão de dinheiro e suas necessidades materiais. George Müller fundou lares para crianças necessitadas, e Hudson Taylor fundou a *China Inland Mission* – atualmente a *Overseas Missionary Fellowship*. Não é o dom de crer em Cristo, porquanto esse todo cristão possui, enquanto que nem todo cristão possui o dom de fé mencionado em 1 Coríntios, capítulo 12. Esse dom especial de fé capacita pessoas para confiarem em Deus da maneira como esses homens e outros têm feito, e Deus, por esses meios e através deles, manifesta Sua glória e Seu poder.

Então, ao chegarmos ao final de nossa consideração da

doutrina do Espírito Santo na Bíblia, há ainda uma questão adicional que devemos considerar. Embora não seja uma parte da doutrina, é um assunto que aflige muitos amigos: é o grande problema que comumente se chama "a blasfêmia contra o Espírito Santo". Portanto, por causa desses amigos, e para ajudá-los, permitam-me adicionar esse tema. Vocês o encontrarão em Mateus 12:31,32 e nas passagens correspondentes, em Marcos, capítulo 3 e Lucas, capítulo 11.

Ora, eu posso tratar deste tema de uma forma muitíssimo simples. O que é esta blasfêmia (este pecado) contra o Espírito Santo? Muitos cristãos com freqüência se afligem, imaginando que são culpados dela. A resposta é como segue: se vocês se preocupam com isso, então podem estar absolutamente certos de que não são culpados dela. Focalizem-na como se encontra descrita naquelas passagens. Vejam-na em Hebreus 6:4-6 e 10:26. Vejam-na também em 1 João, capítulo 5, onde o apóstolo João diz: "Há pecado para morte, e por esse não digo que ore" (v. 16). Essas passagens significam que um homem ou uma mulher pode deliberadamente rejeitar a Cristo e glóriar-se nessa rejeição, talvez até mesmo atribuindo os poderes de Cristo a Belzebu ou a um demônio, como fizeram os fariseus, quando disseram: "...este não expulsa os demônios senão por Belzebu, príncipe dos demônios" (Mat. 12:24). As pessoas, pois, que são culpadas do pecado contra o Espírito Santo não somente não crêem em Cristo, mas também não querem crer nEle; ridicularizam-nO; tratam-nO com escárnio e desdém; voltam suas costas para Ele e O repudiam.

Portanto, se vocês estão preocupados com a possibilidade de terem pecado contra o Espírito Santo e desejam estar de bem com Deus e com Cristo, se sentem que têm pecado, a ponto de estar fora da comunhão; se vocês gemem porque estão fora da comunhão e não dentro dela, então não somente não levam a *culpa* do pecado contra o Espírito Santo, mas estão tão longe dela quanto é possível uma pessoa estar. As demais pessoas são felizes, se ufanam no seu pecado; se gloriam nele; se orgulham de si mesmas e de sua rejeição. Vocês são precisamente o oposto.

Sentem-se tristes e aflitos, e vocês fariam tudo para conhecer o Espírito Santo e estar de bem com Ele. Meus queridos amigos, não dêem ouvidos à mentira do diabo, o qual tenta deprimi-los e roubá-los de sua alegria. Volvam-se para ele e digam: "Meu próprio desejo de conhecê-lO e estar de bem com Ele é a prova que não tenho cometido tal blasfêmia contra o Espírito Santo".

E, se procederem assim, posso assegurar-lhes que vocês encontrarão livramento. Vocês encontrarão paz, e a alegria do Senhor e da salvação lhes será restaurada. E então volvam-se para Deus e agradeçam-nO pela graciosa obra do Espírito Santo.

GRANDES DOUTRINAS BÍBLICAS

Deus o Espírito Santo

Martyn Lloyd-Jones – magistral!

Este é o segundo volume de uma nova e importante série de grandes obras escritas por Martyn Lloyd-Jones, o destacado pregador, no qual ele explora a Bíblia a fim de encontrar as essências da fé cristã. Aqui a Pessoa e a obra vital do Espírito Santo são vasculhadas detalhadamente.

O autor mostra claramente que o Espírito Santo é um tremendo poder divino que está ativo na conversão, redenção, regeneração, santificação e certeza de fé. Consideração adicional é dada ao Pentecoste, ao batismo do Espírito e aos dons do Espírito, dando dessa forma aos leitores uma compreensão melhor desta menos conhecida Pessoa da Trindade.

Dr. Lloyd-Jones foi um eficiente médico cirugião que em 1927 deixou a prática da medicina e tornou-se ministro duma igreja no sul de Gales. Posteriormente, por trinta anos, até à sua aposentadoria em 1968, ele ministrou na Capela de Westminster, em Londres.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP